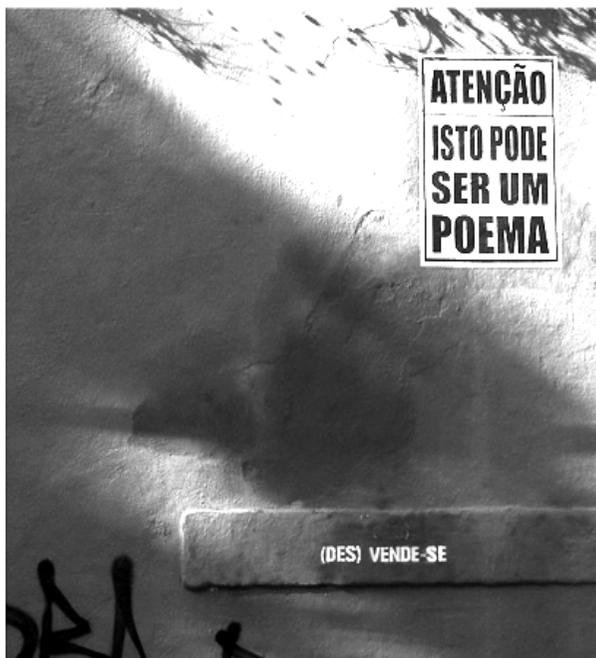




[Universidade Federal do Rio de Janeiro]

[Faculdade de Arquitetura e Urbanismo]

[Programa de Pós-Graduação em Arquitetura]



Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

Elza Maria Rabelo Lira

Orientadora: Cristiane Rose S. Duarte

Co-orientadora: Ethel Pinheiro

Colaboração: Jean-Paul Thibaud

[2015]

LIRA, Elza Maria Rabelo.

Um Convite à ReciproCidade. Bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos. / Elza Maria Rabelo Lira. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2015.

xii, 209f.: il.; 33 cm.

Orientador: Cristiane Rose Siqueira Duarte

Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/

Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2015.

Referências Bibliográficas: f. 200-208.

1. Ambiências. 2. Fluxos. 3. Bordas. 4.

Bordejar. 5. Afetações e afetos urbanos. 6. Dimensão sensível do espaço.

I. Lira, Cristiane Rose Duarte. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título.

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos



PROARQ



[Universidade Federal do Rio de Janeiro]

[Faculdade de Arquitetura e Urbanismo]

[Programa de Pós-Graduação em Arquitetura]

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

[Elza Lira | 2015]

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

[Universidade Federal do Rio de Janeiro]
[Faculdade de Arquitetura e Urbanismo]
[Programa de Pós-Graduação em Arquitetura]



PROARQ



Presidente: Prof^a. Dr^a. Cristiane Rose S. Duarte

Prof^a. Dr^a. Ethel Pinheiro Santana (co-orientadora)

Prof^a. Dr^a. Fabíola do Valle Zonno (Proarq)

Prof^a. Dr^a. Maria Emília de Gusmão Couto (UFAL)

Prof. Dr. Luís Antônio dos Santos Baptista (UFF)

[Banca examinadora]

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

[documento apresentado para fins de obtenção do título de doutora]

Elza Maria Rabelo Lira

Orientadora: Cristiane Rose S. Duarte

Co-orientadora: Ethel Pinheiro

Colaboração: Jean-Paul Thibaud

[Rio de Janeiro, 26 de março de 2015]

[Agradecimentos em reciprocidades]



Numa tese que fala sobre reciprocidades, os agradecimentos são de força imensurável. Todos que me atravessaram e que comigo atravessaram esses quatro anos, me ensinaram muito sobre a prática recíproca que tanto perquiro. Assim:

Agradeço à minha família, por ser esse poço de acolhimento e sustentáculo, onde sempre apoio minhas intenções de ir, de realizar. A gente vai e realiza, porque sabe onde tem incondicionalmente pouso e abrigo. Obrigada por me permitirem isso! Aqui em especial, agradeço imensamente ao meu marido Thiago que não só me apoiou, mas também embarcou comigo nessa empreitada de mudanças de cidades, de idas e vindas. Sem seu apoio, da forma única como ele é expresso, nada disso seria possível. Obrigada amor, nós conseguimos!

Agradeço a todas as cidades que me fizeram e que fazem de mim este ser urbano - Maceió- AL, Rio de Janeiro-RJ, Grenoble-FR, São Paulo- SP e tantas outras, mas as quatro em especial, porque delas tenho e mantenho “pedaços no mundo” para chamar de meu.

Agradeço a todos do Proaq. Aos professores, pelo enriquecimento do conhecimento nesses quatro anos de programa, às meninas da Secretaria – Maria da Guia, Wanda e Rita de Cássia, todas sempre muito queridas para ajudar nos processos, com as documentações. Muito obrigada! Em especial agradeço a todos do LASC – Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura, um grupo de mulheres fascinantes, cada qual do jeito, mas todas unidas pelo propósito de fazermos a diferença no mundo – Ethel Pinheiro, uma pessoa que de pequena só tem o tamanho, porque na disposição em ajudar é imensa, você que por tantas vezes “co-ordenou” meus pensamentos e os alinhamentos do trabalho – muito obrigada. Às tantas ambiências de trocas imensamente compartilhadas nos encontros periódicos do grupo, agradeço à Paula Uglione, Alice Brasileiro, Regina Cohen, Nathália Moreira, Cláudia Castellano, Natália Rodrigues, Lis Villaça, Sônia Wagner, Aline Couto – todas queridas! E o “menino” no meio de tantas mulheres, Oswaldo Silva. À figura que coordena todos esses Seres e suas subjetividades, uma

peessoa única que imprime nas ambiências do conhecimento uma atmosfera rica em incentivos, questionamentos e debates (importantíísimos), mas, sobretudo, celebrações (do saber, da vida, das conquistas), minha querida orientadora Cristiane Rose Duarte, um muito obrigada por tudo, em especial por aquele convite que mudou a minha vida!



Agradeço a toda equipe do Cresson – Centre de Recherche Sur l’Espace Sonore et l’Environnement Urbain - ENSAG-FR– por ter me recebido tão gentilmente durante o doutorado sanduíche, especialmente ao professor Jean-Paul Thibaud que dedicou parte de seu tempo em contribuições valiosas para o andamento desta tese. Depois disso, as ambiências nunca mais foram as mesmas. Merci beaucoup!

À Capes que auxiliou e fomentou esses quatro anos de estudo e minha ida à França.

Aos amigos de todas as horas - todos espalhados pelo mundo: Marquinho, Mariana Falcão, Renato Quintiliano, Fabrício Marchitto, Maria Isabel Rocha, Francine Ouriques, Pascaline Thiollière, Noha Said, Hengameh Pirhosseinloo, Charline Bouly, Agnès Rioult, Joakim Droguet, Sumaia Salles, Júlia Mantovani, Natália R., Lucas F., Lucas Galvão, Mariana Costa, Rodrigo Griz, Joanna Simões e tantos outros...

E, por fim, um muito obrigada a todos os Convidados que participaram dos experimentos e me mostraram tantos novos olhares sobre o universo das ambiências urbanas: Thiago Barbosa, Natália Romano, Lucas Ferreira, Melina César, Henrique Ortega, Felipe Moreno, Thiago Barbizan, Marco Antônio Pontes, Larissa Mendonça, Sandra Barros, Adriana Alves. Obrigada, vocês foram muito recíprocos comigo e com a cidade.



[Dedico]

Dedico esta tese e todas as minhas andanças a uma pessoa muito importante, da qual só tenho conhecimento pelas narrativas de outras pessoas igualmente importantes. A esse Espírito que de fato existe na minha imaginação, traduzido na realidade de minhas ações. Espírito de uma fortaleza sensível, afetuosa, que me contagia desde pequena.

Ela se tornou um amuleto, meu patuá, meu anjo da guarda. Minha querida avó (professora) Elza Lira (*in memoriam*), de quem, com muito orgulho, herdei o nome e a paixão por estudar e lecionar.

[Lista de imagens]

Imagem 01	Exemplo de apropriações simbióticas / nômades	Michael Rakowitz	p.31
Imagem 02	Ambulantes na Paulista	Acervo da autora	p.31
Imagem 03	Barracas desmontáveis de feira no Vão do MASP	Acervo da autora	p.31
Imagem 04	Dinâmicas da Rua Augusta	Acervo da autora	p.38
Imagem 05	Dinâmicas da Rua Augusta	Acervo da autora	p.38
Imagem 06	Dinâmicas da Rua Augusta	Acervo da autora	p.38
Imagem 07	Dinâmicas da Rua Augusta	Acervo da autora	p.44
Imagem 09	Ambiências experimentadas na Pedra do Sal	Acervo LASC	p.54
Imagem 10	Ambiências experimentadas na Pedra do Sal	Acervo LASC	p.54
Imagem 11	Microambiências experimentadas nos arredores do Museu Pompidou - Paris. Out.2013	Acervo da autora	p.56

Imagens 12 e 13	Apropriações em calçadas - Rua Augusta	Acervo da autora	p.66
Imagens 14 e 15	Apropriações em calçadas e ruas - Grenoble e Paris	Acervo da autora	p.66
Imag. 16, 17 e 18	Exemplos de ocupação nos espaços urbanos	Acervo da autora	p.67
Imagem 19	Bordejar - bordas e fluxos	Acervo da autora	p.74
Imagem 20	Elementos e operações do Bordejar	Acervo da autora	p.80
Imagem 21	Experimentos em São Paulo	Acervo da autora	p.126
Imagem 22	Esquema Sintético norteador das análises das narrativas	Acervo da autora	p.133
Imagem 23	Localização dos "nós" percursos Paulista - Rua Augusta	Google Maps - adaptado	p.140
Imagem 24	Localização dos "nós" percursos Centro	Google Maps - adaptado	p.142
Imagem 25	Apropriações público/privado	Acervo da autora	p.173

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

1

Atenção!



Para desligar a gravidade: Aperte o botão...

Resumo

Abstract

Notas em primeira pessoa: sobre os porquês...

Introdução

Breve macro e micro visão do assunto
Sobre a problemática
Intenções da temática | justificativa
Objetivo geral e objetivos específicos
Intenções metodológicas
A tese em sua composição

Capítulo I

ComplexCidades - possíveis d o b r a s | possíveis b o r d a s

- 1.1 Recipro-citando...
- 1.2 Ações e afetações: sobre velocidades e rugosidades urbanas-humanas
- 1.3 Do cotidiano
- 1.4 As Ambiências: organismos de coletivos humanos em meio urbano ou organismos de coletivos urbanos em meio humano?

[zona de vocações]

Capítulo II

Por/entre fluxos e bordas: sobre a permeabilidade seletiva

- 2.1 Microambiências: uma mudança de escala
- 2.2 Bordas e Microvilosidades | semelhanças com as células
 - 2.2.1 Membranas, espriamentos (citoplasmáticos), e DNAs urbanos
- 2.3 Permeabilidade seletiva: agenciamento de [contra] Fluxos - [REfluxos]

Capítulo III

Ser Urbano – um método-convite à prática recíproca

3.1 Bordejando um percurso metodológico

3.1.1 Metodologias etnotopográficas e da sociologia aplicada | parâmetros e fundamentos

3.1.2: o andar estrangeiro

3.1.2.1. Notas sobre “primeiros encontros”

3.2 Sobre o instrumental elaborado e os passos metodológicos experimentados

3.3 Tipificação de bordas: arranando traços nas microvilosidades e medindo seus potenciais em práticas recíprocas

3.3.1 Arranjos dos conteúdos das narrativas de corpografias em traços

3.4 Os Seres Urbanos e sua cidade: apresentando os convidados e os nós atravessados

Capítulo IV

Possíveis recipro-cidades? (re)Conhecendo bordas, fluxos e permeabilidades

[físico-sociais, culturais, afetivas/emocionais/sensíveis]

4.1 O que pode o Ser Urbano? Como pode operar?

4.1.1 Vetores de afetações que revelam motricidades: maneiras do corpo 'Ser – estar'.

4.2 As bordas, o bodejar e seus traços com a "prática recíproca"

4.2.1 Causações eficientes x causações finais: da natureza indexical a costuras – das (micro)ambiências ao bordejar.

Dobras em acabamentos sem contornos: E por falar em cidades-recipro...

Ode àquele que caminha na cidade.

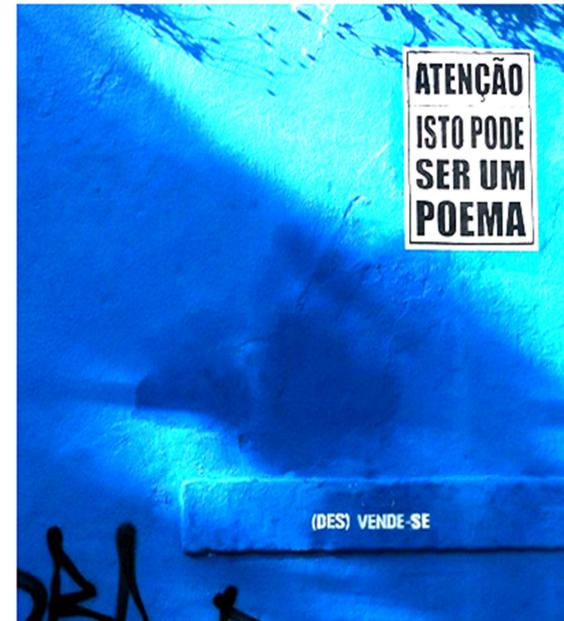
Referências Bibliográficas

Apêndices

[zona de provocações]

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos



5

Como é realmente a cidade sob esse carregado de invólucros [*bordas*], o que contém e o que esconde? (...) O motivo [*a existência*] da cidade perpassa por duas opções antagônicas de agir: continuar ao longo dos anos e das mutações dando forma aos desejos ou deixar que os desejos consigam cancelar a cidade ou serem por ela cancelados. (CALVINO, 1990, grifos nossos)

[Resumo]

6

A cidade em seu cotidiano é quando e onde (tempo e espaço) acontece o bordejar. Bordejar entendido como ação de composição de bordas; bordas estas que, por sua vez, atuam como uma costura, tecendo e alinhavando movimentos, tensões, intenções, tempos, apropriações, revelações na/da cidade. Bordejar requer, dessa forma, compreender dinâmicas que são os enfoques do presente estudo. Visando primordialmente descortinar o (des-re) constituir das (micro)ambiências citadinas, o aqui proposto permeia, portanto, a tentativa de explorar um paralelo entre microambiências urbanas e o comportamento de uma composição biológica celular. Assim, sustentamos que se tudo o que é vivo é composto por células, e as ambiências são tidas como um evento pulsante que ocorre em determinado existente – espacial e temporal; seria possível associarmos mecanismos da natureza biológica de uma célula aos de formação de (micro)ambiências. Entenderemos como microambiências as pequenas porções de agrupamentos/aglomerados “humanos-urbanos” - que bordejam de algum modo (seja partilhando ou compartilhando) acontecimentos/atividades num determinado espaço da cidade. Os espaços urbanos são, assim como as células, constituídos por invólucros [bordas – membranas], cujas características de permeabilidade favorecem (ou não) trocas e fluxos que foram denominamos de ‘urbanos – humanos’. Com isso, emergiu a hipótese de que estas porções podem ajudar a reforçar a borda de uma unidade de ambiência ‘*matriz*’; bem como, podem, por outro lado, descaracterizá-la e enfraquecê-la, não reforçando suas bordas, ressaltando, sobretudo, limites e fronteiras num determinado espaço (ou entre espaços). Como possível dobra para as bordas a serem exploradas no estudo, pensamos nessa característica porosa dos invólucros como determinante para propagação e impregnação (ou não) de impulsos e estímulos “afetivos” (enquanto potencialidade) – se respaldando na crença de que os sujeitos necessitam “afetar-se” bem como “afetar” as ambiências urbanas quando as experimentam, estabelecendo nos espaços urbanos uma prática recíproca, isto é, propiciando “*recipro-cidades*”. Por meio de um instrumental metodológico proposto, convidamos Seres Urbanos a participar de uma experiência corporal na/da cidade. Experimentos incitados pela pergunta: existe reciprocidade no bordejar? Consequentemente, esperou-se instalar um debate sobre bordas e bodejar, como instrumentos de possíveis revelações sobre as multiplicidades encarnadas na vida urbana, para entender os engendramentos de diferentes fluxos de vida, de afetações, de atividades, de cotidiano, de desejos, de agenciamentos, de “bordados”.

[Abstract]

Analogies between dynamics and establishments of city spaces with the characteristics of biological elements are one usually found relation in the urban related literature. What is proposed here is an attempt to explore the parallel between urban microenvironments and the behavior of a cellular biologic composition. Thus, we sustain that, if everything that is alive is made of cells, and the environments are considered as a pulsing event that takes place in a certain exist – in space and time; it should be possible to associate mechanisms found within cell's biological nature with those found in the development of (micro)environments. We shall understand as microenvironments the small portions of “urban-human” groups/agglomerates that share/experience the same event/activity in a certain space. In view of the above, an hypothesis emerges that those portions may help to reinforce the edge of an ‘matrix’ environmental unit, while, on the other hand, de-characterizing and weakening said ‘matrix’ environmental unit, not reinforcing its edges and especially highlighting limits and borders in a certain space (or between spaces). Therefore, we may suggest that urban spaces are made of cells, with their casings, borders – membranes in which its permeable characteristics favor (or not) trades and flows herein denominated by us ‘urban – humans’. The affectionateness, understood as an impulse, as a potentiality, as an action – also is within the scope of this research that supports itself on the belief that the subjects need to “provide affection to themselves” as well as “provide affection” to the urban environments when they experiment it, establishing on the urban spaces a reciprocal practice, that is, creating recipro-cities”. The comparison of the micro-environment's edge composition ‘operation’ with the cellular operation and its exchanges emerges by means of a instrumental proposition outline with methodological steps that aim to invite urban beings to participate into a corporal experience in/from the city. In this perspective, it is anticipated that the ‘proposed’ steps are revealed as an alternative to show the multiplicities incarnated in the urban live, in order to understand the creation of different life flows, affections, routines, desires, intermediations, “edges”.

Notas em primeira pessoa!

[sobre os porquês ... por que a cidade? por que estas cidades? por que reciprocidade?]

Antes de tudo, é preciso entender quem aqui escreve, porque uma tese é nas suas entrelinhas, quase autobiografia...

Quatro anos podem ter uma intensidade de vida nunca antes imaginada ... 17 de dezembro de 2010 - lá estava eu de mudança para o Rio de Janeiro, depois de 25 anos ininterruptos na minha Maceió, cidade onde nasci, onde tenho aportadas memórias das mais deliciosas: da criança que amava repetir todos os seus domingos na Pracinha, dos infinitos dias de sol quente com meu pai a caminhar conosco pelos mangues e areias da praia contando histórias das mais fantásticas sobre índios que ali se escondiam, das caças às “marias-farinhas”, das ‘lambanças’ com os caranguejos, dos saraus na praia com amigos do colégio, das caminhadas na orla para oxigenar a mente, das noites e mais noites viradas nos ateliês da Universidade tentando concluir os intermináveis projetos de urbanismo ... Mas eis que inspirada pela ideia de que queria aprofundar meus estudos sobre a relação morador-moradia e seus hábitos de morar, iniciados no mestrado, comecei a pensar em aceitar um convite feito pela professora Cristiane no dia em que me tornei mestre... fazer o doutorado no Rio de Janeiro! A cidade que me apaixonou já no nosso primeiro encontro... alguma coisa na atmosfera carioca me afetou de maneira que fiz uma promessa a mim mesma: um dia ainda vou morar aqui! ... Nem imaginava que tantos anos depois de fato a ela retornaria, só que desta vez de mala e cuia... naquela época eu andava inebriada com o fato de mudar de cidade, ainda mais sendo ela, a cidade maravilhosa... então comecei a me sentir atravessada diariamente por vetores de fuga des-re-territorializantes que pareciam se agenciar em um devir nômade, um Eu meu cigano que, até então, não fazia a mínima ideia que existia... ainda no mestrado fui apresentada aos rizomáticos Deleuze e Guattari na disciplina de Ontologia do Espaço

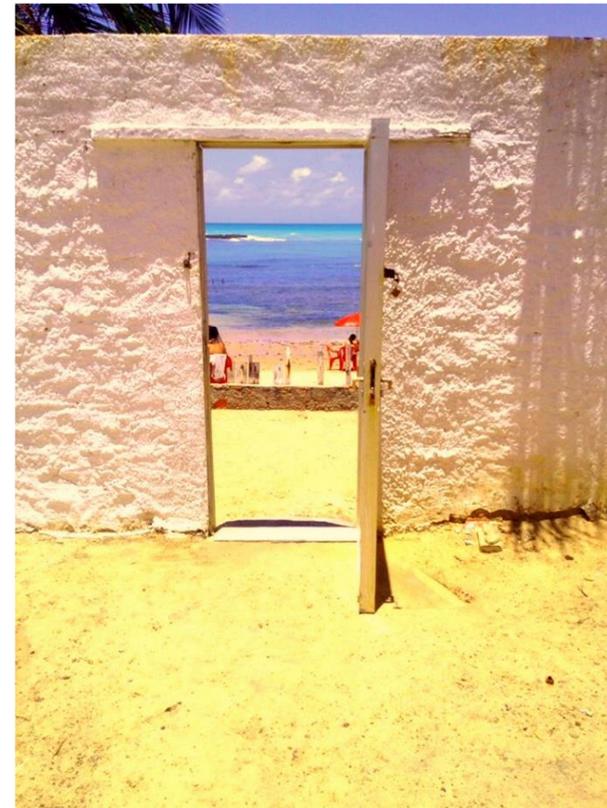
Habitado... que delícia de loucura, eu pensava quando lia esses mil platôs des-re-territorializantes em linhas de fuga por/entre espaços lisos e estriados; e naquela época, no meu pensamento, já tinha certeza de que essas ideias pertenciam ao universo do sensível, mas, sobretudo, aquilo precisava ser vivido... tempos depois e decidida pois, busquei uma maneira de agenciar logo essa minha partida ... eis que no dia 17 de dezembro de 2010 recebi a notícia tão esperada de que havia sido selecionada para cursar o doutorado no PROARQ... Cheguei no Rio em pleno carnaval, literalmente! Ensaios de escola de samba na Sapucaí, caminhadas do ‘Leme ao Pontal’ e claro! idas ao Fundão, foram meus primeiros programas para (re)conhecimento do novo território que eu já ousava chamar de meu... Fui morar com uma curitibana até então desconhecida, igualmente recém-chegada ao Rio e foi assim que a alteridade – uma compreensão diária acerca do Outro – começou a ser conceito intensamente vivenciado, inclusive na minha esfera privada... Essa vida carioca me levou, portanto, a experimentar cotidianamente um universo de coisas inéditas. Mudei, sobretudo, minha forma de mobilidade, passei a fazer quase tudo a pé, com exceção das idas ao Fundão, nas quais desenvolvi rapidamente a habilidade de segurar os livros, bolsa, ao mesmo tempo em que tentava evitar ser ejetada do 485 (ônibus) ... aqui fiz bons amigos, incluindo meu amigo Erisvaldo, Rei da Rosca mais famosa do Rio de Janeiro, bem na saída do Metrô do Catete, bairro onde eu morava... ele que em seu ofício de ambulante, sempre parava um segundo para me cumprimentar (e tentar vender uma rosca também) ... depois de tantas novas vivências e de um ano e meio cursando o doutorado, resolvi mudar radicalmente o tema da pesquisa... estudar sobre a casa, sobre os hábitos de morar, já não gerava mais em mim tanta atração... a cidade era agora protagonista e os encontros no LASC (Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura) para discutir sobre as ambiências me deixavam cada vez mais com aquela fagulha que faz ciência... sim! Porque pra fazer uma boa ciência você tem que fagular, o objeto tem que ser algo buliçoso! ... E foi assim que mudei o rumo da pesquisa também, agora a centelha eram as ambiências e as bordas, no início bordas entre público e privado, os binômios em investigação. Enquanto os novos objetos de pesquisa iam se desenvolvendo conceitualmente e, conseqüentemente, o novo projeto estava sendo lapidado, dois anos já haviam se passado. E então havia

chegado o momento de uma nova mudança – São Paulo. Em São Paulo, diferentemente do Rio, os primeiros encontros não foram dos mais agradáveis. Por que como disse Caetano, Sampa é no início o avesso do avesso, do avesso do avesso ... realmente um choque! Essa constante imensidão de tudo! Tanta, que obriga qualquer cidadão a mudar seus paradigmas e principalmente sua velocidade em muito pouco tempo ... tudo na pauliceia tem que ser rápido, talvez para amenizar o paradoxo de que para tudo tem-se uma longa espera ... um formigueiro humano, polinuclear, mas que é cheio dos recantos e foi ai que eu comecei a descobrir seus encantos e vi que o avesso era minha dobra certa... hoje já a chamo de minha São Paulo, embora ainda continue grande, gigante... Ainda não satisfeita com tanta mudança, em setembro de 2013, resolvi trocar a primavera brasileira pelo outono/inverno grenobloise (Grenoble- França). Inverno rigoroso, diga-se de passagem... Mas não é sempre que se consegue uma bolsa para estudar fora do país, então, tendo sido presenteada pela CAPES, lá fui eu mais uma vez... e dessa vez, tudo era realmente bem diferente, outro país, outra língua, outra cultura, cidade bem pequena, 350 mil habitantes apenas... mudei novamente a velocidade, do movimento uniformemente variado e acelerado de São Paulo, para um movimento quase que em velocidade constante - calma, uniforme e sempre retilínea; retilínea, porque Grenoble é uma cidade totalmente plana (muito boa para longas caminhadas)... outras escalas, outras relações, mais novos amigos, conceitos novos, entendimentos resignificados, e aqui ressalto a importância de *'faire la connaissance'* da figura do gentil professor Jean-Paul Thibaud, que me acolheu no CRESSON (Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'environnement Urbain) e fez com as ambiências nunca mais fossem as mesmas... muitas derivas, novos paradigmas, ou seja, tudo novo de novo! ... E foi assim que essa pesquisa foi se construindo, nesses [contra] (re) fluxos, na medida em que o autor vivenciou cidades... isso talvez tenha contribuído muito mais para uma re-descoberta do próprio investigador (EU) do que para respostas tangíveis para os questionamentos sobre a cidade; mas não seria esse um dos papéis que a ciência contemporânea - líquida, errática - clama por adotar? ... Então era realmente necessário falar em primeira pessoa... muito desta tese se desenvolveu juntamente com o Eu que aqui vos fala. A experiência de viver em contrafluxos (o contato e a interação com escalas

sociológicas tão distintas) resultou num refluxo deste meu Eu e me fez [re] pensar e recriar as relações com os espaços, com o Outro - mudou minha atuação urbana, minha subjetividade e, por que não, minha objetividade; me aproximou cotidianamente ao Diferente e tudo era diferente neste caso, em cada caso – Maceió, Rio de Janeiro, São Paulo e Grenoble - cada qual com uma escala e complexidade própria em todas as dimensões – social, cultural, física... sair de Maceió ressaltou a ideia que eu tinha de que o Lugar de origem será sempre marcante, é embrionário à constituição do Eu, mas é também referência mutável, porque quando admitimos outras “origens” isso também muda ... e assim me tornei um mosaico disso tudo (ou teria sido algo mais para o híbrido? Uma *rapiéçage* ?)... todas tomaram uma nova dimensão, ou teria sido a relação deste eu com estes Outros que já não poderia ser mais a mesma... sobrou então para a presente tese que também nunca seguiu seu fluxo originário... de estudos de casos com foco na relação morador-moradia a este emaranhado de fluxos e bordas citadinos. Já não penso mais da mesma forma, já não contextualizo mais com os mesmos referenciais... foi por isso que narrar essas minhas experiências nas cidades e como isso interferiu no processo da tese pareceu ser algo imprescindível, uma forma que encontrei de ser recíproca à sua leitura atenta e curiosa sobre o que tenho a dizer... sempre que leio autores que me interessam fico tentando imaginar o que eles viviam no momento em que pensaram tal coisa, quando elaboraram os escritos, ideias e ideais; quais eram suas angústias, inquietações? Para aquele que é um eterno inquiridor das coisas, esses são detalhes de muita valia ... assim talvez você entenda melhor os porquês que permeiam toda esta tese .. todos eles ajudaram a construí-la e foram também no decorrer dela sendo construídos ... talvez o segredo da arquitetura esteja justamente nos porquês, oriundos de tantas perguntas, brechas e lacunas... sempre achei que arquitetura era mais da ordem, do não edificado, muito mais do que do construído... da ordem do: por quê? para que? para quem? ... e para mim, arquitetura e cidade são hoje as ‘dobras’ dos lugares por onde andei...

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos



12

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza de tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. (CALVINO, 1990, p.16) **BEM-VINDOS À RECIPROCIDADE!**

[Introdução]

É comum encontrarmos na literatura que aborda o urbano, analogias entre as dinâmicas e constituições dos espaços citadinos com as características de elementos oriundos da biologia. O entendimento do urbano como um organismo vivo, por exemplo, as grandes avenidas que denominamos artérias, a qualidade do orgânico, até a nomenclatura de planta para designar um tipo de desenho técnico; reforçam o caráter da *bios* na urbe.

Podemos, nesta perspectiva, sugerir que assim como os tecidos de um organismo humano são formados por agrupamentos de células (unidades funcionais e estruturais destes organismos vivos), o meio urbano também pode ser entendido por esse viés, já que ambos necessitam de estruturas que proporcionem o intercâmbio entre substâncias para existir.

A cidade é então um compósito de células urbanas-humanas, células estas que são organismos-máquina o tempo todo operando como produtora de sensação, de sentido, de subjetividade, de desejos [agenciados] que criam territórios. A cidade é uma grande fábrica de células. Células enquanto compósito de microambiências que se fundem e se confundem, por vezes se atraem, por oras se repelem, se (re)inventam e se (trans)formam.

Ambiência é uma ideia que tenta abarcar a compreensão das experiências e das sensorialidades humanas que inserem e envolvem os sujeitos numa atmosfera de interação com os espaços. A ambiência mobiliza o corpo, ou seja, convida ao movimento; é indivisível, podendo assim sugerir o constructo de Lugar (com base no sentimento de pertencimento); e, está em toda parte, participando do cotidiano das cidades (DUARTE ET AL, 2008) operando possibilidades infinitas de afetações.

Será aqui concebida como algo finito. Um evento que se inicia e se encerra em um dado momento, mas que permite ao homem levar consigo traços desta experiência. Traços estes que poderão agregar elementos identitários, simbólicos, afetivos no/do ato de bordejar. Entenderemos o bordejar como uma ação de compor bordas nas/das ambiências (conceito que será aprofundado no capítulo II da tese e amplamente discutido em todo decorrer dela).

Pretende-se, portanto, explorar a ideia das ambiências como algo análogo ao comportamento da composição biológica celular. Se tudo o que é vivo é composto por células, e as ambiências são tidas como um evento pulsante que ocorre em determinado existente – espacial e temporal; podemos associar mecanismos da natureza biológica de uma célula aos de formação das ambiências.

As ambiências se "espraiam" sobre um suporte espacial por intermédio de estímulos, mas é possível dizer que elas têm um centro, já que as fontes dos estímulos sensitivos se localizam em locais físicos e é a reunião destas que cria a "atmosfera" e que dá caráter ao Lugar. Por isso, podemos supor que toda ambiência é finita ("mesmo que esse fim seja decorrente de uma renovação") e que é possível abandoná-la ao se afastar desse centro de potência esparrado em espraiamentos.

Mas, ao nos afastarmos, podemos nos perguntar: até onde, até que ponto, ainda estamos imersos em uma ambiência? E no caso de haver mais de uma ambiência concomitante, como saber que deixamos a zona de influência de uma e penetramos numa outra?

Essa configuração de núcleo (centro) e invólucro (bordas) nos faz pensar na metáfora da célula que aqui propusemos usar, como base de pensamentos para o estudo, trabalhando metaforicamente o "núcleo", o "espraiamento citoplasmático" e a "membrana celular" como o *bordejar* ambiências.

Enfim, trataremos, na proposta em tela, a *bios* arquitetônica e urbana como o elemento fundamental para a sobrevivência das cidades, os espaços urbanos constituídos por verdadeiras células, com seus invólucros, suas bordas - membranas cujas características de permeabilidade favoreçam trocas que aqui chamaremos de urbanas - humanas.

Não há vida sem trocas e, por consequência, não favorecemos a constituição de ambiências quando as trocas não são favorecidas. A ambiência parte do pressuposto da coletividade, do “embate” do EU com o Outro, podendo ser o Outro o próprio contexto espacial e temporal.

A pesquisa em tela, com base em seus enfoques e objetivos, poderá, desse modo, subsidiar discussões que recaiam sobre a relação entre ambiências de espaços citadinos e a inter-relação das características destas com os elementos que constituem a paisagem e a dinâmica dos referidos lugares; mais precisamente, pretende-se explorar como as tais bordas de células urbanas podem atuar enquanto “membranas plasmáticas” na seleção das trocas substanciais componentes das ambiências produzidas.

A membrana plasmática, como já dito, será usada como uma metáfora dos campos subjetivos onde atuam as ambiências da cidade. Ela não isola totalmente a célula do meio que a envolve. Precisa, para se manter viva, absorver substâncias e eliminar os resíduos de seu metabolismo. A membrana possui, portanto, uma permeabilidade seletiva, exercendo uma influência sobre as substâncias que entram ou saem dela.

Assim como as membranas plasmáticas, as bordas e suas dimensões atuam como uma “fibra”, uma mancha, uma franja que contém microvilosidades, cujo grau de permeabilidade exerce função determinante no estabelecimento das trocas culturais – emocionais – afetivas - sociais e de noções espaciais com as ambiências em “*com-partilhamento*”.

Sobre a problemática

Num panorama geral, a intolerância ao Outro e ao diverso parece ser atualmente uma situação premente, complexa e perturbadora para os que se debruçam sobre as cidades e suas vicissitudes. Contudo, em oposição ao que parece ser o discurso mais comum na atualidade acerca da vida nas cidades, o sujeito que permite afetar-se a partir do (re)conhecimento do Outro é um ser sensível (no sentido mais plural da palavra), que imprime uma ‘atmosfera’ coletiva ao espaço e compartilha ambiências relevantes para a cidade.

A alteridade permite um posicionamento diante da nossa identidade com a cidade em que vivemos. Assim sendo, o espaço citadino, pode ser explorado como um elemento que promove a existência de alteridades através das suas múltiplas ambiências. Considerando que as ambiências são elementos diretamente afetados (e ousamos dizer, enriquecidos) pela diversidade existente no meio urbano, as cidades somente serão compreendidas e plenamente utilizadas quando houver combinações de usos, entendidos em seu conjunto e não separadamente.

Nesta abordagem, toda ambiência se configura através do elemento humano, de suas ações e sensações. Por isso se torna óbvia a necessidade de concentração – tanto de pessoas quanto de usos para o espaço.

Os habitantes de uma cidade não preferem contemplar o vazio, a ordem e o sossego palpável como os projetistas pensam. O prazer das pessoas de ver o movimento e outras pessoas é evidente em todas as cidades. Quanto mais estranhos houver na rua, mais divertida ela será. (JACOBS, 2000, p.58).

Sendo assim, é possível colocar que o Lugar do Outro permite que conheçamos um pouco mais sobre o nosso próprio Lugar. Permite ainda a amplificação de nossos *afectos* e *perceptos*, maior porosidades para nossas bordas, promove uma prática recíproca do viver.

A cidade se mostra para nós como uma constelação de possibilidades, experiências que possibilitam vivências agradáveis e outras nada agradáveis; mas ela está aí, a cada instante convidando o humano para o diálogo, para o aprendizado, para a possibilidade de se des-re-fazer, se re-inventar, se re-novar, re-ciclar. A cidade, por meio das ambiências, nos convida a viver juntamente com ela.

Portanto, nortearmos as questões aqui em desenvolvimento a partir da **hipótese** de que: as **bordas formalizam experiências** que atuam nos **processos de constituição das ambiências**, utilizando-se do ato de **'afetar-se' em um bordejamento como força motriz** para sua composição. Em decorrência dessa hipótese, delineamos também uma segunda para melhor entender o bordejar: a de que pequenas porções de dinâmicas, apropriações/ocupações, deslocamentos nos espaços urbanos, que formalizam 'atmosfera' de menor reverberação – microambiências - podem ajudar a reforçar a borda de uma unidade de ambiência 'matriz'; bem como, podem, por outro lado, descaracterizar e enfraquecer essa ambiência 'matriz', não desencadeando um bordejar, ressaltando, sobretudo, limites e fronteiras num determinado espaço (ou entre espaços).

Ademais, acredita-se que quanto mais permeáveis forem as bordas constituintes e promotoras de ambiências urbanas; maior e mais diversificada serão as possibilidades de apropriação, de pertencimento e identidade, bem como o desenrolar da alteridade em seu amplo sentido, ou seja, aumenta a possibilidade de práticas recíprocas entre usuários e espaços urbanos. Dessa forma, pretende-se avaliar aqui o grau de permeabilidade/microvilosidade das bordas em ambiências a serem estudadas.

Intenções da temática | justificativa

A importância da proposta desta tese se revela na tentativa de compreender como o movimento de composição de bordas - o bordejar – pode possibilitar o entendimento da dinâmica de constituição de ambiências urbanas relevantes para a cidade.

Propõe um (novo) percurso para alicerçar ainda mais essa busca pelo aprofundamento das ambiências como elementos mediadores das práticas urbanas e, por consequência, responsáveis pela promoção da vida nas cidades. Uma busca pela continuidade do sensível às afetações, pois as afetações ‘crescem’ nos seus agenciamentos congregando novas referências em seus vetores, referências fruto das experiências sensíveis.

Deste modo, as diferentes afetações e apropriações que se dão em espaços urbanos é a base para a (re)criação de territórios, cujas interpretações possibilitam expressar fundamentalmente os desejos, comportamentos e necessidades de seus indivíduos/sujeitos.

Temos consciência do EU através de inferências e toda inferência se dá por meio de dobras. Somos seres de re-flexos, ou seja, estamos constantemente sujeito a novas dobras, e assim como nós, as ambiências. O Lugar, portanto, só se realiza no espaço que inclui o humano, donde se apreende a sua dimensão subjetiva, marcada pela experiência, sempre singular, de produzir, usufruir e compartilhar ambiências.

Este trabalho procura reiterar ainda o que foi preconizado por Jacobs (1992, 2000) há cinquenta anos, quando ela afirma que é fundamental haver diversidade, sem segregação, para que se constitua a esfera pública e a vida cidadina.

Assim, pressupõe-se que quanto mais ricas forem as ambiências e a multiplicidade de “(in)tensões” do Eu com o Outro, menos generalizantes serão as dinâmicas sociais e menos “*pausterizada*” será a caracterização espacial das diferentes realidades citadinas.

A afetividade - entendida como um impulso, como potencialidade, como ação – também é escopo desta pesquisa que se respalda na crença de que os sujeitos necessitam “afetar-se” bem como “afetar” as ambiências urbanas quando as experimentam, estabelecendo nos espaços urbanos uma prática recíproca e, por consequência, “*recipro-cidades*”. Abordaremos o afeto enquanto força motriz¹ das trocas, dos compartilhamentos (de energias e de experiências); como elemento desencadeador do ato de bordejar (de compor bordas).

Por fim, ressaltamos que o estudo das Ambiências vem desenvolvendo um enfoque baseado na compreensão da interação homem-ambiente-cultura; sendo tal temática de extrema importância para a democratização das cidades, uma vez que contribui para a densidade da análise de territórios urbanos, enfatizando o papel das práticas na urbe.

Portanto, nortearmos as questões aqui em desenvolvimento a partir da premissa de que: as bordas formalizam, por meio de (ou por/entre) [contra] (re) fluxos das ações cotidianas, experiências que atuam nos processos de constituição de (micro)ambiências.

1 Força motriz é um conceito físico definido como agente natural (água, vapor, vento, eletricidade, etc.) usado para transmitir movimento para um maquinário. Um motor que produz efeito de movimento.

Objetivo Geral

- Explorar as categorias de análises centrais da tese – bordas, fluxos e bordejar – em experimentos urbanos, para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas de constituições daquilo que denominamos ambiências, a fim de apontar ambiências que pareçam relevantes para estimulação de uma prática recíproca no cotidiano das cidades.

Objetivos Específicos

- Elaborar um instrumental com passos metodológicos que possibilitem análises de (micro)ambiências sobre o enfoque de [contra] fluxos urbanos e das bordas, tomando como base entendimento de corpos em movimentos (deslocamentos), apropriações e ocupações no urbano e vivências cotidianas.
- Conceituar e compreender o bordejar - movimento de composição de bordas - na dinâmica de constituição das ambiências urbanas, a partir do traçado de analogias com o comportamento de células biológicas, o que possibilitará uma avaliação das relações de borda por meio do entendimento das microvilosidades (graus de permeabilidade da célula).
- Identificar alguns elementos constituintes/promotores de (micro)ambiências.

- Identificar e pontuar as possíveis dimensões componentes de bordas: (i) configurações sócio-espaciais/diversidade/alteridade (de tipos, de usos, de apropriações, de ocupação do solo, etc.) em consonância com as bordas reveladoras das dimensões (ii) promotoras de trocas subjetivas - emocional/afetiva/sensível.
- Tipificar e agrupar bordas, com base nas suas características e correspondências com as dimensões, a fim de relacionar grau de permeabilidade (microvilosidade) das bordas e potencial de trocas/compartilhamentos entre os elementos das ambiências constituídas;
- Ratificar a importância da alteridade e das ambiências como categorias elementares no desenrolar das vivências contemporâneas, para fundamentar o que aqui denominamos “recipro-Cidade”.

Intenções metodológicas

Visando o desenvolvimento do delineamento de discussões no que tange a avaliação de trocas afetivas e subjetivas em ambiências citadinas, é válido enfatizar que adotar uma abordagem holística sobre a temática descrita é indispensável, além do contato prolongado com os territórios escolhidos para aprofundamento do estudo das categorias em exploração.

Para tanto, o pesquisador é também tomado como instrumento de medida. As técnicas etnotopográficas desenvolvidas pelo LASC², demonstram ser uma ferramenta eficaz nas pesquisas que buscam perscrutar o entendimento das dinâmicas de ambiências urbanas a partir de análises da dimensão sensível, como é o caso desse trabalho.

² LASC – Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura (PROARQ/ UFRJ) – coordenado pela professora doutora Cristiane Duarte.

As intenções metodológicas se aportam também na elaboração de uma fundamentação teórico-argumentativa, com o intuito de subsidiar os conceitos em delineamento neste estudo; além de uma análise pautada em indicadores, narrativas, traços de sensações e interpretações que corpos em ambiências venham a apontar quando estimulados para esta finalidade.

Numa mescla de três momentos de abordagens metodológicas qualitativas, conforme será exposto de forma mais detalhada no capítulo III, a pesquisa se desenvolveu bordejando vários métodos já consagrados para ancorar o instrumental proposto e atingir os objetivos e questões que o trabalho se propõe a investigar.

- 1) Num primeiro momento utilizar-se-á a **tática explicativa** para gerar definições, com base na construção de um encadeamento lógico das evidências, ou seja, explorar os elementos-chave contidos na hipótese traçada, bem como produzir uma coerência teórico-conceitual, com base em autores que respaldem bem o escopo da tese, tais como: Deleuze e Guattari (1980 - 1997), Thibaud (2004 - 2013), Duarte (1993 – 2013), Levinás (1988), Certeau (1998), Blanchot (2007), entre outros.
- 2) **Técnicas etnotopográficas** que têm a ‘observação participante’ como principal modo de coletar dados. Esta técnica pode ser considerada como uma **tática de método qualitativo descritivo e interpretativo**.
- 3) Com base nesses passos 1 e 2, um instrumental de passos metodológicos é desenvolvido para:
 - Encontrar variáveis inter-relacionadas com as categorias de análises em exploração, e;
 - Observar relações entre as variáveis para entender fluxos de constituições de ambiências.

A junção de metodologias interdisciplinares se faz imprescindível para a quantidade ilimitada de avaliações e análises do habitat contemporâneo e das ambiências, em um mundo cada vez mais dinâmico, onde cada vez menos se pode permitir desconsiderar o efeito da subjetividade nele.

Assim sendo, a pesquisa proposta para este trabalho de tese é de cunho qualitativo, multimetódico, envolvendo uma abordagem naturalística do assunto, isto é, um estudo das coisas em seus ambientes naturais.

A tese em sua composição

Um convite à reciprocidade pressupõe experimentar elementos de conjuntos do complexo, do urbano, do homem, dos desejos, do cotidiano, das ambiências, dos fluxos, dos devires, da experimentação. Mesmo sendo conceitos intercambiantes, como todos estes são, era preciso estruturar o pensamento de alguma forma, de tal modo que o sumário foi se construindo e sofrendo adaptações no decorrer da escrita. E neste movimento de composição, as discussões acabaram sendo ambientadas em “unidades comuns”, tendo sido os principais vetores de abordagens agenciados em ‘zonas’, que se encontram costuradas – bordejadas por toda a tese.

Os capítulos foram, então, tecidos nessas zonas que apresentam as ideias, a tônica da tese, as proposições e análises como platôs de debates. Pensamos em zonas como limiares de contágio passíveis a conexões, portanto, as zonas podem eventualmente se interpenetrar umas nas outras através de múltiplos ganchos propositalmente marcados no percurso da escrita. Contudo, optou-se pelo exposto alinhavado de nós que refletem o curso da pesquisa em: zonas vocativas, invocativas e provocativas (vocações, invocações e provocações – tríade necessária para se fazer uma tese).

A montagem da tese foi, desta maneira, uma “montagem de bordas” em discussões. Assim, as vocações podem acabar assumindo um ar de provocações e vice-versa; como também, invocações podem sugerir notas provocativas através da série de perguntas e inquietações postas.

Em linhas gerais, no campo das vocações o objetivo é tentar elucidar as aptidões e qualidades que a tese apresenta para enunciar chamamentos aos debates em determinados campos de ação e atuação, neste caso, podemos ressaltar o campo das ciências sociais (sociologia, antropologia), da filosofia, do urbanismo, e também das ciências biológicas, de onde se bebeu numa fonte de inspiração para estabelecer as metáforas com as células. Além disso, esta zona de vocações marca as contribuições do pensamento aqui delineado, que não tem a pretensão de se afirmar como inédito,

mas que se coloca sob um prisma original na maneira como aborda as ambiências e as práticas urbanas – apresentando e apostando na noção de **borda (e bordejar)** como elemento central da pesquisa.

A zona de vocação pretende ainda “*viralizar*” e ratificar um discurso sobre questões importantes do viver cidades na contemporaneidade. Acredita-se que o conhecimento se forma a partir de encontros, e ter encontrado autores e pessoas com pensamentos e posicionamentos que tanto contribuíram para o compêndio de coisas aqui depositadas, foi o maior ganho que esta jornada de doutoramento proporcionou. Como bem disse Deleuze: “*produzir é apropriar-se de outro pensamento, pois ninguém cria a partir do nada. E a criatividade se evidencia exatamente no modo como se trabalha outras ideias já produzidas*”; e assim os capítulos I e II apontaram para uma trajetória de vocação num campo mais teórico-conceitual e de criação de categorias de análises para os experimentos que foram realizados.

Já a zona de invocações – capítulo III - incorporou um carácter mais metodológico. Alguns métodos etnotopográficos foram estudados e testados, o que auxiliou e inspirou a criação do instrumental em passos metodológicos propostos para coletas e análises de narrativas baseadas em experimentos cidadãos.

Os frutos das experimentações num campo, que no caso desta pesquisa foram realizados em territórios paulistanos; compuseram a zona de provocações, zona esta que alinhava as invocações e retoma as teorias vocativas da tese pretendida. Como dobras em acabamentos finais, temos nesta zona, portanto, o capítulo IV e as últimas notas da autora, tudo sem contornos e sem limites.

abrir **caminhos** . perceber **outros** . registrar **momentos** . atravessar **relações** . absorver **ligações** . desviar **movimentos** . contemplar **sensações** . perder **trilha** . inventar **símbolos** . inventar **lugares** . perseguir **rastros** . avançar (FF) **fugas** . justapõe **multiplicidades** . (ex)pele **o ordinário** . ver **formas** . medir **limites** . abrir **extraordinário** . escutar **fluxos** . assistir **cotidiano** . escondem-se **inspirações** . desestabilizam-se **geografias** . assistir **Outro** . povoar **reciprocidade**. (Thiago Barbosa, 2015)

Capítulo I

ComplexCidades - possíveis d o b r a s | possíveis b o r d a s

Capítulo I

ComplexCidades - possíveis d o b r a s | possíveis b o r d a s

A cidade é um complexo de aglomerados urbanos-humanos que se efetiva como tal através das práticas desencadeadas pela interação deste binômio. Pressupõe, portanto, que algo pulsante, vivo, esteja cotidianamente acontecendo, sendo produzido, para manutenção de sua essencialidade.

As partilhas, assim como os intercâmbios (trocas), os fluxos – ou seja, o cotidiano enquanto compósito de fenômenos urbanos, podem indicar por contiguidade e extensão, ou simbolizar por similitude ou associação, aquilo que é embrionário aos seres praticantes e à dinâmica dos territórios urbanos. E é de fundamental importância explorá-los nos meandros de suas complexidades para contextualizarmos as ambiências que, por sua vez, podem atuar como possíveis chaves na busca pela resposta ao pensamento: **do que são feitas as cidades? Como se revelam suas dobras e bordas?**

Deste modo, na pretensão de abordar o organismo cidade como um emaranhado de multiplicidades - com suas pluralidades de bordas, a lógica rizomática de Deleuze e Guattari (1980 - 1997) se apresenta como uma contribuição de fundamental importância para o desenvolvimento dos conceitos a serem trabalhados, por permitir justamente a adoção de preceitos múltiplos na complexidade que a temática requer. Como uma cartografia do pensamento, nos permite apreender as facetas das dinâmicas urbanas através de metáforas-conceitos. Permite ainda compreender as

ambiências como um território coletivo representativo do **movimento de “tornar-se” e “desfazer-se”**, movimento este, inerente ao *bordejar*.

Afinal, se estamos tratando de subjetividades, de cidade, é preciso tramar cartografias que alcancem o movimento, que enxerguem o transitório, que falem do vivido. (NOGUEIRA, 2010, p.639)

A comparação do ‘funcionamento’ do compor as bordas das ambiências com o funcionamento celular e suas trocas aparece, diante do exposto, como uma alternativa para descortinar as multiplicidades encarnadas na/da vida urbana, para entender os engendramentos dos diferentes fluxos de vida, de afetos, de atividades, do cotidiano, de desejos, de agenciamentos, de “bordados”.

Portanto, a presente abordagem tratará de espaços urbanos contemporâneos e suas dinâmicas, de ambiências como células urbanas-humanas composta por bordas e dimensões que favoreçam um saber ‘*ser- cidade*’.

O contemporâneo, por sua vez, vem sendo entendido através das simultaneidades de espaços no tempo, fato que demanda uma problematização do mundo em clivagens igualmente características a sua. Ele adota a qualidade do híbrido, do efêmero, do fugidio, regido por dinâmicas próprias. Põe em relação pessoas, objetos, edificações, comunidades e fragmentos urbanos; através de processos de interação e de não-interação, os quais compõem dinâmicas. Estas, por sua vez, dotadas de mobilidade e flexibilidade, de uma autonomia do Ser em fluxo (ou em contra-fluxo), equipam o indivíduo mais do que seu espaço. Permitem entrever possibilidades urbanas até então desconhecidas.

Assim, o espaço contemporâneo apresenta como potência maior a “sua *capacidade de adensar/dispersar ações*”, sobretudo as do cotidiano. É capaz de propor nuances e níveis de complexidade à solidez estriada da cidade. Nesta perspectiva, os territórios urbanos e suas dinâmicas evocam uma prática do olhar sensível às ambiências que os constituem, já que compreendem elementos de múltiplas esferas (sociais, culturais, afetivas, físico-ambientais, política, econômica, etc.).

O espaço é então formado muito mais por acontecimentos do que por coisas acabadas, ele deve ser entendido muito mais como um campo de forças, um sistema instável de funções e matérias não formalizadas, não estruturadas (...). Neste sentido, é preciso desenvolver modos de observação e de atuação a partir de situações de instabilidade, de paisagens ocupadas por múltiplos agentes e processos ao mesmo tempo. (BRISSAC, 2002 – *trechos de fala em palestra na 6ª semana de arquitetura – PUC-Minas*)

Logo, explorar o espaço e suas dinâmicas no contemporâneo, significa perquirir uma abordagem à luz do entendimento de um espaço-tempo da ‘molecularidade’³ de relações sociais, sendo esta molecularidade, antes de tudo, movimento e encontro.

Vemo-nos tomados em segmentos de devir (...) devires moleculares de toda espécie, devires-partículas. Fibras [**bordas**] levam de uns aos outros, transformam uns nos outros, atravessam suas ‘portas e limiares’ (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.63, *grifos nossos*)

³ A ordem molecular é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, de intensidades. (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

Podemos, deste modo, definir o urbano como um espaço-tempo citadino onde vivem organismos-coletivos, ambiente onde nasce, desenvolve e se procria o citadino – o público. Plano de imanência pura do movimento e do repouso, da velocidade e da lentidão. Espaço antes abiótico, mas que por meio de rizomáticos (des)encontros e agenciamentos, engendra a vida na sua multiplicidade, numa cartografia voltada para a experimentação ancorada no real; aberto, des-re-montável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas entradas [e saídas] (DELEUZE; GUATTARI, 1980,1995,1997).

Desse esforço resulta uma visão ampliada do tema, que entende o habitar como o território onde se desenvolvem múltiplos aspectos do cotidiano do habitante urbano, onde ações e especialidades se combinam e interagem, e processos de comunicação de diferentes naturezas se efetivam. Tal entendimento revela uma grande diversidade de configurações possíveis para este habitar, permitindo imprimir-lhe um caráter inequivocamente plural. (TRAMONTANO, 2007, p.145)

Assim sendo, uma clivagem importante de ser ressaltada enquanto caracterizadora deste urbano contemporâneo é, sobretudo, a adoção dos conceitos de *simbiose*⁴ e *nômade*⁵, os quais definem algumas possibilidades recorrentes de práticas e apropriações espaciais que a cidade e seus territórios acomodam. A simbiose compreendida como uma maneira adaptável de usufruir e conceber os espaços, sempre se alimentando e renovando as estruturas existentes. Usa a estrutura existente para seu próprio fim, mas também pode ser considerada como uma intervenção que transforma o

⁴ Significado sugere um organismo que cresce. Pode ser definida como uma forma adaptável e exploradora da arquitetura que se associa a espaços existentes para retirar seus meios de existência. Pode ser pensada como estruturas fixas, flexíveis ou temporárias que se alimentam de uma infra-estrutura e construções existentes.

⁵ Nômade: efêmero, relações multidirecionais, multiplicidades, de caráter rizomático. (DELEUZE; GUATTARI, 1980)

que já estava posto. O simbiótico pode reconfigurar e/ou redefinir um espaço existente potencializando e requalificando seu uso e ocupação.



Exemplo de apropriações simbióticas /nômades. Fontes: Imagem 01. Autoria: Michael Rakowitz. | Imagem 02. Ambulantes na paulista e 03. Barracas desmontáveis de feira no vão do Masp. Acervo Pessoal.

E por requerer trocas e flexibilidades, o simbiótico (da ordem da linha molecular) pode adquirir também a qualidade do nômade (linha de fuga des-re-territorializante⁶), transformando o espaço que antes era estriado (métrico) em espaço liso (vetorial, projetivo, topológico)⁷; aberto a afetações, possibilidades, devires e multiplicidades.

⁶ Os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. O território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de desterritorializações e reterritorializações), um ritmo. (DELEUZE; GUATTARI, 1980,1995)

⁷ Espaço estriado e espaço liso são categorias deleuzeanas, baseadas em entendimentos de espaços heterogêneos e antagônicos.

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas (...) máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva. (GUATTARI, 1980).

Devemos, portanto, considerar os territórios onde se desenrolam diferentes partes da vida quotidiana em diversos níveis: usuário-usuário, usuário-sistema, usuário-espaco, sistema-espaco, etc. Se a experiência espacial proporcionada pelo urbano possui a capacidade de transformar o usuário ou seu contexto, seria coerente pensá-lo como uma sequência de eventos interconexos, produzindo uma impressão final (de satisfação, insatisfação, de indiferença ou até uma mistura de todas essas). A experiência espacial pode, assim, compor novas narrativas. (TRAMONTANO, 2007).

Não nos interessamos pelas características **[samente]**; interessamo-nos **[sobretudo]** pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento. Eu sou Legião **[ideia de coletivo]**. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20, *grifos nossos*)

Nesta perspectiva, é facilmente possível sublinhar que os territórios e seus agenciamentos auxiliam na constituição de ambiências, como organização de ‘unidades comuns’ [um todo que conglomera], que podem servir de indicativos dos ‘enganchamentos’ múltiplos que naquele arranjo se revelou para uma descoberta de níveis de sociabilidade, possíveis de serem desencobertos, talvez, no cotidiano líquido do mundo sólido.

1.1 Recipro-citando...

O discurso atual acerca da vida nas cidades soa quase sempre como um veredicto de que o princípio básico de sua definição, isto é, um complexo de uso e pertencimento coletivo, apresenta fragilidades de várias ordens. Todavia, há vozes que ressoam apontamentos numa tentativa de transpor estas tais fragilidades. Estas, de uma maneira direta ou indireta, apontam para a observação do sujeito que permite afetar-se a partir do (re)conhecimento do Outro, podendo ser o Outro tanto um sujeito, como o próprio espaço.

É com base neste entendimento, e a partir da exploração em busca da compreensão das ambiências urbanas, que a presente pesquisa de doutoramento se propõe a evidenciar e a desencadear uma discussão. Queremos assim, entender o que é necessário para se fazer revelar a possibilidade efetiva de cotidiano, de essência da vida nas cidades.

O termo reciprocidade significa estado ou qualidade daquilo que é recíproco, é o estabelecimento de uma troca equivalente, **uma correspondência mútua - mutualidade**. Uma prática recíproca requer uma ação dialética, de UM para OUTRO e vice-versa. Pensando o desenrolar desta qualidade no espaço urbano, nos aproximamos da ideia aqui defendida, ou seja, possibilitamos a existência cidadina, já que a cidade requer coletividade, e o coletivo, por sua vez, requer o OUTRO.

A reciprocidade é considerada uma particularidade de enorme valor na sociedade, porque de acordo com a psicologia social, as relações mútuas contribuem para a manutenção de condutas e comportamentos sociais. Entretanto, o viés de entendimento deste atributo de maneira a contribuir com os preceitos explorados na tese em tela versa muito mais em consonância com a ideia do conceito de reciprocidade utilizado pela **linguística**, mais precisamente pela semântica.

Para o campo da semântica a reciprocidade é a **correspondência existente entre duas palavras que têm sentidos opostos, mas que apresentam uma relação de conformidade mútua**, como por exemplo, “comprar-vender”. No entendimento semântico do binômio “comprar-vender”, por exemplo, temos duas ações que são de naturezas opostas, mas que admitem intersecções e estabelecem uma mesma relação, neste caso, conectadas pelo elemento-objeto da ação de venda/troca, assim como o intercâmbio – o fluxo do dinheiro envolvido, que vai do comprador ao vendedor nesta troca. Portanto, acreditamos que adotar esta perspectiva da reciprocidade da linguística para as práticas urbanas é adequado na busca pela compreensão das considerações aqui em discussão.

Traçando um paralelo com a exemplificação acima (“compra/venda”), possibilitaríamos balizar a ideia do Eu/Outro, ambos de naturezas distintas, e em sendo o Outro o espaço urbano como uma possibilidade de uma composição binomial de relação recíproca; poderíamos enfim afirmar que no estabelecimento dessa relação um é afetado pela existência do outro, e que eles permitem intersecções e fluxos/intercâmbios entre si.

Ainda aprofundando as discussões sobre o termo supra referido, no ramo da filosofia, Kant descreveu reciprocidade como a capacidade intelectual através da qual se torna compreensível a relação entre dois ou mais elementos do mundo comum, mutuamente percebidos no espaço, de aspecto e forma integrantes.

É o princípio da conexão universal das coisas no mundo, em virtude do qual elas constituem uma comunidade, um todo organizado. Talvez, nessa sentença seria mais interessante adotarmos a ideia de que há um princípio de possibilidades de conexões mútuas, ao invés de adotarmos o princípio de universalidade pregado por Kant. Ainda assim, podemos rearranjar suas colocações, tendo como referencial o campo das possibilidades, isto é, conexões mútuas que se organizam em ‘*todos*’ comuns (ambiências).

Portanto, a ação recíproca nada tem a ver com o princípio da ação e reação enunciado por Newton. Kant faz da ação recíproca um princípio puro do intelecto, e vê nele a terceira analogia da experiência, expressa com as seguintes palavras: “*todas as substâncias, quando podem ser percebidas no espaço como simultâneas, estão entre si numa ação recíproca (de possibilidades – grifos nossos).*” (ABBAGNANO, 1998, p.835)

Fica aqui então evidente que a correlação e uma simultaneidade são da natureza e da ordem do que está se delineando como prática recíproca. Exploraremos, portanto, a urbanidade como experiência do Outro: a cidade como coexistências e a ambiência como meio de possíveis conexões mútuas entre velocidades, “modos sensíveis e espaciais de ser” e como potencialidade do ‘*quotidiano*’ e do (re)conhecimento do Outro – observaremos estas questões a partir de experimentos que tornem evidentes alguns “*framings da experiência da alteridade*” no urbano, assim como, por consequência, a aqui denominada prática recíproca.

A vida urbana envolve uma dualidade fundamental: (i) ela ampara diferentes experiências individuais, e (ii) as relaciona em modos de experiência em um comum (coletivo). (NETTO, 2014, p.67).

Deste modo, pensar em recípro-cidade no contemporâneo pressupõe depurar elementos da ordem do complexo, do diverso, do múltiplo, do movimento, do corpo, da urbanidade. Assim sendo, não poderíamos deixar de buscar inspirações nas ações *des-re-territorializantes* dos agenciamentos rizomáticos espaciais.

A cidade contemporânea poderia ser considerada, assim, um sítio palimpsesto resultado do salto da prática do homo sapiens para o “*homo urbes*”. E tudo o que ela constitui, em suas múltiplas facetas, é sustentáculo onde por excelência se manifestam e se dissolvem conflitos, se criam e se diluem tensões, onde se encontra e se desencontra com todo tipo

de gente, de jeito, de trejeito e de atuação. É o lugar da diferença, do Outro e, por conseguinte, “*da negociação constante, muda ou deflagrada, cordial ou belicosa*”. (MEDEIROS, 2009)

O espaço público é, assim, um lugar da coexistência dessas implicações cotidianas, e ao vivermos estas experiências na cidade, nos fazemos algumas perguntas, tais quais: Que cidade se quer? Que paisagem se compõe? Que espaço se tem? De que maneira podemos compreender o espaço público como um local de trocas, um meio onde se permite e se promove partilhas e conflitos? Admitindo o conflito não como algo negativo, mas como produtor de maneiras ativas de agir/atuar e até mesmo de resignificar usos na cidade; assim como também, entendendo que a partilha pode corresponder, diferentemente do compartilhamento, a relações de segmentação dos usos no espaço.

Em que e como esses processos complexos que atuam na organização cotidiana das mobilidades urbanas podem, em retorno, alimentar o pensamento urbanístico contemporâneo? (THOMAS, 2010 apud PENA; JÚNIOR, 2012, p.46)

A ambiência, enquanto objeto de estudo do arquiteto/urbanista, se apresenta, neste contexto, como uma ferramenta que pretende abarcar e focalizar a micro estrutura da cidade, em detrimento de uma macro visão. Reforça principalmente a importância das práticas humanas no meio urbano e o reconhecimento do Outro como elementos essenciais para a manutenção do cotidiano, assim como Jacobs (1992, 2000) nos ensinou.

Devemos começar a aventurar-nos nós mesmos no mundo real, ainda que modestamente. A maneira de decifrar o que ocorre no comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades é, em minha opinião,

observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles. (JACOBS, 2000, p.12)

A autora ressaltava ainda a importância da valorização de esquinas e percursos, de calçadas, pois é nestes lugares que as pessoas se encontram. Por isso, recomendava quadras curtas e muitas possibilidades de encontros. Ela sugeria, com isso, a manutenção das práticas sociais e a construção de diversas e inúmeras ambiências.

A maioria identifica-se com um lugar da cidade porque o utiliza e passa a conhecê-lo quase intimamente. Nós nos movimentamos por eles e acabamos dependendo dele. O único motivo para as pessoas fazerem isso é se sentirem atraídas por particularidades das redondezas que se mostram úteis, interessantes e convenientes. (Op. cit., p.153)

Nestas colocações demonstra-se evidente que os principais locais públicos de uma cidade são seus órgãos mais vitais. Logo, entende-se que a 'mineralidade' da cidade é um reflexo das suas dinâmicas, assim como o contrário também se aplica, já que esta relação tem uma natureza dialética e tautológica.

É tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui. Encarar a aparência como objetivo primordial ou como preocupação central não leva a nada, a não ser a problemas. (Op. cit., p.14)

Se acreditamos, portanto, que uma ambiência se configura somente através do elemento humano, e somente através do elemento humano - repleto de sentimentos, sentidos e complexidades - é cabível reforçar que quanto maior for a troca de sensações e percepções, tanto mais ricas serão as identificações produzidas e as apropriações/ocupações nas ambiências; afirmamos, por fim, que mais rico será o bordejar.

A diversidade gerada pelas cidades repousa no fato de que nelas muitas pessoas estão bastante próximas e elas manifestam os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões. As cidades não apenas têm espaço para essas diferenças e outras mais em relação a gostos, propósitos e ocupações; também precisam de pessoas com todas estas diferenças de gostos e propensões. (Op. Cit., p.42)

E, assim, por meio das ideias expostas podemos ‘*bordejar*’ vínculos entre cidades, ambiências e bordas; alteridade, afetações e afetividades; fluxos, trocas, “com-partilhamentos” e reciprocidade.



Exemplos de fluxos, compartilhamentos e trocas na cidade. **Imagens 04, 05 e 06. Dinâmicas da Rua Augusta – SP. Fonte: Acervo pessoal**

Em “sete passos”, portanto, a colocação de Heidegger exprime a noção de correlações entre deslocamentos/movimentos necessários para ações/afetações. Sinaliza qualidades de Espaço na evidência de Outros, pontua geografias com deslocamentos (movimentos – encontro); enfatiza o tempo, o coletivo (Eu /Outro) e até um Eu reflexivo; interconecta ação, inter-ação, afetação – todas estas categorias do repertório da prática homem/cidade.

Ainda de acordo com Heidegger ⁸ “*habitar é um verbo de ação*” intensificado na medida em que o corpo adota esse papel de pensador atuante sobre o espaço que vivencia. “*Só é possível habitar o que se constrói*”, complementa. Então, podemos dizer que só habitamos a cidade, quando a construímos. Entendendo construção não como um sentido de edificado, mas como ação de fabricação, do campo do fazer. Ação é, por sua vez, algo que denota operação e abarca significados genéricos como: produzir, causar, agir, criar/ destruir, iniciar, continuar.

Construir já é em si mesmo habitar, dessa maneira podemos assumir que em um único movimento – de ação na cidade – este já é ao mesmo tempo fazedor dela. Assim, numa proposta de sensibilidade no conceber, no construir, é que se estabelece a tríade: *ser/estar/fazer* cidade. Nesta perspectiva, colocamos a proposição de que é preciso transitar pelas causalidades imanentes da vida urbana. Causalidades, liames de pensamentos, divagações, arranjos cotidianos, ações de outros, desconhecidos, que em alguma medida, interceptam nosso fazer e nosso pensar a relação urbana – humana. Transitar cotidianos - trajetos que se esbarram entre reflexões e explorações - um fazer/ viver cidade povoado de sensibilidades e afetos incorporados nos movimentos desejantes dos corpos. (FONSECA; ROCHA, 2008)

⁸ Texto do link: http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf – Construir, Habitar, Pensar.

Os arquitetos/urbanistas devem, deste modo, pensar que projetam para corpos em movimento – um gesto arquitetural tem que atender a corpos e aos seus movimentos, temos que acolher no projetar a noção do binômio “**ação – interação**” (ou seria ainda mais complexo - um trinômio – ação – inter-ação – interação?)

Ao invés da sensibilidade, o interessante é então realçar, neste momento, a *atenção* – “*mover-se atento na e com a cidade*” (BAPTISTA, 2008) - requerer estar atento ao que se passa, ao que acontece, ao que nos passa e ao que nos perpassa, deslocando-nos dos limites daquilo que somos e dos hábitos que anestesiam a potência daquilo que ainda não nos tornamos; um estar atento desencadeador de peculiares formas de mobilidade. Nas palavras de Benjamin: “*a alma se deixa desviar tanto mais facilmente quanto mais concentrada está*”. E assim nos perguntamos:

que mobilidade humana desejamos para as nossas cidades? Que subjetividades, matéria-prima das nossas intervenções, seriam produzidas pelas políticas do movimento? Que política de mobilidade desejamos? (BAPTISTA, 2008, p.63)

Vale desdobrar aqui a indagação feita para compor uma outra importante pergunta: que política de atenção desejamos? Uma ecologia da atenção, baseada em qualidade e estilos, ou uma economia da atenção, que tem por princípios a quantidade, onde é o tempo que conta. Estabelecer uma diferença entre ‘fazer atenção’ (*faire attention*) e ‘prestar atenção’ (*prêter attention* | “*PAY*” *attention*) é de suma importância. É preciso cultivar, portanto, uma atenção flutuante.

Outro traço importante para a compreensão das atmosferas de uma cidade é sugerido pelas velocidades que nelas atravessam e que podem remontar tempos e ritmos encarnados nas ações. O ritmo corporal imprime, e também pode exprimir reconfigurações de dinâmicas do e no espaço. Os padrões de tráfego de automóveis, por exemplo, contribuem

para o ritmo da cidade que pode se tornar evidente na velocidade dos veículos, nos padrões de aceleração e na latência de resposta a sinais de trânsito, nas travessias para pedestres estrategicamente estabelecidas (uma permanência sempre impaciente em cruzamentos), que ditam ritmos, velocidades e repousos citadinos.

Desta maneira, podemos admitir que o sentimento de ritmo estaria associado não somente à velocidade absoluta dos corpos, mas também à constante necessidade de desvios que alteram a frequência e imprimem ajustes necessários para evitar colisões, como é o exemplo da espera em um semáforo, o contornar outros para evitar choques entre pedestres, entre veículos, em objetos de mobiliário urbano, etc.; todas estas questões são ajustes de fluxos que os ritmos e as velocidades da cidade imprimem nos corpos.

A cidade opera, desta maneira, na maior parte do tempo cotidiano, incitando pensamentos, ações, interações e afetações operacionais e pragmáticas, o que acaba por desestimular investimentos mais prolongados de naturezas cognitiva-intelectuais. São operações estratégicas que ameaçam as descobertas cotidianas do homem lento e com isso, as ousadias da resistência acabam sucumbindo a pensamentos dominantes.

A lentidão na cidade, dos dias de hoje, é vista como ação do cidadão “defeituoso”, aquele que não colabora com os ritmos da produção, já que por séculos acreditamos que os homens mais velozes detinham a inteligência no mundo. A grande cidade é hoje a imagem da pressa – um cotidiano de partilhas sem compartilhamentos - vidas de *fast foods*, *fast shops*, *fast drives* – *fast tudo fast*.

Estaria então a possibilidade de retomada da cidade **ancorada na velocidade do homem lento, nas faíscas de lentidões em interiores da pressa?**

Na lentidão, no vagar, residiria a experimentação da qual emergiriam o conhecimento, o saber, assim como o desejo de transformação. Mas estamos nos referindo a certa lentidão que nos faz pensar certa transformação a partir de outra cultura: a que valoriza o tempo do cultivo das coisas em nós (...) trata-se, portanto, de uma lentidão sábia, inteligente, sensível, subjetiva, porque pertence ao sujeito que experimenta vigilante, tenso, atento. (...) Velocidades e luminosidades podem produzir cegueira. (HISSA, 2010, p.81)

“A cidade viva e experimental, plena de rugosidades permanece, então, ativa na tessitura do cotidiano. É o sujeito da cartografia da ação, que habita e produz território usado [não territórios consumidos, mas usados]” (TORRES, 2010 – grifos nossos). Rugosidade advém da noção de rugas, protuberâncias, ou seja, são as saliências do tempo, das transformações; as impressões das velocidades atravessadas e da gravidade. São rastros de inquietações cidadinas que se apresentam em rugas, dobras, reentrâncias de sua paisagem. A rugosidade pode ser tomada como um indicativo das alternâncias de territórios que ora adquirem qualidades lisas (vetoriais, líquidas), ora adquirem características de um espaço estriado (métrico).

E neste contexto, além de um retorno às travessias lentas, propomos também uma retomada das descobertas e buscas por traços de territórios rugosos, com contenham aderências. Que estimulem um pisotear por /entre bordas antiderrapantes, anti-deslizantes - porosas. Espaços com histórias e com estórias, marcados, mas ao mesmo tempo aberto a novas composições, com rugas que permitam ajuntamentos, montagens, colagens, mas nunca decalques, nem contornos. Cartografias bordejantes em labirínticos limiares de ser/estar/fazer cidades, por intermédio de ações lentas: de uma lentidão que é mesmo vagarosa, mas que, atenta, caminha em direção a outro mundo e, talvez, por isso, caminha numa direção contrária [**um dispositivo de contra-fluxo**].



Exemplos de velocidades e rugosidades da cidade. **Imagens 07. Dinâmicas da Rua Augusta – SP | 08. Grafite “São Paulo (con)some” em um prédio antigo na Rua Frei Caneca – Sp. Fonte: Acervo pessoal**

1.3 Do Cotidiano

“O cotidiano somos nós mesmos costumeiramente”, disse Blanchot (2007, p.235), num início de uma conversa infinita da fala cotidiana⁹. Mas o que somos nós (mesmos) costumeiramente? Novamente aparece a expressão reflexiva ‘nós mesmos’, associadas a um ritmo, desta vez numa qualidade repetitiva – ‘costumeiramente’.

Pensar cotidiano é, então, indagar as dobras do que somos nas repetições do dia-a-dia. Por isso ele se torna tão difícil de ser desvendado. Mas é ao mesmo tempo algo banal. Nós no que somos de costume - somos banais, ordinários. Só que ser ordinário é algo muito mais complexo do que ser extraordinário. O extraordinário tem um extra, um “a” mais que é destaque, sempre realçado, ele salta, é saliente e, então, é de fácil percepção. Já o cotidiano é frequente, e por isso escapa. Do uso corrente, um habitual que segue a ordem natural das coisas – o nosso seguir, fluxo natural habitual.

E ele – cotidiano – é ainda mais: é diário, mas um diário habitual do ser humano. A terra, o mar, a floresta, a luz, nenhum destes elementos apresentam cotidianidade. O cotidiano, como afirma Blanchot, é humano, que só se revela no urbano. “O cotidiano não está no calor de nossos lares, não está nos escritórios, nem nas igrejas, nem tampouco nas bibliotecas ou museus. Está – se estiver em algum lugar – na rua”. E talvez o fato de só se revelar no urbano, resida na questão de que existe na palavra uma partícula “co / quo” (cada), que para se repetir num comum, precisa de um coletivo.

Há uma diferença entre cotidiano (*habitus*) e “rotinização”, importante de salientar nesta discussão. Rotina é aquilo cada pessoa faz no seu dia-a-dia, ao passo em que cotidiano se refere mais com algo relacionado à comunidade – o que se sucede em todo um mundo diário. Por exemplo, ir à escola e ao trabalho é uma rotina para cada pessoa – e o transporte público seria aquilo que leva passageiros a diferentes destinos cotidianamente nas cidades – mas não teremos o mesmo

⁹ BLANCHOT, Maurice (1986). A Fala Cotidiana. IN: A conversa infinita 2: experiência limite. 1ª edição de tradução- Editora Escuta, 2007.

motorista, nem o mesmo cobrador, nem os mesmos passageiros; e é aí que habita a noção de mutabilidades, pequenos novos arranjos naquilo que é cotidiano. E é aí também que mora a ideia de que é um homem qualquer que vive o cotidiano, ele é ordinário, porque cotidiano não contém sujeito, todavia, ao mesmo tempo, não pertence ao objetivo. Ele simplesmente existe – há cotidiano - porque ele é movimento, embora um movimento onde não se passa nada, é cotidiano, mas não é somente imóvel, porque também é instável. Talvez pertença a uma insignificância, recheada de significação.

“[...] é o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez também o lugar de toda significação possível. (BLANCHOT, 2007, p.237)

E se esse cotidiano é movimento que se revela na rua, o homem que o vive acaba não tendo mais nome, pertence a classes. A rua cunha e faz anonimato, mostra, mas também esconde – opostos, ou melhor, justapostos característicos do cotidiano.

É assim, portanto, que as nuances da vida e dos “*tous les jours*” (todos os dias) na cidade interagem, reagem, têm um discurso e “gritam” através de suas dinâmicas uma série de ordenamentos e permissividades, imperativos e coações que condicionam comportamentos – comportamentos que, por sua vez, constroem espacialidades, territórios – fabricam ambiências.

Possivelmente as características apresentadas em uma cidade podem descrever a sociedade que a habita. Mas quais seriam seus critérios? Verificar o que pode ser revelado e escondido do cotidiano, do fluxo, do refluxo, bem como do contrafluxo das/nas cidades é tomar o cotidiano como categoria que requer, assim como nas palavras de Blanchot, entender que:

O cotidiano escapa. É nisso que ele é estranho, o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie de extraordinário [...] o ordinário de cada dia não o é por contraste com algum extraordinário; não é o “momento nulo” que esperaria o “momento maravilhoso” **[mas é aquilo que reforça características de determinadas ambiências em determinados espaços]** (2007, p.237, *grifos nossos*).

Vivência do dia-dia, que é muito comum ou banal, mas também nos perguntamos: o que é comum nos dias de hoje? E o incomum? Ainda mais complicada se torna a pergunta, quando a transportamos para o urbano: o que seria “o pão nosso” (de cada dia) na cidade? Onde se encontra esse alimento de lugar/tempo no qual nada acontece, nada permanece, mas por onde tudo passa?

Escapando às totalizações imaginárias do olhar existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície ou cuja superfície é somente limite avançado, que se destaca sobre o visível. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de operações (“maneiras de fazer”), a uma outra espacialidade (uma experiência antropológica, poética e mítica construtora do espaço) e a uma mobilidade opaca. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível e é, de fato, cidade. (CERTEAU, 1994, p.171)

É no cotidiano banal, no dia-a-dia das cidades – incomum ao herói e aos deuses - que persistem hábitos e costumes - base e repertório de coisa através das quais podemos fazer decupagens da vida como ela é. E, aquilo que não vira hábito, nem costume; permanece como resíduo, em relação ao movimento, podendo, por vezes, integrar desvios. A ideia de molecularidade deleuziana pautada na apreensão de movimentos, velocidades e (des)encontros; escapes,

dissoluções e deslocamentos. No fim, entendemos que cotidiano **nem é onde, nem é quando – é onde e quando – é movimento, é fluxo.**

E se a vida na cidade prescindir do cotidiano, nessa busca incessante pelo extraordinário, ela acabará se revelando em “um *dia super, uma noite super - uma vida superficial*”¹⁰

Imagens de ações miúdas do dia-a-dia teriam a chance de enfrentar a banalização da mobilidade ou da inércia? Metáforas de episódios das cidades dariam ao deslocamento do homem comum o apelo de uma urgência contemporânea? Que políticas de montagem destes fragmentos estariam disponíveis para uso? (...) imagens urbanas solicitando que algo fique **[solicitando rastros]**. A rua insufla o corpo na direção do acontecimento (...) o hábito cotidiano se desprende do significado que o aprisiona (...) qual movimento desejamos? (BAPTISTA, 2008, p.58-9, grifos nossos)

Temos que atentar, neste sentido, para o fato de que devemos buscar movimento no cotidiano, nas ações que **o dão corpo e que nos dão corpo**. Atualmente parecemos estar mais envolvidos em velocidades que corporificam um des-cotidiano, uma velocidade que apenas faz rotinização. O homem na busca veloz pelo extraordinário, acaba perdendo sua maior potencialidade política, aquela que faz cidadania, a do anonimato, do público. Um declínio deste ‘Ser’, como preconizou Sennett – pode ser fatal. Ao rotinizar a vida, o homem público (em seu declínio) engendra no urbano o individualismo e um sujeito cheio de subjetivismos no cotidiano, perdendo, por consequência, aquilo que só se revela na natureza escapatória, do homem comum, banal, ordinário: a cotidiana subjetividade extremamente necessária (o *ser nós mesmos costumeiramente*). Como então resgatamos isso?

¹⁰ Parte da letra da música Muros e Grades – Engenheiros do Havaí.

1.4 As ambiências: organismos de coletivos humanos em meio urbano ou organismos de coletivos urbanos em meio humano?

A noção de ambiência tem assumido uma posição de destaque em estudos que pretendem investigar a natureza das dinâmicas urbanas e sociais pela vertente do sensível, pela ordem do sentir. Já que seu aprofundamento percorre o plano de imanência, permite um fluxo de entendimento de questões que vão do sensível/afetivo ao cognitivo/comportamental, a partir de análises sobre suas constituições, apropriações e ocupações territoriais e apreensões que nessas ‘atmosferas’ são engendradas. As experiências e práticas urbanas cumprem, desta maneira, uma ação de constituir ambiência, ao mesmo tempo em que incitam percepções sobre os acontecimentos circundantes, sobre o ar que perpassa, os sons, os cheiros, etc. Assim, como nas palavras de Duarte, constituir ambiência é:

Ouvir sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentir seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento **[e do tempo]** batendo na pele é uma maneira de situar o corpo nessa atmosfera urbana. Ter consciência dessa atmosfera e reconhecê-la em seu suporte espacial propicia a experiência e a interação na ambiência. (DUARTE, 2013, p. 22) ¹¹

O enfoque das ambiências é, portanto, as formas sensíveis de vida social e coletiva nos espaços (aqui mais precisamente nos espaços urbanos). E no entendimento que segue, ambiência é um termo carregado de significados que

¹¹ IN: THIBAUD, J-P.; DUARTE, C.R. Pour une écologie sociale de la ville sensible: Ambiances urbaines en partage. Vérone: EBS – Editoriale Bortolazzi-Stein, 2013.

confere à entidade física ‘espaço’ o status de entidade poética, sensorial e multidirecional. Ambiências são as atmosferas materiais e morais (AMPHOUX; THIBAUD; CHELKOFF, 2004, p. 18).

Augoyard (2004) complementa ainda que uma série de condições deve ser observada para que um fenômeno possa ser identificado como ambiência, dentre eles: a possibilidade de interação entre percepção, emoções, a ação dos usuários e as representações sociais e culturais, ou seja, **fluxos, bordas e suas dimensões**¹².

As ambiências parecem, neste sentido, vibrar em simpatia/antipatia afetiva conosco. Já dizia Böhme (2001): uma ambiência se caracteriza pelo “poder” de tocar afetivamente (“*d’être affectivement touché*”). Quando as compartilhamos, elas suscitam reações em nosso corpo e em nossa mente; e por isso, comportam também um entendimento sobre a motricidade, sempre exigindo da capacidade sensível uma potência de afetação.

Podemos, assim, sustentar a ideia de que elas se constituem como organismos. Organismos estes compostos por coletivos que operam em meios – espaciais, humanos, subjetivos, culturais, sociais, temporais, etc. Admitindo este carácter múltiplo às ambiências, surgem dúvidas tais como: seria possível identificar os elementos em uma ambiência? Como saber identificar o momento em que se iniciam? Elas findam ou estão constantemente em renovação, adquirindo novas dobras e “roupagens”? Como seria possível identificar a transição de uma ambiência para outra?

Se suas apreensões e constituições se dão no campo do sensível, responder as indagações colocadas se torna uma tarefa audaciosa, sobretudo, em se tratando de arquitetos e urbanistas, pois para isso é preciso mergulhar em oceanos

¹² O entendimento de fluxos, bordas, dimensões das bordas e suas implicações nas dinâmicas de constituição das ambiências, será abordado com profundidade no capítulo II, a seguir.

de outras ciências sociais. Mas é um esforço necessário para quem quer aprofundar a relação espaços e seus usos/usuários. Esse aprofundamento demanda, portanto, uma incursão em experiências de campo, para captura de algumas pistas que possam sugerir melhores compreensões daquilo que tratamos como ambiências.

Mas para ir a campo, é preciso anteriormente criar estratégias de “lentes””. Lentes que ajustem o foco em enfoque. No caso do trabalho em tela, a lente escolhida para se aprofundar sobre o que se passa nas tramas e nos encadeamentos de ambiências foi o estabelecimento de um paralelo com a composição celular.

Nesta perspectiva, a semelhança entre o “funcionamento” das células e das ambiências emerge a fim de fundamentar a analogia aqui em exploração – a das ambiências como organismos pluricelulares, constituídos por bordas urbanas-humanas (membranas) e suas dimensões, dimensões estas que formarão “todos” (campos de conexão que bordejarão uma ambiência matriz) por meio da multiplicidade. A **multiplicidade** não se define por seus elementos separadamente, nem por um centro de compreensão. Ela **se define pelo número de suas dimensões**. Sendo ela, a multiplicidade, o componente das bordas de ambiências pluricelulares, podemos supor que esta não se divide, não perde nem ganha dimensão alguma sem ‘*mudar de Natureza*’, assim como ocorre com as ambiências.¹³

Cada multiplicidade já é composta de termos heterogêneos em simbiose, ou que ela não para de se transformar em outras multiplicidades de enfiada, segundo seus limiares [**e bordas**]. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 33, *grifos nossos*)

Por isso, tomamos a **ambiência como uma atmosfera em movimento** – um evento/”clima” que se inicia em um espaço e em um tempo, e que provoca predisposições e ações, através de sensações e afetações. Elas podem ainda por vezes

¹³ Esta definição será delineada com mais profundidade no próximo capítulo.

se desenvolver (se dilatar, ampliar), por vezes findar ou se transformar em novos agenciamentos, em novas atmosferas. Assim, a ambiência pode incorporar um movimento que a faz crescer, se expandir; em outros arranjos o movimento pode ser de dissipação e ela se esvai. Pode também se transformar num novo movimento de composição, a partir de mutações internas ou de incorporação de novos eventos ou até de desmembramento de um todo em partes, e num movimento de ação mais radical, pode resultar num destronamento. Mas todos esses movimentos permitem deixar traços dessas experiências, traços que poderão agregar elementos identitários, simbólicos, afetivos no **ato de bordejar** – ação de compor bordas.

Para melhor elucidar a analogia sugerida e estes movimentos que acreditamos ser constituintes e transformadores no compor e no experimentar ambiências, faremos uma contextualização em dois exemplos pontuais de experimentações realizadas. A primeira feita em conjunto com membros do LASC¹⁴, na Pedra do Sal – Morro da Providência, Rio de Janeiro. E a segunda feita pela autora nos arredores do Museu Pompidou, em Paris. Ambas foram avaliadas com base em observações incorporadas, ou seja, em linhas gerais, o pesquisador penetra no território em análise e exerce uma prática observacional de tudo o que acontece ao seu redor, capturando informações, imagens (fotos, croquis) e demais elementos de seu interesse.

As diferenças entre as experiências foram que: (i) no experimento da Pedra do Sal, fomos vivenciar e observar uma roda de samba de raiz, evento que acontece em dias determinados da semana, mas que não podem ser tomados como cotidiano (no sentido do conceito no qual a tese se ancora), embora sejam rotineiros neste local. (ii) No caso das observações realizadas em Paris, a experiência de observar a dinâmica do local escolhido aconteceu com algumas repetições, nas quais se obtiveram impressões diferentes do que acontece no cotidiano deste outro local observado.

¹⁴ Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura. PROARQ/UFRJ.

Na experiência da Pedra do Sal, marcada pelo evento da roda de samba, logo em seu início, transmitiu a sensação de que uma **ambiência primária envolvia os acontecimentos ali desencadeados** a partir de uma atmosfera de “ajustes e espera”. A sensação de que algo estava para acontecer, dava o tom da contaminação de sentidos que podemos traduzir como sensação de “espera”, pela observação dos movimentos de “ajustes” e de organizações para que o evento – o samba - pudesse se iniciar. E mesmo não estando tocando o samba, já se sentia uma atmosfera da presença dele, por intermédio das apropriações espaciais e práticas que ali aconteciam – testes de som, ambulantes organizando seus isopores e barracas, barulho do gelo e da cerveja sendo despejado nos recipientes de armazenamento para futura venda, pessoas conversando, sentadas, observando a “arrumação” para o evento, etc.

No momento em que o samba começou a soar, a ambiência (primária) pareceu começar a tomar uma nova roupagem, se transformar numa outra, a partir do **movimento bordejante que se expandia** ao som do cavaquinho, do pandeiro, do surdo e da cuíca. O som propiciava uma ação tal que quem ali atravessasse, era **afetado e envolvido**, independente de suas práticas (se era o vendedor-ambulante de cerveja, se eram moradores, visitantes, passantes, sambistas, etc.). Tudo parecia ser afetado e envolvido pelo **desencadeamento dessa atmosfera** sonora, que também incitava sensações olfativas de cheiros característicos de uma roda de samba de rua – cheiro de urina, cheiro de churrasquinhos, de acarajé (influência historicamente forte da cultura afro-brasileira na Pedra do Sal); sensações lumínicas através da luz amarela baixa, meio penumbrosa, entre outras percepções.

Neste caso, então, **o evento** – roda de samba – **marcou o DNA** desta ambiência-célula primária que teve, desde o início de sua constituição, o impacto de uma esperada ‘atmosfera sonora’ (de samba), a qual mesmo antes de acontecer, já parecia “in-tensionar” e engendrar as práticas que ali se desenvolveram. Assim, ousamos dizer que neste caso o movimento de constituição dessa ambiência foi como o de **uma célula mãe, originária e desencadeadora de**

microdinâmicas, todas interligadas e englobadas pelo evento (nesse contexto um evento programado, previamente estabelecido).



Ambiências experimentadas na Pedra do Sal - RJ. Imagens 09 e 10 | sequências. Primeira sequência de imagens retrata, o movimento de composição e a atmosfera da primeira ambiência analisada (de “espera e ajustes”) e a segunda sequência que retrata as afetações engendradas pela ambiência sonora do samba. **Fonte: Arcevo do LASC | autorias: Ethel Pinheiro, Elza Lira, Bárbara Thomaz e Juliana Guerra.**

Já os experimentos realizados nos arredores do museu Pompidou, em Paris, transmitiram uma ideia de ambiências cotidianas que pareciam ter uma constituição bordejante pelo desencadear de microambiências¹⁵ que ali se desenrolavam – pequenos grupos de pessoas sentadas conversando, casais sentados, passeando, pessoas deitadas, bicicletas “estacionadas”, crianças brincando, pessoas lendo, pessoas prestando atenção às apresentações singelas de artistas de rua, outras pessoas transitando lentamente; todas essas microdinâmicas e ocupações no espaço, além do fato da temperatura, que estava bem agradável (nem quente, nem muito frio), afetavam o território de tal maneira que a sensação predominante que se tinha era de um “clima” convidativo ao repouso, ao descanso, ao lazer em ritmo lento. Dilatando ainda mais essa sensação, é válido dizer aqui que esta ambiência também estava sendo propiciada e igualmente afetando a dinâmica de seu entorno imediato, estamos falando da área externa que dá acesso ao museu e que é ladeada por pequenas lojinhas de artistas locais, de suvenires, pequenas livrarias, bistrôs, feirinha de rua.

O entendimento da constituição da ambiência, neste caso, se deu num movimento diferente da situação demonstrada anteriormente (da roda de samba). Neste caso, as dinâmicas de pequenos acontecimentos pareciam bordejar uma trama, um traçado com base em **movimento de costura de bordas** (umas com as outras). As microambiências pareciam compor por justaposição, e em alguns casos por intersecção, uma ambiência “maior”, um todo englobante. Aqui nesta exemplificação, o **DNA da ambiência-célula é marcado pelas microambiências que a qualifica**. E pelo fato de ser ‘montada’ por elementos que geraram algo em comum, pensou-se na ideia de nomenclatura – **ambiência-célula matriz**, para este caso. Ou seja, a ambiência-célula poderia ser traduzida como uma matriz de sensações e afetações, constituída pelas microambiências que ali se desenvolveram e que ao serem bordejadas **‘sintetizou’ uma impressão** no

¹⁵ **Microambiências** é um conceito que será aprofundado no capítulo II, a seguir. Mas em resumo, significa uma ‘atmosfera’ de menor raio de reverberação instituída por microdinâmicas em espaços urbanos.

e sobre o local como um todo: uma sensação de calma, tranquilidade, desaceleração, prazer do lazer, sossego, repouso, descanso, convidativo à contemplação, à divagação.



Microambiências experimentadas nos arredores do Museu Pompidou - Paris. Outubro de 2013. Imagem 11 | sequência. Pessoas lendo, pessoas sentadas, pessoas observando o que se passa, conversando, deitadas, casais, pequenos grupos, crianças brincando, artistas de rua, pessoas passando lentamente, bicicletas “estacionadas”. **Fonte: acervo pessoal.**

As ambiências parecem, portanto, poder se constituir a partir de diferentes arranjos, vai depender de quais "movimentos/fluxos" e de como apropriações, ocupações e dinâmicas engendram sua constituição, sem esquecer de considerar os demais fatores já citados (fatores climáticos, subjetivos, culturais, etc). Um movimento cotidiano e um movimento previamente programado ou inusitado podem sugerir, deste modo, determinadas "in-tensões" - tensões e intenções corporais e de práticas nos territórios - elementos e fatores que estabelecem conexões e que por isso constituem determinados tipos de ambiências.

É preciso lembrar que há igualmente elementos que não são bordejados, nem bordejantes, nestas dinâmicas de constituição de ambiências. Aqueles que apenas 'atravessam' passageiramente corpos e territórios, mas que não necessariamente os afetam ou são por eles afetados e, portanto, não bordejam, nem formam bordas. Contudo, em alguns momentos e a depender da frequência e intensidade com que esses "atravessamentos passageiros" acontecem, acredita-se que isso poderia adquirir potência e tornar-se um fator de enfraquecimento do organismo composto por várias células (microambiências). Poderia ser assim entendido como potência de quebra na conexão entre as microambiências, fragilizando a ambiência matriz. Ou no caso de uma ambiência mãe, poderia ser tido como vetores que não conseguem ser bordejados e que assim não se aglutinam aos demais, podendo afetá-los negativamente e de alguma maneira também fragilizar a ambiência em questão.

E é por este motivo que se torna possível abarcar as ambiências tanto como organismos de coletivos humanos em meios urbanos, assim como o arranjo contrário também é verdadeiro – organismos de coletivos urbanos em meio humano. Depende do movimento e da ação que fará incorporação do 'sujeito' no 'predicado' desta ação, de se constituir em e se instituir como unidades envoltórias de tantos vetores e multiplicidades.

Podemos então considerar que as ambiências funcionam como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades, em uma dada situação. Elas estão em toda parte, participando do cotidiano das cidades, como acredita Thibaud (2004), elas corporificam o imaginário particular do praticante contemporâneo. (PINHEIRO, 2010)

Afirmamos, então, que elas, as ambiências, encerram estímulos sensoriais, os quais envolvem o indivíduo, e participam da construção de sua experiência no espaço. (PINHEIRO, 2010). Podem ser consideradas, simultaneamente, meio e reflexo, no sentido de tradução do que acontece acerca de um determinado momento, pelos quais os indivíduos exploram e expressam relações – interespaciais, interpessoais, socioculturais, subjetivas – estabelecendo, de tal modo, uma prática recíproca com o Outro; prática esta que carrega e, ao mesmo tempo, se reveste de atitudes do afetar-se, a partir de possíveis impressões “urbanas-humanas”.

Deste modo, entende-se que as diferentes afetações são a base para a (re)criação de subjetividades. Conforme ressalta Thibaud (2004), o fato de uma ambiência ser considerada agradável ou não, reside na sua capacidade de ser reconhecida, estando esta capacidade associada à relevância que a dimensão afetivo-cognitiva apresenta. Ainda inspirada pelo autor em tela, podemos dizer que uma ação de compor bordas em espaços urbanos, pode derivar de um investimento corporal indissociável de seu poder de orientação e de expressão.

Com base em tudo que foi exposto, como podemos pensar sobre as transformações da cidade contemporânea a partir de suas ambiências? Uma estrutura de percepções e significações por meio da qual o homem dá forma às suas experiências no tempo e no espaço (coletivo) e cujo fundamento se encontra vinculado ao afetar-se.

A guisa de uma conclusão, surgem outras indagações: se os *afectos* circulam e transformam-se no seio do agenciamento: o que “pode” o bordejar? E as ambiências? Existem franjas entre ambiências contíguas? Seriam estas franjas um ‘limbo’ sempre aberto a novas e diferentes afetações e apropriações/ocupações? Compósito de múltiplos territórios rizomáticos cheios de agenciamentos e linhas de fuga des-re-territorializantes? Um novo bordejar carrega traços (de borda e dimensões) da ambiência anterior ou contradiz por completo suas sensorialidades e percepções para se constituir como nova ambiência, nova possibilidade de afetação?

Sendo assim, é com referência nos preceitos discorridos, que defendemos a crença na qual compreender as ambiências seria enfim, definir o que significa a atmosfera de uma cidade e apontar os fatores que a causam. Neste sentido, a observação das práticas cotidianas mostra-se uma rica fonte de informação para o aprofundamento do estudo das ambiências, revelando que são elas, as ambiências, que configuram um lugar, e que são capazes de transformar um mesmo suporte espacial em diferentes lugares. Pela variação das formas de apropriação e de afetação, as ambiências tornam-se matizes de configurações de numerosos e variados espaços físicos (DUARTE et al., 2007).

Apreendem-se **refluxos** . (re)monta **rastros** . relatar **geografias** .
emenda **bordas** . descer **fugas** . (in)filtrar **ligações** . abrir **idades** .
ver **movimentos** . perceber **deslocamentos** . cheirar **afetações** .
sentir **instintos** . perder **entulhos** . medir **contágios** . emergem
travessias . enxergar **multiplicidades** . escapam **símbolos** . narram-
se **passos** . celebrar **afetos** . (re)conhece **sons** . absorver **traços** .
perder **percursos** . costura **contrafluxos** . deixar **opacidades** . criam-
se **Outros** . permear **colagens** . (ins)pira **o ordinário** . medir **nÓS**.

(Adriana Alves, 2015)

Capítulo II

Por/entre fluxos e bordas: sobre a permeabilidade seletiva

Capítulo II

Por/entre fluxos e bordas: sobre a permeabilidade seletiva

No capítulo presente, trataremos com maior profundidade as categorias – bordas, fluxos e bordejar – de certa maneira, já delineadas até o momento, mas que por serem as categorias de análises (lentes e foco) da pesquisa, merecem maiores aprofundamentos.

A ideia de borda pode ser comumente entendida através da noção de limite, de fronteira. Contudo, é um vocábulo que também comporta em seu entendimento, paradoxalmente, as ideias de passagem, de limiar. Neste sentido, pensar e falar sobre bordas pode abarcar significados relativos tanto à precisão, quanto à indeterminação - um rigor concreto *versus* uma ideia aparentemente vaga, imprecisa, sem delimitação.

No entanto, é possível estabelecer uma relação com a noção de borda sem pretender essa rígida oposição entre as características passíveis a denotações tão diferentes. Assim, para aproximarmos aspectos inicialmente tão dissociáveis como são os limites e os limiares, as fronteiras e as passagens, evocamos e nos apropriamos da relação explorada por Calvino¹⁶ em seu livro - *Seis propostas para o próximo milênio* – quando o autor utiliza a relação (ou melhor dizendo, a

¹⁶ Sublinhamos que a literatura de Calvino (assim como os supra mencionados Deleuze e Guattari) em muito contribuiu para o desencadeamento do pensamento que fundamentou as ideias das categorias em questão; bem como, será utilizada, mais adiante, em epígrafes ao longo de passos metodológicos como elementos de uma costura – que bordejam os conteúdos e as discussões postas, na medida em que são bordejados (e bordejantes).

tensão) criada e associada à imagem do cristal e da chama; para falar sobre a ideia de exatidão (também uma ideia de limite, de medida).

O cristal representativo de uma limpidez precisa e pela capacidade de refratar luz o que pode ser associado a uma ideia de invariância e regularidade de estruturas; e a chama, por sua vez, traz a imagem de uma constância flamejante que é na verdade uma incessante agitação interior. Então temos cristal e chama – solidez e geometria de um lado (como uma borda-fronteira, borda-limite), e fluidez e efemeridade/agitação do outro (como uma borda-passagem, borda-limiar). Mas não esqueçamos que é a chama que ajuda a cristalizar e que o cristal é também frágil e sensível. E é neste elo que buscaremos alicerçar a ideia de borda aqui aludida. Certamente a essência da chama - de uma figura tecida, tramada – prevalece e caracteriza a categoria de borda em utilização neste trabalho, contudo lembremos que esta borda tem porosidades, pois é membrana e, portanto, admite uma permeabilidade que é seletiva, e isto de alguma maneira nos aproxima da imagem do cristal.

Sendo assim, aventuramos dizer que o bordejar – movimento de composição de bordas – é uma costura, um trançado que com fluidez, ou seja, por intermédio de fluxos e afetações, seleciona e alinha microdinâmicas, de maneira a constituir e continuar, numa ação de fortalecimento ou fragilização, o potencial das ambiências em territórios urbanos. Trataremos, assim, estas questões item a item.

2.1 Microambiências: uma mudança de escala

A intenção inicial desta pesquisa era entender o movimento de constituição (e finitude) de ambiências urbanas. Para tanto e como já dito, pensou-se nas analogias possíveis de serem traçadas entre dinâmicas urbanas e dinâmicas de constituições celulares. Deste modo, as ambiências seriam entendidas como células, composta por membranas (bordas) porosas que assim como as células biológicas, realizam processos de permeabilidade seletiva para sua manutenção.

Entretanto, com o aprofundamento do desenvolvimento das categorias de análises, das analogias traçadas e de algumas observações em campo, uma mudança de escala pareceu ser fundamental. Um olhar sobre micro dinâmicas, propiciadoras de microambiências, pareceu ser uma melhor alternativa para descortinar o entendimento almejado sobre as ambiências. Um ajuste de lente, para uma análise que seguirá, deste modo, em zoom menor. Uma micro análise para enfim se chegar à compreensão na escala inicialmente pretendida.

Entenderemos como microambiências as pequenas porções de dinâmicas nos espaços urbanos, marcadas por ‘eventos’ que parecem ter, isoladamente, um menor raio de ‘reverberação’, de ressonância, mas que quando bordejadas, isto é, quando apresentam uma tendência a entrelaçamentos ou justaposições, contribuem para a constituição da ‘atmosfera’ operante numa ambiência que, nessa escala de análise, assume a posição de organismos pluricelulares – com múltiplas porções de células (microambiências) envolvidas.

Num bordejar sobre os eventos cotidianos de territórios urbanos e suas dinâmicas, a escala da microambiência possibilita precisar melhor a ideia de constituição das ambiências como uma unidade (um todo); além de promover uma avaliação sobre a possível manutenção de ambiências urbanas cotidianas importantes, as quais se ‘instalam’ e qualificam espaços

da cidade. As microambiências incitam, portanto, a criação de costuras, linhas de conexão (“vetores de reciprocidades”) nos e por/entre os meios urbanos.

Assim, a metáfora da chama e do cristal mais uma vez realça a noção de microambiências como células componentes de organismos; ou seja, a característica da chama – fluidez e agitação que expande a crista do fogo flamejante - seria então entendida como a capacidade que essas microambiências despontam na ação de compor bordas, quando as dinâmicas envolvidas dialogam e reforçam de alguma maneira um caráter ‘atmosférico’ que pelo bordejar é cristalizado, adotando aqui, entretanto, a ideia de um cristal que apesar de assumir uma ‘geometria’, uma forma, é sensível e frágil, logo, passível a flexibilizações e a quebras a depender da força e da potência que nele e sobre ele atuam, força esta da ordem da afetação.

Sintetizando, as microambiências podem ser compreendidas por grupos de pessoas que compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento, uma mesma atividade num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar essas práticas sociais que se constituem em bordas de menor reverberação. Elas podem auxiliar na constituição de atmosferas de maior raio - afetar e serem afetados por elas. Podem igualmente ser integrantes de uma ambiência geral, englobante, que qualifica toda uma área urbana. Seriam porções menores, que ajudam a reforçar a borda de um “todo”, e que por vezes o compõe, quando há tendência a um bordejamento (intersecções, diálogos entre estas micro dinâmicas), assim como podem descaracterizá-lo (o todo), não reforçar suas bordas, mas somente expressar limites e fronteiras num determinado espaço (ou entre espaços), e que justamente por isto, não reforça a manutenção de uma ambiência/atmosfera.

Nesta perspectiva, a compreensão na escala das microambiências (e micro dinâmicas) requer enveredar um pouco em compreensões das noções de apropriação e de ocupação, além do entendimento sobre o ‘deslocar-se’, com suas nuances de velocidades e repousos. Estas definições serão aqui traçadas especialmente para o debate sobre as

microambiências, e foram decorrentes de análises observacionais acerca das dinâmicas nos territórios elementos deste estudo. Posto isso, entenderemos as formas de ocupação e as formas de apropriação como geradoras de “zonas de (re)pouso” e as formas de deslocamentos como geradoras de “zonas de passagem”.

A apropriação estaria associada à ação de apossar-se de algo, ou por vezes, apoderar-se, remontando desta maneira seu impacto no território. Seria uma ação e, por consequência, uma *rel-ação* de afetação no/do espaço de forma ancorada, mais intensa. Do latim “a” que significa “para” e “*proprius*” que significa privado (de si mesmo), a ação sugere então uma ideia de ser/estar no espaço de maneira “impregnante” através da prática de sua “posse”, de um “apoderamento”.

Como exemplos de apropriação no meio urbano, no sentido colocado, podemos citar a utilização frequente de mesas de bares e cafés em calçadas ou de pontos da cidade marcados por ambulantes que cotidianamente ali se instalam. Esses exemplos, resignificam franjas entre público e privado no ambiente urbano, transmitem a ideia de posse ou praticam poder sobre o espaço de tal maneira que agenciam territórios e afetam os agenciamentos maquínico dos corpos que por ali passam (“posseiros” *versus* os que pelas calçadas tentam trafegar, por exemplo). Esta apropriação pode ser sentida tanto como algo positivo, devido à potência de interação, contágio e ressonância da atmosfera que se instaura, mas por outro lado, pode ser sentida como obstáculos para quem tem a intenção de por ali transitar. De qualquer forma, afeta o espaço e suas dinâmicas pelo intermédio da “posse” e por isso marcam os territórios com certa intensidade. Duarte¹⁷ (1993) já havia apontado que há formas de apropriações em territórios urbanos desencadeadas inclusive por meio de sensações. É válido salientar a crença de que tipos de apropriações frequentes em um mesmo território urbano podem constituir dinâmicas e ambiências cotidianas de importante manutenção na caracterização de lugares na cidade.

¹⁷ Ao estudar dinâmicas sociais e intervenções públicas na produção de espaços da favela, Duarte exemplifica essa questão citando o caso de uma moradora que evitava a instalação de cadeiras de vizinhos na sua calçada com o artifício de aumentar o som de seu rádio de pilhas, ou seja, uma marcação do espaço pelo incômodo proposital causado pelo som.



Exemplos de apropriação nos espaços urbanos. | Imagens 12 e 13. Apropriações em calçadas na Rua Augusta – SP. **Imagens 14 e 15.** Apropriações em calçadas e ruas Grenoble e Paris. **Fonte: acervo pessoal.**

A ocupação, por sua vez, estaria associada a uma ação e prática mais efêmera, que no território se instala provisoriamente. Então, os verbos destas ações aqui seriam: exercer, desempenhar e instalar. Exercer e instalar forças de afetação, mas com caráter momentâneo (o momentâneo vai depender sempre dos parâmetros de recortes temporais adotados). Relacionada a ações da ordem do transitório, do fugidio. Apesar de ter essa característica mais transitória, as ocupações nos espaços urbanos podem igualmente gerar impregnação e ressonância e, podem assim, se constituir em um primeiro passo para uma apropriação. Ocupações normalmente são indicativos de algo, neste caso de atividades propícias e propiciadas por determinados espaços da cidade.

Como exemplos de ocupações nos espaços urbanos, podemos citar: pessoas que se utilizam de mobiliários públicos, bicicletas estacionadas em calçadas, que fazem protestos na rua, etc.



Exemplos de ocupação nos espaços urbanos. Imagem 16. Pessoa descansando num banco de praça pública- Grenoble. | **Imagem 17.** Grupo em fila de espera ocupando calçada - SP. **Imagem 18.** Representante evangélico discursando no centro, praça da Sé. **Fonte: acervo pessoal.**

É válido salientar que há nuances nas formas de apropriação e ocupação e que elas são maneiras com as quais afetamos os espaços, bem como são respostas ao fato de termos sido afetados por ele. Os deslocamentos e as passagens (caminhadas e percursos) pelos lugares, também se enquadram, nessa lógica, como uma forma de *apropriar-se* ou ocupar; já que todos os corpos ocupam um lugar no espaço e por isso constantemente “especializam” alguma coordenada geográfica. Concluímos, desta maneira, a relevância de uma mudança de escala no aprofundamento do estudo das ambiências e no desencadear do estudo de bordas que no trabalho de tese é sustentado.

2.2 Bordas e Microvilosidades | semelhanças com as células

As ambiências, assim como as células, são unidades funcionais e estruturais dos tecidos de organismos - que em semelhança ao meio urbano necessitam do intercâmbio de substâncias para existir. Compostas por núcleo [centro] e bordas [invólucros], sendo as bordas os componentes e elementos-chave, mediadores e permissivos de trocas. Torna-se, portanto, de extrema importância se ater a elas como fonte de informação em potencial para a compreensão das apropriações, ocupações e afetações humanas-urbanas.

Deste modo, pensar em borda (e em bordejar) não significa pensar em limite, nem contorno, nem beira; mas sim em limiar, 'soleira', beirada, (início, meio e fim), reentrância (rizomática), enfiada de fluxos. Borda não é o que circunscreve, delimita, acabamento enquanto parte final. É na verdade acabamento como aquilo que envolve e abraça (ou repele), torna parte e também seleciona as partes, faz porção sem fronteiras. Não é casca, mas sim membrana, é poro nunca contorno. Não envolve para proteger, mas sim para envolver, congregar. É a tangente de forças centrípetas - centrífugas. É "*além do que se vê*".

É circulação de afectos, uma corrente alternativa, que tumultua **[momentaneamente]** projetos significantes, tanto quanto os sentimentos subjetivos. É zona de contágio, de proliferação, de contaminação, viral. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.12/ 55)

No contexto que segue, a borda enquanto invólucro membranoso apresenta também microvilosidades. As microvilosidades são expansões frequentemente digitiformes ("expansões em dedos, ganchos") das membranas (bordas). Entendemos como a característica fluída, expansiva e elástica da borda. São flagelos que buscam aumentar

sua superfície de absorção e a eficiência de suas interações com a superfície luminal e/ou com o tecido urbano. As microvilosidades ao ampliarem a superfície da borda, aumentam sua eficiência para as trocas com o meio extracelular.

Portanto, quanto mais potentes forem os microvilosidades, responsáveis pelo movimento de distensão das bordas, maior é a probabilidade de contato entre receptores da membrana com os elementos da cavidade celular, isto é, maior é o potencial de ressonância e espraiamento daquilo que ocorre em (micro)ambiências.

Acredita-se, dessa maneira, que o ato de bordejar (compor bordas) acontece a partir do momento em que estas microvilosidades se revelam – se desenvolvem e dilatam bordas. Assim, algo que antes era apenas um limite, uma barreira ou uma abertura, um elemento, equipamento ou até um vazio; por meio das dimensões intrínsecas às afetações, torna-se uma ‘entidade’, inicia uma ‘costura’, um ‘bordado’ entre os elementos que fazem parte do processo de afetação em questão, quer sejam eles elementos físicos (do espaço), quer sejam condicionantes específicas de um momento (clima, vento, sons, cheiros, etc.), quer sejam elementos inerentes ao humano (da ordem do sensível, do afetivo, do simbólico, etc.).

Então, eis que tudo se passa na superfície, em um cristal que se desenvolve a não ser pelas bordas. As membranas (bordas) carregam as potências (de afetações e espraiamentos) e regeneram as polaridades. Elas põem precisamente em contato o espaço exterior independente da distância (através de suas microvilosidades). “*O interior e o exterior, o profundo e o alto, não têm valor biológico a não ser por esta superfície topológica de contato. É, pois, até mesmo biologicamente, é preciso compreender que o mais profundo é a pele.*” (DELEUZE, 1998, p.106)

A ideia é mesmo então da borda como uma soleira, como zona de contágio e de transição - onde atuam forças centrípetas e centrífugas consideradas uma zona de indefinição que estabelece dimensões e in-tensões de contágio (ou não) – de afetações (entre as microambiências).

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.33)

Nem sempre as fronteiras/barreiras físicas e os acontecimentos no espaço determinam as franjas das ambiências, esboçam seus limites. Todavia as bordas e o movimento de compô-las – a compreensão do bordejar – implica a compreensão da constituição das ambiências, bem como a transformação das experiências de multiplicidades de afetações.

2.2.1 Membranas, espraiamentos (citoplasmáticos) e DNAs urbanos

Na discussão que segue, sobre as ambiências enquanto células urbanas-humanas, subsidiamos a proposta de um ‘saber ser cidade’, tomando-a (cidade) como um organismo vivo com células-ambiências que representam unidades estruturais e funcionais deste.

Assim, no entendimento do campo biológico, as funções vitais de um organismo ocorrem dentro de células, e todas elas contêm informação genética necessária para funções de seu regulamento e para transmitir a informação para a geração

seguinte de novas células. Fazendo associação deste mecanismo celular com as ambiências, ousamos afirmar que as funções vitais da cidade ocorrem nas ambiências, sobretudo, no desencadear do bordejar (formação de bordas e dimensões).

As células são, portanto, envolvidas por uma membrana, assim como as ambiências pelas bordas. No espaço intracelular, conhecido como citoplasma, as células são preenchidas com uma solução aquosa concentrada de substâncias químicas e físicas, onde se encontram dispersas *organelas* que desempenham diferentes papéis na vida celular. A semelhança de um espraio citoplasmático com o ‘corpo’ que mantém a consistência e a forma das (micro)ambiências, onde se armazenam as ‘substâncias-organelas’ indispensáveis à vida da cidade, também se evidencia no contexto da metáfora aqui desenvolvida.

O espraio do bordejar é, deste modo, onde/quando (espaço-tempo) acontecem as reações metabólicas vitais (afetações) para a constituição de ambiências e as substâncias-organelas são as formas de apropriação e ocupação que determinam as dinâmicas (intracelulares).

Já o componente central e caracterizador das células-ambiências - o núcleo (que vem do grego *nux* – semente) corresponde àquilo que contém o ‘espírito’ (a força, a energia) que produz corpo através do evento (no caso do estudo em tela, o evento será o cotidiano, e algumas vezes vetores de linhas de fuga do inesperado). Assim, todas as células são provenientes de células preexistentes. Contudo, cada célula é única, assim como as ambiências, não se repetem. Contém um DNA, que é o centro de controle das atividades celulares, como também é arquivo de “informações hereditárias”, ou seja, é aquilo que permite uma operação de manutenção de identidade nos territórios e também de uma memória urbana.

Posto que as ambiências são caracterizadas por acontecimentos do bordejar, é admissível traçar a comparação entre o DNA de uma célula (contido num núcleo) com o ‘evento’ (elemento desencadeador) da constituição das ambiências e da composição de bordas. O DNA da ambiência seria, então, aquilo que faz revelar as bordas e suas dimensões, assim como também é aquilo que ratifica sua ‘identidade’, um tipo de “devir ambiência”. Pode ser considerado, nesse sentido, aspecto afetivo daquilo que desperta e convida ao compartilhamento da atmosfera do lugar, convida a compor bordas.

Compor bordas é, deste modo, um processo de estabelecer referências, implodir e expelir uma infinidade de *afectos* e *perceptos*. Pode em alguns momentos arborizar elementos da multiplicidade em rizoma para criar orientações, arranjar/combina territórios. Com isso, a hipótese desse trabalho se revelou na ideia de que as ambiências se constituem e se transformam, possuem núcleo e interagem com outras ambiências contíguas.

Bordejar é, logo, algo que se relaciona com o anômalo, com a multiplicidade, no sentido de algo que compreende sua definição não pelos elementos componentes em extensão, nem pelas características que compõem em compreensão, mas pelas linhas e dimensões que o coloca em ação e o comporta em “*in-tensão*”. A “*(in)tensão / intenção*” é atitude fundamental que o sujeito assume quando pretende compartilhar, trocar e, por consequência, gerar ambiências compartilhadas a partir das afetações “*in - tensionadas*”.

Se você muda suas dimensões, se você acrescenta ou corta algumas, você muda de multiplicidade (...) donde a existência de uma borda de acordo com cada multiplicidade, não é absolutamente um centro, mas é a linha que envolve ou é a extrema dimensão em função da qual pode-se contar as outras (...) (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 27)

As multiplicidades não param de se transformar umas nas outras, de passar umas pelas outras. As multiplicidades definem-se e transformam-se pelas bordas, e tudo isto acontece a partir da seleção de “critérios” que em cada ambiência constituída, se conformarão em consonância com estas. Podemos, enfim, concordar com a afirmação de Deleuze (1997, p.34), quando ele expõe que “*cada multiplicidade é simbiótica*”, isto é, depende das “in-tensões” do momento, do arranjo das bordas e das suas permeabilidades: temporal – espacial – cultural - emocional – subjetiva. Portanto, as bordas das células urbanas-humanas a serem estudadas podem ser avaliadas sob vários platôs, destacando-se aqui: (i) as bordas que possibilitem uma compreensão da dimensão social e físico-espacial destas e, (ii) as bordas associadas aos fenômenos do campo da subjetividade: da dimensão emocional – afetiva – sensível.

A borda, por ora em definição, começa a existir mediante trocas entre os elementos citados, no momento em que aflora dimensões, em que se efetiva e se sustenta pelas características que as tais dimensões vão lhe proporcionar. Por isso o bordejar como um processo (como ação) de composição e decomposição de ambiências é um evento único, assim como as ambiências, não se repete na íntegra, mas pode admitir afinidades quando as bordas se compõem por dimensões de ordens semelhantes em eventos diversos.

Um plano transcendente que organiza e desenvolve formas (gêneros, temas, motivos), que consigna e faz evoluir **[lugares]** e sujeitos (personagens, temperamentos, motivos). Retém entre partículas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, de afectos flutuantes (...) (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 56, *grifos nossos*).

É por esta abertura que as formas cotidianas de apropriar-se, de ocupar espaços da cidade ou até do deslocar-se, serão perseguidas na perspectiva por desvendar DNAs de (micro)ambiências do dia-a-dia da cidade (o cotidiano tomado como

evento). E a categoria de borda poderá nortear, ainda, a problematização sobre a produção de diferenças na cidade (em alguns casos, diferença pode adquirir o tom de desigualdades), já que é campo de forças onde acontecem ou não contágios e que assume assim a característica de uma zona de tensões e intenções.

Diante do exposto, o objetivo do trabalho perpassa pela pretensão de fazer uma cartografia de bordas, bem como medir as influências e porosidades entre bordas, por meio da distinção de suas dimensões e dos seus graus de permeabilidade seletiva, que abordaremos logo a seguir. Vale sublinhar que igualmente relevante é o ‘centro’ de uma ambiência-célula, sendo este considerado a fonte dos estímulos sensitivos. Neste sentido, abrimos mais uma lacuna com a pergunta: é possível abandonar a ambiência ao se afastar desse centro? Entraríamos, assim, em ‘novos’/outros fluxos?

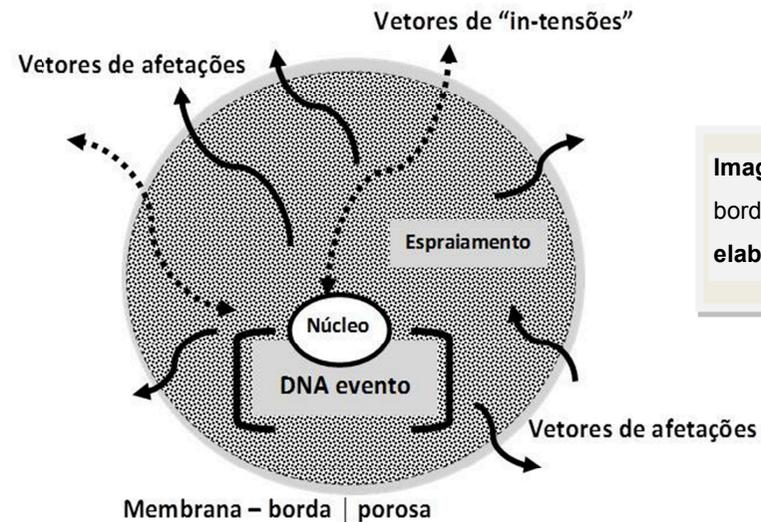


Imagem 19. Bordejar – bordas e fluxos. | **Fonte:** elaborado pela autora.

{ Afetações [apropriações | ocupações (evento)] Bordas }

2.3 Permeabilidade seletiva: agenciamento de [contra] Fluxos

[REfluxos]

A capacidade que a célula tem de manter sua composição química diferente da composição do meio externo, selecionando o que vai entrar e o que vai sair, é chamada de permeabilidade seletiva. Permeabilidade, porque permite a passagem e seletiva, porque escolhe as substâncias que entrarão ou sairão. Para que uma substância passe através de uma membrana é necessário que exista uma via de passagem para essa substância. Se existir essa via de passagem, a membrana é permeável àquela dada substância. A substância é dita, portanto, permeante. Enfim, a membrana permite que a célula mantenha equilibrado o seu meio interno independentemente das condições do meio extracelular, por meio da permeabilidade seletiva.

Assim como as células, as ambiências ao se constituírem também passam por este processo de selecionar elementos no “bordejamento”. A permeabilidade permite a troca das *in-tensões* por uma fibra de enfiada de bordas porosas (microvilosidades). As microvilosidades aumentam o potencial de permeabilidade que faz com que as multiplicidades da vida urbana se encarnem num existente, por meio do bordejar (das bordas).

A permeabilidade bordeja cada multiplicidade, uma vez que não se pode dizer de antemão se duas bordas irão enfileirar-se ou fazer fibra, se uma multiplicidade passará ou não a outra (se bordejará), ou se elementos heterogêneos entrarão em simbiose, farão uma multiplicidade consistente, apta à transformação.

Dessa tal maneira, é evidente que as microvilosidades ao distenderem bordas favorecem permeabilidades, exercem função determinante no estabelecimento das trocas – sociais - emocionais – afetivas e de conhecimentos espaciais com as ambiências (com)partilhadas.

As relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas relações mútuas como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam. (SENNETT, 1988)

Todavia, em alguns momentos haverá vetores que atravessaram as células de (micro)ambiências, fazendo com que elas se desestabilizem ou se enfraqueçam. Neste momento, podemos afirmar que as bordas adquirem uma natureza mais do cristal que da chama (como é por essência), pois ela tende a cristalizar. Nestes casos, segmentações nos territórios, param de aglutinar e congregar elementos no bordejar – mesmo que isso aconteça em fluxo momentâneo. Algo semelhante também acontece com a célula biológica e este processo é denominado *fagocitose*, uma espécie de proteção aos ataques de infecções, de elementos danosos para o equilíbrio da célula e do organismo.

Todas estas dinâmicas do bordejar, retratadas na tese evocando a metáfora da célula, necessariamente envolvem a noção de fluxo. Da natureza da fruição e do fluir, os fluxos colocam as ações nos espaços em consonância com determinados vetores / agenciamentos de tensões e intenções, de ritmos, de travessias (urbanas, humanas, simbólicas, afetivas, sociais, culturais, etc.). Insinuem ainda algo sobre a natureza das apropriações e ocupações espaciais e das dinâmicas urbanas.

Fruir e fluir podem também ser encarados muitas vezes como ideias desconectadas. Fluir vem de fluído, liquidez, escorrer, respingar, transbordar, vazar, inundar. Associamos à mobilidade e a alguma constância. Fluxos de agenciamentos e devires, sofrendo interferências das conformações dos territórios e das linhas de fuga des-territorializantes. Da ordem do movimento, portanto.

Fruir já é algo da ação e do efeito do usufruto, estar na posse de, tirar proveito de uma situação e perceber os frutos que ela acarreta. Apreciar com atenção. Como evidenciado no dicionário de filosofia, quando em comparação dos significados de *uso* e de *fruição*, coloca: “*do bem que desejamos por si mesmo não fazemos uso, visto que o uso é uma das coisas que servem como de meios, instrumentos, mas a fruitio é como o fim (a finalidade) da coisa proposta*” (ABBAGNANO, 1998, p.472).

Fluxo é deste modo algo que requer movimento - um movimento fluído, líquido - e é também um demandador, ou melhor dizendo, um vetor¹⁸ de atenção (de *faire attention*), de afetação, ou seja, é fruição (para se tirar proveito de alguma coisa ou situação é preciso estar atento e é preciso afetar-se).

Bordejar em fluxo significa, portanto, algo relacionado ao fato de intencionarmos nosso corpo, colocando-o em ações, velocidades – vetores, que se apresentem hierarquicamente característicos ao de um cotidiano urbano e humano; assim como também se apresenta como um fenômeno que implica em afetações, imaginações de sentidos e até mesmo de intelecto, pois não é um fenômeno de ordem apenas sensível, é também de ordem intelectual, caracterizando as ações humanas no urbano como atos cognitivos complexos.

Em assim sendo, não podemos deixar de pensar com o mesmo enfoque sobre os ‘contra-fluxos’, ações que por algum motivo fogem ao ‘curso hierárquico/natural’ desta dinâmica cotidiana urbana. São correntes de ações numa contramão, que possivelmente indicarão fragilidades (quando há de fato quebras nas dinâmicas), mas que também podem apontar

¹⁸ Gostaríamos de relembrar aqui que vetor é um ‘ente’ matemático definido por um segmento de reta (linha de agenciamentos) que se compõe por intensidade e orientação, a partir do estabelecimento de direção e sentido. Sendo o fluxo vetores de movimento e de atenção/afetação, é preciso salientar que isso passa por compreensões de intensidade, direção e sentido.

para uma riqueza de possibilidades de reconhecimento e afetação do Outro, justamente por estar em contra-fluxo com os demais elementos hierarquicamente ‘cotidianos / naturais’, se assim podemos colocar.

Entre fluxos e contra-fluxos, pode haver igualmente “re-fluxos”, vetores que tentam retomar uma direção e um sentido de momento anterior, passado, mas que como admitem a natureza do fruir, demandam novas atenções, novos olhares sobre algo já conhecido. Os refluxos, nesta perspectiva, são vetores muito ricos, mudam a natureza de dimensões e, portanto, mudam a natureza das multiplicidades.

Então, pensar em microambiências sobre o enfoque dos fluxos urbanos e das bordas, com base no entendimento dos movimentos (deslocamentos) e apropriações no urbano, é realmente pensar na cidade como o compósito de células que ora se combinam, se fundem; ora se repelem, se enfraquecem.

Estas categorias parecem permitir avaliar como as ambiências podem “crescer” – quais os tipos de atividades, eventos ou movimentos de microcélulas (microambiências) fazem com que determinados organismos urbanos cresçam, fazem com que ambiências se tornem mais fortes. Alinhando todas as questões aqui postas, defendemos que o bordejar é, portanto, uma ação de Legião, de coletivos (urbanos e humanos) - corpos em (contra) fluxos que quando se encontram¹⁹ acionam as palavras-chave que o fundamentam: (i) **contágio**; (ii) **multiplicidade** (iii) **permeabilidade**; (iv) **tessitura [trama]**; (v) **cotidiano**.

¹⁹ O entendimento de encontro aqui dá relevo a duas ideias: a ideia de ‘*ao encontro*’ – aquilo que é agradavelmente achado, confluyente, a favor; mas também assume a conotação ‘*de encontro*’, oposição, contra, colisão, *struggle*, embate. Todos estes entendimentos são cabíveis quando se trata de dinâmicas urbanas.

Para que estes elementos caracterizantes do bordejar sejam propiciados é preciso colocar em ação algumas operações. Cinco operações²⁰ que conseqüentemente são relativas a cada uma das categorias citadas: (i) **ressonância** (que acontece por intermédio de vetores: de tensão, de intenção, de afetação, de reciprocidades, de fluxos, etc); (ii) **impregnação** (ou **espraiamento**); (iii) **coalescência** (se consolida na borda, na membrana); (iv) **costura (bordado**, que se realiza por/entre bordas) e, quando a ideia é bordejar cotidiano de atmosferas em lugares da cidade, temos a possibilidade de uma quinta operação (v) **manutenção**. São as potências dessas operações que vão influir no grau de permeabilidade (seletiva) que as células (microambiências) operam em seu raio de abrangência – suas franjas – suas bordas.

Simplificando em um esquema seria algo desta natureza:

20 Encontramos nos estudos de Thibaud sobre ambiências, a contribuição para a compreensão de suas constituições e composições, quando ele salienta que as noções de ressonância, coalescência e impregnação operam na composição de “territórios urbanos com tons afetivos”. Para completar estas operações traçadas pelo autor e combinarmos com os elementos por nós evidenciados, acrescentamos com as bordas a operação de costura. Bordado este que ajuda na última operação por Thibaud sugerida – a da manutenção, que pelo nosso entendimento só é possível através da ação cotidiana.

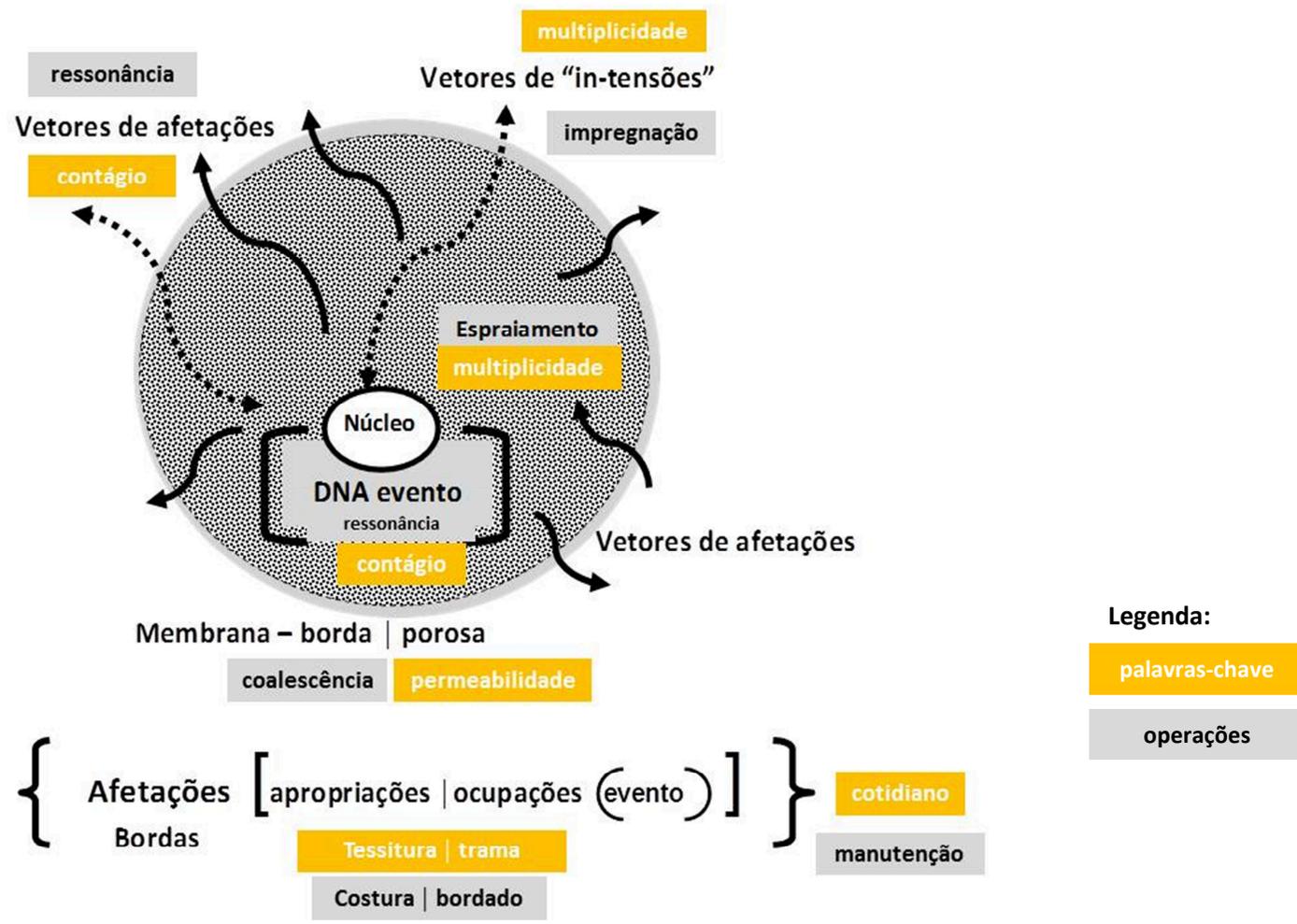


Imagem 20. Elementos e operações. Bordejar. Fonte: elaborado pela autora.

Numa dobra de final capítulo, mais indagações são insinuadas: como as células urbanas-humanas poderiam nos auxiliar a ver e compreender a cidade? Elas permitem entender a cidade em suas múltiplas dimensões? Constituem a cidade? Seria a cidade composta por células? A cidade é um corpo de células e para decifrá-la se faz necessário conhecer seus limiares, suas bordas? Penetrá-las?

É na borda que ocorre a tensão chama-cristal? É lá que a tensão se evidencia e a permeabilidade opera? Estes foram alguns dos questionamentos que se buscou explorar em experiências urbanas realizadas com base em um instrumental de passos metodológicos criados (o qual veremos no capítulo a seguir) de maneira a tentar atender aos objetivos e a questões (pro)postas. É preciso, portanto, enxergar as rugas das cidades, descortinar a esfera das suas relações sociais.

Passos . aproximam odores, sons, falas e formas (...) rastros e caminhos . **narram territórios, movimentos, fluxos e sensações (...)**
Deslocamentos criam relações, redes, ligações (...) travessias inventam **percursos, costura o cotidiano do urbano**. Enxergar, escutar, sentir, cheirar, contemplar, revelam **o humano**. Emergem **idades**. (Thiago Soares, 2015)

Capítulo III

Ser Urbano – um método-convite à prática recíproca

Capítulo III

Ser urbano – um método-convite à prática recíproca

Método é, em linhas gerais, *modus* de obtenção do conhecimento, caminho ou via para realização de algo. Convite designa um meio pelo qual se faz um gesto de chamamento, uma solicitação, uma invocação /convocação (de estímulo, de pessoas). A união desses dois elementos - método e convite - pode aludir a intenção de obtenção do conhecimento por invocação de estímulos. No caso da pesquisa aqui desenvolvida, encontramos no arranjo método-convite um ‘caminho’ para a realização do encontro com as bordas e do bordejar na vida cotidiana da cidade, aqui mais precisamente, para efeitos de demonstração do método e embasamento das discussões postas, a cidade de São Paulo.

Um convite à prática urbana, portanto, entremeado de invocações de estímulos e permeado por experimentações em territórios da cidade, foi a maneira com a qual complementamos nosso *modus operandi* de fazer ciência. Como nos rememorou Lefebvre: “*a cidade vivida cotidianamente não é linguagem, mas uma prática*” (apud VELLOSO, 2010). É por isso que o espaço urbano nesta abordagem não se define somente como objeto de pesquisa, nem é tão somente instrumento desta. Ele é na verdade as duas coisas. Um método que nos permita “iluminação recíproca” entre objeto de estudo e arsenal de informações, que mediante um convite, se apresenta como dispositivo a disparar narrativas acerca de um espaço em experimento, de bordas e de bordejamento. Desse ponto de vista, vigorou a necessidade de se trabalhar a tese de maneira sincrônica, tendo como objeto teórico e instrumental – as bordas e o bordejar; a fim de permitir atender às necessidades intelectuais despertadas.

A diferença metodológica entre *dispars* e *compars*, discutida por Deleuze e Guattari (1995), também corrobora para a compreensão dos (en)caminhamentos metodológicos. Segundos os autores, existe uma diferença entre perseguir metodologicamente resultados dessas naturezas. *Compars* busca extrair leis constantes de variáveis, para construir um modelo – compara e generaliza (modelo de conhecimento que opera como decalque); enquanto que *dispars* propõe-se a colocar as variáveis em estado de constante mutação, buscando singularidades na matéria ao invés da constituição de uma forma fixa: é como um mapa [uma cartografia] sempre suscetível a mudanças, devendo ser lido em diferentes dimensões e escalas, relacionando fatores distintos aos interesses do observador e à escala de aproximação precisada. *Dispars* se revela, portanto, o modelo de conhecimento mais apropriado para a abordagem que prossegue.

Não obstante e conforme já exposto, para ir a campo é preciso primeiramente criar estratégias de “lentes”. Lentes que ajustem o foco – enfoque. Criadas as lentes – tendo estabelecido ideias iniciais sobre o entendimento das bordas e do bordejar - faltava definir uma frequência para sintonizar capturas de ondas importantes em auxílio a esta compreensão. Era preciso fazer com que as categorias de análises se dilatasse, conforme abarca sua própria ideia em definição, também era preciso fazer os conceitos coalescerem. E para tanto, não haveria melhor alicerce do que a correspondência em experimentos vividos.

Buscando inspirações, por vezes, fomos percorrer parâmetros na procura por fundamentos em metodologias de cunho etnotopográficos já consagradas. Métodos que se respaldam na etnografia – uma ‘escrita’ (registros) sobre algo observado ‘de dentro’ e com um olhar de muito perto (em zoons máximos) – que se baseia na experiência pessoal e em participação subjetiva (GENZUK, apud DUARTE et al, 2009). Este olhar de perto e de dentro é prática comum aos antropólogos e sociólogos. Como então fazer com que arquitetos e urbanistas, peritos em observar os lugares construídos, possa se destituir de um inquiridor nato sobre o edificado, para descortinar práticas e comportamentos

(sociais, subjetivos)? Bem como aconselhou DUARTE (2009 ; 2013) é preciso “*remodelar o olhar*”, fazer com que este se liberte de seu ímpeto objetivo e objetivador, para “abraçar a subjetividade e uma sensibilidade perceptiva”.

No trilhar metodológico pela procura de ancoragens para dilatação do entendimento das *bordas*, conceito este bordejante por definição própria, foi preciso mergulhar em métodos e leituras que transcorressem sobre tendências investigativas consonantes com as nossas; trilha esta que será retratada com profundidade logo mais. O presente capítulo abarca, portanto, a zona de invocações da tese, que também pode ser considerada uma zona de convocação, já que envolve a apresentação do instrumental com passos metodológicos criados e utilizados a partir do chamamento, ou melhor, de um convite a pessoas da cidade para sua aplicação – um convite para (um) Ser Urbano, um convite à prática recíproca.

Ressaltamos neste ponto, a abordagem por Velloso (2010) traçada acerca da experiência estética em arquiteturas urbanas, assim como as contribuições que em uma clivagem da Cidade ‘Entre’²¹ de Pinheiro (2010) sublinha a relevância da experiência instaurada no princípio da mobilidade (do corpo e da mente), colocando em destaque a noção de *cinestesia* (senso-percepção dos movimentos) e a ferramenta contemporânea Corpografia (por Jacques explorada), que põem em jogo corpo-cidade (através de atravessamentos). Segundo Pinheiro, é neste corpografar que as Cidades ‘entre’ se consolidam (já que corpografar lida com caracteres impressos pela memória). E nos embalos da autora, ousamos dizer que é neste corpo a grafar que as bordas ganham potencial de revelação das suas dimensões e Naturezas e é neste momento também que o bordejar se faz e se apresenta. Trataremos nos pormenores essas abordagens metodológicas elencadas nos itens que seguem.

²¹ Cidades ‘entre’ é uma ideia de cidade/tempo, desenvolvida por Pinheiro (2010) em sua tese de doutorado, na qual pretende comprovar, através de análises da prática discursiva, a hipótese de que existe uma Memória do Futuro (pautada na dimensão desejante do espaço) que participa ativamente da fabricação de uma Cidade ‘entre’ (a cidade devir, que não se materializa, que é meio por onde circulam apontamentos sobre a cidade ‘real’).

3.1 Bordejando um percurso metodológico

Nunca é demais voltar a afirmar que para se compreender o fenômeno de composição de bordas, bem como entender a própria constituição das bordas (suas dimensões, multiplicidades e ‘naturezas’), é preciso se deter aos meandros das dinâmicas urbanas, das trocas e afetações que ocorrem por intermédio de determinados suportes da cidade, na medida em que também os constituem. Sendo as ambiências concomitantemente nosso objeto de análise e nosso instrumento (ferramenta) acredita-se que elas são capazes de revelar em conjunto, pistas para responder os principais pontos de indagação espalhados no decorrer trabalho tramado.

Assim sendo, acredita-se que a prática recíproca no espaço urbano está vinculada à promoção de ambiências importantes para a manutenção da essência das cidades. Da mesma forma que acontece no organismo humano - células operando como minúsculos elementos que selecionam o que é substancial para o bom funcionamento de seus tecidos – acontece no organismo urbano – ‘elementos bordas’ selecionando o que deve ser permeante ou não no movimento de constituição das ambiências. Ambiências estas que podem desencadear verdadeiros tecidos (bordados), onde se “amontoam” afetividades relevantes (na) da cidade.

Porém, é preciso saber escolher métodos adequados para que esse compêndio de informações a ser levantado seja analisado de forma satisfatória, visando alcançar os objetos para esta tese traçados. Uma possível ferramenta metodológica para se entender o cotidiano, o Outro (o próprio espaço como Outro), seus avessos, dobras, bordas, fluxos, etc.

Para nos colocamos em meio ao espaço urbano (público) a fim de perceber como as diferentes ocupações e apropriações que por entre ‘atmosfera’ são engendradas, estabelecendo bordas em microambiências caracterizadoras dos espaços atravessados; era preciso “fazer laço entre corpo e cidade” (VELLOSO, 2010).

Por admitir variantes mutáveis (corpo e cidade) e por ser da ordem da percepção sensível (requerente de sentidos e sensações), perscrutar ambiências da cidade é um modo através do qual podemos perquirir questões; embora, não se pretenda precisar postulados sobre elas, já que estamos tratando de subjetividades, e a riqueza das discussões subjetivas está justamente em sua fenda para novos entendimentos.

Foi nesta perspectiva que o percurso metodológico seguiu bordejando estudos e experimentos com metodologias etnotopográficas em frequente utilização nas pesquisas contemporâneas sobre ambiências e territórios urbanos, e esse aprofundamento metodológico foi imperioso para se chegar aos passos de lógica estruturada no instrumental criado (que apresentaremos mais adiante).

Daremos relevo aqui também ao depósito de relatos sobre olhares e andanças realizadas pela autora, enredadas pelas singularidades dos primeiros encontros. Relatos que vêm ressaltar a relevância do olhar estrangeiro, imbuído de novas descobertas, despertadas por primeiros “descortinamentos” sobre lugares. Experiências em contra-fluxos (no que concerne ao cotidiano) que se revelaram de grande valia na supramencionada busca pela dilatação do conceito de borda.

Destarte, assinalaremos as principais ferramentas estudadas que com maestria auxiliaram no pensamento coordenativo dos passos do instrumental por nós desenvolvido e aplicado.

3.1.1 Metodologias Etnotopográficas e da Sociologia Aplicada | parâmetros e fundamentos

A interlocução de nosso corpo com o espaço e o tempo, bem como a postura encarnada pelo sujeito que dá vivência (e corpo) ao espaço é o que tem motivado estudos e incursões nas teorias que fundamentam metodologias etnotopográficas como ferramentas para debater sobre as complexidades das cidades em profusas e constantes escalas de modificações. Nesta teia, corpo e cidade são conduzidos como um espectro de amplas possibilidades que se mesclam na noção contemporânea de subjetividade e, por conseguinte, de ambiências.

É através da subjetividade que construímos uma ideia de espaço relacional, ou seja, que nos permitimos nos relacionarmos com os Outros e tomamos assim a noção de *corpus* físico que se relaciona com o mundo de forma interativa e não individualizada.

Com base nesses entendimentos, alguns métodos foram explorados, para aportar os estudos aqui pretendidos, dentre os quais destacamos:

1. As Derivas, o flâneur e a Internacional Situacionista (Guy Debord et al)²² :

A deriva tem seu entendimento central baseado no desvio, no perder-se. Praticar derivas é então praticar errâncias. A origem da errância remonta os primórdios da existência do homem, quando este precisava desbravar territórios por conta das perseguições às presas – a errância é oriunda da prática homem coletor-caçador da era paleolítica.

²² Composição do texto com base em informações extraídas e compiladas das referências: (i) JACQUES, Paola B. Apologia da Deriva (2003); (ii) JEUDY, Henri-Pierre; JACQUES, Paola B. Elogio aos errantes. In: corpos e cenários urbanos (2006); (iii) CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética (2013).

(CARERI, 2013). Mas é no início dos anos 50 em Paris, com a Internacional Situacionista (em 1957) que o perder-se na cidade é exaltado como possibilidade expressiva e concreta da antiarte. Perder-se é então adotado como meio estético-político através do qual era possível subverter o sistema capitalista do pós-guerra. Primeiramente surgiu a figura do flâneur, personagem efêmero que rebelando-se contra a modernidade, “perdia” seu tempo deleitando-se com o insólito e com o absurdo, um vagabundo a perambular pela cidade. O movimento dadaísta elevou a tradição do flânerie a uma operação estética. Os surrealistas, por sua vez, ao investirem na concepção de mundo e arte a partir do automatismo psíquico puro, resignifica a deriva errante com a ideia de deambulação – termo que traz consigo a própria essência de desorientação e do abandono no inconsciente. A cidade já não é mais o campo de ação das errâncias, mas sim os territórios vazios (florestas, campos, aglomerados rurais, desertos). É somente com a Internacional Situacionista, pós *dadá* e pós propagação da cidade inconsciente, que o termo *dérive* é cunhado, a partir da ideia de uma atividade lúdica coletiva que não apenas visa definir zonas da cidade, mas que – apoiando-se no conceito da psicogeografia (estudos dos efeitos do meio geográfico que atuam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos. Uma geografia afetiva e subjetiva) – pretende investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo. Uma atividade estética. É a construção e a experimentação que elabora uma leitura subjetiva da cidade, mas leitura esta que pretende transformá-la em método objetivo de exploração da cidade. Uma ação fugaz, um instante imediato a ser vivido num momento presente, sem a preocupação da representação ou com a conservação do tempo. Se firma, portanto, como prática da errância urbana. A Teoria da Deriva, por Debord lapidada, supera a deambulação surrealista e relativiza a importância da aleatoriedade. O ponto de vista da deriva dá espessura à *“importância psicogeográfica da cidade, com correntes constantes, pontos fixos e voragens que tornam dificultoso o acesso ou a saída de certas zonas”*. Podemos colocar, em síntese, que deriva é um modo de comportamento experimental ligado às condições de sociedade urbana: técnica de passagem apressada por vários

ambientes. Também pode designar a duração de um exercício experimental contínuo de uma experiência (por repetições em tempos diferentes). É importante ressaltar que a deriva é um recurso metodológico que requer uma tomada de consciência do ato elaborado uma vez que deve permitir conclusões passíveis a objetivações. Apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação de andar sem rumo preciso. A cidade é pelos situacionistas, muitas vezes colocada como um jogo lúdico (uma construção de aventuras) utilizado para o próprio aprazimento.

2. A Marcha²³

A marcha, do termo francês *marche*, designa um limiar em movimento, que é senão aquilo que evocamos como borda. A marcha é tida como uma prática metódica, uma atividade reflexiva, de produção e de controle do (re)conhecimento. Evidencia uma atitude e um comportamento, assim como é um movimento de manutenção ritmada (“*garde une allure*”). Contorna as fronteiras psíquicas e/ou naturais. Significa navegar entre outros usuários do espaço público. A marcha é tida ainda como uma instituição moral, um objeto de orientação apropriada, como também objeto apropriado de orientação. Como organização moral do espaço público, por meio de interações, produz e reproduz este espaço. No entanto, Simmel (2006) evidencia que é preciso compreender as bases sensíveis das interações, para que possamos entender como se dão em seus princípios, “*não podemos esperar que uma mulher com bebê, faça parte de uma rede de criminosos* (embora isso seja possível)”, afirma o autor, exemplificando. Ainda sobre a marcha, cabem traduções como: uma questão prática do deslocar-se (englobando aqui a concepção de

²³ Referências sobre a Marcha: (i) THIBAUD; THOMAS; LEROUX; BONNET ORGS. Coletânea Cresson: Les Compositions de la marche em ville (janeiro de 2007). (ii) Conferências realizadas na Jornada de Ateliers Públicos sobre a marcha urbana. MAP – Marcher, Angers, Penser. 04/05 de outubro de 2013, em Angers – França. Conferencistas: Bruno Queysanne, Sébastien Pluot, Jean-Paul Thibaud, Jean-Yves Petiteau. Organizada por Pascal Amphoux e Nicolas Tixier.

acessibilidade); uma expressão do habitante (tangenciando a dimensão sensível) e como uma forma de interação social (uma ideia de civilidade). As maneiras de andar são, portanto, plurais, coletivas e ao mesmo tempo específicas e singulares. A marcha impõe um ritmo corporal que (re)configura dinâmicas do espaço (*la marche comme “geste ambient”*). Requer como bases a atenção e a intensidade (baixa, um pouco lenta, pausada) e traduzem as nuances da vida do dia-a-dia (cotidiana). O poder dos passos é numa visão sobre o *marcher*, múltiplos e heterogêneos, os passos são tons de “pegadas” que marcam e que compõem o território, abarcam e imprimem conteúdos ‘atmosféricos’. Quando se anda, se incorpora coisas do mundo e se deixa registro (marcas, rastros). Nesta perspectiva, andar é uma forma de mostrar no que se acredita, como se sente, é indicativo comportamental e afetivo. O andar ‘ordinário’ procede de uma maneira discreta e difusa (flutuante) de se deslocar no espaço. Por isso, segundo o filósofo e historiador Bruno Queysanne, o andar possibilita demonstrar uma “qualidade plástica do espaço”, quando, por exemplo, se afirma que tem gente que anda mal (*Il y a des gens qui marche mal*). A marcha é também atuante em uma impregnação do e no ambiente, um modelo de mobilidade adotado por um território pode ser uma forma de representação da vida urbana deste. Através da prática e teorização sobre a marcha, podemos, então, refletir sobre a ‘condução’ de um andar?

3. Macher ensemble (« JE, TU, ILS » - Jean-Paul Thibaud)

O *marcher ensemble* («andar junto») sugere uma co-categorização. O eu e o Outro juntos em marcha. Neste método sugerido por Jean-Paul Thibaud, o foco está na palavra recolhida e registrada do habitante que marcha. Passeios em movimento de marcha, nos quais o investigador acompanha um passante durante uma sequência de percursos mais ou menos longa. Esta fala em marcha pode ser eventualmente aprofundada depois, com entrevistas mais longas, se

preciso; é possível sentar-se um momento com a pessoa ou até fixar outro encontro para o aprofundamento das narrativas e questões. Podemos dizer, portanto, que se trata de registros por meio de uma entrevista caminhante, uma investigação técnica que deve se manter aberta aos riscos e às oportunidades encontradas no local escolhido para estudo. De maneira geral, é uma entrevista pouco direcional, ela se desenvolve com base em um roteiro de questionamentos bastante flexível e com perguntas centrais, sobretudo, relativas à marcha nas cidades. É o que Thibaud chama de análise do corpo em segunda pessoa - TU (*quand TU marches* – sendo a primeira pessoa considerada o próprio investigador em sua marcha – JE - e a terceira pessoa – ILS - uma observação das pessoas que marcham em volta). Desta técnica é possível extrair dados sobre uma “atividade pedestre”, assim como informações acerca do local transitado. A dificuldade encontrada está justamente em recolher informações não somente de uma natureza descritiva, mas também analítica sobre o que é percebido.

4. Parcours commentés (Jean-Paul Thibaud)

O percurso comentado é um método que deve ser considerado aberto, já que visa oferecer uma numerosa variação, a partir de hipóteses que são traçadas e que nortearão os dispositivos para que a fala discorra e se desenrole por intermédio de comentários ao longo de um percurso estabelecido. O protocolo de entrevistas e análises pode ser modulado em função dos objetivos da pesquisa. Os percursos podem ser feitos com uma ou mais pessoas e elas são incitadas a comentar em conjunto (quando se trata de um grupo) sobre aspectos diversos (sociais, espaciais, sensitivos, afetivos, etc) acerca dos lugares percorridos. Pode também compreender um arranjo em que pessoas vão percorrer lugares ao mesmo tempo (descrições sincrônicas), cada uma registrando seus próprios comentários (anotando ou gravando o que se passa, o que percebe) e que depois serão analisados, permitindo desta maneira, ao

pesquisador, a compreensão das questões com base no enfoque de um estudo realizado empiricamente abordando a *temática da partilha de uma experiência*. Outra maneira de aplicar este método é solicitar que duas pessoas descrevam em conjunto um percurso, o que possibilita ao pesquisador avaliar questões da ordem da interpretação numa síntese conjugada, já que a dupla irá se alimentar mutuamente, se completarão, podem se confirmar ou se contradizer sobre a base de discussão que se forma entre dois observadores. Este tipo de *descrição combinada* coloca em evidência o problema e a negociação de interpretação. Permite compreender como os indivíduos entram em acordo sobre o que veem e percebem, discutem suas versões e resumem em conjunto certas experiências que podem ter traços discordantes. Outra possibilidade de aplicação do *parcours commentés* é realizá-lo com pessoas vendadas ou com tampões no ouvido, por exemplo, a fim de ressaltar determinadas modalidades sensoriais, dissociar sentidos em experimentações – o que resultaria em *descrições modalizadas*, levantando índices de questões inter-sensoriais. Todas estas opções de aplicabilidade mostram perspectivas que permitem abordar a complexidade de um dispositivo em contextualizações perceptivas, com base em um quadro sensorial, sejam elas contextualizações de ordem espaço-lumínicas, espaço-sonora; sejam dispositivos sensório-motrízes; sejam disponibilidades sociais, como as aplicações em modos de co-presença. Assim sendo, a dificuldade de sua aplicação reside na ideia de que ele requer capacidade de reflexão dos atores humanos selecionados, como também requer uma competência de compreensão, descrição e interpretação das situações percorridas. Demanda um engajamento e uma consciência de prática ativa.

5. Les Méthodes itinéraires (Jean-Yves Petiteau)

Conforme define Petiteau, este método não é somente um utilitário de verificação ou uma forma de validação de hipóteses teóricas, ele implica uma leitura da relação entre objeto de pesquisa e pesquisador, leva em conta como

elemento central a subjetividade da situação da investigação, e mais ainda, serve de referência sobre cada parceiro (sociológico-entrevistado). Logo, tem seu início pelo estabelecimento de uma parceria entre pesquisador e participante - habitante de um local escolhido para colhimento de narrativas de histórias de vida pessoal que se passaram no percurso a ser re-vivenciado na companhia do pesquisador, que, por sua vez, se torna um ouvinte dos contos narrados em rememoração. É um método que tenta escapar do confinamento das categorias de definição e de recortes sobre o espaço urbano. Através dos efeitos de mobilidade e de mobilização conceituais que ele implica, o método itinerário permite uma leitura metafórica sobre as histórias dos locais percorridos. O itinerário designa uma partilha do significado de espaço e é, portanto, uma experiência compartilhada entre pesquisador e participante. O percurso é aqui adotado não somente como ritual de mobilidade, mas como sobreposição de várias indicações referentes ao ajuste da história narrada. A narrativa é constituída a partir de um momento anterior à caminhada, quando o pesquisador entrega um texto falando sobre o tema da pesquisa e possíveis articulações para que ele, participante, possa pensar estas questões correlacionadas às suas histórias de vida. É por isso entendido como um método biográfico; ao caminhar com o pesquisador, a pessoa narra histórias por ela vividas, articulando-as com os espaços da cidade, conforme é sugerido no texto repassado anteriormente. O pesquisador vai então explorando a história contada na medida em que os espaços correlacionados na fala das lembranças vividas são percorridos. Desta forma, o pesquisador consente veracidade ao aceitar a retórica do outro que narra, abandonando sua própria leitura sobre os fatos contados.

6. Vídeo Etnográfico: Câmera na mão (Kátia de Paula)

O vídeo etnográfico propõe a utilização de uma câmera de vídeo para reforçar a aplicação de técnicas de pesquisas etnográficas, dentre as quais destacam-se: observação participante – como exploração da ambiência a ser etnografada; e as entrevistas semi-estruturadas. Seja como instrumento de observação, transcrição e interpretação de realidades sociais ou instrumento de ilustração e difusão das pesquisas, o conjunto imagem-som-movimento, recolhido em tempo sincronizado, é um excelente meio para a captação e exame da experiência humana na ambiência. A pesquisa de PAULA (2008), também efetuada no âmbito do LASC, apoiou-se neste método da antropologia urbana, que teve inspiração na ‘etnografia de rua’ - retorno a campo (roteiro, decoupage e montagem), desenvolvida por ECKERT & ROCHA (2006). Uma das maiores contribuições deste método apresenta-se no fato de articular as narrativas situadas à ambiência sensível. Neste papel, o pesquisador produz imagens-movimento que resignificam o espaço em estudo, através da perspectiva de seus usos e usuários. A ideia do vídeo parece abarcar os movimentos corporais de quem segura e caminha com a câmera, permitindo, deste modo, captar fragmentos indiciais de questões espaciais que propiciam determinados comportamentos de quem ali se encontra ou passa. A fala também é um recurso captado e as entonações igualmente podem sugerir indicativos das possíveis afetações resultantes dessa experiência corporal na cidade (filmada).

7. Observações incorporadas | diários de bordo e croquis de campo

São observações atentas de um pesquisador-corpo que para conseguir etnografar as dinâmicas e os acontecimentos de um lugar, pratica o esforço de nele penetrar, de incorporá-lo. Etnografar é ocupar um lugar no ‘sistema’ em

observação e isso sugere interfaces (objetos e relações) e reposicionamentos - quem é objeto e quem é o sujeito a observar (na medida em que o corpo se insere no objeto etnografado, ele também fará parte deste). Atualmente esta questão da penetração do etnógrafo no campo por ele observado tem sido alvo de discussões quanto aos relatos dessa observação, normalmente depositados em um diário de bordo do pesquisador. Devido ao fato da necessidade dessa incorporação no lugar em estudo, o pesquisador ao compor seu diário deve se colocar de maneira aproximativa ou afastada (neutra); ou seja, ele deve exteriorizar como se sente e como isso interfere na maneira com a qual está observando, ou não? As anotações dos diários devem ser em primeira pessoa (marcando a singularidade de quem escreve e observa) ou deve ser mantida a imparcialidade dessa “voz” escrita sem um sujeito definido? Não há posicionamento fixado quanto a essas questões e etnografar é uma forma metodológica de compreender espaços e dinâmicas que acaba revelando muito sobre quem a realiza. Etnografar é, sobretudo, uma questão de abordagem, abordagem esta que facilite o instrumental de aproximação, de observação e de registro. É importante, portanto, que o pesquisador tenha aqui a consciência do olhar participativo sobre os discursos e as práticas analisadas, bem como sobre a prática que ele utilizou para se aproximar do objeto e iniciar sua “narrativa”. Como “produtos” dessa técnica de observar, além do diário de bordo, têm-se também os croquis de campo, interpretação gráfica da observação. São desenhos, rabiscos e esquemas que ultrapassam a ideia de ilustração, se transformam em uma forma de descrição. Ao mesmo tempo em que o pesquisador desenha o que observa, ele se conscientiza daquilo que está despertando sua atenção, é desta maneira uma ferramenta de interpretação imediata, que possibilita compreensão ou até mesmo comparação entre situações observadas. Como sugere Laplantine (2005) ao falar sobre a atividade do pesquisador etnógrafo: “*o pesquisador produz mais do que reproduz*”. Trata-se, por fim, de uma atitude experiencial na qual a observação atenta e detalhada adota por princípio a necessidade de uma imersão total e de um olhar minucioso acerca dos usos, práticas, dinâmicas, relacionamentos pessoas-lugares.

8. Corpografias (Paola B. Jacques)

Uma corpografia urbana, assim como define Jacques (2008), é um tipo de cartografia realizada pelo corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da e na cidade. Uma espécie de grafia urbana, da cidade em suas vivências, do movimento que faz “escrita” sobre a cidade ao mesmo tempo em que fala sobre o corpo que a experimenta. Uma simples experiência corporal do cotidiano que visa relativizar a ideia de espetacularização a qual afugenta a participação cidadã, como também a multiplicidade de práticas cotidianas e estéticas do mundo contemporâneo. Segundo a autora, a corpografia parte da premissa de que o estudo das relações entre corpo – corpo ordinário, vivido, cotidiano – e cidade, pode apontar caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micropolíticas ou ações moleculares de resistência ao processo molar de espetacularização das cidades contemporâneas. Ao ser corpografada, a cidade deixa de ser cenário, ela passa a ganhar corpo a partir do momento em que é praticada, torna-se “outro corpo”. Podemos dizer então que é uma cartografia corporal, cuja narrativa evidencia movimentos e velocidades - fluxos. Assim, cada corpo pode acumular diferentes *corpografias*, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. A questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição. É dar voz, portanto, aos gestos e movimentos corporais (motricidade e mobilidade). Uma ferramenta metodológica que incita *corpografias* nos corpos daqueles que pretendem apreender os espaços urbanos de outra forma, de uma forma não espetacular (de resistência), daqueles que pretendem estudar as cidades de uma forma corporal - incorporada; explicitando as micopráticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano. Numa corpografia podemos identificar três relações espaço-temporais (temporalidades) distintas: orientação, desorientação e reorientação (inspirados nos

agenciamentos des-re-territorializantes). Corpografar é deste modo um tipo de errância urbana e não esqueçamos que o estado de espírito errante é sempre lento, mas isso não quer dizer que seja algo nostálgico ou relativo a um passado quando a vida era menos acelerada, como buscam os adeptos do neourbanismo. Porém, esta lentidão também pode ser vista como uma crítica ou denúncia da aceleração contemporânea. Como bem colocou Tschumi (1995) “*os corpos não apenas se movem adiante, mas também criam espaços produzidos por e através de seus movimentos*”. A descrição do modo como o espaço é percebido é subjetiva, por outro lado, o modo como o espaço é percorrido é passível de descrições sintéticas baseadas nos percursos evidenciados.

9. Das experimentações: entendimentos sobre a Experiência Estética

O conceito de *experiência estética*, concatenado por Velloso em observação ao trabalho sobre a vida ordinária das cidades, pautada nos escritos de Walter Benjamim; veio iluminar ainda mais as ideias e deu ainda mais substância ao alinhavado dos fundamentos metodológicos até aqui apresentados. A experiência estética é baseada numa construção gradual que é “*a consciência do espaço, a qual não se constitui a partir de uma leitura ou apreensão das propriedades dos objetos, mas desde o princípio, uma ação que exercemos sobre os objetos*” (PIAGET, apud VELLOSO, 2010). Segundo Velloso, no âmbito do estético não se trata apenas de um estado emocional do sujeito, mas da relação com um Outro, configurada no contato afetivo com o mundo. Esse contágio é a apreensão estética, a oscilação entre apreender e refletir, ou seja, entre estar afetado por e raciocinar a respeito de algo. Assim sendo, experimentar esteticamente significa mobilizar o corpo e as faculdades mentais enquanto se é afetado pelos objetos. A experiência estética não se valida sem um movimento do eu para fora de si. “*Algo do objeto desperta a minha*

atenção sensorial quando se destaca do mundo, deixando em mim uma impressão, de tal modo que sou obrigada a me mover, respondendo corporalmente. O corpo opera para caracterizar a comunicabilidade do estético, aquilo que, na experiência, implica um retorno do sujeito sobre si". Desta maneira, até o peso corporal é sentido por quem vivencia os experimentos, e é um esforço escutar o que o corpo tem a dizer, deve-se ficar atento às contrações e descontrações de músculos, tensões e relaxamentos, sensações (gerais: de segurança ou insegurança, de conforto ou desconfortos, etc.). *"O prazer estético se desenrola em movimento pendular que existente entre contemplação não interessada e participação experimentadora"*. Então, como citou Goethe (apud VELLOSO) há três formas de se experienciar: (i) desfrutar sem ajuizar; (ii) sem desfrutar, mas ainda assim promovendo ajuizamento e (iii) desfrutar ajuizando e ajuizar desfrutando, sendo esta última a verdadeira maneira de se praticar uma experiência estética.

10. Arquivo Mnemônico do Lugar (Paula Uglione)

Esta ferramenta, desenvolvida e usada experimentalmente por Uglione (2008) em sua tese de doutorado, é um instrumento de escrituras – e, portanto, uma abordagem de cunho narrativo, de histórias da cidade. Baseia-se na escritura de histórias a partir de espaços construídos de uma cidade. No ato de narrar, a cidade encontra sustentáculo para se reciclar em seus significados e para aportar possíveis interpretações. Desta maneira, Uglione explorou espaços em rememoração com base em três vetores – *memória, lugar e história* - através de uma coleta de narrativas de usuários/moradores locais. Estas narrativas foram posteriormente compiladas em um quadro, montado a fim de identificar metáforas que delas poderiam emergir, assim como lacunas, esquecimentos e vazios das falas. A partir desse quadro, todos os registros são organizados por traços a partir de uma continuidade e de semelhanças nas falas e de posse dessa organização em traços de fala, o pesquisador atua em trabalho interpretativo, substituindo os traços por representações metafóricas que ele sintetiza com base nas semelhanças apontadas. Assim, à cada

metáfora é então atribuída uma cor e as narrativas vão se transformando em gráficos coloridos, que podem ser comparados pelas suas frequências de aparecimento, sugerindo, por intermédio da repetição as ressignificações do lugar em rememoração, compondo desta maneira, um “arquivo” do lugar. O arquivo é, portanto, um compêndio de duas histórias possíveis dos lugares em estudo: (i) são Histórias do lugar, contadas pelo conteúdo manifesto nas falas coletadas e (ii) Histórias Silenciosas do lugar, contadas pela negatividade e pelas invisibilidades (traços encobertos nas narrativas). Deste modo, para montagem do arquivo, alguns procedimentos (passos) são percorridos: (i) mecanismos de captura das falas; (ii) filtragem do conteúdo; (iii) (re)organização das informações e narrativas; (iv) representação das metáforas narradas em traços (por cor). Esta maneira de análise das narrativas por Uglione explorada, que leva em consideração a frequência de elementos que as compõem, foi uma contribuição importante e que em adaptação, foi aplicada na forma como traçamos tipificações nas análises das narrativas em corpografias coletadas (através da aplicação do instrumental proposto para esta tese das bordas urbanas-humanas – em apresentação no item 3.2). De maneira detalhada, no item 3.3, trataremos sobre a forma como a composição de traços do arquivo mnemônico foi adaptada para atender as análises dos conteúdos das narrativas extraídas em experiências urbanas.

3.1.2 O andar estrangeiro

Ainda na trilha do percurso metodológico, nos deparamos com a relevância do andar/olhar estrangeiro, através de experiências vividas pela autora no período em que realizou um estágio de doutoramento na França. Essas primeiras experiências vividas se mostraram de grande valia para melhor sedimentação da ideia de bordejar aqui explorada, já que seu vínculo está diretamente associado a um movimento de composição de bordas caracterizado por fluxos. Devido ao

fato da autora ter se encontrado em situações de experimentação urbana no exterior, em outras palavras, em experimentações em contra-fluxos daquilo que até o momento era sua vivência cotidiana, refletiu na saliência deste olhar sobre o andar do estrangeiro, revelador de possibilidades. Outras de entendimento do cotidiano e das ambiências diárias de uma cidade.

O estrangeiro, assim como o flâneur, revela ser de uma natureza particular de importante valia quando se busca a compreensão de dinâmicas urbanas. O olhar de um estrangeiro é capaz de ver aquilo que os que lá estão já não conseguem mais perceber, por ter um olhar da primeira vez, se agencia em contra-fluxo com o que é cotidiano e, portanto, ordinário; por isso, para este olhar de primeiros reconhecimentos, nada na atmosfera é banal e ordinário, tudo é afetação, tudo é novo e carregado de ricas descobertas.

Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Livra a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto (**experimentado**) antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são (...) toma tudo como mitologia, como emblema. Reintroduz imaginação e linguagem onde tudo era vazio e mutismo. Para ele, estes personagens e histórias ainda são capazes de mobilizar. (PEIXOTO, 1988, p.363)

Na verdade, é um olhar que parece não conseguir alcançar de imediato uma sensibilidade para aprofundar sobre as relações mais intrínsecas da cidade e de suas dinâmicas ordinárias, sobretudo quando se trata da compreensão dos conflitos nos espaços públicos; mas por outro lado, e justamente por isso, trata-se de uma dobra do olhar aguçado e atento, com possibilidades de afetações e de relações reveladoras sob “Outras” perspectivas.

Assim sendo, o estrangeiro pode ser capaz de revelar aquilo que já se encontrava encoberto de alguma forma, ele consegue depurar elementos de uma camada um pouco além do que se encontra em superfície para os habitantes. Como bem colocou Margareth Pereira (2008, p.285): “*essa situação de estrangeiro, situação de nômade, faz você prestar mais atenção tanto nas coisas visíveis e materiais, quanto nos processos menos evidentes, menos imediatos e, por conseguinte, mais complexos*”, embora, como já ressaltado, o que é evidente para a sociedade local pode não ser tão evidente sob a perspectiva do estrangeiro.

O andar estrangeiro pode propiciar, portanto, questões de dimensões perceptivas e emocionais importantes nos espaços urbanos. Ressaltamos aqui que este andar e, por decorrência olhar estrangeiro, é marcado, sobretudo, por aquele que vai experimentar por um período a experiência de morar numa outra sociedade, muito além do olhar do turista (que tem sua valia, mas é abordado sob outras perspectivas). O estrangeiro é aqui um ser Outro que tenta assimilar o cotidiano de *Outrens* para tentar torná-lo familiar, pois sente a necessidade de penetrar no fluxo da nova cidade, na qual passa a exercer, mesmo que por um período temporário e de maneira “forasteira”, o papel de habitante. Nas palavras de Waldenfels (2009, p.55): o estrangeiro se mostra ao passo em que se subtrai ao “nós” (“*l'étranger se montre em tant qu'il se soustrait à nous*”).

Ele deve dar a si mesmo uma identidade e um lugar. Esta busca, para ele a primeira, é que vai levá-lo a viver histórias originais e ver coisas como se fosse pela primeira vez. Aventura que não é mais permitida a nós (...) ter por ponto de partida não as imagens, mas as emoções. (PEIXOTO, 1988, p.363-365)

Com “o olhar da primeira vez” as questões do cotidiano se apresentam de maneira mais facilmente ressaltadas, porque se está em contra-fluxo e fica mais fácil *entender quem somos* quando não nos encontramos em meio comum à nossa existência ordinária. Olhar o novo, como afirma LOPES (2007) possibilita conhecer:

Deslugares que se definem tanto como espaços de desconforto e estranhamento, instabilidade e provisoriedade em oposição ao conforto e familiaridade, estabilidade e permanência dos lugares prédimensionados, quanto como possibilidades de movimento e abertura em contraposição à estagnação e à clausura.

O estrangeiro atinge, portanto, novas possibilidades cognitivas – através de um resultado “sujo”, de misturas imprevisíveis e casuais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos, como unicamente a forma-cidade sabe conjugar (CANEVACCI, 1993). O estrangeiro percebe o que o olhar domesticado – habituado, familiarizado com o espaço – não se encontra acomodado para captar; ou seja, o estrangeiro é capaz de compor bordas e bordejar ambiências num movimento não convencional e que pode revelar indicativos outros sobre as dinâmicas constituintes de atmosferas na cidade.

O olhar estrangeiro pode revelar justamente a relação no sentido mais difícil da compreensão, as ações da cidade em direção à sociedade – força que a cidade exerce sobre seus habitantes (e vice-versa) – a cidade enquanto autora de ações e indutivas de certos tipos de comportamentos.

O estrangeiro como a clivagem de um Outro que se põe a desbravar e a entender uma percepção-apreensão de meios sensíveis. *“A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar*

mais familiar e cotidiano (do nosso cotidiano – aquilo que somos comumente – grifos nossos), em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical.” (JACQUES, 2012, p.48)²⁴.

É válido sublinhar a crença de que aquele que retorna também é uma encarnação de tipo estrangeira, adquire a capacidade de olhar o que antes lhe era banal sob a afetação de alguém que está em re-fluxo (agenciamento de vetores relevantes, que mudam a natureza de dimensões/ mudam a natureza das multiplicidades).

É preciso colocar então que a reflexão sobre nossos corpos como cidades é muito pouco praticada. Eles podem carregar cidades inteiras dentro deles e cidades que já os impregnaram, impregnaram também uma maneira de ser, de estar, de pensar, impregnaram o fazer corpo e como ele faz. E assim, quando é possível praticar um andar estrangeiro, o corpo acaba sendo sínteses de uma série de interações sociais das quais fez parte, em diversos tipos de coletividade (Outros) (PEREIRA, 2008).

3.1.2.1 Notas sobre “primeiros encontros”

Num breve reforço a esta abordagem sobre experiências estrangeiras, daremos espessura a alguns apontamentos importantes, baseados nas vivências de primeiros encontros da autora com uma cidade Outra. O olhar predominantemente comparativo com situações familiares - espaciais, sociais, sensíveis, etc. (referenciais de um cotidiano) - se revelou algo constante, como se fosse preciso aportar os novos referenciais em elementos e situações das

²⁴ JACQUES, Paola B. A experiência errática da cidade: em busca da alteridade urbana. IN: RIBEIRO; VAZ; SILVA (orgs.) Leituras da Cidade. Rio de Janeiro: Letra Capital – ANPUR, 2012.

quais se tem algum domínio. Entretanto, ao passo em que as comparações são instintivamente traçadas, vigora o entendimento de que tudo é realmente um universo de coisas em relações singulares.

Na tentativa de captar essas primeiras impressões de uma (nova) dimensão sensível, em sua densidade, completude e detalhe, permitindo um novo olhar sobre o movimento de bordejar, propusemos narrar uma síntese de algumas derivas realizadas nos primeiros contatos da autora com a cidade em que foi morar por cinco meses – Grenoble (França). Com base numa observação atenta e constante, foi possível captar nas ambiências revelações de afetos, experiências e novos significados envolvidos, como podemos exemplificar no relato sintético que segue:



Os dias estão bem bonitos, céu sempre claro e o clima está bem agradável, típico de um final de verão. Foram as primeiras derivas que fiz na França e, diga-se de passagem, em uma cidade completamente diferente da qual hoje vivo, ou melhor, vivia até pouco tempo – ainda não me acostumei com o fato de que estou morando aqui! Tudo bem, normal, cheguei há apenas quinze dias... Ao contrário de São Paulo, Grenoble já na primeira impressão parece ser mais convidativa ao pedestre que qualquer outra coisa, talvez por ser uma cidade extremamente plana, com calçadas largas, mas talvez também pela escala dos prédios, não muito acima de quatro pavimentos, em sua maioria, pelo menos os do centro da cidade; conservam uma altura que traz a sensação de proximidade quando pela cidade passeamos. A cidade tem uma atmosfera tão calorosa que não dá nenhuma sensação de insegurança, a vontade é mesmo de sair andando por cada ruela e explorar tudo. Por outro lado, o fato de ser muito pequena, denota a característica de um lugar bem intimista, o que reforça ainda mais a condição de que aqui sou completamente estrangeira – me sinto como um ser novo na cidade e que vários observam e percebem a minha presença, quase que intrusa (...) outro dia estava caminhando, na prática de uma de minhas



derivas e ao passar em frente a um café um senhor que estava sentado numa mesa na calçada me abordou do nada... perguntou de onde sou (penso imediatamente quão turista estou parecendo!), digo que sou do Brasil e ele logo se anima ... emendou perguntando minha idade e o que vim fazer aqui... acho estranho o interrogatório, mas é feito de uma maneira tão gentil, como um vizinho novo que chega e que em você desperta curiosidade, as perguntas, embora pessoais e feitas por um desconhecido, não me pareceram intromissões ou indelicadezas, pelo contrário... então, respondo dizendo que vim estudar e ele fala: *oui bien sûr!* (sim, claro!) ... a cidade é cheia de estudantes, por isso talvez a fala dele... no Brasil, jamais responderia estas perguntas a um completo estranho, numa situação similar, mas aqui me pareceu que eu deveria falar, porque sou eu a estranha! ... engraçado isso, a coisa que mais me impressionou, desde que cheguei, é que o sistema de relações aqui é totalmente com base em “princípios de confiança”, quase não se vê polícia na rua, seguranças, grades, as janelas estão sempre abertas (com flores ornamentando as sacadas, o que me transmite uma mensagem constante de “boas-vindas”- as janelas são, com certeza, um elemento forte nas paisagens de Grenoble)... até no sistema de transporte público mais utilizado – as linhas de TRAM (um VLT que passa em ruas compartilhadas) – não tem fiscalização fixa, você mesmo compra seu bilhete, valida e ainda não vi ninguém sendo fiscalizado, mas também não vi ninguém tentando burlar. Aí penso de imediato que no Brasil isso me parece algo impossível de se instituir, mesmo numa cidade do porte de Grenoble. Contudo, a minha sensação é de que os próprios habitantes criam



uma rede de fiscalização entre eles mesmos. Uma vigilância de certa maneira silenciada, mas que através dos olhares e movimentos de corpos, parece acontecer de maneira até natural, não tanto pra mim, pelo menos por enquanto... mas acho também que é uma sensação não verdadeira, talvez algo da minha cabeça, por saber que sou um corpo novo neste espaço e que por trejeitos e pela entonação da fala em outro idioma (fala esta ainda bem confusa) denunciam logo minha condição “de fora”; então acredito que é normal que me sinta “vigiada” pelos olhares que me circundam, já que não consigo me camuflar, nem passar despercebida em nenhum lugar. De fato senti pela primeira a ausência completa da sensação de anonimato tão inerente ao público (ainda mais em contradição completa a São Paulo, onde quase ninguém parece assimilar a presença do Outro) e isso está acontecendo diariamente aqui... em apenas quinze dias, mas que pela constância já me deixa ligeiramente desconfortável, é ruim não conseguir se sentir “invisível”. Por outro lado, acho que é isso que me dá essa completa sensação de segurança. Curioso! (...) Os lugares públicos, todos que passei me fascinaram por aqui, sempre tem gente nas ruas, muitas crianças brincando em praças (coisa que também vejo com pouca frequência no Brasil) e em carrinhos sendo conduzidas pelos pais... bicicletas, muitas! ... uma cidade com ar super juvenil, apesar de uma arquitetura bem preservada que remonta uma época já muito antiga. Você respira historicidade em Grenoble, desde o momento em que pisa nela, mas também “respira” um ar de que ela não parou no tempo, parece ter se modernizado numa precisão perfeita, as necessidades atuais são todas contempladas – facilidades, a cidade tem redes de *wi fi* por todos os lados, o bonde que passa (um elemento bem marcante da cidade e que também marca, com suas passagens em instantes intervalados – ao som do “blim” - o ritmo das velocidades e dos “jogos de corpos” e movimentos por aqui) ...Grenoble vai se desvendando assim: cheia



de becos, pequenas ruas, vielas sem saída e outras que te fazem “desaguar” no meio de pequenos átrios... estes muito convidativos e aguçadores da curiosidade... Sim o cheiro! Cheiro de pão é constante e sempre muito bom! Engraçada a relação do francês com o pão... sempre passa alguém por mim segurando uma baguete e a quantidade de padarias que existem por aqui? Muitas... as pessoas se apropriam das calçadas, das formas mais variadas – sentadas, mesas, muitas bicicletas estacionadas, cachorros e carrinhos de bebês... Sempre é possível sentir o cheiro das coisas por aqui, janelas e portas estão constantemente abertas... e por isso também, se escuta de maneira sutil um pequeno barulho das conversas das pessoas que estão nos estabelecimentos, restaurantes e bares ...diferentemente do Brasil, aqui as pessoas falam baixo (...) Estou admirada como o cheiro é naturalmente açucarado... Movimento e repouso também dialogam bem aqui... não passa ninguém muito apressado, mas também não tem ninguém absolutamente inerte (só eu, que ainda numa velocidade paulistana, me pego apressada sem motivo! Mas já estou me autopoliciando) ...Uma sensação de cotidiano interessante, como se repetir atividades básicas do dia-a-dia fosse sempre uma tarefa interessante, não uma rotina chata, entediante... Resumindo as primeiras impressões: força da apreensão dos elementos arquitetônicos e culturais... Das diferenças disto com o Brasil, diferenças de comportamentos sociais, de cheiros, de luz, de velocidade! ... Parece que aqui vejo tudo como se fosse através da película de um filme antigo, sempre em cor sépia... sem muitas cores quentes, vibrantes, uma paleta de cor mais relaxante... As comparações com o Brasil são frequentes (o tempo inteiro)... e hiperbolizada também (talvez por um sentimento latente de saudade que ainda predomina)... coisa de iniciante em cidade nova... Engraçado que todo lugar novo que costumo conhecer, tento fazer uma associação de ideias com lugares que já vi e conheço, como se fosse um



artifício de orientação no espaço... A lentidão está presente também na chegada da noite... todo dia a transição para a noite é muito pausada... ou será que no Brasil também é assim e pelo fato de usufruirmos muito tempo de espaços fechados (metrô, edifícios espelhados, restaurantes fechados) perdemos essa sensação?... as ambiências, em geral, são bastante fortes e ricas, cheias de bordas que se interceptam ... A sensação de fluidez é uma palavra que marca bem essas primeiras derivas.

(Síntese de narrativas das primeiras derivas feitas em Grenoble, pela autora. Diário de bordo, dia 25 de setembro de 2013).

Na condição de ‘estrangeira’, portanto, esses primeiros encontros, brevemente narrados, foram guiados por “*passos irresolutos à procura de uma outra forma de ser sujeito*” e podemos, com base nisto, afirmar que as experiências com uma cidade ajudam a ler outra. Como disse Pereira (2008, p.284): “*milhões de cidades estão sendo por aí constantemente conversadas, praticadas, trocadas*”.

Assim, captar as velocidades e pausas, mudanças de escala nesse novo fluxo, pareceu ser o primeiro grande desafio de um estrangeiro que pretendia captar e se inserir no ritmo do novo. A percepção de combinações de uso do solo, assim como a caracterização de grupos sociais e suas tendências de apropriações e ocupações foram os primeiros indicativos que igualmente auxiliaram o andar do estrangeiro, na busca pela compreensão da organização espacial da cidade; conseguir destrinchar estas questões são os impulsos de quem desbrava uma realidade até então “estranha”. Como em todo primeiro contato, tenta-se compreender pelas minúcias e singularidades – gestuais, olhares dos habitantes, por exemplo - os “protocolos” e as regras de convivência para se agenciar também ritmada neste novo fluxo.

Primeiros encontros com o novo podem, deste modo, se apresentar muitas vezes carregados de naturalidade, de romantismo, de leveza (inerente ao viajante). Entretanto, vale a pena salientar o que Peixoto já havia nos alertado (1988,

p.365): “a inocência hoje não tem qualquer traço de ingenuidade, é alcançada por aqueles que atravessam o deserto da solidão”. Assim parece ser o andar/olhar do estrangeiro, inocente, mas nunca ingênuo, e tomado de um frescor, muitas vezes embalados por encantamentos (e também pelos desencantamentos) embrionários aos primeiros encontros. Uma situação na qual nos tornamos capazes de “olhar nos olhos” (dos lugares, das coisas, pessoas).

Desta maneira, entre o que não era cotidiano e o que vai se tornando, o estrangeiro vai bordejando todas estas questões e todas as afetações que o atravessam e, sem nem perceber, já se encontra agenciado no fluxo do novo cotidiano - não mais tão novo.

3.2 Sobre o instrumental elaborado e os passos metodológicos experimentados

Após todo o estudo e arcabouço de métodos apresentados e das observações/vivências, experimentos e derivas realizadas, a ideia de uma “costura-chave” do trabalho se deu pela perspectiva da criação de um instrumental com passos metodológicos que pudessem reunir características interessantes das abordagens metodológicas já consagradas.

O instrumental visou ser, portanto, mais uma contribuição, enquanto nova ferramenta para futuros estudos que busquem compreender o campo da experiência sensível nas cidades. Sua aplicação também pode trazer novas dobras para alimentar e auxiliar a sedimentar as discussões e indagações postas no decorrer da tese.

De tal modo, ele foi pensado em uma estruturação aberta, que permite, por meio de pequenos ajustes e novos arranjos (direcionamentos), múltiplas possibilidades de aplicação, em lugares, escalas e contextos outros, que visem uma abordagem semelhante a aqui pretendida e que possam, sobretudo, ampliar o debate sobre as bordas e os bordejares.

Neste entendimento, reforçamos mais uma vez que buscamos compreender a dinâmica das ambiências e do bordejar pela perspectiva das afetações, do movimento, do cotidiano e do percebido. Os corpos – tanto os humanos, quanto os urbanos (espaços atravessados da cidade) - foram os ‘entes’ disparadores e alicerces da tese de bordas que cá se encontra desbravada.

Sendo assim, a proposta metodológica foi pensada com base numa hibridação dos métodos estudados e experimentados. Sob a inspiração da deriva, evocamos a figura do flâneur numa ideia de “jogo”, que resultou num convite à prática recíproca e à experimentação estética, por meio de corpografias, tendo como registros narrativas gravadas em primeira pessoa, de corpos a grafar pela cidade - a cidade; enfocando sensações e afetações.

Um convite:

O primeiro passo metodológico do instrumental proposto se iniciou através de convites. Convites à reciprocidade, como foi denominado. Uma pessoa por vez (num total de onze - sendo um deles experimento piloto) foi convocada para experimentar determinada área da cidade (neste caso em São Paulo). A informação dada inicialmente era que ela iria caminhar por alguns pontos e narrar esta experiência e que isso provavelmente levaria em média uma hora para ser realizado. Mediante aceitação do convite, um horário e local (próximo à área que seria experimentada) eram agendados para o encontro.

No local e data marcada:

No local previamente agendado, o encontro com o convidado começava com uma ‘atmosfera’ de descontração. Normalmente o local escolhido foi algum bar ou café, no qual se iniciava um bate-papo sobre as intenções do trabalho,

explicando que este faz parte de uma tese de doutorado cujo tema central permeia a discussão sobre ambiências e dinâmicas urbanas. O intento de um momento inicial de descontração serviu tanto para abrandar a curiosidade que todos os convidados expuseram, assim como para ressaltar a importância da aceitação desta participação, para que as contribuições fossem de fato relevantes.

Isto é um jogo:

Feita essa conversa inicial, as cartas contendo os passos e momentos da experimentação eram entregues, para que o convidado pudesse ler sem muitas interferências do pesquisador. A ideia era mesmo transmitir a mensagem de um jogo e a interpretação do convidado sobre as “regras” do jogo e sobre o que cada carta trazia como informação, ficava a critério de suas próprias conclusões. Apenas pequenas dúvidas poderiam ser respondidas, ou seja, a intervenção e a interação com o pesquisador a partir deste momento deveria ser mínima. O jogo é, então, marcado por dois momentos. A etapa inicial do jogo visa instruir e nortear o convidado, a partir de solicitações e sugestões do que é importante ser captado. Desta maneira, eram iniciadas as apresentações, tanto dos elementos urbanos, como dos elementos humanos, ou seja, uma carta contendo breves definições sobre os principais elementos em investigação – ambiência, microambiências e [contra] fluxos - era entregue para que o convidado tirasse suas conclusões sobre o tema em abordagem e sobre os objetivos do trabalho. Em seguida, também era solicitado dele algumas informações pessoais, tais como: nome, idade, sexo, profissão, o que costuma fazer nas horas vagas, como costuma se locomover pela cidade, a frequência com a qual costuma ir ao local em experimentação e sobre o que ele esperava acerca desta experiência, quais seriam suas expectativas naquele momento. Todas estas informações foram pensadas de maneira a ‘ambientar’ o pesquisador sobre hábitos e rotinas do Corpo que realizaria a experimentação, isto é, auxiliar o pesquisador na compreensão das bordas e dimensões sobre o Ser que quando convidado, se tornaria um Ser Urbano.

Carta 01 | Momento 1

Saudações querido(a) amigo(a),

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da experiência que denominei 'Ser- Urbano'... A cidade como um jogo será aqui explorada... a ideia é então entender quais cartadas serão colocadas neste devir... de sua parte pedirei narrativas das sensações, dos movimentos, das percepções e dos acontecimentos que pelo SER atravessarem... Da cidade, espero que (com)pareça e que, então, a ela você padeça.

Você receberá, portanto, cartas que funcionarão quase como uma charada... esperamos, assim que você desvende(-se) urbano!

um convite à ReciproCidade!
... experiências corporais na / da cidade...



“Os prófugos olham para o enredo de fios [bordas] e (...) tecem com os fios [bordejam] teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma.”

(CALVINO, 1990, p.72 – *Cidades Invisíveis*)

Carta 02 | Momento 1



A pretensão aqui pulsante é tentar revelar um possível instrumento de passos metodológicos, para se entender o cotidiano - seus avessos, suas dobras, bordas, fluxos, contrafluxos (e refluxos)... Experiências realizadas com base em percursos, onde nos colocamos em meio e por/entre o espaço urbano, bordejando tanto o público como o privado, a fim de perceber como as diferentes ocupações e apropriações do meio constituem bordas e microambiências que caracterizam os espaços atravessados (os bordejam)...

Como em todo bom evento, façamos as apresentações:

Dos elementos Urbanos:

Ambiência - é uma ideia que tenta abarcar a compreensão das experiências e das sensorialidades humanas que inserem e envolvem os sujeitos numa atmosfera de interação com os espaços. A ambiência mobiliza o corpo, ou seja, convida ao movimento; é indivisível e, está em toda parte, participando do cotidiano das cidades, operando possibilidades infinitas de afetações ... Ouvir sons distintos que caracterizam locais urbanos, sentir cheiros, luzes, cores, diferenças de temperatura, de velocidade do vento e do tempo; tudo isso são maneiras de situar o corpo nessas 'atmosferas urbanas'. Ter consciência delas e reconhecê-las em determinados suportes espaciais, propicia uma experiência.

Microambiências - "pequenas porções de ambiências"; microdinâmicas espaciais, marcadas por 'eventos' de menor 'reverberação' - eventos cotidianos de territórios urbanos.

[contra] Fluxos - da ordem da fruição e do fluir, ações estas em consonância (ou não - no caso do contrafluxo) com determinados vetores / agenciamentos - de "(in)tensões", de ritmos, de travessias (humanas, simbólicas, sociais), de apropriações espaciais, de dinâmicas, etc.

Carta 03 | Momento 1



Dos elementos Humanos:

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____

Ocupação profissional: _____

Horas vagas: _____

Natural de: _____

Mora em (bairro/cidade): _____

Com que frequência estimada vem ao local em experimentação? _____

Como costuma se mover pela cidade?

(Relacionar principais atividades x formas de locomoção)

... assim como em toda boa conversa, antes de iniciarmos nossa 'prosa caminhante', gostaria de entender o que você pensa/espera sobre: **O aqui proposto ato de 'experieciar' uma vivência urbana?** (elencar, no mínimo, 5 coisas)

Data do experimento: _____ Hora de partida: _____

Primeiro(s) Passo(s):

Após as apresentações, dávamos início aos primeiros passos. Um papel com alguns pontos da cidade, escritos de maneira aleatória, era entregue, posteriormente à carta (04) que solicitava ao convidado a criação de um trajeto (de livre composição) que passasse pelos “nós” (pontos) sugeridos, ao colocar o corpo em marcha e narrar sobre esta experiência. Um pequeno gravador de mão era entregue, iniciando uma gravação que só deveria ser finalizada no ponto final (um dos “nós” era sempre o ponto de partida próximo ao local de encontro e o ponto final era sempre um mesmo bar ou café próximo ao que deveria ser o último “nó” corpografado). Neste momento, o convidado era informado de que ele, a partir de então, seguiria sozinho; sem o acompanhamento do pesquisador e sem utilizar outro recurso senão o gravador entregue e seu próprio corpo. Caso o convidado precisasse de alguma informação sobre direção e localização de algum ponto, poderia interagir com pessoas que pelos locais se encontrariam. A interação durante o trajeto por ele escolhido poderia acontecer sem restrições, assim como o tempo para percorrer todos os nós, que era ilimitado.

Enquanto o convidado seguia seu percurso, depois de uns cinco minutos, o pesquisador também entrava em “marcha”, criando seu próprio trajeto, de maneira a passar pelos mesmos nós sugeridos ao convidado. Com uma câmera fotográfica na mão, registros por meio de imagens desses territórios em experimentação ficaram ao encargo somente do pesquisador. Esta decisão foi tomada para que as falas do corpo do convidado (narrativas) e da cidade (os sons e ruídos registrados ao fundo da gravação) fossem os únicos e principais dispositivos na forma dele (convidado) registrar sua experiência. Pensando em aguçar ao máximo todos os sentidos, a ideia das capturas via outras lentes que não os próprios sentidos era, portanto, uma tarefa a ser executada somente pelo pesquisador.

Carta 04 | momento 1

Primeiro(s) passo(s):

Criar um trajeto, colocar o corpo em marcha e dar ‘fala’ a isso!

[cartografias de movimentos | corpografias]

Se o seu corpo falasse o que ele diria? Foi a pergunta que me fiz ao pensar neste PASSO. E foi então que percebi que na pergunta não cabe SE, pois o corpo fala! Grita! Clama! Assim como a cidade... Só que nem sempre a gente pratica o exercício de escutá-lo (a) ... revestido e iluminado pela figura do *flâneur*, vamos então tentar traduzir por meio de narrativas esses acontecimentos-vetores que nos atravessarão e nos rodearão neste percurso.

A você caberá a tarefa de criar um roteiro, traduzindo/narrando o trajeto em percurso e o reflexo corporal das afetações refletidas nos movimentos corporais e nas sensações que em seu corpo vibrarão...

Daremos voz, portanto, ao que seu corpo diz, sempre enfocando as sensações que nele permearão, bem como a sensação de até onde (até que ponto) ainda estamos imersos em uma ambiência... quando emergir a percepção de quebra de uma ambiência, o interessante é mudar de rota... E no caso de haver mais de uma ambiência concomitante, como saber que deixamos a zona de influência de uma e penetramos numa outra?



“Os percursos são traçados entre pontos suspensos no vazio (...) os passos seguem não o que se encontra fora do alcance dos olhos, mas dentro (...) muitas são as cidades que evitam os olhares, exceto quando são pegas de surpresa.” (CALVINO, 1990, p.86)

Carta 05 | momento 1

Quebra!

passo - repasso – perpasso:

por um olhar na [contra]mão ... a importância dos desvios!

Desestabilização de um corpo em contra-fluxo

- parar, por três minutos, com o guarda-chuva aberto,

no meio de um fluxo...



Passo – repasso – perpasso:

Ainda antes da partida, o convidado recebia a última carta para conclusão da primeira etapa do experimento. Em algum momento da “prosa caminhante”²⁵, ele deveria tentar instaurar uma breve quebra (ruptura de fluxo) e desestabilização (do próprio corpo em contra-fluxo). A última carta entregue visava, deste modo, um momento de interrupção com a ‘familiaridade’ do percurso – um carta/ação que funcionaria como dispositivo de desvio. Uma pausa no caminhar, em meio a um fluxo considerável (de pessoas, de afetações, de tensões ou intenções), com um guarda-chuva aberto (se possível, aberto num momento em que não estivesse chovendo). Esse momento ruptura teve como objetivo subsidiar uma discussão sobre possíveis afetações que possam enfraquecer ambiências, como também afetações que possam desestabilizar um corpo que bordeja, verificando o potencial e as consequências de breves interrupções.

As intenções desta primeira etapa da experimentação – Momento 1 do método:

As intenções gerais deste primeiro momento objetivaram entender algumas indagações importantes, tais como: quando o convidado narra uma mudança de direção, talvez até para cumprir a sequência de nós no trajeto por ele criado, a microambiência na qual se bordejava ainda persiste? Enriquece ou enfraquece a próxima (micro)ambiência penetrada? Como o convidado irá evidenciar que sente as passagens entre (micro)ambiências? Como o corpo se mobiliza após as cartadas? A sequência de bordejamento dos nós nos revela algo? Quais sequências de fluxos, ações, in-tensões podem emergir?

²⁵ Utilizamos a expressão – prosa caminhante – por que mesmo sem o acompanhamento do pesquisador durante a corpografia, a ideia de falar através do gravador sugeriria ao convidado que ele se mantivesse o tempo inteiro em diálogo (com o pesquisador e com os propósitos da pesquisa). É interessante ressaltar, que conforme apresentaremos mais adiante, a estratégia de manter o convidado numa conversa gravada foi fundamental para que ele, mesmo em completa divagação, não se dispersasse dos objetivos do experimento.

Assim, nas palavras da estimada Ana Clara Torres (2010), cunhamos que os objetivos nesse momento primeiro do método tratam da necessidade de uma nova cartografia, *“de uma cartografia da ação que inclua as descobertas, e também, as mazelas do cotidiano (...) hoje é necessária uma cartografia que valorize contextos da ação, vínculos sociais, vivências e experiências. Uma cartografia objetiva e subjetiva que não renegue o pequeno, aquilo que, mesmo fugaz, pode ser de extrema importância por constituir-se na única resistência possível nos enredos e descaminhos do mapa do medo. Atravessar lugares e deixar fluir lugares em travessias”*.

Esses passos do momento 1 do jogo foram montados na espera de que o corpo na rua conseguisse perseguir com avidez os vetores de expressão e de provocação de estímulos e afetações, fazendo com o que os indícios vibráteis e pulsantes fossem narrados durante a corpografia e que, por sua vez, seriam tratados como indícios de bordas e de movimentos importantes na constituição de ambiências da cidade. Todo tipo de situação e de práticas que sensibilizarem movimentos e sensações (afetações) nos corpos a grafar serão entendidas como naturezas indexais de como as bordas formalizam o movimento de constituição de ambiências.

A corpografia seria, deste modo, “um roteiro a inventar” ao passo em que os territórios, as bordas e as passagens são percorridas (ROLNIK, 2006), através de um percurso, cujo sentido na definição de Careri (2003, p.25) *“carrega triplo significado, pois se refere ao mesmo tempo ao ato de atravessar (o percurso como ação do andar), à linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e ao relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)”*.

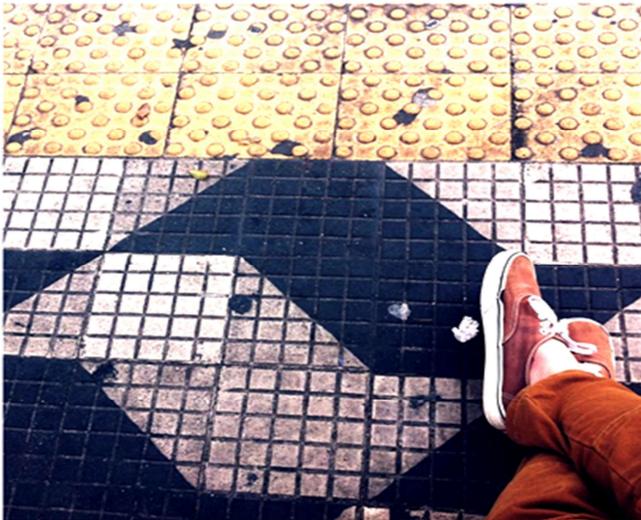
Neste enfoque, diversas atividades e, sobretudo, apropriações nos espaços públicos coexistem nos recortes escolhidos para aplicação do método proposto, e igualmente as ambiências que neles são desenroladas. A depender, portanto, do horário ao longo do dia, como também de qual dia da semana estamos nos reportando, provavelmente, diferentes arranjos de fenômenos cotidianos perceptíveis estarão emergindo.

Como um dos enfoques da tese em tela trata do entendimento de possíveis relações entre “condutas motoras e vibráteis” com os tipos de apropriações e dinâmicas nos espaços, dinâmicas estas que possam ser reveladoras e geradoras de determinadas ambiências tipo; a variação de dias e horários para realização das experimentações foi uma decisão pensada, visto que não pretendemos explorar como estímulos semelhantes podem ser percebidos numa mesma ambiência, isto seria um enfoque outro sobre as ambiências. O objetivo principal desta tese parte da análise das categorias delineadas – borda e bordejar – numa busca pelo entendimento do movimento de constituição de ambiências que pareçam relevantes para estimulação de uma prática recíproca no cotidiano das cidades.

A tese tem igualmente a intenção de demonstrar como corpos podem perceber e narrar ambiências a partir de estímulos que emergem e reverberam. Podemos dizer, conseqüentemente, que traçar um caminho significa dar seguimento (bordejar) ao mesmo tempo em que o inventamos, contando com a capacidade de implantar (*déployer*) na marcha um des-dobrar (*dé-plier*), ou seja, um “explicar” espaços e suas dinâmicas.

Finalizada a corpografia e reencontrado o convidado no ponto final, um segundo momento do jogo é iniciado, só que desta vez de forma breve e direcionada pelo pesquisador. Quando a corpografia termina, o corpo pode ainda pulsar algumas vibrações e é importante captar neste final de “vibrar” algumas impressões de forma direcionada, para que seja possível o esclarecimento de dúvidas que eventualmente podem ocorrer nas transcrições e análises. Deste modo, fez-se uma solicitação de registro escrito ou de desenhos, esquemas - um mapa (mental) de afetações - de impressões “sintéticas” da experiência como um todo, conforme expõe a carta 06.

Momento 2 do método:



“Cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.” (CALVINO, 1990, p.34)

Segundos(s) passo(s):

Ponto final! Fim da Corpografia...

Duração do experimento: _____

Daremos agora corpo | voz à cidade...

Falar sobre as impressões das formas de organização e apropriação sócio-espaciais, ressaltando: elementos centrais, em aglomerado, em malha... teve hierarquia de elementos (de tamanho, de forma, de posição), ritmo, repetição?

Em relação às dinâmicas houve: Sobreposição? Justaposição? Superposição? Intersecção? Se sim, cite exemplos do que sentiu e percebeu...

Algumas IM-PRESSÕES:

Mapa mental – de afetações (para quem quiser compor as impressões com marcações e desenhos).

Carta 07 | segundo momento

in - corpo_R_ações

atravessar . **territórios** | abrir . **lacunas** | perceber . **causalidades** |
 contagiam (-se) . **ações** | narram(-se) . **dobras** | (des)vendam(-se) . **vocações**
 [...] (des)encontram(-se) . **caminhos** [...] contar . **pensamentos** | conceder .
passagens | inventar . **redes** | criam-se . **tramas** [...] repreendem(-se) . **perigos**
 | apreendem(-se) . **Outros** | compreende(-se) . **EU** [...] traçar . **conversações** |
 descer . **barreiras** | subir . **limites** | pisotear . **colchetes** | (des)cobrir(-se) .
urbano | relatar . **humano** | enxergar . **refluxos** | percorrer . **odores** | observar
 . **dentro** | absorver . **fora** | celebrar . **singularidades** | (des) aprender . **percursos**
 [...] cheirar . **símbolos** | sentir . **geografias** | escutar . **indicativos** | ouvir .
lugares | ver . **falas** | adentrar . **sons** [...] vagar . **parênteses** | penetrar .
células | deixar . **trilha** | perder . **rastros** | iluminam(-se) . **vetores** |
 escondem(-se) . **formas** [...] perseguir . **nós** | captar . **fugas** | povoar . **buracos**
 | medir . **rugosidades** | desestabilizam(-se) . **superfícies lisas** | (re)compõem(-se)
 . **in-tensões** [...] (trans)pira . **movimentos** | (ins)pira . **(re)flexões** | (ex)pira .
dispositivos | (res)pira . **ins-pirações** [...] permear . **contrapontos** | (in)filtrar .
corpos | registrar . **contágios** | engendrar . **fluxos** | emergem . **in-filtrações** |
 escapam . **revelações** [...] pausa! | reposicionar . **limiares** [...] aproximam-se .
afetações | afastam-se . **ligações** | (inter)agem . **instintos** [...] desviar .
carimbos | contemplar . **relações** | assistir . **deslocamentos** | ressaltar .
cotidiano [...] (des)faz . **opacidades** | retoma . **enganchamentos** | (des)monta .
registros | rebobina (⏮ REW) . **sensações** | avança (⏭ FF) . **traços** | seleciona .
aventuras [...] (re)monta . **praticantes** | insistem . **colagens** | persistem .
complexidades | recorta . **entulhos** | costura . **multiplicidades** | superpõe .
diversidades | sobrepõe . **afetos** | justapõe . **alteridades** | rasura . **travessias** |
 emenda . **trocas** | (ex)pele . **contrafluxos** | corrige . **passos** | indaga . **o**
extraordinário | (re)conhece . **o ordinário** | in-tensiona . **idades** | revelam(-se)
 . **bordas** | in-corpora(-se) . **reciprocidade** [...]



“Em toda a sua extensão, a cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório (...). O prazer das coisas novas e diferentes (...). A cidade refaz a si própria todos os dias.” (CALVINO, 1990, p.97).

Como uma cartada final (07 | “in – corpo – R – ações”²⁵) foi pedido ao convidado que ele compusesse uma “tradução” de seu experimento, a partir de um jogo de palavras – correlações entre ações e verbos, conforme modelo da carta acima – de maneira que as combinações expressassem a sua experiência em Ser urbano.

Caça palavras!

Neste fim de prosa, **quebre a cabeça!** [des]embaralhe as palavras acima com base nas interpretações de seu experimento! Ou seja, correlacione uma **ação** a um **elemento**, de maneira a montar uma narrativa que melhor **‘TRADUZA’ sua experiência**. Não precisa usar todas as palavras, somente as que as que pareçam te ajudar nessa tradução, e pode correlacionar livremente.

Estas combinações e montagens de traduções com base em verbos e elementos sugeridos, também poderiam auxiliar a compreensão das afetações e da corpografia, a partir de sínteses elaboradas. Sínteses estas que ajudaram a disparar pensamentos nas aberturas dos capítulos da tese (os “entre parênteses” nas epígrafes de abertura).

Desta forma, os momentos e passos do jogo Ser Urbano, estimulados por um convite à reciprocidade, foram costurados com intuito de provocar o convidado em cada cartada, esperando que ele desvendasse algumas dinâmicas, atmosferas e bordas da cidade, fazendo ele mesmo uma costura própria e singular de “nós” da cidade, ou seja, estimulando-o a compor bordas numa experiência urbana. O jogo se validou como uma ferramenta para “(possíveis) *enfrentamentos que são exigidos pela reflexão do território usado, do homem lento e da rugosidade*” (TORRES RIBEIRO, 2012).

²⁵ A decomposição deste termo no jogo de palavras “in – corpo – R – ações” fez parte de uma obra do artista plástico Hélio Oiticica, e que teve repercussões inspiradoras de releituras em tantos outros campos da arte (dança, teatro, poesia, arquitetura).

Relações entre estímulos corporais e acontecimentos. O intuito foi tentar buscar nas ambiências estímulos que emergem e reverberam nos corpos. Elas (as ambiências) não se repetem, nem afetam os corpos com os mesmos impulsos, por isso a intenção não foi tentar agrupar estímulos, nem explorar uma mesma ambiência. A variação de momentos e lugares em experimento seria uma alternativa mais interessante para ampliarmos a discussão sobre as bordas, o bordejar e a constituição de ambiências; embora haja algumas similaridades entre ambiências experimentadas pelos convidados, que mesmo tendo ocorrido em dias diferentes, como alguns horários foram semelhantes, as dinâmicas sociais apresentaram uma tendência a repetições e algumas afetações puderam ser consideradas parecidas.

Não esqueçamos que estamos visando explorar fluxos cotidianos e como essas repetições podem contribuir para manutenção de ambiências importantes para a cidade, então verificar algumas semelhanças no bordejar e entender diferentes momentos do dia-a-dia destes recortes da cidade escolhidos para os experimentos são de fato os enfoques pretendidos. Estudar a cidade é esperar que ela queira se revelar para você e que vibremos de tal maneira que corpo e cidade entrem em devir urbano, em linhas des-re-territorializantes, nas múltiplas relações de “in-tensões”, de *perceptos* e *afectos*. Sintetizando, portanto, as intenções e táticas de aproximação das experiências em campo, por meio dos passos metodológicos propostos, tivemos estruturadas:

As Lentes: (i) (micro)ambiências como células; (ii) vetores de afetações e “in-tensões” (fluxo e movimento); (iii) cotidiano, ordinário; (iv) urbano-humano.

Os Métodos inspiradores: (i) corpografias, (ii) deriva e marcha, (iii) narrativas com base em experiências estéticas, (iv) uma aproximação com o *Parcours commentés* e com o *Marcher ensemble* (pelo fato de se estabelecer com o convidado um diálogo gravado, mesmo com o não acompanhamento do pesquisador, os diálogos se efetivaram nas narrativas); (v)

gravador na mão, fazendo alusão à ideia do método Câmera na mão, só que focando apenas nas falas e nos ruídos captados.

Os Dispositivos: (i) categorias de análises – bordas e bordejar e (ii) convites para experimentações na cidade.

As Noções e metáforas: bordejar como uma costura de microambiências cotidianas (que dão corpo às ambiências e aos Lugares da cidade). As (micro)ambiências como células e suas bordas como membranas.

As Práticas: o caminhar como a prática de um “corpo a grafar” em experiências estéticas – prática recíproca.

Os Utensílios: (i) gravador, (ii) fala e (iii) corpo.

Os Territórios atravessados: (i) centro da cidade de São Paulo; (ii) arredores da Rua Augusta com a Av. Paulista.

Lentes outras: o olhar da pesquisadora sobre os territórios experimentados – captura de imagens fotográficas.

Momento contra-fluxo: pausa ou quebra no caminhar, repostas de um corpo em contra-fluxo. Utensílio extra: guarda-chuva.

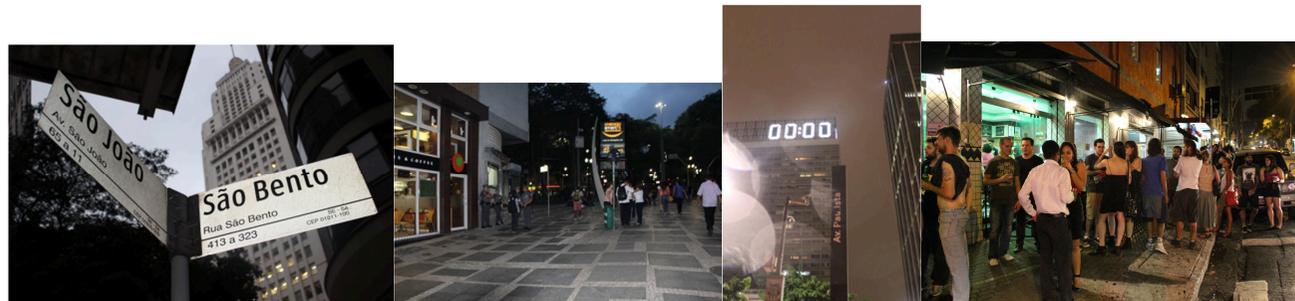


Imagem 21. Experimentos em São Paulo. Fonte: acervo pessoal

A escolha dos convidados e dos “nós” será explicada nos pormenores, no item 3.4. Por fim, o instrumental Ser Urbano requer ainda mais um passo, o da análise das narrativas corpográficas, ou seja, ele é composto na verdade por mais um momento. Um momento terceiro que demanda uma “sistematização” e organização do conteúdo das narrativas, conforme trataremos a seguir.

3.3 Tipificação de bordas: arranando traços nas microvilosidades e medindo seus potenciais em práticas recíprocas

As narrativas enquanto potenciais subsidiários da tese sobre bordas e bordejar, necessitam de filtragens e estruturações para que as discussões sigam o rumo almejado. É válido admitir que há múltiplas possibilidades de avaliá-las, de cruzar informações, de extrair significados e análises tantas, já que se tratam de conteúdos abertos. Todavia, é tamanha a importância da definição das “lentes” da pesquisa, para que não se perca o rumo.

Assim, na tentativa de perquirir uma discussão sobre características de bordas e suas correspondências com as dimensões em estudo, podendo relacionar grau de permeabilidade (microvilosidade) e trocas/compartilhamentos em potenciais de ambiências (e de ambiências em potenciais); pensou-se, iluminada e inspirada no método Arquivo Mnemônico do Lugar (explicitado anteriormente), em agrupar os elementos fornecidos nas narrativas numa análise de traços. O traço entendido como uma marca, uma característica distintiva; portanto, índices ou evidências contidas nas narrativas que nos possibilitariam avaliar movimentos e afetações corporais, assim como vetores de “in-tensões” bordejantes, além dos elementos urbanos e humanos em apontamentos.

3.3.1 Arranjos dos conteúdos das narrativas de corpografias em traços

Como mencionado, depois de capturadas as falas e feitas as transcrições, e para manutenção das discussões em consonância com os objetivos, os conteúdos teriam que passar necessariamente por: (i) uma filtragem, (ii) uma caracterização e organização em traços e (iii) por correlações entre possíveis tipificações de bordas e suas dimensões. Ou seja, de posse das informações que deram corpo à tese, era preciso fazer com que elas ganhassem corpo também.

Arranjos são caracterizados pela natureza e pelo encadeamento de elementos escolhidos. Se algo é alterado, tem-se fundamentalmente um novo arranjo. Para então entender estas naturezas e encadeamentos dos conteúdos (seus traços), pensou-se no estabelecimento de agrupamentos em arranjos. A noção de frequência igualmente auxiliou o pensamento nesta compreensão de traços em arranjos. Frequências são oscilações num tempo, sintonias para captar ondas de vibração (e de afetação). Sendo este estudo pautado na natureza de fluxos, movimentos e vetores, um enfoque nas oscilações narradas em corpografias, poderiam nos auxiliar a traçar arranjos e tipificações de (micro)ambiências e de bordas.

Assim sendo, concluímos que a análise dos conteúdos extraídos dos experimentos poderiam ser elementos de análise avaliados sob a perspectiva de três arranjos:

- a) Frequência das narrativas: Arranjos de traços urbanos e humanos apreendidos: (i) sons captados; (ii) cheiros diversos; (iii) demais sensações narradas (segurança, medo, vento, agradabilidade, frescor, etc.); (iv) apontamentos de tipos de apropriações; (v) tipos de ocupações; (vi) descrições de pessoas ao redor - características de “tribos sociais” e comportamentos; (vii) “velocidades” da cidade apreendidas; (viii) monumentos, edifícios e marcos físicos ressaltados.

- b) Frequência dos vetores de afetações: Arranjos de traços de movimentos e de “in-tensões” - (b.i) do corpo e (b.ii) do bordejar - traços das ações dos corpos, dos movimentos e das (in)tensões. Nesta abordagem, o entendimento das “ações-chave” componentes dos traços são:

Arranjo de traços de movimentos e “in-tensões” do corpo (b.i):

- (i) Observa / assiste – ação na qual o corpo para por um instante para observar algo. Foi “intencionado por” e teve, conseqüentemente, a intenção de apontar algo captado; para tanto assiste passageiramente esse algo em acontecimento. Pequena pausa para apontamento. Uma ação mais passiva, apenas descritiva.
- (ii) Contempla – ação semelhante à observação, mas caracterizada por um movimento de pausa maior, mais demorado, mais intencional e mais complexo. Quando se contempla algo, o corpo se coloca em estado de admiração (boa ou ruim), olha-se com atenção (de certa forma até inquiridora). Uma ação mais ativa, já que observa com certa atenção, interagindo e resultando em uma análise. Reconhecimento de uma pausa para absorver algo.
- (iii) Retoma – movimento de prosseguimento. Retomada do que estava desenvolvendo e que por algum motivo foi interrompido. Gancho para continuidade de uma ação anteriormente encadeada. Conector de uma ou mais cadeias de ações anteriores.

- (iv) Se perde – movimento de um corpo que perde o “domínio” de algo intencionado e, portanto, se tenciona para retomar, reencontrar. Um corpo que se perde, normalmente é atravessado e afetado por vetores de dúvidas e indecisões.
- (v) Expele – é movimento da natureza do dentro pra fora, uma reação que é impulsionada de maneira a ser ejetada; colocado para fora do corpo em resposta a algo que pulsou em algum momento e que foi evidenciado, seja um pensamento, uma dor, uma sensação de cansaço, por exemplo, uma dúvida – sensações que determinam movimentos e tensões.
- (vi) Persiste / insiste (nuances) – movimento que demonstra obstinação. Dar continuidade, mas tencionado por uma não desistência, não ceder. Repetir, reiterar algo ou uma ação.
- (vii) Interage – ação em que o corpo dialoga, que requer mutualidade, fazendo com que haja modificação no movimento ou estado de ambas.
- (viii) Incorpora** – movimento, ação, afetação que penetra de fato no corpo, intencionando-o de maneira a incluir o ocorrido para fazer parte do Eu de alguma maneira. Fazer com que algo se torne corpo, mesmo que transitoriamente, de forma passageira ou até simplesmente atravessada, mas ainda assim é algo que foi incluído, que em algum momento penetrou. Absorção profunda e intensa.

Arranjo de traços de movimentos e “in-tensões” do bordejar – do compor bordas (b.ii):

- (i) Selecciona – quando se é afetado por algo que acontece ao redor, seja um som, um cheiro, uma sensação do vento, um acontecimento que de alguma maneira faz com o que o corpo seja acionado na tentativa de captar e “colher”, coletar o ocorrido. Se algo é selecionado, ele é por vez permeante.
- (ii) Rebobina (RR) – um retorno a uma cadeia de ações e afetações, resgate, lembrança. Volta e alinhava uma afetação anterior. Revisita uma sensação já narrada, uma atmosfera re-conhecida. Um tipo de comparação que resgata algo ou alguma coisa.
- (iii) Avança (FF) - ação de adiantar, proceder de maneira acelerada. Bordejamento de modo apressado, em velocidade outra. Normalmente uma ação do bordejar incitada e afetada por alguma inquietação de saída do “alinhamento”.
- (iv) Monta – um bordejamento conclusivo, com algum fechamento; que abrange, congrega e sintetiza ideias em uma situação, uma atmosfera, uma percepção (geral).
- (v) Recorta / desmonta - ação contrária à montagem. A seleção de algo que é ao mesmo tempo desagregado e desagregador no ato de bordejar.

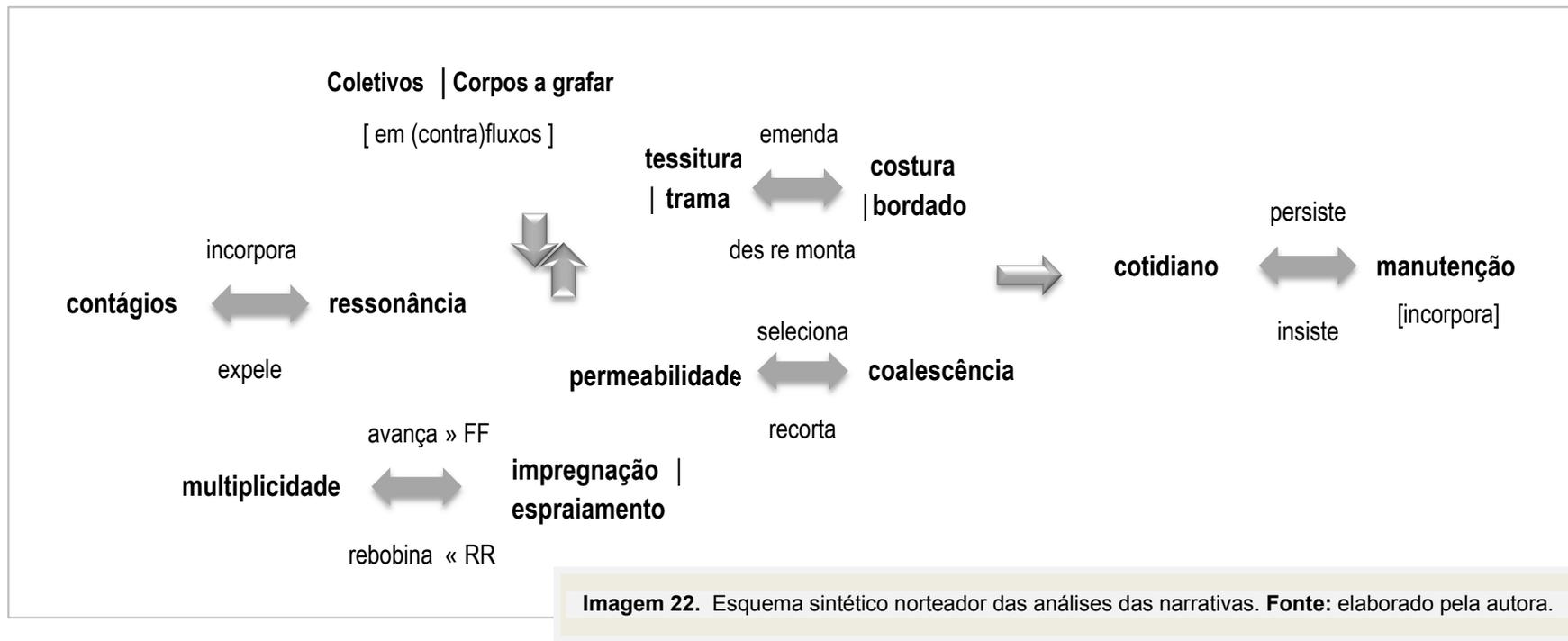
- (vi) Emenda /costura – bordeja, alinhava uma microambiência a outra (mesmo não estando próximas fisicamente, pois alinhava por vetores de afetação), emenda e costura montagens, às vezes até ressaltando o que foi recortado.
- (vii) Remonta – alinhava a experiência do presente com uma experiência da memória - faz referência a um passado ou a um futuro. Ação de natureza criativa. A criação de algo novo como uma superposição quase que palimpsesto de um lugar, que faz com que o corpo se transporte para uma situação paralela, passada ou futura. Costura algo que não está ali de fato. Fazer o corpo vibrar numa outra dimensão.
- (viii) Incorpora** - O traço de incorporar também se repete no movimento de bordejar, já que é uma absorção intensa. É como reconhecer uma costura da ordem do cotidiano, que já faz parte daquele corpo/território. Já foi incorporado.

Naturalmente, pode haver **sobreposição** de traços, e quando isso ocorre significa que o corpo está sendo tensionado em multiplicidades, de maneira a responder através de ações múltiplas.

Sintetizando o pensamento dos arranjos em traços, podemos colocar, então, que optamos por análises em duas frequências: (i) das narrativas - que apontaram oito traços possíveis nos arranjos das falas que retratam elementos urbanos e humanos permeados nas experiências; e uma segunda frequência (ii) dos vetores de afetações, que auxiliaram os arranjos em traços de movimentos e in-tensões, subdivididos em arranjos do corpo e arranjos do bordejar,

cada um igualmente com oito possibilidades de traços, sendo o traço da incorporação comum aos movimentos de corpos e de composição de bordas.

Ainda nesta abordagem e retomando o esquema de correlações entre operações e elementos das palavras-chave do bordejar (apresentado no item 2.3), propomos o acréscimo dos traços arranjados, de forma a elucidar o seguinte sistema norteador das análises que seguirão.



Nesta perspectiva, foi a partir de um pensamento triádico que desenvolvemos três táticas lógicas de fundamentação do método: (i) tática explicativa: visando estimular possibilidades aos experimentos – multiplicidades (condução de um encadeamento lógico com base nas categorias delineadas e fornecidas); (ii) tática de experiência qualitativa – da ordem da ação em seu ato de acontecer – encarnadas num existente, efetivas, brutas, ocasião singular, particular – a experiência de cada corpo na cidade; e (iii) uma codificação das informações colhidas - que abarcou traços de uma ação cognitiva, do pensamento sintético – tipificação em arranjos e traços.

Este instrumental proposto em três momentos de passos metodológicos pode se revelar, portanto, um atlas a des-re-montar corpografias e relatos humanos-urbano; a revelar tramas e tessituras, ou seja, bordas. Uma ferramenta que desperta falas inseparáveis de cheiros, sons, formas de movimento, sensações; que promove quebras nesse distanciamento alienante com o qual vivemos hoje nas cidades.

O método pode promover ainda uma tradução deste Outro urbano, sem a pretensão de falar por ele, mas falar através dele. Por isso a opção pela tática da interpretação (pois narrativa é interpretação, não representação). A narração seria, portanto, uma ação ‘outra’ de experiência no espaço?

Micronarrativas, ideias balbuciantes, podem ajudar a compreender esse todo chamado cidade e ajudar a perquirir o cotidiano a fim de possibilitar à cidade o direito de ser banal e ser ainda fugidia, com elementos que escapam, coisas que atravessam; ser terreno movediço, mas que pode sedimentar formas de bordejar através de singularidades reveladoras de uma trama que também admite fissuras, hiatos, lapsos, farrapos, resíduos e reminiscências.

E são estas tramas com fissuras que aportam aqui a ideia de que o bodejar pode tanto fomentar uma **constituição de ambiências híbridas, mestiças** (que são ‘todos’ provenientes de cruzamentos e fundições derivadas de fontes

diferentes), como também a **constituição de ambiências “bricoladas”**, remendadas (uma *rapiéçage*²⁶, onde ao haver resíduos, hiatos, pode-se remontar a trama com peças faltantes – uma costura feita com elementos que não estão necessariamente presentes em um experimento, mas que por vetores desejan²⁷ podem bricolar o todo).

3.4 Os Seres Urbanos e sua cidade: apresentando os convidados e os nós atravessados

‘Seres Urbanos’ foi a denominação atribuída aos convidados que aceitaram participar dos experimentos na cidade, operando de acordo com as cartadas que compuseram o método proposto. Estes seres formaram dois grupos, um conjunto de cinco pessoas que realizaram corpografias na região da Avenida Paulista com a Rua Augusta; e outras seis pessoas que fizeram os experimentos no Centro da cidade de São Paulo, tendo sido uma delas convidada para um experimento piloto (teste do método).

²⁶ A bricolagem (*rapiéçage*) é um termo utilizado por Alessia de Biase, em seu texto “*Ruses urbanas como saber*” (IN: JACQUES; JEUDY orgs. *Corpos e cenários urbanos. Territórios urbanos e políticas culturais*, 2006). Neste texto, a autora se utiliza da imagem do *bricoleur*, ao associar práticas de moradores que buscam *bricoler* a sociedade na qual vivem, que deve encontrar peça adequada, inventar soluções, descobrir uma *ruse* para poder substituir a peça faltante.

²⁷ Desejar é, antes de tudo, construir um agenciamento, construir um conjunto, pois nunca se deseja só uma coisa, sempre um conjunto de coisas. Por isso os desejos são plurais e subjetivos. Segundo Deleuze e Guattari (1980), o desejo é uma força ativa primária; um elemento maquínico que através do agenciamento de outros elementos “dão corpo” à subjetividade humana. Os desejos criam territórios.

Os convites foram feitos em “rede”, como na “linguagem contemporânea das redes sociais” - um amigo convidado que convidou outro amigo e assim por diante. Essa abordagem em rede fez da cadeia de experimentos uma ideia interessante de que seria possível “viralizar” experimentações do Ser Urbano.

De acordo com os dados de identificação fornecidos, os seres formam grupos: de pessoas que são naturais da cidade experimentada (quatro no total), pessoas que nasceram em cidades do interior de São Paulo (cinco) e pessoas que são de outra região do país (dois nordestinos). Dentre estes, cinco são mulheres e seis são homens, todos numa faixa etária entre 25 e 47 anos. Pelo fato dos convites terem se dado em rede, acabou acontecendo também um certo agrupamento de profissões: seis destas pessoas trabalham com urbanismo (arquitetos e urbanistas), duas são advogadas, duas jornalistas (sendo uma também professora) e um médico.

Em relação à frequência com que costumam ir ao local do experimento, sete pessoas vão com frequência ao local e as outras quatro vão esporadicamente. Esse fator quase não interferiu nas corpografias, já que ninguém afirmou não ter nenhum conhecimento sobre os espaços percorridos e, portanto, sabiam se orientar (poucas solicitações quanto a informações sobre localização dos lugares foram demandadas aos passantes) e tinham noção das dinâmicas que nos lugares se desenrolam cotidianamente (bordejar cotidiano foi de fato objetivo atingido).

Em relação aos meios de locomoção que costumam utilizar para mover-se na cidade, a maioria faz uso de transportes públicos (ônibus, metrô) e também costuma andar a pé; apenas três pessoas afirmaram fazer uso de automóveis para se locomover usualmente, mais precisamente, apenas uma pessoa se locomove preferencialmente de carro. Essa demanda sobre a forma de mobilidade representou um impacto direto na maneira como os participantes pontuaram questões

relativas à mobilidade na cidade, em relação às velocidades narradas, entre outras questões que discutiremos no próximo capítulo.

Estes dados de identificações pessoais dos convidados não serão, portanto, utilizados como formas de agrupar perfis em comparações de análises (não queremos estabelecer “categorias de perfis, nem análises por grupamentos focais²⁸). Apenas julgamos interessante contextualizar as características dos corpos que participaram dos experimentos, para que se entenda “os olhares” de quem narrou a cidade. Sendo assim não iremos analisar os resultados balizando-os por grupos, mas sim pelos arranjos de traços nas narrativas criados.

Vale ressaltar que nem toda pessoa convidada se dispôs a participar, além dos onze participantes, três outros convidados se recusaram a fazer o experimento. Portanto, cada convidado funcionou também como um elemento de borda, que tinha a capacidade de bordejar, a partir de um agenciamento maquínico de seu corpo, em vetores de *afectos* e *perceptos*, e que por esses vetores também puderam perceber a dinâmica inerente às ambiências experimentas, ou seja, como microambiências desencadeiam bordados/costuras de maneira a constituir (ou não) ambiências matrizes (ou serem constituídos por ambiências mães). Bordejaram e perceberam o bordejar – eram bordas a perceber outras bordas.

Por sua vez, os pontos – *nós* – que deveriam ser atravessados nestes percursos criados, funcionaram como referenciais de bordas espaciais (físicas). Cada parte da cidade experimentada (Paulista e Centro) tinha seu conjunto de nós a atravessar.

²⁸ Uma abordagem de análises focais até poderia ser uma dobra do instrumento, outra forma de aplicá-lo e de medir bordas por segmentos sociais da cidade. Mas não se trata dos objetivos elencados nesta tese.

A escolha das áreas se deu não por serem áreas “consagradas”, mas por serem suportes diários de atividades que estabelecem bordas as quais evidenciam “resistências” em espaços referenciados como espetaculares da cidade. Ou seja, são representativas do que entendemos como “*idades nômades vivendo dentro de cidades ‘sedentárias’*” (presença constante de ambulantes, moradores de rua, artistas de rua, prostituição, etc., em lugares da cidade que são conhecidos por abrigar monumentos históricos, rotinas de trabalho e relações de poder); vetores de espaços lisos e estriados numa mesma territorialidade. São espaços sempre em ‘trânsito’, com dinâmicas que se transformam a depender do horário e do dia da semana.

“Nó” é então entendido como algo que aperta ou segura uma amarração, um entrelaçamento. Por isto denominamos os pontos de referências a serem atravessados como *nós* (além da sugestão do trocadilho com o pronome de uso coletivo – eu e outros). Podemos colocar, assim, que os pontos foram escolhidos tanto por serem elementos espaciais importantes destas áreas, incitando a relação entre possíveis bordas “espetaculares” com bordas de resistência, de cotidianos outros; como também a escolha permeou a intenção de fazer com que os corpos percorressem territórios entendidos pela pesquisadora como relevantes fomentadores do debate sobre bordas e bordejar; espaços estes, ricos em dinâmicas diversas.

É importante colocar que os *nós* eram entregues rabiscados numa folha de papel (muitas vezes escritos em guardanapos no momento da conversa, antes do percurso), em disposições totalmente aleatórias e espaçadas na folha, para evitar influências na decisão dos trajetos a serem criados.

Sendo assim, o conjunto de *nós* que compuseram os percursos Paulista/Augusta foram: (i) ponto de partida: Bar Ibotirama (popular bar da rua Augusta) / trechos da Rua Augusta, (ii) trechos da Rua Bela Cintra, (iii) trechos da Rua Frei

Caneca, (iv) trechos da Alameda Santos, (v) esquinas da Augusta com a Av. Paulista (passar pelos quatro cruzamentos); (vi) átrio do restaurante Spot; (vii) Parque Trianon; (viii) MASP (Museu de Arte de São Paulo) – ponto final.

Esta mancha de pontos é uma centralidade que concentra fluxos importantes da cidade de São Paulo, fluxos estes de todas as ordens: desde comerciais, empresariais e financeiros (de grande porte), como espaços de lazer e cultura, além de ser sempre “palco” para as manifestações públicas, para concentração de “tribos diversas”, incluindo imigrantes recém-chegados que tentam recomeçar a vida de alguma forma.

Além destas questões, ressaltamos também as diferenças de topografias e que tendem a dividir esta área em: (i) eixo plano da Paulista, como “divisor de águas” das (ii) ruas aladeiradas que lhe são transversais, isto é, nesses cruzamentos forçados pelo linha reta da Paulista acontece uma quebra marcante, onde as ruas passam a se distinguir radicalmente em termos de dinâmicas e mais objetivamente, em termos de valores imobiliários. De um lado da paulista temos o bairro dos Jardins (conhecido por abrigar apartamentos de grande valor e restaurantes e lojas de luxo); e do outro (sentido Centro), temos o bairro Consolação, onde fica o baixo Augusta e a rua Frei Caneca, igualmente conhecidos por suas dinâmicas noturnas intensas, que atraem pessoas dos mais diversos perfis, diariamente. É também parte da cidade onde as manifestações públicas e protestos ganham corpo e se espriam para outros pontos da cidade, já que estabelece conexões com o centro histórico (outra área estudada).

Já os ‘nós’ que compuseram o percurso da área Central da cidade foram: (i) ponto de partida: Vale do Anhangabaú – com a rua São João; (ii) Teatro Municipal; (iii) Viaduto do Chá; (iv) trechos da rua Líbero Badaró; (v) Praça do Patriarca; (vi) Mosteiro São Bento; (viii) CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil; (ix) trechos da Rua 15 de novembro; (x) trechos da Rua 25 de março; (xi) Páteo do Colégio (xii) e Praça da Sé – ponto final.

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

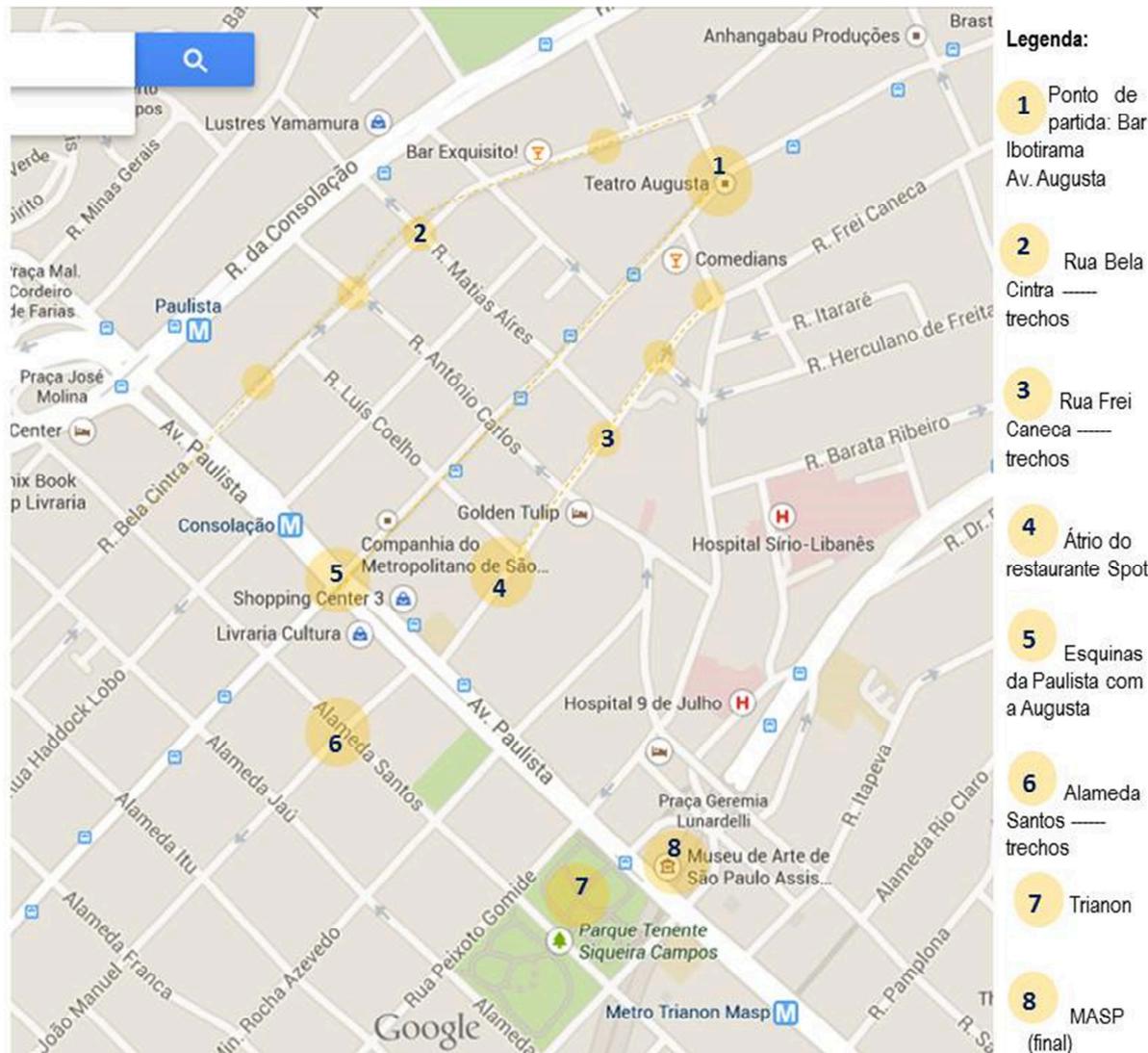


Imagem 23. Localização dos “nós” percursos Paulista – Rua Augusta. Fonte: Google Maps – adaptado.

Estes nós atravessados são marcos importantes da historicidade da cidade de São Paulo, incluindo seu marco zero, que fica localizado no centro da praça da Sé, considerada a catedral da cidade. Mas igualmente ao que foi colocado como critérios de escolha para a área da Paulista, não optamos pelo Centro como área a ser experimentada somente pelo seu caráter histórico, mas, sobretudo pelos fluxos diversos que por lá se acontecem todos os dias. É pólo concentrador de grandes fluxos que atravessam toda a cidade – principais terminais de transbordo e intermodais, aqui se localizam (linhas de metrô e de ônibus que se cruzam).

O centro é marcado pelo seu potencial comercial que abriga lojas de varejo das mais diversas, principalmente na conhecida Rua 25 de março, onde as atividades de venda e compra de mercadorias (todas, inclusive artigos falsificados) ultrapassam os limites dos estabelecimentos e franjas das mais imbricadas se instauram num verdadeiro e grande comércio de rua. Além disso, a mancha desses nós abriga centros de cultura e lazer, onde grandes eventos da cidade periodicamente acontecem (como por exemplo, festas de comemoração do aniversário da cidade, shows a céu aberto, etc.); sedia também prédios empresariais, incluindo os célebres da Bolsa de valores (Bovespa) e o edifício Altino Arantes (popular Banespão); edifícios onde importantes órgãos públicos se encontram instalados – sede da Prefeitura e de secretarias, câmara de vereadores, e por isso é igualmente palco de grandes manifestações, principalmente as populares que lutam por moradia, por questões ambientais, sindicalistas, etc.

É ainda historicamente marcado por edificações religiosas: Pátio do Colégio, Mosteiro São Bento, Igreja da Sé, grandes sedes de centros espíritas e numa área próxima, recentemente foi inaugurado um imenso templo para cultos evangélicos (uma “réplica” do templo de Salomão); é, portanto, uma zona impregnada por práticas religiosas das mais diversas. Atualmente se tornou um grande abrigo de moradores de rua que, em sua maioria, são usuários de drogas (principalmente crack). Eles usualmente instalam barracas de camping para se recolherem durante o dia e à noite.

Perceber **odores** . desviar **instintos** . contemplar **diversidades** .
povoar **territórios** . penetrar **urbano** . sentir **limites** . absorver
contrapontos . enxergar **humano** (...) Revelam-se **bordas** .
reposicionar **territórios** . justapõe **deslocamentos** . transpira
geografia . desestabiliza **percursos** . indaga **cotidiano** . ilumina **o**
ordinário (...) Narram-se **aventuras** . penetrar **limites** . registrar
bordas . ver **fluxos** . perceber **urbano** . rebobina **deslocamento** .
atravessar **lacunas** . ouvir **sons** . escutar **falas** . sentir **relações**.
(Felipe Moreno | Melina Freitas | Natália Romano, 2015)

Capítulo IV

Possíveis recipro-cidades? (re)Conhecendo bordas, fluxos e permeabilidades

[físico-sociais, culturais, afetivas/emocionais/sensíveis]

Capítulo IV

Possíveis recipro-cidades? (re)Conhecendo bordas, fluxos e permeabilidades

[físico-sociais, culturais, afetivas/emocionais/sensíveis]

Esta tese se propôs a perquirir, em sua abrangência, possíveis “funcionamentos de espaços urbanos”, na forma como eles são vividos cotidianamente. E nessa perspectiva, apostou na ideia de que tudo se passa nas bordas, nessas franjas, nos espaços intersticiais – nas pregas (rugas) da cidade. Bordas capazes de constituir ambiências como um campo vazado e permeável através do qual transitam as coisas.

“Um espaço, portanto, não extensivo, mas enrugado, feito de dobras, de lacerações, de conflitos: (...) um espaço tátil, muito mais que visível; um espaço ocupado por eventos, espaço de afetos, mais que de propriedades.” (DELEUZE e GUATTARI, apud PINHEIRO, 2010, p.117)

O bordejar segue, então, num entendimento de operação que compõe bordas com potencial de produzir (inusitados) entrelaçamentos, e às vezes nem tão entrelaçados assim, mas justapostos de maneira a “*bricolar*” uma atmosfera. De tal modo que em reforço à ideia de que é possível encontrar e analisar práticas recíprocas nas cidades, avigoramos a conexão que é embrionária ao fato de experimentar lugares da cidade: a de que corpo e cidade se configuram mutuamente: “*além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram nossos corpos.*” (JACQUES, 2008, p.14)

Os passos metodológicos do Ser Urbano procuraram, de forma especulativa, avaliar vivências na cidade para reforçar possíveis conjecturas sobre constituições de ambiências. Evocamos conjecturas por que as corpografias se subsidiam em experiências estéticas que são explorações engajadas numa dimensão imaginativa das coisas (VELLOSO, 2010).

Nesse entendimento, o bordejar pode ser tomado como uma ‘mediação por/entre mediações’, possibilitando que os experimentos urbanos se revelassem experimentos humanos, sugerindo ao humano desvendar-se urbano.

Exploraremos, portanto, nesse último platô da tese, provocações que nos fizeram refletir sobre possíveis maneiras de engendrar reciprocidades nas práticas urbanas, sobretudo, àquelas que fazem cotidiano.

E é na cidade palimpsesto, marcada por processos de rasuras e colagens diversas, que as ambiências parecem semear o novo no cotidiano “seco”, inócuo, das metrópoles. Estaria aí, conseqüentemente, aportada a importância das ambiências e da compreensão de suas bordas: permitir (re)compor, reforçar, a tessitura na/da cidade?

4.1 O que pode o Ser Urbano ? Como pode operar?

Perscrutar as ambiências como um compósito de indicativos que quando decifrados/avaliados podem contribuir para o entendimento das sensorialidades, dos movimentos, sua maneira de bordejar e estabelecer bordas; significa avaliá-las sob uma perspectiva que, conforme coloca Deleuze (1997, p.50), requer:

Plano de conteúdo e plano de expressão (...) composta de nomes próprios, de verbos no infinitivo e de artigos ou pronomes indefinidos. *Artigo indefinido + nome próprio + verbo infinitivo* constituem, com efeito, a cadeia de expressão de base, correlativa dos conteúdos minimamente formalizados, do ponto de vista de uma semiótica que se liberou das significâncias formais como das subjetivações pessoais (...) é que os elementos postos em jogo encontram aqui sua individuação no agenciamento do qual eles fazem parte (...) o indefinido não é como o indeterminado, mas ao contrário, é como um 'individuante' em um coletivo (...) como na psicanálise, atrás dos indefinidos, há um definido escondido, um possessivo, um pessoal. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.50)

Assim, na compreensão de que corpografar a cidade é uma ação singular e que tem por atribuição de significados uma relação de afetações únicas e subjetivas; para conseguir alcançar um debate objetivado sobre as bordas e as constituições de ambiências, optou-se pela análise em traços, traços esses, como expôs a citação acima –'individuantes' de um coletivo agenciado, no caso em tela, em arranjos que visam subsidiar as discussões sobre o bordejar.

De tal modo, exploramos no Ser urbano o caminhar como instrumento crítico, o que fez emergir perguntas, tais quais: o que consegue responder sobre bordas e como podemos operar análises do bordejar em arranjos? Como evidenciar tendências de sociabilidade da cidade atual?

Cada cidade tem seu cotidiano, tem aquilo que lhe é banal e ordinário, engendrados em seus fluxos próprios. Portanto, as bordas como categorias de análises para compreensão do bordejar são de naturezas múltiplas e por isso podem demonstrar qualidades e agenciar vetores de maneiras mais diversas para compor suas dimensões (espaciais, sociais, sensíveis, afetivas).

Sendo assim, não se tinha a pretensão de discutir o bordejar em uma cidade, mas sim discutir o próprio conceito, utilizando-se de um exemplo de cidade, para debater sobre os meios como ele pode operar na constituição de ambiências. Assim sendo, colocaremos algumas relações da cidade experimentada – São Paulo – numa demonstração do método, que reforçando, pode se desmembrar em outras dobras de análises e discussões, tipificar novos traços e fazer novos arranjos.

4.1.1. Vetores de afetações que revelam motricidades: maneiras do corpo ‘ser - estar’

O Ser urbano é um ente carregado de intenções e também de tensões. É, portanto, alguém intencionado e, por sua vez, igualmente tenciona o meio e as bordas por onde atravessa. Através de afetações produz ações, ações estas que compõem urbano. É um ser pensante e um ser pulsante.

O método Ser Urbano e seus arranjos traçados em frequências possibilitaram o aprofundamento de estudos sobre motricidade – como o corpo reage a diversas atividades que coexistem, a espaços com determinadas configurações, ou seja, permite enveredar por estudos de uma natureza quase ‘etológica’, como bem colocado por Thibaud (2013). Avaliar tipos de capacidade motora (*la motricité*) que as ambiências ativam nos corpos é centrar-se na ideia da relação entre percepção e movimento. Thibaud vem discutindo amplamente a noção de ambiência como um fenômeno sensório-motor

e desenvolve a ideia que uma ambiência pode se traduzir sobre um estilo de movimento, movimento que acreditamos ser também componente de bordas.

É possível dizer que as ambiências descrevem o potencial que um lugar tem de tocar/afetar o estado de uma pessoa. Existem vários fatores que modificam a presença de uma ambiência. Ela varia de acordo com os lugares e com os momentos. Mas o fato de uma pessoa ser tocada por ela depende igualmente de atores individuais. Está relacionada à capacidade sensível de uma pessoa que determina uma influência sobre a aparência de uma ambiência, porque cada experiência é sempre influenciada (em certo grau) pelas experiências anteriores que variam individualmente. Condutas em ritmos específicos e posturas podem influenciar e afetar demais comportamentos.

Exemplos dessas influências podem ser medidos nos recortes das narrativas extraídos dos experimentos realizados através do método proposto:

“pessoas na calçada, tô tendo que desviar (...) estou na faixa de pedestres (...) sempre na faixa de pedestres (...) agora atravessando, cheguei na Paulista, opa! Tive que parar, quase fui atropelada (...).” [insiste – expele e retoma] (Natália Romano)

“(...) casal continua batendo boca, como eu não gosto de discussão vou dar uma aceleradinha [acelera – avança] (...) meu corpo tá um pouco cansado, meu pé tá doendo um pouquinho (...) o corpo tá mais recolhido agora do que tava antes, mais compacto, mais contraído [sente o caminhar - expele] (...)ups!

Quase morrendo atropelada, por quê né?... tô me distraíndo aqui e não pode!”
(Melina César)

*“(...) é muito amplo aqui (está se referindo ao Vale do Anhangabaú), eu tô andando mais rápido que o normal **[acelera – avança]**”* (Lucas Ferreira)

*“uma falsa sensação de tranquilidade, assim, enquanto se anda olhando as vitrines e tal, aparentemente as pessoas tão tranquilas, mas se você olhar mais atentamente tá todo mundo segurando a bolsa firmemente, tá todo mundo esperto ao mesmo tempo em que tá olhando uma vitrine ou andando com pressa, percebe-se que as pessoas não deixam, inclusive eu, de estar atenta aos seus pertences, com medo do assalto que é constante no centro de São Paulo... então assim, as pessoas bem agarradas com as mochilas, segurando na frente ou junto ao corpo as bolsas...” **[incorpora]*** (Felipe Moreno)

*“já passei pelo viaduto, também tudo tranquilinho, mas o povo fica te olhando meio torto... ai eu meio que fui acelerando, porque dá aquela sensação ruim de tipo: já era! Vão me levar, vão me assaltar e... sei lá o que mais (...) **[acelera – avança]**”* (Henrique Ortega)

Discorrer numa abordagem sobre a motricidade requer, portanto, prestar atenção nos gestos e nos modos de caminhar, observar e analisar as ações e as expressões, registrar as afetações. E como retratado nas falas, isso reflete em ‘modos de ser’ na cidade, maneira como interagimos em situações.

Estudos desenvolvidos por Steinbock (2002, apud KAZIG, 2007), se apoiam em Husserl para estabelecer reflexões que partem da ideia de que o mundo dos objetos possuem uma força de afetação. Essa força é variável de acordo com os objetos. A diferença das forças que “disparam” as afetações é exprimida pelos diferentes modos de atenção. O modo de atenção pode ser considerado como uma dimensão da manifestação de uma ambiência.

“Ninguém olha pra frente quando se anda no centro, estranhamente todo mundo só olha pro chão(...)” (Henrique Ortega)

Modos de atenção podem dessa forma, propiciar interações, contágios, como também, a depender, podem restringir contatos de forma que o bordejar é praticamente impossibilitado.

Há também injunções na cidade, que de alguma maneira interferem na fluidez do caminhar e, portanto, interferem no bordejar, como são os casos de muitos sinais de trânsito, numa área em que precisa se cruzar pontos para fluir entre calçadas com prioridades à atividade pedestre, mas que por serem cortados por essas vias com sinalizações, interrompem frequentemente a fluidez e a fruição (uma imposição da cidade em “não poder se distrair”, como ressaltado na fala de Melina); ou seja, impactam na apreensão e nas afetações de ambiências onde se poderia caminhar de modo mais aprazível: *“olha o farol vermelho de novo”* (Larissa Mendonça).

Podemos enfim concordar com Thibaud (2007; 2013), quando ele afirma que as motricidades se dão por *injunção, atenção e emoção*, ou melhor colocando – afetação. A questão é então entender quais fatores são associados às ideias de injunção, emoção e atenção, fazendo com que o bordejar aconteça de determinadas maneiras, com qualidades específicas de motricidades. Trata-se, portanto, de falar sobre tensões e descansos, exaltações e relaxamento, vagarosidade e aceleração, fluidez e resistência, etc.

Deste modo, quando um corpo observa, pontua e é afetado por algo, ele responde a uma capacidade motriz que provavelmente se põe a selecionar ou a recortar bordas, isto é, a iniciar / complementar uma costura ou a não permear, interromper as impregnações (os espraiaamentos).

“uma brisa boa aqui no Viaduto do Chá, já posso andar mais devagar (...)”
(Melina César) **[tece, costura]**

“ quando você vai se aproximando dos bares, é o barulho de sexta-feira... (vozes de pessoas conversando nos bares ao fundo) ... da associação de sexta-feira, e o horário, até a postura depois disso muda... é... que pena que não é sexta-feira (...)” (Melina César) **[emenda e incorpora]**

“é, eu gosto das referências que me remetem o lugar: mercado árabe, aquelas Medinas, no Marrocos, na Síria, as tendinhas com os ambulantes vendendo as coisas, movimento, muita gente gritando, falando os preços das coisas, chamando os ‘clientes’, chamando atenção, mas eu não gosto de estar aqui, nunca gostei. Nunca venho na 25 fazer compra (rua 25 de março), eu acho que é por que eu sou meio claustrofóbico” (Thiago Barbizan) **[expele e recorta]**

“ai do viaduto do chá eu consigo ver o Anhangabaú – lindo... o teatro (municipal) todo iluminado... sempre que eu passo aqui eu vejo o vale e aí eu penso nas festas que eu vim aqui e acho muito legal esse negócio de ter festa no centro, de

ocupar o centro... (centro da cidade à noite, mais vazio e tranquilo)“ (Larissa Mendonça) **[contempla, incorpora e remonta]**

Seguindo a discussão posta, ousamos afirmar (e provocar) que ambiências que se mantêm por eventos cíclicos ou por eventos praticamente constantes, podem não alterar muito as formas de motricidades de quem as pratica e constitui, já que “uniformizam” modos de atenção e, por vez, são agenciadas por afetações que de maneira aproximada se reciclam tautologicamente. Mas permitem novas e singelas dobras que abrem caminho para uma mudança continuada, se assim podemos chamar. Esse movimento tautológico de constituir ambiência e se reciclar, acreditamos ser da ordem daquilo que persiste, insiste e que, portanto, costura uma operação de manutenção destas – costura cotidiano.

Vale ressaltar aqui, na discussão sobre motricidade, o momento de desestabilização do corpo previsto no passo metodológico do instrumental – passo, repasso, perpasso. A quebra na marcha, uma pausa em tentativas de se agenciar em contra-fluxo (através de um dispositivo: guarda-chuva aberto sem estar chovendo). Este, tencionou o corpo dos convidados sob perspectivas interessantes, como podemos evidenciar:

“pessoas passam e dão uma risadinha né? Com esse guarda chuva aqui! Meio que... né? Tô ficando meio com vergonha, mas tudo bem! Vou fechar o guarda-chuva agora e seguir o caminho... engraçado que no guarda-chuva fiquei mais focada em mim do que no que tava acontecendo em volta, né? Por estar desconfortável” (Melina César)

A fala de Melina reforça a ideia de que em contra-fluxo as pessoas se autotencionam e focam em si, e em alguns casos tendem a se desestabilizar. Estar em contra-fluxo agencia vetores de afetação que evidenciam um sujeito no público, no cotidiano. Se estar em contra-fluxo não for algo de uma ordem intencional (proposital), ocorre uma quebra naquilo que por excelência é embrionário ao público - o anonimato. Mas por outro lado, o espaço público é também o lugar do conflito e ao intencioná-lo, as pessoas sentem a necessidade de serem notadas, percebidas e confrontadas de alguma maneira e quando isto não ocorre, elas demonstram incômodo.

“eu vou me localizar aqui perto da entrada do metrô e vou abrir esse guarda-chuva ... tô do lado da entrada do metrô da Sé com um guarda-chuva aberto e tem um pessoal que tá olhando pra mim... só que aqui tem uns loucos mais loucos que os outros loucos, né? ... acho que eles não percebem muito isso...mas tem uma meia dúzia de sóbrio que percebeu...(Lucas Ferreira)

“Tô aqui com meu guarda-chuva e ninguém me olha! Eu achando que ia abafar aqui no Spot²⁹ com esse guarda chuva!! Meu! ... oh são 22h52... engraçado ninguém olha... as pessoas estão conversando e ninguém olha pra mim... e nossa e eu tô muito perto das pessoas e as pessoas nem tão olhando... ninguém me percebeu aqui... e eu de guarda-chuva, de guarda-chuva e as pessoas não me notam... como assim? As pessoas não me notam ...eu tô inconformada... eu

²⁹ Spot é um restaurante, com bar na varanda, instalado no canto de um átrio aberto que abre possibilidades de passagens entre as ruas Frei Caneca e Ministro Rocha Azevedo.

vou passar no meio do spot com o guarda-chuva, quero ver! ... é... agora sim, agora sim as pessoas estão olhando ... agora as pessoas estão olhando, porque na verdade eu tô passando entre eles né!? Tô voltando, com esse guarda-chuva... ai sim! Me olharam meio que: oh meu! Quem é essa louca? Rs!..vou fechar meu dispositivo, mas eu fiquei meio triste por que ninguém me notou... poucos perceberam...(Natália Romano)

“bem vamos abrir um pouco o guarda-chuva aqui agora... é engraçado que parei bem na esquina, então... tem algumas pessoas que passam olhando... deixando o gravador um pouco escondido pra não achem que é alguma graça mesmo, pra ver um pouco da reação... as pessoas não parecem se importar muito... engraçado que a única pessoa que parece incomodada sou eu mesmo, as pessoas passam tranquilamente sem nenhum... isso não causa estranheza alguma pras pessoas, acho que elas estão acostumadas a ver tanta coisa mais diferente, que eu parado aqui nesse fluxo de pessoas com um guarda-chuva não parece interferir muito na ambiência ou no que as pessoas... poucos olham, os que olham, olham meio curiosos... na verdade, as pessoas que passam de carro, elas olham mais espantadas do que os transeuntes ... agora passou um grupo e um casal que ficou rindo um pouco, acho que eles não conseguiram entender muito já que não tá chovendo nem ... bem! Acho q já deu um tempo razoável... nesse tempo acho que poucas pessoas questionaram o que era

isso... elas não estão muito ligadas no que tá acontecendo no entorno, pelo menos isso não traz um impacto grande pra elas... deu pra notar que o impacto maior é trazido nas pessoas que passam de carro... talvez porque elas não estão englobadas na ambiência, que é a mesma ambiência de quem tá passando a pé...(Thiago Barbosa)

O espaço público é, de tal modo, reconhecido pelos seus praticantes por um duplo viés, aquele em que pratico anonimato, desmaterializo o Eu e entro em fluxo com o todo; mas também, em ocasiões intencionadas e tensionadas, é onde o sujeito se afirma e se confirma como ser, precisa do reconhecimento do Outro, requer isso, de maneira muitas vezes a gerar conflitos, porque marca território.

Assim, o Ser urbano se mostrou uma ferramenta que pode operar por análises de como as pessoas são e como se fazem estar nos espaços urbanos (espaços públicos com algumas franjas privadas também bordejadas). Evidencia questões que tratam da motricidade, da mobilidade, de um corpo a mover-se sob impulsos de afetações, de sentido e de atenção – uma “retórica do andar”.

É ainda uma ferramenta aberta que deve desencadear novas notas metodológicas, sugerir novas rotas de aplicação, a partir da demonstração de seu funcionamento e experimentações que nesta pesquisa foram evidenciadas.

4.2 As bordas, o bordejar e seus traços com a “prática recíproca”

Na jornada que travamos com as bordas, finalmente podemos afirmar que elas são apreensíveis e qualificáveis (i) pela combinação de dimensões que a compõe, (ii) pela ‘força’ (multiplicidade) de afetações que as tais dimensões podem sugerir, (iii) pelo grau de permeabilidade seletiva que suas microvilosidades propiciam na constituição de determinadas ambiências, e (iv) pela avaliação das afetações e trocas ocorridas nas ambiências, que convirjam relações entre bordas de tal maneira a gerar um potencial.

Estas combinações de elementos, a serem ponderados na avaliação das bordas das ambiências, parecem estabelecer relações diretamente proporcionais, ou seja, quanto mais combinação houver entre dimensões componentes das bordas, maiores as possibilidades de afetações, o que sugere um alto grau de permeabilidade seletiva – elementos urbanos-humanos em vibração com a ambiência em questão constituída, ‘bordejando’, cultivando dobras, agenciamentos, intensificando apropriações e construções afetivas relevantes para a constituição dos territórios da cidade.

Para traçar uma lógica que vai do bordejar à prática recíproca, rebobinaremos («RR) o esquema que elenca as palavras-chave do bordejar e as forças que nele opera (imagem 22 – capítulo 3), a partir de exemplificações fornecidas pelas narrativas dos corpos que fizeram grafias nos nossos experimentos.

- (i) Dos contágios e ressonâncias (como o ser urbano expele e incorpora)

Na relação dos contágios com seus graus de ressonância (vetores de dupla direção e sentido) encontramos alicerçada uma abordagem sobre a capacidade do corpo em afetar-se, e nas palavras de Rolnik (2010, p.38): “*um corpo em sua capacidade vibrátil, na condição de plano de forças – se agitando.*”

Falar em borda é, como temos dito, falar de contágios, e os contágios se dão por vetores expelidos e incorporados de afetações, tensões e intenções. A ressonância que por sua vez é a operação desencadeadora dos contágios, enquanto modo de transmissão de onda, precisa de meio para se propagar (seja o meio urbano, seja o meio humano), o que sugere que quanto mais fluidez e porosidade dos elementos territoriais, mais ressonância teremos operando.

É preciso observar, entretanto, de que tipo de contágio e ressonância estamos falando. Pela característica de uma propagação em meio fluido, podemos pensar que os contágios ressoam mais facilmente em espaços lisos (nômades, moleculares), o que é uma inverdade. É preciso lembrar que ressonância é onda que se propaga em meios (não é luz que se propaga no vácuo) e por isso pode igualmente ganhar potência de contágio ao friccionar espaços estriados (molares), contágios esses que acabam agregando forças desagregadoras, da lógica métrica, estriada, que “veta” multiplicidades, que não age por seleção, mas sim por segregação.

“Começando o rolê aqui, no vale do Anhangabaú, lugar deteriorado, alguma vegetação, geralmente suja e mal cuidada... uma gente meio feia... barulho dos pássaros, dá até um ar bucólico pro Vale do Anhangabaú, embora de bucólico aqui não tenha nada... mendigada insana, nervosa, por todos os lados... [expele – recorta] praça das artes toda pichada... bom! Estou subindo aqui os jardins do... em frente ao Teatro Municipal, já é um lugar bem mais agradável. Presença maciça da mendigada ainda, mas tudo bem, faz parte da metrópole, da metrópole subdesenvolvida, cheia de desigualdades sociais...” [incorpora]

“(...) acabo de chegar na esquina da, da augusta com a paulista, me deparo agora com vários ambulantes... vendedores de rua, banda de rock (som de guitarra ao fundo – na rua)...temperatura agradável e eu me sinto feliz por ter tido a oportunidade de ter ouvido rock e eu adoro rock, então ouvir rock a essa hora em são Paulo é sempre prazeroso...” **[seleciona e incorpora contágio – expele /ressoa]**

(uma pessoa pede água a ela “pra passar a noite”) – “eu não tenho água... também não tenho nada... tô fazendo um, um experimento aqui e aqui eu tô sem nada tá? ... acabei de conversar com uns amigos que estavam aqui na frente do ... - que que é isso aqui? É o ... (- aqui é nosso lar – eles respondem)... - é! Risos! - faz sentido! Obrigada!... e aí eu vou continuar agora pro Banco do Brasil... gostei disso: aqui é o nosso lar! Achei inspirado... pena que eu não tinha água... e não consigo te falar bem na frente de que eles estavam..” **[interage – seleciona e incorpora]**

“na minha frente agora eu vejo um mendigo gritando, não dá pra saber o que é que está acontecendo, ele parece bem aborrecido... (e ele grita: - pensando na utopia... e se eu morrer, sem deus, sem jesus... aí moça, escuta isso!) ... e parece que ele não está falando com ninguém especificamente, ele está falando sozinho... ele percebeu a minha presença, me chamou, eu continuei caminhando como se nada tivesse acontecendo...” **[recorta e avança]**

É preciso, portanto, pensar nos contágios e nas ressonâncias como forças sociais e políticas de atuação nos espaços da cidade e, conseqüentemente, de atuação na constituição de ambiências – do bordejar em direção ou reação à prática recíproca.

- (ii) Das impregnações e dos espraiaamentos por multiplicidades:

As multiplicidades, segundo Deleuze e Guattari, se definem pelo fora, pelas linhas que compõe um rizoma, linhas abstratas e de fugas. E como bem definiu os autores, existe a possibilidade e a necessidade de achatar todas as multiplicidades sobre um mesmo plano de conexão (de exterioridade).

Operando por multiplicidades, os espraiaamentos e as impregnações são momentos do bordejar e de constituição de ambiências que reforçam um achatamento de linhas e dimensões em um todo, impregna e espraia por bordas, ou seja, pode expandir (e também retrair) sempre num invólucro (membrana) que lhe dá consistência. Não isola, nem cria fronteira, porque é porosa, só que é por natureza uma ‘unidade’. É nesse sentido que as impregnações e os espraiaamentos operam, podendo ajudar a criar uma ambiência envolta numa franja de “contenção” que permite manter sua consistência.

E é assim que emerge a noção de ambiências como atmosferas muito intensas que podem concentrar, congregar um todo, formando uma costura como se fosse uma “ilha” - ilhas de efervescências, ilhas de “calor urbano-humano”, ilhas de afetações nas cidades (ilhas não têm delimitações definidas, dependem do movimento do mar, que se expande e retrai no movimento das marés).

“(...) é interessante verificar que quando você sai do nicho da Augusta, o número de pessoas caminhando na rua já diminui bastante... o simples fato de virar a esquina e sair da, da rua Augusta pra Antônio Carlos já torna perceptível uma diferença absoluta de ambiência, na qual você tem pouquíssima gente caminhando, pouco comércio e praticamente só prédio residencial... engraçado que aqui na Antônio Carlos, cê parece que tá... nem parece que você tá próximo da Augusta, já que não tem ninguém caminhando na calçada, as únicas pessoas que passam caminhando na calçada são aquelas que já estão em direção à sua própria casa, geralmente você as vê entrando nos prédios já direto, ninguém tá transitando simplesmente passeando por aqui...” (Thiago Barbosa)

“(...) muita gente nas calçadas, também é sábado à noite e fica meio difícil de passar, tem que desviar um pouquinho das pessoas... muita gente bebendo, fumando, se divertindo... e vestido meio estranho também né!?, mas estamos na Augusta, então é esperado isso... bom! Bem pertinho da augusta é mais difícil de eu andar, porque aumenta o número de pessoas, hum... vamos lá ... tô tendo que andar pela rua, porque é impossível andar pela calçada ... muita gente, muito barulho, praticamente impossível de andar na calçada e na rua... lo – tado de gente! lotado, lotado... já vou andando aqui na augusta, andando... começou a ventar um pouquinho mais, calçadas difíceis de andar, porque são estreitas com muita gente, com árvores, desvios, ladeiras... tudo muito complicado, muita, mas muita gente mesmo... oh não sei de onde é que sai tanta gente... e pessoas

indo pra todos os barzinhos que têm aqui perto... tô na augusta, seguindo em direção à Bela Cintra... agora ficou um pouquinho mais iluminado... e parece que tá ficando um pouquinho mais frio, ventando, até as árvores balançando dá pra ver... subindo a rua Costa agora, em direção à Bela Cintra... acho que aqui é pior até, porque é ladeira, pra subir, calçadas bem irregulares, atrapalha e dificulta, mas bem menos gente... e engraçado, quanto menos gente, mais escuro fica (risos!)... (silêncio ao redor)... chegando agora na Bela Cintra, dá pra ver o movimento também, mas bem menos que na Augusta... não sei se por não ter a quantidade que tem lá de barzinho ou então por que a rua é bem menos estreita e de mão única né?... mas por conta da hora provavelmente isso é mais esperado por aqui, uma rua mais, uma rua mais residencial... e só tem estacionamento aberto, o resto já tá tudo fechado...” (Marco Antônio Pontes)

“eu cheguei na bordinha da 25 (Rua 25 de março), agora eu tô pegando uma ruazinha que sobe ali pro Largo de São Bento... quando você vai deixando a 25 pra trás, a primeira coisa que vc nota é o barulho, que vai desaparecendo... é engraçado por que fica até mais confortável andar, sem aquela gritaria...” (Thiago Barbizan)

Essas células urbanas que se constituem em miolos da cidade, por um espraiamento que se dá de maneira a manter-se margeado por ambiências não contíguas (entendendo a margem como elemento flutuante - para mais ou para menos); mas que precisam revelar bem suas franjas - bordas que ao conferir consistência às ambiências assumem uma natureza

mais próxima do cristal que da chama (lembrando que o cristal é sempre frágil e sensível). É dessa maneira que as multiplicidades se espraiam, mas não se dispersam completamente. Precisam compor ‘corpo’, formam em seu conjunto um DNA (ou são por ele formados). O interessante se revela, portanto, no momento em que essas ilhas espalhadas pelas reentrâncias labirínticas da cidade formam arquipélagos.

4.2.1 Causações eficientes x causações finais: da natureza indexical a costuras | das (micro) ambiências ao bordejar

Causações eficientes se referem à ação no seu ato de acontecer. Já as causações finais fazem relação com a ideia do contínuo, do hábito, da repetição, da manutenção, do cotidiano. Ancorada nessas causações é possível colocar que as ambiências e suas bordas “corporificam embriões” no bordejar. E é no entendimento da formação de “cadeias hereditárias” (‘raízes’) de ambiências que se constituem num mesmo referencial de espaço, que podemos melhor clarificar a natureza das dimensões de suas bordas e do bordejar.

As formas de bordejar não se materializam, nem podem ser controladas, muito menos direcionadas. Contudo, estas ações no urbano podem, mesmo que de forma fragmentada, aludir entendimentos para as dinâmicas e constituições de ambiências que são importantes para a manutenção da vida na cidade.

Isso posto, continuaremos rebobinando a sequência das operações do bordejar com seus elementos-chave, restando ainda mais duas operações – (iii) coalescência (por permeabilidade) e (iv) costuras tramadas.

- (iii) Possíveis vetores de afetações em permeabilidade (seletiva) que tanto podem selecionar e coalescer bordas, como podem recortar e desmontar costuras.

A permeabilidade também é característica que pertence ao universo das bordas, todavia, como já colocado em analogia às células, essa permeabilidade acontece de forma seletiva. Assim, se uma substância se apresenta como permeante, o bordejar opera por coalescência (adiciona, congrega), mas se a substância resiste aos vetores de afetações em atravessamento, o bordejar pode operar por recortes, desmontando, por conseguinte, (possíveis) costuras.

No platô de relações entre coalescer e recortar, com base nas experiências realizadas pelos Seres urbanos, pudemos verificar que alguns elementos pareciam indicar forças de causações finais no bordejar. Ou seja, esses elementos enquanto forças vetoriais imprimiram no bordejamento, possibilidades tanto de coalescências, como de recortes, a depender da situação experimentada e de quem a experimentava. Em síntese, percebemos que uma mesma característica de dinâmicas urbanas, pode se apresentar tanto como um fator agregador, quanto como um fator dispensor (que “fagocita”); fatores (que podem se misturar, se sobrepor) esses aqui elencados em noções de: (a) apinhamentos que convidam ou repelem; (b) contradições na paisagem que selecionam ou segregam; (c) Apropriações em franjas público/privado que enriquecem ou enfraquecem; (d) elementos sonoros que bordejam ou facetam; (e) elementos topográficos e sensações topológicas que costuram espaços e dinâmicas ou seccionam.

- a) Apinhamentos que convidam ou repelem: os apinhamentos de pessoas, de “barulhos”, de apropriações e ocupações, parecem incitar uma afetação convidativa ou “repelente”.

*“tem uma mesa com muiiitas garrafas e agora eu precisei ir pra rua, porque eles tão ocupando a calçada (riso)... engraçado esses monte, assim... muitas “pessoas, de repente: um vãooo, sem ninguém... Agora cheguei na Augusta, tô vendo ali o bar Violeta, à minha direita, com muito movimento, muitas pessoas, e eu tive que parar por conta do farol que abriu... pessoas, jovens, curtindo a noite na Augusta... Nossa! passou acho que uma...Drag queen, mas só o rosto totalmente pintado, com um chapéu, um estilo de chapéu que eu adoro, acho o máximo... e o farol ainda está aberto e eu aguardando...Atravessar...um pipoqueiro atravessando junto comigo... muitas pessoas, pessoas sentadas na calçada e não é nem lugar que esteja, não é que seja nenhum barzinho, pessoas sentadas na calçada, muros são pichados e o outro lado, do meu lado direito um outro bar, movimentado... agora eu vou passar por um bar, várias mesinhas na calçada também, que é o bar e restaurante... o mineiro... passando entre as mesinhas ... muitas mesinhas na calçada, galera conversando, bebendo, fumando, comendo...várias coisas... “ (Natália Romano) **[contagia, agrega, coalesce]***

*“subindo a Augusta, só gente maluca, é claro! Como sempre, aqui... difícil andar nas calçadas da augusta... **acúmulo de gente...** São Paulo é isso! Ou é acúmulo de gente ou é acúmulo de carro ou é acúmulo de tudo! Riso!... **cidade acumulada!** (...) e dale álcool... todo mundo passa com cerveja, com drinks, sei*

*lá... músicos, engraçado de ver um monte de músico descendo com seus instrumentos na calçada... a Augusta é engraçada! Louca e engraçada! músico de rua aqui na Carlos com a Augusta... é legal que ele toca gaita, toca violão e toca percussão ao mesmo tempo... **tumulto** de gente na calçada, não dá pra passar... gostei de ver o músico na esquina ali, artista de rua tem um monte aqui na região da Paulista, é claro! Mas esse em especial, achei legal... one man band, tocando gaita, percussão e violão ao mesmo tempo, e ele não tava na calçada, ele tava bem na esquina mesmo, na rua... achei legal o som também, o estilo diferente do que os caras aqui na região costumam tocar, achei legal! **parei um pouco pra ver, mas tava tão cheio de gente, tão tumultuado, que eu passei...** (Adriana Alves) **[contagia, ressoa, mas não coalesce]***

*“é... **eu acho legal** ver as lojas, as cores, é ... tudo exposto, que tem pra vender, o movimento, o fluxo das pessoas, acho legal que não tem muito carro, **mas não é um lugar que eu me sinto muito confortável...** é... eu acho também que aqui tem um **caos organizado** assim, as coisas parecem meio bagunçadas, caóticas, mas todo mundo sabe aonde ir pra achar o que, e todo mundo sabe como sair, como chegar, onde tem as lojas com os produtos que você quer, é interessante, porque mesmo que você nunca veio aqui na primeira vez você já se encontra no meio dessa bagunça toda... eu cheguei na bordinha da 25, agora eu tô pegando*

uma ruazinha que sobe ali pro Largo de São Bento... quando você vai deixando a 25 pra trás, a primeira coisa que você nota é o barulho, que vai desaparecendo... é engraçado por que fica até mais confortável andar, sem aquela gritaria ... eu não gosto de estar aqui, nunca gostei. (Thiago Barbizan)
[pontua contágios e bordejamento, mas não o faz – recorta]

- b) Contradições da paisagem que selecionam ou segregam: as diversidades podem causar contradições nas paisagens e nem sempre agregam. Num primeiro pensamento hipotético, acreditávamos que a diversidade era um fator agregador em ambiências, mas depois de algumas observações mais depuradas e de análises de algumas narrativas, percebeu-se que um comércio muito diversificado (sem relações entre si), por exemplo: loja de carro x lojinhas de souvenir - pode ser entendido como falta de planejamento. Assim, o fato do uso do solo ser misto e diverso pode ser interessante, mas temos que pensar em como essa diversidade faz bricolagem, caso contrário, a tendência é haver segregação. Da mesma forma acontece com as dinâmicas que fluem em vetores de contradições, podem desencadear uma seleção e coalescer, mas podem igualmente segregar.

“no meio do movimento é engraçado verificar que tem uma loja lotadíssima, vendendo coisas e um espaço só com food truck, com música alternativa, bem movimentado... parece uma ilha de lazer no meio da cidade... [diversidade que agrega, seleciona e coalesce] o comércio passa uma sensação de diversificação total, porque numa esquina você tem uma loja de carros, na frente

um banco e do lado tem uma praça cheia de food truck ... não parece haver muito um planejamento de ser um lugar só para coisas X ou Y...(Thiago Barbosa) [diversidade de uso do solo contraditória e segregada]

“... a vista na verdade ela é um pouco conflitante, né? Por que como eu tô no sentido indo pra praça do Patriarca, se eu olho pro meu lado esquerdo tem o grande vale do Anhangabaú, que dessa altura, como tá na altura da copa das árvores, parece ser mais verde do que é, então dá uma vista até bonita, com o skyline dos prédios do centro... agora se você olha pro lado esquerdo é completamente outra realidade, não tem nada de verde, algum verde só que muito trânsito, porque a visão é ali o terminal bandeira e a entrada pra, pra bifurcação da 9 de julho com a 23 de maio e tá maior trânsito agora, como sempre... então assim, é no mínimo uma visão conflitante – de um lado um vale, com algum verde que poderia ser explorado pro lazer, a intenção é meio essa, e do outro lado o puro trânsito, mas aí eu acho que é exatamente isso uma das coisas mais conflitantes e perceptíveis de São Paulo, tudo é misturado com muito trânsito (som de bicicleta, moto, ônibus e carro – ao fundo) ... o trânsito é muito presente na vida de todo mundo, seja andando a pé, seja... independentemente do meio de transporte que você use, inclusive a pé, o trânsito vai fazer parte do seu dia-a-dia, nem que seja visualmente, ele tá

sempre presente, como agora aqui no viaduto do chá...” (Felipe Moreno)

[contradições conflitantes segregadas e segregadoras]

*“(...) em muito turista nessa área... tem comércio, pessoal vendendo cerveja, artesanato... muita gente tirando foto, é uma sensação bem diferente dessa esquina da paulista com a augusta... parece uma feirinha ao ar livre... muita gente vendendo pulseira, cinto, artesanato em geral... é engraçado que é o popular, um mercado popular na frente de um banco, como o banco Safra... do outro lado da pista você tem ainda a livraria cultura, é como se fosse um **embate** entre uma classe do banco safra, um tipo de interesse, e o interesse da cultura e da cultura popular que fica na calçada do próprio banco Safra, isso me chama a atenção... na frente do Safra é algo muito simbólico ...”(Thiago Barbosa)*

[contradições selecionadas, mas que não são dissociadas, são embates inerentes ao conflito do público, não segregadas, porque sugere uma ‘resistência’ simbólica]

c) Apropriações em franjas de (novos) arranjos – público/privado que enriquecem ou enfraquecem:

Apropriações no urbano da cidade contemporânea parecem estimular um meio-lugar, aquilo que Certeau chamou de lugar praticado. Não exatamente um lugar impreciso, nem um não-lugar, mas a sua prática, a sua apropriação ou seu uso. (CARERI, 2013) Assim sendo, os limites espaciais se mostram menos rígidos. Entre dentro e fora, público e privado, entre aqui e lá há uma chama e uma latência de permeabilidades (ou não). Uma borda em potência por estar num meio de (*en train de*), em transformação. Apropriações em franjas público/privado não se encontram apenas em um meio, nem somente estão nesse, podem ser o próprio meio, uma borda ressignificada. Estado do provisório e de inacabados.

Estamos diante de um espaço que se reconfigura continuamente: nunca fixado, nem determinado de maneira rígida. Objeto de contínuas manipulações, usado de modo flexível, para responder a sucessivas estratificações de exigências. Usado como um material plástico, trabalhado com o calor, que se retorce, alonga, se apresenta em formas sempre transmutantes. (FOUCAULT, apud PINHEIRO, 2010, p.117)

Por essa característica não fixada, as apropriações em franjas público/privado podem justamente enriquecer uma ambiência ou enfraquecer um bordejar, como nos exemplos das narrativas que seguem:

“na minha frente tem um evangélico gritando e batendo na bíblia... isso é uma das coisas que mais me incomodam aqui no centro... [afeta e enfraquece] (ele para de falar e grava o que o pastor fala: - sabe o que é que tira, sabe o que é que é? Nabucodonosor, ele mandava na Terra inteira... Nabucodonosor, ele mandava... todas as terras, todos os países, quem mandava era o rei,

Nabucodonosor... e um dia o senhor falou: vou levantar um vento destruidor sobre a babilônia e chegou setenta ano, deus matou Nabucodonosor – bate na bíblia – destruiu a babilônia – bate novamente – mandou o exército acabar com o reino pecador ... – e bate várias vezes na bíblia)... - deus é muito malvado né? Coitado de Nabucodonosor (risos)! Destruiu a cidade, matou todo mundo... êh uma coisa só!... certeza que ia aparecer no Cidade Alerta, mas ó sabia que agora ouvindo o crente falar ali atrás fiquei pensando no que ele tava falando da babilônia e fiz uma referência relâmpago na minha cabeça entre Babilônia e são Paulo, mas isso é uma discussão profunda que a gente pode ter depois..”.
(Thiago Barbizan)

“a presença desses evangélicos pregando com a bíblia me incomoda demais (ao fundo a voz de algum pastor com microfone falando em deus, pregando...), então é um lugar onde eu me sinto inseguro, incomodado e com vontade de bater em algumas pessoas, embora eu não vá fazer isso, porque eu não sou um ignorante, eu guardo a vontade pra mim... a igreja da Sé, eu acho linda, fantástica, é um espaço grande que poderia ter muito uso, mas o único uso dele é abrigar esses crentes com bíblia, um monte de mendigo...ia tentar gravar um pouco da pregação (Fala o pastor: - ai a policia estava chegando e o cara que matou ele se entregou pra polícia... e foi eu que matou o pastor ... o delegado: - e por que você matou o pastor?..) ... Bom! Não dá pra ouvir muito do que o

cidadão fala aqui... (bufa!) Aiii... mas a sensação é meio que de revolta, de ouvir essas barbaridades... mas a cidade tem que ser democrática né, as pessoas ocupam os espaços e fazem variados tipos de uso dela, embora me incomode, o que resta pra mim é superar e continuar a viver (risos!)..." [afeta e enfraquece]

Nesses exemplos dos pastores evangélicos que pregam em locais públicos, ou seja, se utilizam do público que é laico por excelência para tentar ressoar contágios e impregnar, fato que acontece, porque de tão intensa que é essa ocupação, acaba se tornando uma apropriação e marca no espaço uma atmosfera de maneira que pessoas são afetadas e se agrupam enriquecendo uma zona de abrangência irradiada pelo pastor (à pregação fazem coalescência); e outras pessoas são afetadas de forma a gerar um grande incômodo, um incômodo que não é simplesmente recortado, precisa ser expulso para enfraquecer a afetação.

Apropriações outras, sobretudo as de vendas (ambulantes) e as de apresentações artísticas de rua, parecem, na maioria dos casos, enriquecer as atmosferas.

"é sempre engraçado ver essas rodinhas de pessoas vendo os, as figuras aqui do Centro fazendo mágica, é, tem um cara ali brincando com uma cobra, os vendedores aqui ó, vendendo helicóptero, tem até um drone aqui agora, a coisa tá chique!" (Thiago Soares Barbizan)

"tem quadros expostos pra venda, alguns deles muito bem feitos, muito bem feitos mesmo... a gente voltou pra Paulista ... o comércio que é o comércio local, do lugar, é o comércio de rua... muitos quadros... o clima é sempre muito

agradável, você não tem uma sensação de insegurança e a cada esquina da paulista você verifica alguma forma de arte diferente, tem alguma pessoa expressando uma forma de arte diferente... as pessoas andam como querem, sem blusa, outros todo de preto e pessoas tocando saxofone, como vocês podem escutar ... bastante legal esse cara tocando sax aqui na esquina... na outra esquina nós temos uma calçada cheia de skatistas, que usam aqui alguns obstáculos naturais e alguns cones deitados e se reúnem nessa esquina aqui...
(Thiago Barbosa)

Tem também as apropriações de caráter “subversivos” (que subvertem a “ordem natural” dos territórios), isto é, afetam a atmosfera de maneira a impetrar uma nova “ordem”, rearranjos no público. Como por exemplo, os skatistas que passam pelo meio da rua, entre carros e ônibus, pessoas que em franjas de bares ocupam boa parte da rua onde passa carro, até pichações e grafites (que marcam o território, por isso se apropriam). Acredita-se que a apropriação quando assume esse caráter subversivo é genuinamente inquiridora sobre a forma como o espaço foi ‘estriado’ e imprime alisamentos (des-vetoriza o estabelecido) como reivindicações públicas. Na rua Augusta, por exemplo, todas as apropriações citadas se “reúnem” (acontecem de maneira que sugerem um bordejar).

*“... estou descendo a ladeira (25 de março), **as pessoas, inclusive eu, ocupamos o espaço da rua, né! Não apenas as calçadas, mesmo o fluxo não sendo tão grande**, vendo de longe tá aquele formigueiro humano (...)*
(Felipe Moreno) | *“tá passando um **cara plantando bananeira no seu skate aqui no meio da pista** (...)* (risos!) (Rua Augusta - Thiago Barbosa)



Imagem 25. Apropriações público/privado – apropriações “subversivas”. Fonte: arquivo pessoal.

- d) Elementos sonoros que bordejam ou facetam: os elementos sonoros são fatores de forte influência nas constituições das ambiências. E eles também podem coalescer ou desmontar costuras quando permeantes em consonância ou não com a vibração que a atmosfera imprime.

“(...) tem mais espaço nas calçadas para o transeunte... algumas pessoas caminhando com bebês, muitos casais conversando... mas nenhum sinal de comércio... algumas pessoas passeando com o cachorro... acho que a maioria dos edifícios aqui são residenciais... não sei se foi a altura que eu entrei, mas dá a impressão de ser um pouco plano, a parte da Bela Cintra que eu entrei, então fica tranquilo de andar, de caminhar... e é engraçado notar o barulho de um ônibus quando passa por vc , é muito barulhento, porque a gente já tá acostumado com isso, mas o barulho é bem mais alto do que dos carros comumente” (Thiago Barbosa)

“tô andando no Anhangabaú, ouvindo uns passarinhos (...) tô indo em sentido ao teatro municipal ...e aqui já tem bastante barulho de carro, que no Anhangabaú não tinha... barulho de moto pra cacete... e o ônibus” (Lucas Ferreira)

[ambiências de atmosfera tranquila, passeio, velocidade lenta e o barulho do ônibus, carro, motos, atravessa facetando-a – provisoriamente]

“e tá rolando um pagode ali no bar (...) barulho do pessoal fechando as lojas aqui e um sonzinho estranho que vem de algum carro aqui... se liga... (barulho da música tipo brega) ... (som de comercial: calça jeans masculina...) olha só! calça jeans masculina... nossa! ... eu tô subindo a general carneiro e a poluição sonora é gigantesca... (som muito intenso de música de axé ao fundo: meu pai é foda e eu sou fodinha...) ... além da visual... que isso!! ... (ela é parada dura... música continua...) que lugar é esse hein bicho?? (...) ixi! tá rolando uma musiquinha braba aqui no bar e eu já tô chegando na, na Praça da Sé.” (Lucas Ferreira)

[Estilos de músicas que soam podem bordejar espaços não contíguos e assim constituir ambiências, mesmo não sendo do gosto musical de quem passa, afetam e incitam uma costura]

“(...) bastante legal esse cara tocando sax aqui na esquina (...)” (Thiago Barbosa – Av. Paulista)

“(...)e eu me sinto feliz por ter tido a oportunidade de ter ouvido rock e eu adoro rock, então ouvir rock a essa hora em são Paulo é sempre prazeroso...(Sandra de Barros – Av. Paulista)

“(música ao fundo)... músico de rua aqui na Carlos com a Augusta... é legal que ele toca gaita, toca violão e toca percussão ao mesmo tempo rs! ... (ao fundo a música, pessoas conversando)... tocando gaita, percussão e violão ao mesmo tempo, e ele não tava na calçada, ele tava bem na esquina mesmo, na rua... achei legal o som também, o estilo diferente do que os caras aqui na região costumam tocar, achei legal! (Adriana Alves)

[ambiências sonoras que se constituem periodicamente, bordejando a manutenção de uma identidade sonora do espaço – neste caso: Rua Augusta com a Paulista]

“(...) quando você vai deixando a 25 pra trás, a primeira coisa que você nota é o barulho, que vai desaparecendo (...) (Thiago Barbizan)

[a presença e em seguida a ausência do barulho ressaltando a “finitude” de uma ambiência pela perspectiva da afetação sonora]

e) Elementos topográficos e sensações topológicas que costuram espaços e dinâmicas ou seccionam:

Elementos da topografia podem possibilitar “campos de perspectivas” que costuram atmosferas e territórios, mas podem também fincar uma secção no bordejar. Assim como, determinadas topografias ressaltam sensações topológicas que geram uma predisposição a afetações de cansaços, fadigas, ou seja, que alteram movimentos, velocidades e o fluir.

“... uma feirinha, pessoas vendendo umas coisas meio hippies e alternativas...aquelas pulseirinhas, colares, brincos... por incrível que pareça o Elvis Presley não tá aqui cantando, normalmente ele tá rsrs... oh o pau do selfie, vendendo o pau do selfie... acho que aqui deve funcionar como uma balada né? mas mais pra gente bem mais jovem, sei lá, uns 18 / 20 anos... feira, ambulante vendendo bebida... e aqui na saída do metrô consolação, lotado de gente, não dá nem pra andar, tem que se desviar bem... e muito cheiro de cigarro, muito cheiro de cigarro... atravessei o sinal verde, então dei uma carreirinha... (música ao fundo- rock internacional)... cheirinho de incenso agora! Milho verde! ... batata chips, pipoca... nossa! parece outro mundo! Barulho horrível, dá nem pra pensar direito... bom! Pra atravessar a paulista, normalmente eu não gosto de atravessar por cima, tem que ficar esperando o semáforo né! eu gosto é de pegar o metrô! E utilizar as saídas do metrô pra poder atravessar, então eu tô aqui passando, entrei na estação consolação, também lotado, lotado, não dá pra andar né! ... tem que desviar muito, e tô me dirigindo a outra saída, que sai do outro lado da paulista, sentido Jardins... aqui definitivamente é a região mais,

digamos assim, diversificada de são Paulo, onde você tem gente de tudo que é tipo e convivendo em paz, naturalmente... pronto, cheguei! Tô aqui na terceira estação... engraçado é que tem menos gente desse lado, tem mais gente do outro lado da Augusta sentido centro, provavelmente por conta dos bares né!? e da balada... então o cheiro aqui é diferente né? não tem muita gente, não tem gente vendendo nada... não tem... um pouquinho de barulho (riso)! ... mas não tanto quanto do outro lado e engraçado que daqui não consigo perceber nada do outro lado... não sei se a distância é suficiente... mas parece um mundo completamente diferente, parece que eu vim pra outro pedaço de são Paulo... e aqui por último, última esquina da paulista... engraçado a divisão, da paulista né, porque a paulista que divide a Augusta né? a Augusta jardins, da Augusta centro... até as pessoas são diferentes dos dois lados... não sei o que que elas procuram, o que que elas querem ver, é totalmente diferente...” (Marco Antônio Pontes)

[uma mesma rua totalmente segregada por uma avenida eixo que a “corta”, seccionando completamente as dinâmicas]

“(...) [subida em direção ao Teatro Municipal] agora eu tô numa subidinha rigorosa aqui... que não tá muito fácil não... cansaço, né? depois da subidinha rigorosa... [na Rua Líbero Badaró com a São João]... outra subidinha rigorosa no começo da Líbero (...) e tem mais uma subidinha rigorosa pela frente aí... bom

essa general carneiro também tem uma subidinha rigorosa aqui, que tá difícil pra nós (...) descendo pra 25... nossa! eu vou descer pra subir isso... completamente vazia... parece fim de festa... só lixo jogado na rua...(Rua 25 de março à noite) – Oi Matheus! (- falou! até amanhã) – Até!... acabei de encontrar o Matheus aqui, subindo... e eu descendo pra depois subir...” (Lucas Ferreira)

[ladeiras costuradas pelas afetações topológicas que causam]

“(...)chegando na paulista, a rua já fica bem mais íngreme, acredito que uma pessoa idosa tenha dificuldade de subir a rua aqui... algumas pessoas andam com sacolas ou com pequenas compras, mas a diferença de inclinação mostra que a caminhada não é tão agradável nesse trecho...” (Thiago Barbosa)

[topografia que segrega a fluidez de uma caminhada, já não mais tão agradável e a questão da acessibilidade colocada em evidência]

Por fim, é importante salientar que existem tantos outros fatores e vetores de afetações em permeabilidade (seletiva) que podem igualmente selecionar e coalescer bordas ou recortar e desmontar costuras. Apresentamos apenas alguns dos que mais se destacaram nas análises das corpografias realizadas para este estudo, o que já estimula de alguma maneira o pensamento sobre essas relações todas entre espaços, bordas, ambiências e seus bordejamentos. Concluiremos,

portanto, o alinhavado de toda a abordagem até aqui posta, com a última operação, que é inexorável ao bordejar – costuras de tramas – tessituras.

- (iv) Possíveis costuras tramadas por afetações que montam e remontam :

Além de todas as possibilidades de costuras já exploradas, mediante análise das narrativas em traços, foi possível também se chegar num agrupamento de vetores macros de outras costuras tantas, sendo eles em destaque: (i) elementos do repertório do humano; (ii) costuras palimpsestas (montagens com lugares outros); (iii) costuras por velocidades e fluxos; (iv) costuras por porosidades arquitetônicas e urbanísticas. Desse modo, contextualizaremos os vetores macros, com base em trechos das narrativas que fizeram o pensamento operar nestes agrupamentos (agenciamentos).

- a. Costuras por elementos do repertório do humano: percebeu-se que algumas costuras são feitas com base em afetações diretamente relacionadas a um repertório com os quais os humanos agenciam possíveis afetações na cidade – sua profissão, seus hábitos rotineiros, sua principal forma de mobilidade na cidade. Assim, as práticas cotidianas dos indivíduos podem agenciar vetores intrínsecos a elas e gerar referenciais para intencionar costuras, que enfatizam essas relações.

*“Passando pela Defensoria Pública da União, nossa! nem sabia que era aqui!
Interessante... e no Ministério Público Federal, tô passando em frente –
Procuradoria da República em São Paulo, ministério público federal, também*

não sabia que era aqui! Olha! Um preidão! Ui! dá até medo! ...(Natália Romano – advogada, **ressaltando edifícios que abrigam órgãos correlatos a sua profissão**).

“Peixoto Golmide ...ainda restam algumas casas do lado de prédios gigantes, eu fico pensando o quão abafado deve ser essa casa... parecem estar esperando só um momento de virar prédio... o que é um certo paradoxo, você deixar algumas casas num local onde só subiu prédio, elas ficam travadas, e do ponto de vista financeiro, elas estão ocupando um espaço onde poderia morar vinte vezes mais o número de pessoas que moram na casa... eu não sei do ponto de vista do urbanista, mas do ponto de vista econômico é estranha a ideia que me vem à mente quando eu vejo uma casa encravada entre dois prédios, penso que ali poderia tá morando vinte famílias e não só uma (risos!), mas acho que pra um urbanista essa não deve ser uma visão correta (risos)!, mas como eu não sou urbanista. (...)” (Thiago Barbosa, tributarista, **fator que parece refletir na forma como avalia e costura territórios da cidade**)

“o maior sentimento é tristeza, por ver o potencial que os lugares têm, que o Centro tem, ver que as pessoas têm vontade de usar, mesmo com esse potencial todo cagado, muitas pessoas usam e como urbanista e arquiteto ver que podia ser muito melhor, mas tá tudo como tá e como é, e mesmo assim as

peessoa usam... então a conclusão é: se melhorar as pessoas vão usar mais ainda, então por que não melhora? Fica ai a provocação no ar (...)

“(...) o teatro municipal de um lado, o Shopping Light do outro e quebrando toda essa continuação de bela arquitetura – o horrível prédio das Casas Bahia, que é uma das coisas mais feias que existe no planeta (...)”

“(...) no Pateo do Colégio, vou esperar os carros pararem no trânsito aqui pra eu poder atravessar a rua... (barulho de carros) ... eh... esse tipo de construção mais colonial, não tanto neoclássica, ou clássica ou eclética, se difere do resto das construções que têm no centro, então, chama consideravelmente atenção também e pra quem chega por onde eu cheguei, que é pela rua Manuel da Nóbrega, se dá de cara, né, bem de frente com esse prédio colonial, que tem aqui no Pateo do colégio, cercado por outros prédios com outro tipo de arquitetura, então fica bem clara que tem uma diferença no tempo de construção dessas coisas... gosto muito desse pedaço, tranquilo também, poucas pessoas, essa esplanada que tem aqui no meio com esse monumento dá um ângulo de visão bacana pra todos esses prédios que têm aqui em volta... é um lugar bem agradável aqui o Pateo do Colégio... falta o... na minha visão, aqui nessa esplanada, uns bancos, um lugar pra contemplar sentado, pra ficar tranquilo, mas um lugar assim... um oásis de calma em meio ao, ao à loucura que é o centro de São Paulo.” (Felipe Moreno – arquiteto, enfatizando um olhar sobre

elementos arquitetônicos e urbanísticos para costurar bordas e recortar outras nas ambiências – traçar trama)

*“tô virando na Manuel da nobrega, pra chegar no Pateo do colégio... e aí cheguei aqui no Pateo do colégio, entre o ponto de ônibus e esse monumento fálico horrível! Atravessando a rua na frente do pateo do colégio mesmo, onde algumas pessoas já colocam seus bloquinhos de papelão pra dar aquela cochilada ... aliás é praticamente um albergue aqui né? “ (Melina César – arquiteta - **neste caso, um olhar diferente de outro arquiteto sob o mesmo espaço – entretanto outra ambiência. Repertório estético outro que recorta, portanto, o monumento e os elementos ressaltados na fala de Felipe, para costurar “pessoas com seus bloquinhos de papelão”, que a faz associar a ideia de um espaço albergue, a um espaço com características “monumentais”, que nessa costura foram recortados.**)*

*“tô passando agora pelo CCBB ... que é lindo, que tá aberto ainda e que tem um caramelo muito bom e também vende alfajor da havana que é incrível, que eu amo... indo em direção ao largo do café, na esquina tem uma padaria que o café é também muito bom! Só penso em comida né? Risos.” (Larissa Mendonça – **costurando territórios por cafés que habitualmente frequenta**).*

“(...) aqui na Bela Cintra com a Paulista, um pouco depois, tá sendo construída a nova sede do Instituto Moreira Sales, acho que vai ficar bem legal...um dos lugares que eu mais acho legais, que eu mais acho legal é essa esquina da Paulista com a Consolação e aqui eu não vim ao Riviera ainda, você já veio? Um dia eu tentei vir, mas o balcão tava cheio, não tinha mesa, mas eu quero vir ainda, no livro do Chico ele cita bem Riviera, eu quero vir... claro que não vai ser o mesmo Riviera dos tempos dele, mas eu quero vir, legal né? (...)... sentindo um cheiro horrível aqui do caminhão de lixo que tá recolhendo o lixo aqui na Santos, mas não podemos reclamar né!... às vezes eu fico pensando, gente que horror! Claro que é um trabalho super digno, mas eles recolhem o lixo que a gente produz e como a gente produz lixo né?! tsc... incrível a quantidade de lixo que a gente produz, eu tô me incluindo, por que eu, eu incrível mesmo... vc assistiu ao documentário do Henrique Muniz? A obra dele? ... eu nunca tinha visto – Lixo Extraordinário – vi recentemente, há poucos meses, eu achei incrível, achei muito bom! Aliás, eu não vi a exposição dele quando teve em São Paulo, porque teve isso...” (Adriana Alves – jornalista – **revela um repertório de gostos e críticas para “re-montar” as sensações da experiência vivenciada com coisas que leu, que viu**).

- b. Costuras “palimpsestas” ou por montagens com lugares outros: costuras e tramas de territórios traçados também foram evidenciadas por montagens com lugares e experiências outras; aquilo que denominamos como ação de remontagem – uma ação de natureza criativa que se dá através do bordejar.

“eu vou descer agora a ladeira porto geral, eu gosto dessa região visualmente, é... é, eu gosto das referências que me remetem o lugar, mercado árabe, aquelas Medinas, no Marrocos, na Síria, as tendinhas com os ambulantes vendendo as coisas, movimento, muita gente gritando, falando os preços das coisas, chamando os cliente, chamando atenção (...)”

“(...) o vale do Anhangabaú, ele pra mim é meio um conflito assim... eu gosto, eu acho que criou um marco pra cidade, a paisagem ficou muito interessante, as árvores, os caminhos, mas por outro lado, por ter vivido em Berlim, eu (pausa) ... eu sinto falta, eu acho que ficaria mais bonito do que é, se tivesse o rio aqui aberto... igual quando você tá andando em Berlim e você de repente se depara com o rio cortando a cidade, você pode usar o seu bilhete do ônibus e do metrô pra pegar um dos barcos e andar no rio, é... eu sempre que passo aqui, por que eu sempre cruzo o viaduto do chá, eu fico imaginando como seria se a gente tivesse o rio aberto aqui e por isso que eu fico nesse conflito, por achar, gostar como é hoje, mas achar que eu iria gostar muito mais se tivesse o rio. (...)”

“(...) aqui no Pateo do Colégio eu sempre tenho a mesma reflexão que eu tenho lá do vale do Anhangabaú, eu sempre gosto de imaginar, você ter a chance de

chegar naquele belvedere que tem, poder olhar pra baixo e ver o rio Tamandateí e o parque Dom Pedro que dava pra ver daqui de cima, mas que não existem mais...”

“(...) tem uma coisa que eu gosto aqui na 15 de novembro que é um conjunto de prédios que começa ali desde a Bioritmo, que sempre que eu passo aqui, penso: parece Veneza! Dá pra imaginar tipo um canal aqui na 15 de novembro e as gôndolas chegando ali naquele prédio...” (Thiago Barbizan)

c. Costuras por velocidades e fluxos:

*“as pessoas estão na minha frente, caminhando sentido paulista... e umas pessoas atrás de mim também... você vê que essas pessoas só estão caminhando sentido Paulista... **[costura fluxo na ambiência]** (...) acho que eu tô meio devagar e as pessoas tão passando por mim... é que eu quero reparar, quero observar tudo! É isso, por isso que eu acho que tô meio devagar também...” (Natália Romano) **[costura velocidades – e neste caso, o fato de se sentir numa velocidade mais pausada a fez justificar-se; sugerindo, de forma indicativa, que as “velocidades das cidades” imprimem velocidades em seus habitantes e cotidianos]***

“(...) a 15 de novembro agora tá mais deserta ainda... tem um ou outro morador, nômade... ah! como é bom andar por aqui sem ninguém né? Sem esbarrar... podendo prestar atenção... em outro ritmo mesmo... é, sem o barulho e a correria...” (Melina César) **[costura e compara fluxos]**

“(...) Tô andando tranquilo aqui... que pressa das pessoas! – não esperam o semáforo abrir (...)” (Marco Antônio Pontes)

(...) como é domingo, tem muita gente pedalando, andando de bicicleta... engraçado que a essa hora a rua não tá muito movimentada... (...) é engraçado notar que, sempre num semáforo, sempre que há um espaço pra passar, mesmo que não esteja aberto pro pedestre, ele sempre atravessa ... parece que a pessoa não pode perder tempo, parado, esperando sua vez de atravessar, ela tem que passar logo! mas como é domingo, as pessoas caminham tranquilas, não tem nenhum sinal de pressa, nem de, de correria ... o vento é agradável, eu não sei por que, mas aparenta ter até um pouco mais de vento andando pela rua, traz a sensação que é um lugar movimentado só nos dias comerciais, em função das pessoas que trabalham aqui, mas agora no domingo, não tem quase ninguém...” (Thiago Barbosa – Avenida Paulista) **[costuras de velocidades e fluxos numa ambiência de domingo].**

d. Costuras por “porosidades” arquitetônicas e urbanísticas

“(...) tô cruzando agora aqui na são bento com a rua da quitanda, eu gosto de andar aqui nessa parte do centro e acho que o que faz eu gostar daqui é, são as proporções – a rua de pedestre, a altura dos prédios, é... não é uma coisa que faz você sentir é... como que eu posso dizer... oprimido? Não sei se é essa a palavra, mas só o fato de você conseguir ver o céu, porque os prédios não são tão altos, já dá uma aliviada assim, uma coisa que eu sinto falta são árvores, eu acho que poderia ter um tratamento nessas ruas de pedestre, com bancos, árvores, pra dar uma sombra.” **[costura de “poros” arquitetônicos e urbanísticos que existem e outros que, pela costura realizada, parecem faltar]**

Com base nas questões postas, podemos, por fim sugerir que não existem “padrões estabelecidos” quando se fala em ambiências. Existem sim possíveis costuras e traços que podem indicar determinadas relações. No que tange as ambiências existem, portanto, *rel-ações*. De modo que é preciso pensar em espaços com caráteres múltiplos e que se baseiem em ritmos, velocidades, hábitos, cotidiano, aquilo correspondente ao ordinário, ao banal na cidade; estas são questões que “amparam” vetores de afetações, com os quais se criam bordas, se bordeja e se “fortalece” ambiências.

Com base no entendimento das bordas e do bordejar na cidade, podemos colocar também que as ambiências têm (e se constituem por) re-montagens com experiências corporais outras, em outros tempos, em outros locais. Ao narrar e

corpografar a cidade, o corpo faz referência, compara e, quando faz isso, bordeja. Talvez por esse motivo, os territórios “padronizados e assépticos” não pareçam ter tal capacidade.

É necessário ultrapassar aquela totalidade homogênea do espaço para descobrir seus lugares, nos quais a informação se concretiza, na medida em que se produz aprendizado e (*se reproduz*) comportamento traduzido nos seus usos e hábitos. (FERRARA, 1993, p.51, *grifos nossos*)

Assim sendo, ousamos dizer que uma ambiência tem capacidade de refletir e refratar e a ação se dá através da comparação e/ou da associação. Neste sentido, compreender nossas subjetividades, nossos hábitos e as consequentes afetações nos espaços significa descobrir mais sobre as relações perceptivas (e “interpretativas”) com a cidade.

Ambiências matrizes, como ambiências cotidianas de importantes manutenções, parecem ser perenes, parecem ter capacidade de se transformar, se renovar, fazer desdobramentos, “flexos”; e assim afetar, de maneira a promover costuras. Todavia, as ambiências de evento “marcado”, da ordem do extraordinário na cidade, também são de suma importância para perpetuar a prática recíproca, já que também proporcionam o “extra-ordinário” nas *rel-ações*, nas trocas humanas, inscritas num espaço, num tempo, num movimento, num coletivo.

Ouvir conversações, reflexões, passos e movimentos. Durante os **deslocamentos**, pude **reconhecer, conhecer a cidade - cidade território, cidade humano.** Perceber **ligações e relações, registrar e absorver singularidades e complexidades do geográfico e do não geográfico** ... muito foi **incorporado e aprendido**, mas também **desaprendido**, para poder **enxergar cotidiano** (antes não visto) e poder **se iluminar e se inspirar** pelo **(extra)ordinário** que **acontece em cada um, todos os dias.** **A intenção do experimento foi completa.** (Marco Antônio Pontes, 2015)

enxergar **limites** . sentir **odores** . observar **barreiras** . perceber **percursos** . percorrer **cotidiano** . registrar **nóS** . relatar **geografias** .
(res)pirar **contra-fluxo** (...) Atravessar **territórios** . contemplar **o ordinário**. sentir **relações** . captar **cotidiano** . perceber **diversidades** .
desviar **percursos** . relatar **movimentos** . escutar **sons** . ver **humano** (...) perceber **lacunas** . traçar **territórios** . interação **sensações** .
inspira **reflexões** . narram-se **pensamentos** . compreende-se **barreiras** . ressaltar **cotidiano** . desvendam-se **idades** (...) Atravessar **territórios** . escutar, vagar, registrar **movimentos, cotidiano, diversidades, deslocamentos, caminhos, lacunas**. Ouvir **lugares** . trilhar **sons** . assistir . **INSISTEM CIDADES E PESSOAS**.

(Lucas Ferreira, 2015 | Sandra Barros, 2015 | Henrique Ortega, 2015 | Larissa Mendonça, 2015)

Dobras em acabamentos sem contornos

E por falar em cidades – recipro...

[**recipro-cidades...**]

Em reciprocidade(s), falar de bordejar é falar de importantes costuras. Importantes por que sugerem tessituras, tramas que podem (re)compor tecidos urbanos. Numa era de cidades “*onde os olhares se evitam e onde se evitam olhares*”, o método proposto e a ideia do bordejar parecem ‘iluminar’ o não iluminado pelas “espetacularidades” da cidade - seu cotidiano, suas práticas, aquilo que ratifica sua existência.

Ora, se os espaços públicos forem esvaziados e a cidade aos poucos deixar de ser o espaço da diversidade, tanto os acordos de civilidade que buscam garantir uma certa ordenação de convivência entre as diversas categorias que ali se expressam, como os paradoxos necessários ao debate, aos embates inerentes ao público, perdem a sua razão de existir. O abandono da cidade corresponderia a um progressivo abandono da urbanidade, do Ser Urbano.

Assim, os experimentos explorados tentaram fazer o convidado, Ser (corpo) Urbano, andar com uma “lente” para perquirir aquilo que normalmente não se percebe no ordinário (porque precisa de foco), e isso enquanto experiência cidadina mostrou-se ser um ‘evento’ (convite) com poder de criação de ‘atmosferas’ de “*in-tensão*” para narrativas sobre ambiências que ordinariamente se constituem na cidade. Talvez a força de tal resultado esteja na criação de uma “**situação extraordinária**” (só que no cotidiano), pois fez emergir um discurso sensitivo e subjetivo (que por vezes assumiu um caráter estético), aquilo que fez o ‘convidado’ considerar o meio e dar sentido às bordas (produzir costuras). O bordejar por essas tantas microambiências emendou uma nova leitura do (no) espaço, fruto de uma ‘consciência de estar’ neste.

Por esse motivo acreditamos que o bordejar é caminho para **prática recíproca. Bordejo, logo existo**. Assim sendo, apontamos macro passos em direção a essa intenção. Macro passos esses, traçados nas multiplicidades dos

(micro)traços que se apoiaram em arranjos de avaliação dos conteúdos das corpografias realizadas. Um traço do bordejar urbano que bordeja o humano, a borda como o onde e o quando de uma escala micro, uma escala “celular” (de uma micropolítica, da ordem molecular). Isso fez descortinar o cotidiano da cidade, vivenciar o ordinário, engendrar fluxos, perseguir velocidades e afetações. Praticar isso é não permitir que a lentidão seja entendida como algo atrasado (que já é tarde, porque já passou o tempo). É exatamente o contrário. “*É a pressa que diz que estamos atrasados e que não há tempo para nada. É a velocidade e a pressa que dizem que o tempo, pelo qual todos reclamam, deixou de existir.*” (HISSA, 2010, p.82). Voltando então à inquietação colocada por Baptista (2008) [para alinhar]: que política de mobilidade desejamos?

Nessa abordagem, as corpografias e os experimentos estéticos que o instrumental explorou, permitiram intencional narrativas e abrir falas e sensações em movimento. Fez fluxo e costurou ambiências e nessa costura remontamos urbanidade, em oposição a uma “*ideologização do espaço*” (DELGADO, 2010).

Ao serviço de uma intenção domesticadora, o desenho urbano em sua maioria de expressões parece marcar na atualidade algo que deriva de um impulso; impulso de não deixar territórios livres de projetos – normalmente de caracteres espetaculares – monumentais – “*arquiteturalizar*” tudo e a todo custo. Delgado, ao fazer uma crítica à “nova” Barcelona, afirma que os projetistas e planejadores foram vítimas de um horror “*vacui*” – espanto ante qualquer terreno vago. Preocupação obsessiva frente à possibilidade de um “*alsivestramiento*” súbito do território – ideia de salvar a cidade da ação do tempo e dos humanos (DELGADO, 2010, p.89).

E “*assim, vamos vivendo com a ideia vaga do que queremos ser*” (TARETTO, 2011). Exatamente igual a nossa vida, demonstrando uma falha de planejamento, a cidade parece se desenvolver sem saber direito o seu ‘motivo de ser’, sem

tessitura. É então, nesta cidade palimpsesto, marcada por processos de rasuras e colagens diversas (híbridas), que as ambiências parecem semear o novo no cotidiano “frio” das metrópoles. Estaria aí, portanto, a importância das ambiências e da compreensão de suas bordas: permitir (re)compor, reforçar, a tessitura na/da cidade? Poderíamos assim falar em *devir* urbano?

‘Irregularidades estéticas e éticas’: ao lado de um edifício alto, existe um muito baixo, ao lado de um racionalista, um irracional, ao lado de um estilo francês há outro sem estilo algum (...) edifícios que se sucedem sem nenhuma lógica.”³⁰
(TARETTO, 2011)

Por isso defendemos a ideia de que a cidade é um complexo de aglomerados humanos-urbanos que se efetiva como tal através das práticas desenvolvidas pela interação deste binômio, e pressupõe que algo pulsante, vivo, esteja cotidianamente acontecendo, sendo produzido, para manutenção de sua essencialidade.

O espaço citadino pode ser explorado, deste modo, como um elemento que promove a existência de alteridades através das suas múltiplas ambiências e nesta perspectiva, a alteridade permite um posicionamento diante da nossa identidade com a cidade em que vivemos.

Assim, arriscamos dizer que a tese permitiu o debate de que as bordas formalizam experiências as quais atuam nos processos de constituição das ambiências, utilizando-se do ato de ‘afetar-se’ como força motriz para sua composição, estabelecendo assim uma possível tríade entre afeto, força motriz e prática recíproca.

³⁰ Abertura do filme *Medianeras*, do diretor argentino Gustavo Taretto, lançado em 2011.

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea. (JACQUES, 2008, apud SANSÃO, 2011).

O corpo reverbera a força do lugar; e a mineralidade da cidade, por sua vez, embora extremamente relevante e sempre presente na percepção, se torna momentaneamente “menosprezível”, pois a ausência desta no momento em que focalizamos as trocas e compartilhamentos, nos faz perceber com mais clareza a alma e as suas *rel-ações*. (LARS VON TRIER, 2003)³¹

A colocação ratifica a ideia de que quando experimentamos a cidade, paramos de ser sujeitos para nos tornarmos acontecimentos em agenciamentos que não se separam de uma atmosfera, de um ar, de uma ambiência. O trabalho em tela apontou, assim, para a importância dos urbanistas enquanto pensadores e promovedores de conexões em dinâmicas nos espaços, reforçando dessa maneira a emergência de um pensamento em requalificações de áreas urbanas ou em novos projetos urbanos e arquitetônicos que conectem e promovam fluidez nos espaços, propicie multiplicidade de usos, de práticas, o não engessamento e a diluição máxima de fronteiras e barreiras que impedem o bordejar, que impedem a costura que faz cidade e que faz de seus cidadãos seres urbanos.

³¹ Colocação inspirada na apresentação do filme Dogville, do diretor Lars von Trier, lançado em 2003. O filme se passa num espaço cinematográfico minimalista, contendo apenas linhas pintadas no chão que demarcam casas num cenário praticamente invisível. Desta forma, o filme ressalta as consequências de cada ação individual em relação à comunidade.

É preciso pensar em projetos que promovam tanto ocupações, como também apropriações nos espaços públicos. As apropriações, mesmo se tratando de posse e poder, em muitos casos, podem fomentar bordas importantes para utilizações de espaços da cidade com uma característica mais marcante e evidenciar manutenções de ambiências com dinâmicas próprias a necessidades de todo um coletivo cotidiano das cidades. É preciso pensar, portanto, numa flexibilização de usos e práticas – pensar em espaços lisos - de maneiras de ser e estar na cidade, de fazer cidade. Propiciar tipos de encontros com Outro, com o diverso.

Por que apostar no bordejar? Pelo fato de que ele se revelou ser uma alternativa para relativizar a espetacularização recorrente nas cidades, pelo seu potencial transformador, pela possibilidade de medição de porosidades que ainda se encontram latentes nos meios urbanos-humanos e que na latência das afetações, encontram suporte para uma prática recíproca.

Já que todos os devires são moleculares, o indivíduo, o cidadão, o que nos tornamos, são coletividades moleculares, e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força da experiência, da ciência ou do hábito (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Podemos, então, falar em devir-cidade? Em devir (humano) urbano?

A alteridade pareceu ser legitimada pela afetação e não necessariamente por trocas, partilhamentos. Mas eis a questão, quando somos afetados, vetores múltiplos se agenciam e nesses agenciamentos reside o potencial das trocas que promovem compartilhamentos, sobretudo quando é a cidade que é esse Outro que afeta.

É uma relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado. (...) Pois o *afecto* não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o Eu. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 47 / 21)

Apesar disto, o termo "afetividade" pode ser comumente relacionado à noção de apegar-se a alguma coisa, de afeiçoar-se a esta; todavia, quando pensamos em ambiências, pensamos em afetividade como uma possibilidade de afetar-se com o Outro, podendo o outro inclusive ser uma ambiência em experimentação. Neste sentido, pensar o urbano e, portanto, pensar as ambiências cidadinas, à luz da *ética da alteridade radical*, requer uma compreensão mais coletiva e ativa por parte do sujeito na busca pelo entendimento do outro, do diverso, das ambiências em sua potencialidade. É possibilitar ver o eu no outro e não somente querer ver o outro em mim.

Nesta abordagem, o “*eu me afeiçoei a este lugar*” soa bem diferente das possibilidades de apreensão das diversidades sensoriais e subjetivas que as ambiências podem proporcionar quando somos levados ao experimento do “*este lugar me afeta*”; ou seja, quando a afetividade é entendida como um impulso, como potencialidade, como ação.

O homem passa, assim, a ser entendido como um ente determinado pela ação do Outro, pensando neste como a natureza sem mim, ou seja, tudo o que me excede. Rolnik (1992), por sua vez, chama a atenção para o processo intrínseco da subjetividade, resultante do encontro com o outro, não só humano. Este é desestabilizador e, enquanto tal, anunciador do novo, produtor de heterogênese.

Compreende-se enfim que, para tanto, o sujeito que se permite afetar a partir do (re)conhecimento do outro é um ser sensível, que se sente seguro diante do diferente, pois permite ser parte deste diferente, e imprime um ar hospitaleiro nas ambiências por ele também constituídas, na medida em que não somente aceita e tolera o outro, porque isso seria ser passivo; mas que é corpo e, portanto, subjetivo, permitindo afetar-se, sobretudo com as múltiplas ambiências que compõem o urbano.

Acreditamos ter conseguido, desta maneira, aferir quais fatores – característicos das bordas em estudo – podem promover e evocar afetações “in-tensionais” em pessoas, corpos. A noção de causalidade, isto é, o binômio causa-efeito, não consegue mais expressar o “real”, nem sua compreensão. Entender o que se encontra no inteire de trocas urbano-humanas, quais qualidades/características de bordas promovem maior capacidade de expor *in-tensões*, parece ser algo substancial enquanto reflexão da experiência urbana na atualidade.

Contudo, vale lembrar que em toda troca ocorre permeabilidade (seletiva), não podemos incorporar todo o Outro, apenas fragmentos deste, e na tradução de como isso ocorre, muitas vezes ainda perdemos mais alguns fragmentos. Ainda assim, as trocas são indicativos forte de interpenetrações entre corpos, seja corpo-cidade, seja relação humano-humano, seja nas relações humano-urbanos.

Quase numa dobra final, ainda, é importante ressaltar a prática da experiência de andar (marcha) em meio urbano como *“ferramenta de apreensão da cidade, mas também de ação urbana, ao possibilitar micro-resistências dissensuais que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível”* (Jacques, 2012). Não se tratou, portanto, de uma experiência errática “pura”, visto que o olhar foi guiado na busca por possíveis respostas sobre o questionamento anteriormente esboçado: do que são feitas as cidades? O trabalho que falou em bordas e dobras finaliza seu percurso com essa dobra aberta, uma provocação que tem um acabamento eternamente sem contorno.

Ode àquele que caminha na cidade...

Nesse fim (inacabado) de um bordejamento à reciprocidade(s), gostaríamos de homenagear aquilo que nos fagultou durante todo o percurso da tese e que possibilitou a celebração de uma dobra final (sem contorno) – as cidades e seus seres urbanos. Vem à tona então a fala do filósofo Bruno Queysanne³² que numa explanação inspiradora, estabeleceu a relação metafórica entre a história da Bela Adormecida e as cidades. Disse ele: “*as cidades deveriam ser princesas adormecidas e as pessoas que nelas andam (faire marcher) seriam seus príncipes encantados que com rastros – (“beijos”) - despertariam suas belas*”. Depositamos aqui, com este encanto de metáfora, nossa homenagem a todos os “*marcheurs*” - pessoas que andam pela cidade com algo a oferecer. Caminhar na cidade é como algo libertador. Caminhar é fazer paisagem, é fazer cidade, e para quem se aventura nessa empreitada de re-composições, o caminhar é fatal, porque o Eu se despe de sua própria existência para compor Outros, novas dobras. Liberta-se do medo pré-conceituado (como conceito previamente estabelecido) em espaços “pré-ocupados”. Andar é ocupar espaços, em coordenadas só suas, mesmo que breves. É então fazer território e re-montar paisagem, é se expor, se revelar e se desvendar. E ao fim dessa caminhada “aterriza” a in-corpor – ação (por sequências de passos e movimentos) de transformações das paisagens por onde se passa. Toda caminhada tem um começo e um fim, mas esse fim nunca cessa, continua operando, é rizoma, é início de um ímpeto por novas caminhadas, nem que seja em caminhos do pensamento. E o início, esse de fato também não se inicia no ponto de partida (determinado ou em determinação), mas encontra-se agenciado em vetores anteriores (ao convite e ao sim), porque é pulsação, é agenciamento de outros fluxos, é antes e agora, mas também é depois, persiste, insiste - é devir. Falar sobre cidade em plena deambulação é entender

³² No evento MAP - Marcher, Angers, Penser (out. de 2013)

que o espaço não nos é dado, ele é pra ser explorado. Andar sob uma condição da forma disponível, pensada. Assim, aquele que pela cidade “marcha” (*marcheur*), alguém que tem algo a oferecer a ela, é aquele que desperta coisas no espaço urbano. Diferente do *marchand*, aquele que só se desloca, que apenas estabelece uma relação de *merchandise* com os lugares. Seria este um *marcheur* oportunista, aquele que adere ao território somente por puro oportunismo? A marcha parece propor uma emancipação da percepção humana numa ancoragem espaço-temporal (ambiência em si mesmo), percepção esta, assim como o espaço e tempo estes, indivisíveis, porém difusos. Ser e estar no urbano “con –firma” o humano . Como disse o urbanista Paulo Mendes da Rocha, *é o que se espera de uma cidade: que ela seja falante (...)* *A razão da cidade é podermos conversar. Se você dá chance das pessoas se encontrarem para falar, eis o movimento.* Assim é a cidade para aqueles que caminham – territórios sob forma de gênese.

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos



Sonho é aquilo que leva a gente pra frente. Se a gente for seguir a razão, fica quietado, acomodado. Não sou nem otimista, nem pessimista. O otimista é um tolo. O pessimista um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso. Eu sou um homem da esperança. **(Ariano Suassuna)**

[Referências bibliográficas]

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALENCAR, H; FREIRE, L. **O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental**. Revista Mal - estar e subjetividade. Fortaleza. Vol VII. N. 2, 2007. P. 305-328.

AMPHOUX, Pascal ; THIBAUD, Jean-Paul ; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en Débats**. Bernin : Editions A la Croisée, 2004.

BAPTISTA, Luis Antônio. **O veludo, o vidro e o plástico. Desigualdade e diversidade na metrópole**. 2ª edição. Niterói: UFF, 2012.

_____. **Tartarugas e Vira-Latas em movimento: políticas de mobilidade na cidade**. IN: Revista Redobra, 2008.

BAPTISTA; FERREIRA. (Orgs.). **Por que a cidade? Escritos sobre Experiência Urbana e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Ed. da UFF. ePUB. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2. A experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

BRISSAC, Nelson. **Imagem urbana: da utopia à miragem**. IN: 6ª Semana de Arquitetura e Urbanismo do Diretório Acadêmico da PUC MINAS. Belo Horizonte. Agosto de 2002.

CALVINO, Ítalo (1990). **As Cidades Invisíveis**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. (1993) **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANEVACCI, M (1993). **A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes. O Caminhar como prática estética**. São Paulo: ed. G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel (1990; 1994). **A Invenção do Cotidiano**. 3ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

COSTA, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CORNELSEN; OTTE; SEDLMAYER (orgs.) **Limiars e passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DE BIASE, Alessia. **Ruses Urbanas como Saber**. IN: JACQUES; JEUDY (orgs.). **Corpos e Cenários Urbanos. Territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: PPG-AU/UFBA, 2006.

DEBORD, Guy (1992). **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1979). **O que é Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____ (1980). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução Peter Pál e Janice Caiafa. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como crisis del significado**. IN: La ciudad Mentirosa: fraude y miséria del modelo Barcelona. 2ª edição; ed catarata, 2010.

_____. **Sociedades Movidizas: pasos hacia una antropologia de las calles**. Barcelona: Ed. Anagrama, 2007.

DUARTE, Cristiane Rose. **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine : Vila Pinheiros à Rio de Janeiro**. Paris : Sorbonne, 1993. [thèse de doctorat de l'Université de Paris-I Sorbonne].

DUARTE ET AL. **Explorando as ambiências: dimensões e possibilidades metodológicas na pesquisa em arquitetura**. IN: Anais Colloque International Faire une Ambiance. Grenoble, 2008. (versão ampliada em português disponível em: www.asc.fau.ufrj.br)

DUARTE; VILLANOVA (orgs.). **Novos Olhares sobre o Lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro: Contra-capas; Faperj, 2013.

DUARTE; THIBAUD (orgs). **Ambiances Urbaines en Partage: pour une écologie sociale de la ville sensible.** MétisPresses, 2013.

DUARTE, Fábio. **Crise das Matrizes Espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura.** São Paulo, Ed. Perspectiva. 2002.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **A Estratégia dos Signos.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

FONSECA, Cacá. **Cartografia em jogo: artifícios para uma construção metodológica.** IN: revista Redobra, n.09. Salvador, 2012.

FONSECA; ROCHA. **Causalidade de Encontros.** IN: Revista Redobra. Salvador, 2008, p.291-295.

HISSA, Cássio Eduardo. **A Lentidão no lugar da velocidade.** IN: revista Redobra, n.09. Salvador, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade.** IN: JACQUES; JEUDY (orgs.). **Corpos e Cenários Urbanos. Territórios urbanos e políticas culturais.** Salvador: PPG-AU/UFBA, 2006.

_____. **Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas.** IN: Revista Redobra. Salvador, 2008.

_____. **Experiência Errática.** IN: revista Redobra, n.09. Salvador, 2012.

JACQUES, P.; JEUDY, P. (orgs.) **Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: PPG-AU/UFBA, 2006.

JACOBS, Jane (1992). **Vida e Morte de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. **Também sem a Feli(z) Cidade se Vive: um panorama dos encontros e desencontros pelas ruas das cidades contemporâneas**. IN: Revista Redobra, 2008.

LAPLANTINE, François. **La Description Ethnographique**. Paris: Armand Colin, 2005.

LEITÃO, Lúcia. **De Vitruvius a Freud: cidade, arquitetura e subjetividade**. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto, 2004. 338p. il.

_____. **Ver a cidade, ver a si mesmo**. IN: Cadernos Proarq nº. 17. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, 2011. P. 159 a 170.

LOPES, Denilson. **A Delicadeza: Estética, Experiência e Paisagens**. Brasília: EdUnB, 2007.

MEDEIROS, Ana Paula. **Urbanamente: eu na cidade, a cidade em mim**. IN: <http://www.urbanamente.net/blog/cat/arq-urb/>. Post 2009. Acessado em janeiro de 2015.

MILGRAN, Stanley. **A experiência de viver na cidade: adaptações à sobrecarga urbana criam qualidades características à vida nas cidades que podem ser mensuradas**. Série textos de psicologia ambiental. Brasília: UNB, 2004.

MOCELLIM, Alan. **Simmel e Bauman: modernidade e individualização**. Revista eletrônica: EMTESE. Santa Catarina: UFSC, 2007.

NETTO, Vinícius M. **Cidade e Sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. **Espelhos Urbanos (resenha). Estudos e pesquisas em psicologia**. IN: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/html/v10n2a21.html> . Rio de Janeiro: UERJ, ISSN: 1808-4281, ano 10, n.2. 2º quadrimestre de 2010. P. 638 – 641.

PAULA, K. C. L. de. **Pessoas, cidades e espelho: estudos metodológicos da experiência humana na urbe através das imagens – movimentos compartilhadas**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2008.

PEIXOTO, Nelson Brissac (1988). **O Olhar Estrangeiro**. p. 361-367. IN: NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PENA; JÚNIOR. **Partilha e Conflito no Espaço Público: experiências urbanas na cidade de Salvador**. IN Revista Corpocidade, n.9, 2012.

PEREIRA, Margareth da Silva. **Causalidade de encontros**. IN: Revista Redobra, 2008.

PETITEAU, Jean-Yves; PASQUIER, E. **La Méthode des itinéraires: récits et parcours**. IN: THIBAUD, J-P.; GROSJEAN. (orgs). **L'espace Urbain en Méthodes**. Marseille: Ed. Parenthèses, 2008.

PINHEIRO, Ethel. **Cidades 'Entre': dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. Tese de Doutorado em Arquitetura. 2010.

ROLNIK, Suely. **Diálogo e alteridade**. IN: Boletim de Novidades, v. 5. 1992. P. 35-44. 2010.

_____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Ed. da UFRGS, 2006.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F (1992). **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

SANSÃO, Adriana. **Amabilidade Urbana: a qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária**. IN: Cadernos Proarq nº. 17. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, 2011. P. 22-41.

SCHVARSBURG, Gabriel. **Cartografar o movimento: narrativas de sarjeta**. IN: revista Redobra, n.09. Salvador, 2012.

SENNETT, Richard (1988). **O Declínio do Homem Público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIMMEL, G., 2006. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar.

THIBAUD, Jean-Paul. **O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas**. IN: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

_____. **O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas**. IN: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

_____. **O Devir ambiente do mundo urbano.** IN: revista redobra, n.09. Salvador, 2012.

THIBAUD, J-P.; DUARTE, C.R. **Pour une écologie sociale de la ville sensible: Ambiances urbaines en partage.** Vérone: EBS – Editoriale Bortolazzi-Stein, 2013.

THIBAUD, J-P.; GROSJEAN (orgs). **L'espace Urbain en Méthodes.** Marseille: Ed. Parenthèses, 2008.

KAZIG, Ranier. **Les ambience types et leurs dynamiques – reflexions thèoriques et évidences empiriques d'une place à Bonn.** IN: Variations d'ambiances: processus et modalités d'émergence des ambiances urbaines. Sur la direction de Jean-Paul Thibaud. 2007. P.169-187.

TORRES, Ana Clara Ribeiro. **Corpocidade: debates, ações e articulações.** Salvador: EDUFBA, 2010.

TORRES RIBEIRO, Ana Clara. **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades.** IN: revista redobra, n.09. Salvador, 2012.

TRAMONTANO, Marcelo. **Interactive Living-Spaces: 12 Preliminary Notes.** IN: NIETO, I.; VEGA,R.; TELLO, I.. (Org.). *Installing: art and technology / Instalando: arte y tecnologia.* Santiago: Troyano, 2007. P. 143-147. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>

TSCHUMI, B. **Architecture and Disjunction, The MIT Press, London.** Tschumi, B. *Architecture and Disjunction,* The MIT Press, London 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UGLIONE, Paula. **Arquivo Mnemônico do Lugar: memória e histórias da cidade.** Tese apresentada do Proarq/UFRJ, 2008.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. **Experiência Estética, Arquitetura Urbana.** IN: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.17, n.21. 2º semestre de 2010.

WALDENFELS, Bernhard. **Topographie de l'Étranger.** volume 1. Paris: Editora Van Dieren, 2009.

ZANELLA, Andréa. **Sujeito e Alteridade: Reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural.** IN: Revista Psicologia & Sociedade.n.17 (2). Santa Catarina, 2005. P. 99-104.

- Evento Corpocidade, 2008 – UFBA – Dobra (revista eletrônica):

Consultado em maio/junho de 2013.

- Entrevista de Eliana Kuster – KUSTER, 2008.

http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/05_02_artigo1.html

- Colocações de Luis Antônio Baptista – BAPTISTA, 2008.

<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/>

Um convite à ReciproCidade

bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos

APÊNDICES

[narrativas das corpografias]

Natália Romano

Duração: 48 minutos

Dia: Quinta - feira – 15 de janeiro 2015

Hora de partida: 22h35 | Hora de chegada: 23h23

Bom antes de começar eu quero falar o que o meu corpo tá sentindo... ele tá muito feliz de participar dessa experiência Elzinha! Agora eu virei aqui na Fernando de Albuquerque... tô indo no meio da rua e quase que eu fui atropelada aqui por um carro, porque a calçada está lotada... eu tô indo ... é na verdade é um caminho que mais ou menos conheço aqui, essa rua né!... tem um ciclista, subindo, na verdade vários ciclistas, subindo essa rua... (meio ofegante e vozes de pessoas conversando ao fundo – não muito intenso)... passando por um barzinho, várias pessoas bebendo na rua... fumando também ... é na verdade parece ser um bar bem eclético... eh outro barzinho... mesinhas na calçada pessoas bebendo, fumando... tive que desviar das mesinhas que tão ocupando a calçada ... eh! tô indo mais ou menos rápido por que é uma subidinha né!? ... atravessando a faixa de pedestres, Haddock Lobo. Lógico! O carro não parou, tive que parar né!? ... olha um casal se beijando ...uhh! Tô indo... sem muitas pessoas, muitos carros... vou sentindo, vou sentindo a ambiência! Passando pela Defensoria Pública da União, nossa! nem sabia que era aqui! Interessante... (barulho de caminhão ao fundo) ... várias garotas de programa (falando com entonação diferente – ressaltando as palavras), à minha esquerda, chegando na Bela Cintra, é isso aí... acho que fica perto do hotel Itamar... estão aguardando o príncipe encantado ... é agora virei à esquerda, Bela Cintra, tô na Bela Cintra ... eh! onde eu tô não tem muito movimento de pessoas, só apenas as “tiazinhas” ... os caras olhando as “tiazinhas”, querendo parar e não parar... e elas no maior bate-papo, uma com a outra... continuo em linha reta ... polícia passando, olhando a área, rondando... e mais ciclistas... e os ciclistas passaram, pararam numa Temakeria... vários ciclistas... - *dá licença!* ... agora tô virando aqui na Mathias Aires, à esquerda, passando em frente ao posto, muitos carros e pessoas aqui não existe! Apenas carros! (buzina) ... Os prédios residenciais... uma casa amarela? acho que é um...um restaurante maia... tô indo... agora eu tô indo mais rápido, porque é uma descidinha... – *boa noite!* ... nossa! que prédio bonito... mais rápido! (som dos passos ao fundo)... Nossa tem uma árvore que caiu aqui gente! ... caramba quantos troncos! Mas juntaram, não é que caiu agora ... voltei pra Haddock Lobo, cruzando a Haddock Lobo, farol vermelho, posso passar... tranquilo ... Tô passando por um barzinho, mesinhas na rua, pessoas, pessoas olhando q eu tô falando sozinha (risos –hahaha)... muitas mesinhas, muitas

peças na calçada, tô tendo que desviar... gente! tem uma mesa com muiiitas garrafas e agora eu precisei ir pra rua, porque eles tão ocupando a calçada... agora tô passando aqui em frente ao que ... à Motors... indo sentido Augusta... engraçado esses monte, assim... muitas pessoas, de repente: um vãooo, sem ninguém... chegando na Augusta, passando pela Toyota... Agora cheguei na Augusta, tô vendo ali o bar Violeta, à minha direita, com muito movimento, muitas pessoas, e eu tive que parar por conta do farol que abriu... pessoas, jovens, curtindo a noite na Augusta... (barulho de ônibus ao fundo) Nossa! passou acho que uma... Drag queen, mas só o rosto totalmente pintado, com um chapéu, um estilo de chapéu que eu adoro, acho o máximo... e o farol ainda está aberto e eu aguardando... (barulho dos carros)... farol fechou! Atravessar...um pipoqueiro atravessando junto comigo...OPA! o táxi quer passar ... muitas pessoas, pessoas sentadas na calçada e não é nem lugar que esteja, não é que seja nenhum barzinho, pessoas sentadas na calçada, muros são pichados e o outro lado, do meu lado direito um outro bar, movimentado... agora eu vou passar por um bar, várias mesinhas na calçada também, que é o bar e restaurante... não consigo ler... o mineiro... passando entre as mesinhas, tendo que desviar... muitas mesinhas na calçada, galera conversando, bebendo, fumando, comendo...várias coisas... mostrando celular... uma barata na calçada!! Ai socorro! ... quase passou pelo meu pé... agora isso aqui eu não sei que rua que é... é a Frei Caneca né? Subindo... subindo... é a Frei Caneca!... estou na Frei Caneca!... virei agora à direita, atravessei, faixa de pedestre, passando em frente ao Etapa ... o cara olhou pra mim achando que eu tô muito louca, falando sozinha... ou estava olhando pra mim só por olhar para mim? (riso! Risadas...) ai Elzinha, muito legal rs!... então... muitos carros passando, algumas pessoas na minha frente caminhando, percebe que, acho que tão indo pra Paulista, mas nenhuma movimentação assim, por enquanto... aqui tem muitos prédios residenciais né! ... nossa Elzinha tá me dando calor, tô andando muito já, hein? Ainda bem, porque não fui pra academia ... legal tem um barzinho aqui de esquina, com a Frei Caneca e a Antônio Carlos, mesinhas na calçada, umas periguetes... parece ser legal... Coqueiro... tive que parar pro carro passar, tô na faixa de pedestre... estou atravessando, e assim, eu continuo tendo... as pessoas estão na minha frente, caminhando sentido paulista... e umas pessoas atrás de mim também... C vê que essas pessoas só estão caminhando sentido Paulista... acho que eu tô meio devagar e as pessoas tão passando por mim... é que eu quero reparar, quero observar tudo! É isso, por isso que eu acho que tô meio devagar também... super arborizada essa rua hein? Frei caneca... é um pouco escura assim, eu tô achando... mas não tô com medo, as pessoas tão andando junto comigo também, então não tem problema nenhum ... agora estou atravessando a rua Luís Coelho... sempre faixa de pedestre... e agora já tem pessoas ao contrário, descendo a Frei Caneca ...já está chegando perto da paulista... muitos carros, estacionados... é... tô aqui no

Bank of China ... e no Ministério Público Federal, tô passando em frente – Procuradoria da República em São Paulo, ministério público federal, também não sabia que era aqui! Olha! Um preidão! Ui! dá até medo! ... e aí eu vou atravessar aqui no meio da Frei Caneca - será que ali é o tal do átrio?... ai não sei... acho que eu vou, vou arriscar... ah não, acho que não é não, vou voltar – voltei! Eu tava entrando aqui num tal de setenca, setenco plaza torre norte, eu achei que dava no tal do átrio lá do Spot, mas não é não... quer dizer, não sei, pode até ser, mas eu acho que é só a entrada do prédio, voltei... é outro butecão, Espetão Gril, mesinhas na calçada, mas a galera tá de pé, todo mundo tá de pé... agora estou chegando na famosa Avenida – PAULISTA... paulista meu!!! Tô vendo ali do meu lado direito Conjunto Nacional ... Nossa! eles tão fazendo a ciclovia, não sabia disso... tá em construção... (barulho de ônibus começa ao fundo)... agora sim né? Várias pessoas, moradores de rua à minha esquerda, conversando, comendo, cachorro... engraçado... muitas pessoas no ponto de ônibus... muitas pessoas, andando na paulista... casal de homossexual, passando abraçadinho... ai agora estou entrando no átrio do Spot, gente não tem ninguém... engraçado gente! Nossa! parece que só tem eu nesse lugar, quer dizer, parece não, só tem eu ... ai tô passando pelo TRF – tribunal regional federal – já vim muito nesse lugar – olha! ... casaizinhos de homossexual, uns amigos ali conversando ... e eu andado no meio assim, só eu nesse átrio... casaizinhos de namorado... pessoas próximos à fonte.. e eu chegando próxima do Spot... olha a fonte... olha o barulho... (barulho de água jorrando) ... parei pra olhar essa fonte, nunca tinha visto também, reparado na verdade... agora meu! muita gente nesse Spot, eu vou passar entre eles... tem uma galera e eles meio que tão ocupando essa parte do átrio (muito barulho de vozes ao fundo)... bar bombando... bombando... (barulho da fonte permanece ao fundo) ... na verdade eu fiquei com vontade de abrir o dispositivo bem no meio do Spot...só que eu acho que eu fiquei com vergonha hahaha! Eu fiquei com vergonha! Como assim gente? Não, mas eu acho que tem lugares mais legais pra abrir o dispositivo... agora essa rua aqui, ela é... também só passa carro né! Só tem o movimento do Spot ... é... nossa! tem uma pessoa dormindo na calçada, morador de rua... (barulho de skate ao fundo) os skatistas passando... os skatistas... pessoas passando... a rua, a rua tá meio parada, mas eu acho que eu vou, eu vou... ih! Tive que parar! O farol abriu... acho que eu vou ficar olhando esses skatistas pra abrir o dispositivo... atravessei, os skatistas estão aqui, firmes e fortes... só que eu ainda tô incomodada, porque eu queria ter aberto o dispositivo lá no Spot, acho que eu vou voltar... oh! Muitos skatistas aqui... nossa! eu vou voltar, vou voltar pro Spot, abrir o dispositivo lá! eu tô incomodada de não ter aberto lá... por vergonha! não pode ser!... tô voltando de novo aqui no átrio, não tem ninguém ... agora não tem ninguém mesmo... nem os casais de namorados estão aqui mais... passado de novo pelo Tribunal Regional Federal... me vou.... ah! tem uns amigos ali conversando nesse

jardim... passando pela setenco plaza torre. Ah! então aquela entradinha dava... hum... opa!... tropecei... hahahahaha.... tropecei, quase que eu cai... hahahaha gente!! ... quase q eu cai... rrsr! De novo passando pela fonte... barulho... total... ai umas periguetes todas cheia de brilho tomando vinho sentadas no banco, tomando um vinho... e ai, nossa! ... pra eu poder passar, vou entrar no meio do bar pra eu voltar naquela área ... naquela área que tem um monte de gente ... várias pessoas... é! Bem aqui no meio não tá dando, não vai dar pra abrir o dispositivo não... mas eu vou abrir o dispositivo aqui! perto do Spot! Eu vou ficar aqui! pronto fiquei aqui, no canto... durante 3 minutos né? Tô aqui com meu guarda-chuva e ninguém me olha! Eu achando que eu ia abafar aqui no Spot com esse guarda chuva!! Meu! ... oh são 22h52... engraçado ninguém olha... as pessoas estão conversando e ninguém olha pra mim... e eu tô aqui com o dispositivo... gente! tem um cara dentro do spot e acho que é o Rai... nossa! ele é muito parecido com o Rai se ele não for ... e nossa e eu tô muito perto das pessoas e as pessoas nem tão olhando ... ninguém me percebeu aqui... tô aqui!... tem um casa de gay, um casal não, dois casais de gays aqui na minha esquerda e meu! certeza é o Rai, Rai saindo do Spot e eu aqui com esse guarda chuva... gente!! ... que engraçado... é o Rai! Ha! E tem uma menina com ele, uma menina tipo um, um lenço querendo enlaçá-lo ... é o próprio! Nossa! pena né Elzinha, eu não posso... ele passou por mim, só que ele não me olhou C acredita? Eu com esse guarda-chuva e ele não me olhou... o Rai gente! Que... agora ele olhou pra mim, ele olhou ... só que eu acho que é com a filha dele que ele tá, ele deu um beijinho, mas é criança assim, novinha... meu! Que engraçado! O Rai... não vou poder nem tirar um selfie com ele... e eu de guarda-chuva, de guarda-chuva e as pessoas não me notam... como assim? As pessoas não me notam ...eu tô inconformada... eu vou passar no meio do spot com o guarda-chuva quero ver! ... é... agora sim, agora sim as pessoas estão olhando ... agora as pessoas estão olhando, porque na verdade eu tô passando entre eles né! Tô voltando, com esse guarda-chuva... ai sim! Me olharam meio que: oh meu! Quem é essa louca? Rs! ... ok agora eu já vou sair... e o Rai tirando fotos em frente à fonte ... vou fechar meu dispositivo, mas eu fiquei meio triste por que ninguém me notou... poucos perceberam... vários ciclistas agora passando, vários ciclistas... muitos ciclistas passando aqui por mim, vários... pessoas tirando foto... (som de ambulância passando ao fundo) ... pessoas tirando foto, o cara que tava com o Rai, eu queria ter falado com o Rai só que ele parou, tava tirando foto... ok! e agora eu tô indo sentido Paulista... ai meu! as pessoas não tão interagindo aqui... poxa vida!... (passos... carros)... agora de novo os skatistas... caíram... eeita nois! ... (barulho de skate)... agora atravessando , cheguei na Paulista... opa! tive que parar ... quase fui atropelada... A Paulista! Paulista meu!... barulho, muitos carros... gente! Muito legal isso sabia... muito legal... passando por um ponto de ônibus, as pessoas andando, skatistas de novo, passando por mim, e a construção da ciclofaixa

a todo vapor... uma senhorinha dormindo no jardim, à minha direita... amigos cantando, oh que felicidade! escutem! (pessoas cantando) uhu! Deixa eu ver se eu esqueci de algum outro ponto, porque agora já tô chegando no Masp... deixa eu ver! Augusta, Bela Cintra, Frei Caneca, esquina...putz! eu não fui na esquina da paulista com a augusta, vou ter que voltar. Tô voltando então... Ai meu! Tô voltando... não acredito que eu não vi isso... mas vamos lá, lá o ponto X da questão... muitas pessoas, estão mais de boa... nossa! eu tô encentrando vcs... eu não acredito! Não acredito!!! hahahahaha... passei pelo Lucas e pela Elza gente! Que engraçado... esqueci um ponto! ia chegar antes que vcs,... muitos ciclistas na Paulista, muitos, muitos, deve ser o 'night bikers' ... atenta, atravessando a rua... os skatistas de novo, opa! um ciclista qua... aiii... quase me atropelou... - *desculpa!* ... Bom! mas não era ele quem deveria tá aqui né? Era eu... passando em frente à Caixa novamente, perto do átrio lá do Spot... ai meu! já fiz esse caminho né? ... tô voltando agora... ponto de ônibus, Bobs... vai chegando próximo da Augusta vai aumentando o número de pessoas... pessoas, muitos moradores de rua dormindo, outros acordados... dividindo o espaço para dormir... tô atravessando a rua, atravessando a Frei Caneca ... muita gente... galera... Agora tô indo mais rápido meu! Passando em frente ao conjunto nacional, do outro lado da rua tá o conjunto nacional... aqui sim! Galera, os bicho grilo meu! curtindo Bob Marley... umas pulseirinhas, *opa!! – dá licença!* desviei, um casal de gays... muito bicho grilo aqui, crianças dormindo no carrinho, mas as mães vendendo pulseirinhas... Pronto! Cheguei na esquina da paulista com a augusta... hum! Casal de namorados! Gays! Se beijando! Uau!! ... pronto! Tô na esquina... esquina da paulista com a Augusta Agora vou voltar e encontro vcs... só que eu vou atravessar a Paulista agora, não quero ir no mesmo ambiente que eu vim... parei! Farol fechado pra eu passar, muitos carros... (barulho de trânsito, buzina)... humm... entendi! Agora eu vou... esperando... aguardando... paulista com a augusta... entendi!... Opa! Agora eu vou atravessar a Paulista, atravessando para o conjunto nacional e agora eu vou no sentido augusta, sai um pouco da faixa de pedestre pra ir pra augusta ... tô andando muito, tô sentindo muito calor... olha! Uma galera tomando vinho na garrafa! Uau!... agora virei à esquerda, estou na augusta sentido Alameda Santos, passando pelo conjunto nacional... acho que eu tô pegando a saída da galera, um pouco, que trabalha na academia aqui no conjunto nacional, a galera da livraria... muito louco!... uau!... (barulho dos passos e das pessoas falando)... ainda estou na augusta, agora vou virar à direita pra pegar a Alameda Santos... virei à direi... esquerda desculpa! Esquerda, alameda santos... aqui não tem uma alma viva, só tô eu na calçada, só os carros passando... (fica meio ofegante)... é aqui eu acho que vou dar uma acelerada, porque tem esse monte de árvore, meio escuro, só eu na calçada... passando em frente ao Ibope! ... olha! Só o barulho do caminhão, descarregando no Pão de Açúcar... agora eu tô virando à esquerda, na rua Padre

João Manuel, pra voltar pra Paulista... (buzinada!) eita!! ... galera que trabalha no restaurante saindo... atravessando a rua da João Manuel... muitas lojinhas... tem ninguém gente nessa rua! Só tem do meu lado esquerdo tá o conjunto nacional que tá vazio, as lojinhas fechadas... não tem ninguém! ... e agora virei à direita, estou na paulista novamente... é uma área meio escura, mas ainda passa algumas pessoas... nossa que demais! Tô vendo aqui num muro... tá super escuro aqui na paulista, um casal de namorado aqui se beijando e um outro tirando foto deles ... parece que é um making off mesmo, naquela casa, tô passando em frente àquela casa antiga.. olha! Estão fazendo mesmo, acho que é um book! Haha haha... engraçado! Sorria! Hahahah... estou voltando pela paulista... passando por um parque, agora as pessoas voltaram a aparecer... parque Mário Covas, eu passei... agora eu vou atravessar aquela rua que eu não sei qual que é, do Spot... atravessei... ai que vento bom! Calor hein? Putz! ... pessoas descoladas... agora passando em frente à Marisa... morador de rua, com apenas um chinelo... caiu o negócio do guarda-chuva, tive que parar pra pegar... agora tô atravessando a Peixoto Golmide. opa! ... acelerando, acelerando... e agora eu tô passando em frente ao Trianon, meio deserto aqui né! Nossa! ... Trianon... pessoas... moradores de rua... ponto de ônibus e uma escuridão aqui no Trianon... meio bizarro esse lugar, essa noite, muito escuro! Mas tem um postinho da polícia... agora eu vou atravessar para o Masp... hum! Aguardar o sinal fechar! Abriu! Vou atravessar a paulista, chegar no Masp... skatistas aqui no Masp também, passando na frente dos carros... eh! Acho que acabou... cheguei no meu ponto final! Beijo!

(gravação 05)

Tradução – ação . elemento:

Narram-se aventuras . penetrar limites . registrar bordas . ver fluxos . perceber urbano . rebobina deslocamento . atravessar lacunas . ouvir sons . escutar falas . sentir relações.

Im-pressões:

Pessoas alternativas, ocupação do espaço público (mesas na calçada), diversão, boêmia, mudança de ambiência total, patricinhas e mauricinhos, ridícula, Rai, trânsito, carros, gays e lésbicas.

Adriana Alves

Duração: 46 minutos

Dia: Sexta-feira – 23 de janeiro 2015

Hora de partida: 23h24 | Hora de chegada: 00h10

Tá gravando? Dia 23 de janeiro de 2015. Até já... Oi! Começando o experimento da Elza... subindo a Augusta, só gente maluca, é claro! Como sempre, aqui... difícil andar nas calçadas da augusta... acúmulo de gente... São Paulo é isso! Ou é acúmulo de gente (risos!) ou é acúmulo de gente ou é acúmulo de carro ou é acúmulo de tudo! Rs! ... cidade acumulada! ... a cidade ferve, sexta-feira à noite, Augusta... acho que já... sei lá, é um point mais de jovens, de gente novinha, mas ainda continua bombando... (barulho do trânsito ao fundo)... hoje, mais friozinho, ainda bem que deu uma amenizada... os food trucks ou comidas de rua né? que essa mania de chamar de food truck realmente pegar, ou, realmente pegou aliás, a moda pegou, e aqui na Augusta abriram um lugar, você viu Elza? que tem um monte e... e tem uns vendedores aqui agora, acabei de ver, uns oferecendo; eu não sei se sempre teve ou se eu não reparava (rs!)... reparei em alguma coisa que nunca tinha me chamado muita atenção especificamente na Augusta: orelhões que ninguém mais usa né? orelhão é algo engraçado, porque ninguém mais usa... reduzi os passos, porque tem gente na minha frente e não dá pra passar... rindo com uma moça que tá descendo, correndo, ao celular... (som de ambulante ao fundo: cerveja skol, latão de 550 por 6 reais pessoal!) ... (pessoas conversando)... e dale álcool... todo mundo passa com cerveja, com drinks, sei lá... músicos, engraçado de ver um monte de músico descendo com seus instrumentos na calçada... a Augusta é engraçada! Louca e engraçada! Rs! ... afff! Que medo! Tem uns...uns adolescentes bebendo um drink aqui azul, ave! Quero nem pensar que que é isso...deve dar uma ressaca! ... (música ao fundo)... músico de rua aqui na Carlos com a Augusta... é legal que ele toca gaita, toca violão e toca percussão ao mesmo tempo rs! ... (música, pessoas conversando)... tumulto de gente na calçada, não dá pra passar... gostei de ver o músico na esquina ali, artista de rua tem um monte aqui na região da Paulista, é claro! Mas esse em especial, achei legal... one man band, sei lá como fala isso, tocando gaita, percussão e violão ao mesmo tempo, e ele não tava na calçada, ele tava bem na esquina mesmo, a rua... achei legal o som também, o estilo diferente do que os caras aqui na região costumam tocar, achei legal! parei um pouco pra ver, mas tava tão cheio de gente, tão tumultuado, que eu passei, mas parei um pouco, gostei! ... pensando que eu preciso vir no Frevo novo aqui que reformou, desde que reabriu aqui eu não vim ainda ao Frevo... nossa!

Essas calçadas! Que horror! Difícil andar nas calçadas de São Paulo... achando uma cena engraçada... tem um caminhão de lixo aqui na Paulista, quase com a Augusta, o lixeiro parado, em frente aqui ao caminhão, quer dizer do lado, na parte de trás do caminhão, em frente à caçamba com o celular na mão... achei cômico, porque realmente, seja o trabalho que for, as pessoas agora se dispersam pelo celular, até, inclusive os lixeiros, não que eles tenham menos direito que a gente, não é isso, mas é que eu achei engraçado a cena do, dele em frente ao caminhão de lixo parado com o celular na mão... nossa! Quase atropelada aqui por um grupo de... gente! se já é difícil andar em São Paulo, na Augusta, sexta à noite, essas calçadas ... nossa! Apinhadas! ... indo pra Bela Cintra... achando cômico ver adolescentes aqui em frente ao Metrô Consolação, em frente ao Metrô Consolação rs! Garrafas de bebida alcoólica, claro que eu gosto de beber, mas é muito 'aborrescente' esse negócio de ficar com bebida, já descer a Augusta com a bebida, ficar aqui em frente ao metrô com bebida, acho que eu ... esses arredores estão para os paulistanos como os poços de combustíveis estão pros adolescentes do interior, todo mundo se apinha em volta ... bebendo, enchendo a cara, engraçado isso... tentando descobrir que rua eu tô, acho que não é a Bela Cintra ainda... nossa! Que diferença de calçada, a Paulista... ai! Se todas as calçadas de São Paulo fossem como a da Paulista, tava bom pra gente... tão melhor aqui! Plana, espaçosa! ... mas, só na Paulista né? por que é claro é uma maquiagem, por que o resto da cidade é praticamente tudo igual... calçadas horríveis... (pessoas conversando ao fundo e alguém fala: - *ai eu fui tentar comprar ingresso de última hora e não achei...*) ... chegando na esquina da Bela Cintra com a Paulista, achando engraçado que rs! na frente aqui da paróquia São Luis Gonzaga tem um painel ainda com a chamada: Natal Iluminado, acho que tá um pouquinho atrasado né? falando de horários especiais para o natal e o ano novo... hahahaha! passou um menino agora com uma faixa, sei lá, à la Karatê Kid, na testa, muito engraçado! ... ah! Aqui um pouco depois da Bela Cintra com, com a Paulista, *ai que cachorrinho fofo!* ... aqui na Bela Cintra com a Paulista, um pouco depois, tá sendo construída a nova sede do Instituto Moreira Sales, acho que vai ficar bem legal... um dos lugares que eu mais acho legais, que eu mais acho legal é essa esquina da Paulista com a Consolação e aqui eu não vim ao Riviera ainda, você já veio? Um dia eu tentei vir mas, o balcão tava cheio, não tinha mesa, mas eu quero vir ainda, no livro do Chico ele cita bem Riviera, eu quero vir... claro que não vai ser o mesmo Riviera dos tempos dele, mas eu quero vir, legal né? nossa que delícia! olhando aqui... agora eu tô do outro lado da Paulista, olhando o apartamento da esquina da Paulista com a Consolação, nossa! imaginando que delícia que deve ser morar aqui... tem umas pessoas olhando ali na sala, pela sacada, que delícia! Deve ser incrível, mas também uma fortuna né? ... voltando da, agora da Paulista com a Consolação, sentido, na Paulista sentido Paraíso, chegando na esquina com a Bela Cintra de volta...

pensando como seria bom se toda a cidade não só tivesse essas calçadas aqui da, como as da paulista, mas a fiação subterrânea né? uma das coisas mais horríveis em São Paulo é essa fiação absurda, e não somente esteticamente é péssimo, mas também causa esses problemas que a gente tá vendo, uma chuva mais forte, tudo cai... as árvores caem em cima dos fios, da rede elétrica, que derruba a energia e assim sucessivamente, é um saco! ... descendo a Bela Cintra pra pegar a Santos... nossa! olhando, às vezes, como as pessoas são mal educadas, né!? tem uma embalagem de torta agora, onde eu passei tinha uma embalagem de torta, bolo, sei lá... as pessoas são muito mal educadas... tava lembrando esses dias, perto do Detran, um sujeito conversando ao telefone, simplesmente pegou um papel e jogou no meio da rua, do chão assim, ali na, no calçadão, eu de propósito falei: moço vc deixou cair um papel; dando uma de desentendida. Ele ignorou, fez um gesto com a mão, tipo: ai me deixa! E continuou...nossa! eu acho absurdo! Que falta de senso, de educação, de cidadania... na Santos agora com a Bela Cintra... sentindo um cheiro horrível aqui do caminhão de lixo que tá recolhendo o lixo aqui na Santos, mas não podemos reclamar né!... às vezes eu fico pensando, gente que horror! Claro que é um trabalho super digno, mas eles recolhem o lixo que a gente produz e como a gente produz lixo né?! tsc... incrível a quantidade de lixo que a gente produz, eu tô me incluindo, por que eu, eu incrível mesmo... vc assistiu ao documentário do Henrique Muniz? A obra dele? ... eu nunca tinha visto – Lixo Extraordinário – vi recentemente, há poucos meses, eu achei incrível, claro com delay, mas eu vi isso agora, achei muito bom! Aliás, eu não vi a exposição dele quando teve em São Paulo, porque teve isso... a perna, a perna... claro! a pessoa sedentária que não está acostumada a andar rs! minha perna tá começando a formigar, não é formigar, sabe coceira, não sei explicar, parecem que dizem que é o ácido lático, sei lá, que dá essa coceira... minha perna tá começando a coçar de andar e sempre eu penso: que eu deveria ser menos perua e andar com mais pé no chão e ainda bem que hoje eu não tô com muito salto, tô com um salto confortável, mas mesmo assim... eu fico pensando rs rs! ... pessoa anda de metrô, ônibus e quer ... devia fazer igual a uma amiga minha que anda de tênis, tem muito mais a ver com o contexto né? mas a perua insiste em usar sapatinho e salto e dá nessa, e meu sedentarismo, faz meses que eu não malho e tô pior... e aí... às vezes, quando eu ando bastante começa a coçar, como agora... olhando aqui as rampas dos deficientes, e pra um deficiente, pra uma pessoa cadeirante aqui deve ser difícil nessa região, quem dirá no resto da cidade né? ... desviando dos sacos de lixo na calçada, baixando pra árvore não pegar na cabeça, não é muito fácil se locomover não... nossa! uns buracos aqui na Santos, isso por que é nessa região, né? imagina no resto ... desviando de um caminhão que está descarregando aqui frios, acho que é do Mc Donald's, não sei de onde é isso... nossa! uma lixeira destruída aqui, com... só ficou a tampa ... que horror! ... Nossa! hoje tá me chamando especial atenção o

lixo... agora santos com a augusta... que ótimo! Um carro parado em cima da faixa de pedestre na rua ... ótimo! Que cara sem noção! ... e dale coceira nas pernas da sedentária hahaha! ... passando em frente ao conjunto nacional, acho que esse é um dos lugares mais legais que tem na cidade de são paulo ... é bem legal aqui, né? ... nossa! que legal! Tô olhando aqui pra uma janela de apartamento aqui na Santos, em cima de um mini pão de açúcar, não sei que supermercado é esse... nossa! que legal! Que janela ampla, cheia de quadro... bem legal! ... edifício maria elisa, santos, 2081 acho... imagina tem que ter pouca grana pra morar aqui (ironia)... (som dos passos ao fundo)... nossa eu acho ruim isso, esses... agora eu tô na calçada do conjunto nacional, aqui na, do outro lado, eu não sei que rua, acho que já é a frei caneca do outro lado da paulista, acho ruim esses ladrilinhos, calçamento, esse tipo de calçada aqui deles, difícil pra andar, pelo menos de salto, pra perua é difícil! Agora começando a chover, mas eu vou continuar... não tenho chapinha ainda rs... esse barulho é de uns caras, manejando uns pisos aqui, não sei... nossa não sabia que a paulista tá...ah tah! É da obra da ciclovia... já ia falar que eu não que eu não sabia que a paulista tava com obra... agora eu falei tenho que atravessar e não dá... e dale coceira na perna da sedentária... a viciada parando pra olhar pra vitrine de sapato... esperando pra atravessar aqui na paulista, de volta... não se é agora que eu pego a frei caneca... – *moça, essa já é a frei caneca?* (a pessoa responde: - *é essa aqui de frente*) – *brigada!* ... eu deduzi que era essa, mas achei melhor checar né? não tinha certeza se tava certo... nossa que sensação horrível, passando em frente ao Itaú aqui da paulista com a frei caneca, um monte de gente dormindo aqui na calçada, com suas mudanças, suas malas, cadeira, morador de rua dormindo aqui... nossa! que contraste... um banco... nossa! um monte de gente dormindo em frente a um banco tão... riqueza e pobreza né, num mesmo espaço... nossa eu acho cho... mas assim, eu já vi gente dormir em frente a banco, mas...nessa quantidade, com mala, tudo, cadeira... ai que triste! Me chamou atenção... olhando aqui uns pontos de ônibus, até os pontos de ônibus aqui na Paulista são mais bonitos né? pena que a paulista é só uma pequena parte, representa e não representa São Paulo... Representa, porque a cidade, a vida principal ... mas não representa também, porque... só aqui assim né? ... entrando aqui no átrio do spot, com os skatistas andando por aqui, um cara fazendo fotos... nossa esse Spot faz tempo que eu não venho, mas é caro né? assim os garçons, gatíssimos... sabe que o Caio Castro era garçon no spot né? ... (umas pessoas gritando ao fundo: eu quero vodca! Eu quero um O, quero D, eu quero C...) ... confesso que agora eu vou conferir, eu tô no átrio do spot, eu vou ver, eu acho que eu não tô esquecendo nada... mas eu vou checar... pegar meu guarda-chuva... agora eu tô parada com o guarda-chuva na esquina da paulista com a... e agora que rua é essa? É a rua aqui do lado do Trianon... não tô parecendo louca, porque eu abri o guarda-chuva, mas agora tá pingando um pouco, tá garoando um pouco... foi

engraçado agora, passei de novo aqui em frente ao átrio do, do Spot, porque vim voltar aqui pra atravessar pro outro lado do Trianon, e tinha um casal fazendo fotos, não sei se eu comentei antes quando eu passei, agora ele fez fotos de novo, ele com o experimento dele e eu com o meu, quer dizer, com o seu, mas... foi engraçado, a interação entre os dois experimentos, duas visões... passando em frente ao Trianon, por causa do horário eu não vou entrar né! nem sei se tá aberto, mas acho que nem é seguro esse parque à noite, não sei... na verdade são Paulo... acho que nenhum parque é tranquilo à noite, infelizmente ... vc viu que horror lá no Ibirapuera? Recentemente mataram um homossexual... que horror! ... ai eu detesto quando as pessoas param com o carro em cima da faixa de pedestre... não tinha reparado ainda nessa obra direito da ciclovia da paulista... eu acho ótimo que as bicicletas estejam ganhando mais espaço apesar das pessoas estarem reclamando tanto, claro eu acho falta de planejamento, "tão trocando as rodas com o carro andando", mas acho importante que estejam fazendo isso, a mudança cultural vai levar um tempo, mas acho que é necessária ... pra ficar no contra-fluxo agora com o guarda-chuva, vou sentar aqui no canteirinho aqui na Paulista, enquanto os carros passam, eu vou ficar paradinha aqui... aproveito pra descansar um pouco né? Tô com o guarda-chuva aqui no canteiro da paulista, em frente à Marisa ... agora que eu tô vendo que o parque que eu tava em frente não era o Trianon, o Trianon ainda vai ser agora em frente ao Masp, era um outro parque que eu tava passando em frente... tô parada num canteiro aqui, em frente à Marisa, um pouco antes do Trianon, com o guarda-chuva, enquanto os ônibus, os carros passam... e tem um entregador bravo aqui, que tá... veio entregar um lanche ou uma pizza, não sei se a pessoa cancelou e ele tá bravo... que sensação legal essa de ficar aqui com o guarda-chuva parada, sentada, vendo chuva cair rs e os carros passando, nunca tinha experimentado isso... sempre tô andando com o guarda-chuva, nunca fico parada embaixo de um lugar e nem sentada assim... rs! engraçado a cara que um cara que tá num táxi agora, semáforo tá vermelho pros carros e parou um táxi do lado, o passageiro me olhou tipo: oi o que vc tá fazendo sentada? Rs! ai... foi engraçado! ... ai que gostosa! essa chuva caindo... que legal! Nossa e tem um corajoso fazendo cooper a essa hora, aqui na paulista, com essa chuvinha, mas o cara tá aqui firme e forte ... a paulista é um dos lugares que eu mais gosto aqui de são Paulo... é o que eu disse: pena que representa e não representa São Paulo, né? ... é simbólica, mas podia tanto ser a realidade da maior parte da cidade... agora eu tô... levantei e tô andando no sentido Trianon, ai que sensação boa essa chuvinha, ai tá precisando né? mais no Cantareira nada... tá feia a coisa! ... (buzinada) alguém mal educado tá tacando a mão na buzina aqui... que as pessoas não têm educação alguma né? ... agora sim passando em frente ao Trianon que eu confundi aquela hora... engraçado a reação das pessoas, a reação não a relação das pessoas com a tecnologia de fato, agora um dos caras que

tá trabalhando na obra aqui da ciclovia, acaba de parar e tá fazendo uma foto, da avenida, sei lá, da obra... não sei se isso faz parte do trabalho dele, se ele tá fotografando a mando da empresa, da prefeitura, ou se é pra postar nas redes sociais né? não sei... e os imbecis com o som no último ... (som alto de carro) ... nossa! como eu acho ridículo esses caras com esse som... agora passando em frente ao Masp... pensando essa água parada aqui do lado do vão é água parada parada ou ela circula? Será que isso não dá dengue gente? nossa! eu nunca tinha reparado no vão livre do Masp à noite, um monte de barraco, um monte de gente acampando aqui, um monte de morador de rua... eu já tinha visto morador de rua aqui, mas não sabia que eles ficavam aqui à noite, não tinha reparado que tinham barracas aqui... agora quase fui atropelada por um ciclista na calçada... realmente não sabia que tinham barracas aqui, que as pessoas acampavam aqui à noite, no vão livre... (barulho de skate ao fundo) mas acho legal isso da paulista, de skatistas, ciclistas, gente caminhando, correndo, andando, todo mundo usar ... nossa! tava pensando... faz tempo que eu não venho ao Masp, preciso vir aqui, ver o que tá em exposição... nossa! passou um cara agora aqui com a testa toda tatuada... que engraçado!... testa não né? a cara toda!... na testa é surpresa ainda... essa rua aqui do lado do Masp que eu tô descendo pra te encontrar aqui no bar é ruinzinha pra descer, é íngreme né! Ainda mais pra perua de salto rs, ainda que mais confortável que o normal, essa rua é ruinzinha... nossa calçada horrível essa aqui do lado desse bar, gente... essa rua é ruim... será que vc tá aqui? Nãooo... (alguém buzina bem alto! E manda tomar no cú e se fuder...)... nossa algum débil mental com uma buzina absurda passou aqui agora... acho que eu lembrei desse bar, acho que é o opção não é? ... Tô achando aqui engraçado a reação de umas pessoas aqui vendo um casal de meninas, as pessoas têm ainda uma reação engraçada, arcaica ... bom é isso, eu acho... vou desligar tá bom? Beijo!

(gravações 11 e 12)

Tradução – ação . elemento:

Apreendem-se refluxos, (re)monta rastros, relatar geografias, emenda bordas, descer fugas, (in)filtrar ligações, abrir cidades, ver movimentos, perceber deslocamentos, cheirar afetações, sentir instintos, perder entulhos, medir contágios, emergem travessias, enxergar multiplicidades, escapam símbolos, narram-se passos, celebrar afetos, (re)conhece sons, absorver traços, perder percursos, costura contrafluxos, deixar opacidades, criam-se outros, permear colagens, (ins)pira o ordinário, medir nós.

Im-pressões:

Na augusta a aglomeração se sobressai – tomada do espaço público-privado, a invasão especialmente de adolescentes. Na Paulista me impressiona mais a organização e a imponência, que representam e não representam São Paulo.

Thiago Barbosa

Duração: 01 hora e 03 minutos

Dia: Domingo – 25 de janeiro 2015

Hora de partida: 18h30 | Hora de chegada: 19h33

Começando aqui o experimento, hahahahaha (risos!) ... passando pela... começando o experimento aqui na Augusta, passando por um, um bar, onde tem muita gente tomando uma, se apropriando do espaço da calçada, a calçada fica estrita, porque o pessoal tá... tem cadeiras na calçada, o pessoal fica no... sentado, na própria calçada... tem alguns restaurantes vazios, é interessante verificar que os bares estão cheios e os restaurantes não tão cheios a essa hora, tá meio numa transição de tempo, porque são 18h30...então, a impressão que dá é que a essa hora o apelo dos bares é bem maior que o dos outros estabelecimentos ... o trânsito é relativamente tranquilo e as pessoas ... bem estilos diversificados pela, pela rua... a maioria delas com um estilo não tão tradicional... como é domingo, tem muita gente pedalando, andando de bicicleta... o ônibus e o caminhão quando passam pela rua faz muito barulho... até que não tá tanto calor, tá agradável de caminhar ... engraçado que a essa hora a rua não tá muito movimentada... passam algumas pessoas passando de skate pelo meio mesmo da, da pista, que parece ser bem perigoso, inclusive ... devido ao calor, muita gente consumindo sorvete e cerveja ... engraçado que a calçada na Augusta é totalmente irregular, tem muito buraco, muita obra, eu não sei como um cadeirante passaria por aqui, por exemplo... muita gente tentando estacionar, que é uma missão quase impossível na Augusta, porque tem pouco espaço... como é domingo, os estacionamentos também estão fechados, dificulta o acesso à localidade... os bares de esquina são sempre os mais lotados... passando aqui também pelo Ibotirama, engraçado que esse local fechou uma parte da calçada com, com uma tela, como se fosse uma grade, se apropriando de uma parte da calçada como se fosse um espaço particular ... não sei, mas eu acredito que pro bar traga a ideia de que aquelas pessoas participam do espaço do bar... tá passando um cara plantando bananeira no seu skate aqui no meio da pista rs!... no meio do movimento é engraçado verificar que tem uma loja lotadíssima, vendendo coisas e um espaço só com food truck, com música alternativa, bem movimentado... parece uma ilha de lazer no meio da cidade... o comércio passa uma sensação de diversificação total, porque numa esquina vc tem uma loja de carros, na frente um banco e do lado tem uma praça cheia de food truck ... não parece haver muito uma, um planejamento de ser um lugar só para coisas X ou Y... a sensação de... a sensação térmica pra andar na rua tá bem agradável,

estamos no meio do verão, mas a temperatura não tá tão quente hoje, talvez até pela hora... a rua não tá tão cheia, é agradável de caminhar, de... quando vc passa pela porta da loja é que vc sente que vc tá num ambiente quente, dentro das lojas tem um ar condicionado bem potente, vc passa e ai fica um pouco frio... à medida que vc vai se aproximando da paulista que, no momento eu tô fazendo um trajeto entre a, da augusta, só que no sentido da Av. Paulista, e à medida que vc vai se aproximando, vai ficando mais cheia a rua...consequência disso: tem menos espaço pra os pedestres na calçada, que elas são cheia de cadeiras e mesas ... agora eu tô virando aqui na Augusta com a Antônio Carlos, e é interessante verificar que quando você sai do nicho da augusta, o número de pessoas caminhando na rua já diminui bastante... passando pelo Urbe, que é um café bem simpático... e como os estabelecimentos ao lado do Urbe estão fechados, ele aproveita pra espalhar suas mesas e cadeiras durante uma longa extensão que ultrapassa o estabelecimento ... o simples fato de virar a esquina e sair da, da rua Augusta pra Antônio Carlos já torna perceptível uma diferença absoluta de ambiência, na qual vc tem pouquíssima gente caminhando, pouco comércio e praticamente só prédio residencial... tem uma pessoa dormindo na rua... e agora eu tô virando na... não, não vou virar na Haddock...vou passar direto, pra ver como é que é a ambiência, a diferença disso na Bela Cintra... engraçado que aqui na Antônio carlos, cê parece que tá... nem parece que vc tá próximo da augusta, já que não tem ninguém caminhando na calçada, as únicas pessoas que passam caminhando na calçada são aquelas que já estão em direção a sua própria casa, geralmente você as vê entrando nos prédios já direto, ninguém tá transitando simplesmente passeando por aqui... é bem arborizado, de modo que o sol não fica diretamente em você e a sensação é mais agradável de caminhar... agora eu tô passando por um bar aqui, na esquina da Bela Cintra com a Antônio Carlos e eu acho que teve um gol aqui, então o pessoal tá comemorando, domingo a essa hora tem, tem futebol e muita gente assistindo isso nos bares... agora estamos virando aqui a esquina da Bela Cintra e caminhando na Bela Cintra sentido da augusta, sentido da augusta não, desculpe! No sentido da Av. Paulista... aqui você percebe um fluxo de carros, intenso, tão intenso quanto na augusta, mas o fluxo de pedestres não é... não é tão intenso, dá pra perceber que não tem ninguém passeando por aqui... então uma certa ausência de atrações cotidianas nessa rua e muita coisa comercial, muito prédio comercial, mas tem poucos restaurantes ou bares que façam com que as pessoas transitem por aqui ou fiquem nas calçadas ... em decorrência disso tem mais espaço nas calçadas pra o transeunte... algumas pessoas caminhando com bebês, muitos casais conversando... mas nenhum sinal de comércio... algumas pessoas passeando com o cachorro... acho que a maioria dos edifícios aqui são comerciais... não sei se foi a altura que eu entrei, mas dá a impressão de ser um pouco plano, a parte da Bela Cintra que eu entrei, então fica tranquilo de andar, de

caminhar... é engraçado notar o barulho de um ônibus quando passa por vc , é muito barulhento, porque a gente já tá acostumado com isso, mas o barulho é bem mais alto do que dos carros comumente ... você vai chegando na paulista, eu tô chegando aqui na esquina da Bela Cintra com a Paulista e... dá pra notar uma diferença de, do ambiente...pra mim a diferença do ambiente fica notável com um, a diferença de arquitetura dos prédios, quando vc chega na paulista, vc já verifica um... muitos prédios com espelho, algo que pra mim aparenta um pouco mais moderno, enquanto que durante, ao longo da Bela Cintra não dava pra sentir muito isso, os edifícios pareciam mais antigos... é engraçado que aqui vc tem edifícios modernos de um lado, de um outro lado vc tem uma igreja que parece até um pouco antiga, apesar de bem conservada... sempre passa alguém tirando uma gracinha, dando um grito, falando alto... é engraçado! ... Se eu pudesse separar uma imagem que mostra uma contradição seria essa da esquina da Bela Cintra com a Paulista, porque vc tem um prédio gigantesco todo de vidro, do lado dele vc tem uma igreja e na outra esquina vc tem uma farmácia com um edifício misto, que é pra moradia e embaixo tem comércio... isso já dá uma mostra que é da diversificação que tem, que tem aqui na av. paulista, é engraçado ver... traz um contraste muito grande... agora atravessei a av. paulista pra passar aqui na Alameda Santos, e é muito engraçado notar que as atmosferas dos lugares são tão diferentes, quando os lugares estão tão próximos... chega a ser paradoxal, porque nós estávamos na augusta, onde tava tudo muito agitado, na bela cintra já foi algo menos agitado, chegando na paulista vc nota uma contradição entre os elementos da arquitetura, pelo menos isso me traz uma inquietação, vc ver uma igreja tão pequena do lado de um arranha-céu gigante de, de vidro, de espelhos e quando vc atravessa e passa pra Santos é como se vc fosse pra outro lugar ... acho que a sensação que me traz essa ambiência seria bem diferente, no sentido de que parece um lugar mais tranquilo, sem muita movimentação... agora vamos dobrar aqui na, na alameda santos... essa rua é misto de restaurantes, é ... edifícios comerciais e edifícios de residência... é plano, fácil de caminhar, mas tem pouca gente andando na rua... engraçado que aqui não dá pra escutar nenhum pássaro, nada, o barulho da, da rua, praticamente é o barulho emitido pelos carros, estacionando, passando... não há muita correria, nem nenhum burburinho... barulho praticamente só dos carros e das pessoas andando e conversando... é engraçado notar que, sempre num semáforo, sempre que há um espaço pra passar, mesmo que não esteja aberto pro pedestre, ele sempre atravessa ... parece que a pessoa não pode perder tempo, parado, esperando sua vez de atravessar, ela tem que passar logo! ... mas como é domingo, as pessoas caminham tranquilas, não tem nenhum sinal de pressa, nem de, de correria ... o vento é agradável, eu não sei por que, mas aparenta ter até um pouco mais de vento do que no caminho que eu peguei... talvez pelo calor dos restaurantes, perto da augusta, por onde a

gente passou, não sei... aqui traz uma atmosfera bem similar àquela da, da Bela Cintra, mais passeio de carro que de pessoas... agora nós estamos na esquina da Santos com a Augusta e eu vou voltar pra, pra esquina da Augusta, tô caminhando em direção à av. Paulista, pra verificar qual que, qual que é a mudança de ambiente que traz esse local... a Augusta, aa... av. Paulista fica como se fosse no topo de uma ladeira, no nosso caminho da Augusta sentido Paulista dá pra verificar uma subida bem íngreme e é como se aqui a gente tivesse no topo, ou seja, é um pouco desconfortável andar de, de lá pra cá – da Augusta pra Paulista – mas daqui pra lá não, daqui pra lá é como se fosse uma descida... aqui já se mesclam pessoas bem diferentes, algumas bem arrumadas, outras bem alternativas... aqui já tem bem mais gente do que nos outros locais... engraçado que na, na esquina da Paulista com a Bela Cintra não era tão cheio e aqui na, na Paulista com a Augusta, já tá bem mais cheio (barulho ao fundo)... tá tendo obra, aqui na Paulista, estão pintando uma linha amarela pra bicicleta e isso consome uma boa parte da pista, diminui o tráfego dos carros ... (buzina, pessoas conversando)... engraçado vc fica calado um pouco no semáforo da Augusta e dá pra escutar a conversa de todo mundo... tem muito turista nessa área... tem comércio, pessoal vendendo cerveja, artesanato... muita gente tirando foto, é uma sensação bem diferente dessa esquina da Paulista com a Augusta... parece uma feirinha ao ar livre... muita gente vendendo pulseira, cinto, artesanato em geral... é engraçado que é o popular, um mercado popular na frente de um banco, como o Banco Safra, são ... do outro lado da pista vc tem a livraria Cultura, é, é como se fosse um embate entre uma classe do Banco Safra, um tipo de interesse, e o interesse da cultura popular que fica na calçada do próprio Banco Safra, isso me chama a atenção... do outro lado não, porque vc tem apenas uma agência pequena do Santander e uma agência do Itaú, mas na frente do Safra é algo muito simbólico ... como é verão todo mundo tá com seu sorvete na mão... e as pessoas que vendem artesanato parecem estar sempre naquela tranquilidade... quase sempre sorrindo, no estilo *no stress*... as filas na Paulista são mais características, tem fila pra sorvete, fila pra comprar cerveja, fila pra pegar o ônibus... muita gente com fone de ouvido e fones grandes, pra fugir do barulho caótico da cidade, principalmente dos carros e dos ônibus, acho que as pessoas gostam da sua própria trilha sonora pra cidade... engraçado que o comércio toma boa parte da, o comércio de rua em forma de banquinhas, toma boa parte da av. Paulista... agora nós vamos entrar aqui na, na Frei Caneca, o início da rua Frei Caneca é morto, não tem muita gente andando, não tem barzinho aberto... quando a gente passa, a gente nota que quando tem um bar aberto ou alguma atração nesse sentido, principalmente quando é uma atrás da outra, isso movimentava a rua de um lugar... esse barulho é de um carro pipa que tá aqui abastecendo um dos prédios, por causa da crise hídrica de São Paulo, eu acho que isso vai ser um cenário bem comum, muitos carros pipa abastecendo os prédios ... (som de pássaro

ao fundo)... até agora só prédios comerciais, passando pelo prédio da Procuradoria da República, Ministério público federal... andando pela rua, traz a sensação que é um lugar movimentado só nos dias comerciais, em função das pessoas que trabalham aqui, mas agora no domingo, não tem quase ninguém... passam grupos isolados, de duas ou quatro pessoas, mas pela conversa dá sempre pra perceber que eles estão indo pra algum lugar, eles não estão passeando por essa rua, a intenção deles é passar por aqui pra ir pra um restaurante na rua X ou alguma coisa na região da paulista, ou do outro lado, no Jardins... como eu tô andando, falando com um gravador perto da boca, a maioria das pessoas passam e ficam olhando rs... talvez se perguntando o que é que eu tô falando rs... algumas pessoas aproveitam pra passear com o cachorro... tem muita placa de aluga, de vende, praticamente em todos os prédios tem uma placa com alguma unidade pra alugar ou pra vender... nessa rua dá pra perceber que os grupos andam em menor número, são casais ou algumas famílias andando... não tem uma, um deslocamento de uma galera de uma vez só... todo prédio, sem exceção, tem uma placa de aluga e de vende... engraçado que o gravador chama muita atenção rs... a rua é tranquila, como se fosse a Antônio Carlos que a gente passou anteriormente... é bem arborizado e fica bastante agradável pra caminhar... aqui eu tô na frente do centro de cultura de língua italiana, que fica na esquina da Frei Caneca com a Mathias Aires... ambiente bem interessante ... a partir da esquina com a Mathias Aires, esse ambiente já fica um pouco mais parecido com as ruas anteriores, com a rua Augusta, fica mais movimentado...tem muita gente saindo de uma paróquia aqui, eu acredito que tenha acabado a missa... aqui a gente passa por trás do, do comércio, do espaço destinado a food trucks e o público tão diferenciado quanto na Augusta... o lugar com o food trucks é chamado Urbanóide ...a diferença dessa rua pra rua do lado que é a Augusta, dá pra perceber que a distância entre um bar e outro é muito maior, então as pessoas ficam um pouco mais dispersas, não ficam tão próximas, é até mais agradável de caminhar, porque a calçada não fica tão cheia de gente, não ficam muitas mesas na calçada... vou entrar aqui na rua da igreja, porque eu tenho que subir e passar pelo...aliás, eu vou voltar pela própria Frei Caneca, tenho que passar pelo átrio do Spot... não! Eu vou entrar aqui na rua da igreja, pra ver se tem algo diferente... tem muito barulho de pessoas que tão saindo da igreja essa hora... comércio de pequenos serviços tá todo fechado... tapeceiro, água... algumas senhoras bem velhinhas andando sozinhas e o lugar é um pouco aladeirado ... agora eu tô subindo a Peixoto Golmide... é bem diferente a sensação que traz cada rua, a gente começou subindo pela Augusta que tinha um aspecto de maior muvuca, de... muita gente na calçada, muita gente passando, bebendo, se divertindo... e algumas ruas com uma característica bem diferente apesar de estar próximo, como a Antônio Carlos, que foi a primeira rua que a gente entrou, e a Bela Cintra, agora a Peixoto Golmide, ela é uma rua que também não tem tanto

comércio, comércio de bares e restaurante, ela é mais residencial, mais tranquilo pra andar... você percebe que nessa rua anda mais quem tá voltando pra casa, tem algumas pessoas passeando com o cachorro... e os serviços similares, eles estão presentes em todas as ruas que a gente passou, como os bancos ou lojinhas... pequenas lanchonetes, vc não precisa se deslocar muito pra, pra ir pra uma lanchonete ou algo assim, vc sempre tem uma bem próxima, na sua própria rua... mas o que chama mais atenção é que ausência de bares enfileirados, como isso influencia na utilização do espaço, principalmente da calçada... aqui na Peixoto golmide você não tem esse tipo de coisas, então você não tem apropriação da calçada ...em decorrência disso você tem a calçada mais livre, mas não tem tanta agitação na sua rua... e o vento transforma a caminhada num ato bem agradável aqui... embora tenha uma pequena subida aqui pra região da paulista ... nós estamos numa rua meio que principal indo pra paulista, se vc quiser entrar em alguma outra tem que ter um tipo de fôlego diferenciado, porque elas são bem íngremes, pra subir a pé não é tão fácil, mas a inclinação aqui na Peixoto golmide é tranquilo... ainda restam algumas casas do lado de prédios gigantes, eu fico pensando o quão abafado deve ser essa casa... não deve passar ventilação nenhuma, elas parecem estar esperando só um momento de virar prédio... o que é um certo paradoxo, vc deixar algumas casas num local onde só subiu prédio, elas ficam travadas, e do ponto de vista financeiro, elas estão ocupando um espaço onde poderia morar vinte vezes mais o número de pessoas que moram na casa... eu não sei do ponto de vista do urbanista, mas do ponto de vista econômico é estranha a ideia que me vem à mente quando eu vejo uma casa encravada entre dois prédios, penso que ali poderia tá morando vinte famílias e não só uma rs! mas acho que pra um urbanista essa não deve ser uma visão correta rs! mas como eu não sou urbanista... tô passando aqui na frente do hospital, esse lugar aqui tem muitos estacionamentos e os estacionamentos são bem caros, tipo 20 reais a primeira hora... acho que isso talvez seja pra inibir que vc venha de carro ou então especulação do próprio, da própria área... tem pouco lugar pra estacionar, então vc pode cobrar bastante caro por isso... chegando na paulista, a rua já fica bem mais íngreme, acredito que uma pessoa idosa tenha dificuldade de subir a rua aqui... algumas pessoas andam com sacolas ou com pequenas compras, mas a diferença de inclinação mostra que a caminhada não é tão agradável nesse trecho... agora a gente tá chegando aqui na paulista... um morador de rua tirando graça com uma pessoa na rua ali... um casal que passou correndo, praticando *cooper*, mas a maioria das pessoas são turistas... tem quadros expostos pra venda, alguns deles muito bem feitos, muito bem feitos mesmo... a gente voltou pra paulista ... o comércio que é o comércio local, do lugar, é o comércio de rua... muitos quadros... o clima é sempre muito agradável, vc não tem uma sensação de insegurança e a cada esquina da paulista você verifica alguma forma de arte diferente, tem alguma pessoa

expressando uma forma de arte diferente... (alguém tocando sax ao fundo – na rua)... as pessoas andam como querem, sem blusa, outros todo de preto e pessoas tocando saxofone, como vcs podem escutar ... bastante legal esse cara tocando sax aqui na esquina... na outra esquina nós temos uma calçada cheia de skatistas, que usam aqui alguns obstáculos naturais e alguns cones deitados e se reúnem nessa esquina aqui... engraçado que os artistas de música de rua não parecem ter tanto reconhecimento na rua aqui, vc não vê muita gente parada dando... parando mesmo pra escutar ou pra prestigiar, pra deixar um dinheiro ... e muitas vezes vc vê a mesma pessoa que não dá valor aqui, parando em outro país, em outra cidade, elas param para admirar como se fosse algo realmente diferente, às vezes as pessoas não percebem que elas têm isso na casa delas ... nós entramos agora aqui no, no átrio do Spot... é um ambiente bem agradável, tem a torre aqui da justiça federal e alguns bancos... algumas pessoas ficam tomando uma cerveja ou simplesmente conversando um pouco... acho que o restaurante a essa hora ainda tá fechado... são 19h20... não, não tá fechado não, somente um pouco vazio... é bem bonito, a parte gramada... é engraçado que aqui no átrio do Spot a ambiência já é bem diferente da própria paulista aqui próximo, porque já tem mais verde, tem um gramado e isso traz um, uma sensação diferente... até de mais tranquilidade, nem aparenta que vc tá tão próximo de um ambiente tão múltiplo como é a paulista... é interessante verificar também que apesar dos bancos serem muito grandes, apenas duas pessoas sentam no banco rs... ou seja, não se costuma dividir muito o espaço do banco... esse espaço do Spot é muito interessante, porque o simples fato de ter um gramado bem desenhado aqui com uns bancos em volta, e o espaço entre os prédios também é um pouco maior, vc já transforma o ambiente num, num ambiente muito mais agradável de ficar aqui simplesmente conversando, parece até que vc tá num parque... é bem diferente... no sentido de ser mais agradável... agora vamo voltar aqui pra paulista... é engraçado que o átrio do spot ele é super próximo à paulista, mas o som não chega tanto, acho que o prédio impede um pouco que o som chegue lá... tanto dos carros, como dos artistas de rua, dos skatista e de coisas assim... acho que o prédio isola um pouco o som... impressiona muito é o artista de rua tá tocando bem ali e não tem muita gente, as pessoas passam como se não tivesse tanto valor... agora a gente vai passar pro outro lado da avenida paulista... muita gente descansado nas escadas, sentados, conversando... muitos casais passando, muitos casais homossexuais também e aqui não, é um ambiente super mesclado, não aparenta ter nenhum resquício de preconceito por parte das pessoas que passam ... muita gente imitando o Romero Brito rs... e agora a gente tá chegando perto do Masp, onde domingo acontece uma feirinha de rua...os quadros são bem legais e ficam expostos na rua, me admira um pouco que quase ninguém para pra olhar... não sei se é a hora que eu tô passando ou... mas pouca gente pra... tem muito

skatista na, na área e a diferença do tamanho da calçada da paulista também deixa a coisa mais agradável do que era nas outras ruas, nas ruas perpendiculares, a impressão é que a coisa é um pouco mais apertada... a ciclofaixa já fechou e tem muita gente andando de bike, dividindo espaço com os ônibus... parece ser bem perigoso... aqui vc vê de tudo, tem colar, anel... a essa hora a feirinha já tá sendo desmontada aqui, já são 19h25 e os comerciantes tão fechando suas barracas, tem algumas pessoas com, com malas sentadas, acho que esperando a hora de ir embora, de ir pegar um voo, ficam por aqui... do outro lado do vão do Masp, tem muita gente sentada nos arredores, com filhos, muitos casais, muitas pessoas com filhos também... o ambiente é bem interessante ... algumas pessoas tirando uma selfie por causa da, da vista do outro lado... interessante, parece um bom lugar pra parar pra conversar... agora nós vamos esperar aqui pra passar pro, pro parque do Trianon... engraçado notar a diversidade de pessoas que passam, os modos de vestir... parecem pessoas de tribos diferentes todas num lugar só... tem um carro engraçado que é a segunda vez que eu vejo ele passar com um boi em cima, eu acho, escrito Brasil... tá escrito nele: parabéns aos 461 anos de são Paulo, acho que é alguma graça que alguém fez aqui... é bem diferente, chama a atenção ... é bem agradável de andar pela cidade, os pontos que eu passei, achei bem agradável de andar, pena que não seja possível fazer esse trajeto, o trajeto pro trabalho a pé...se fosse possível eu gostaria de fazer isso a pé ou de bicicleta ... já que é interessante vc vai andando, a temperatura é agradável, vc vai passando pelas pessoas, pelos lugares... passando aqui pelo Masp que é um lugar que muita gente viaja pra vir conhecer e nós temos isso aqui tão próximo, mas várias vezes as pessoas passam por aqui e não se dão conta que e algo legal de se visitar né? ... agora nós temos aqui uma interferência bem grande que é o parque do Trianon, o parque do Trianon tá fechado, ele é todo gradeado e eu queria passear um pouco lá por dentro pra ver como é, mas não dá porque ele tá fechado! A esse hora quando ainda tá claro e tem tanta gente na rua e o parque tá fechado, não consigo entender o porquê... tem muita pessoa andando aqui pela parte da paulista, vou parar aqui pra abrir o meu guarda-chuva rs! ... tem um fluxo de pessoas aqui sempre passando, não tá sol, não tá chovendo ... então... vou abrir aqui o guarda-chuva pra ver se, qual que é o tipo de reação que isso causa... mas é super engraçado isso do parque estar fechado, num dia de sol ainda com luz, tanta gente podia tá ali sentado, conversando, e... bem vamos abrir um pouco o guarda-chuva aqui agora... é engraçado que parei bem na esquina, então... tem algumas pessoas que passam olhando... deixando o gravador um pouco escondido pra... que não achem que é alguma graça mesmo, pra ver um pouco da reação... as pessoas não parecem se importar muito... acho que pra não interferir eu vou explicar depois as reações... engraçado que a única pessoa que parece incomodada sou eu mesmo, as pessoas passam tranquilamente sem nenhum ... isso não causa estranheza alguma pras pessoas, acho

que elas tão acostumadas a ver tanta coisa mais diferente, que eu parado aqui nesse fluxo de pessoas com um guarda-chuva não parece interferir muito na ambiência ou no que as pessoas... poucos olham, os que olham, olham meio curiosos... na verdade, as pessoas que passam de carro elas olham mais espantadas do que os transeuntes ... agora passou um grupo e um casal que ficou rindo um pouco, acho que eles não conseguiram entender muito já que não tá chovendo nem ... bem! Acho q já deu um tempo razoável... nesse tempo acho que poucas pessoas questionaram o que era isso... ela não tão muito ligadas no que tá acontecendo no entorno, pelo menos isso não traz um impacto grande pra elas... deu pra notar que o impacto maior é trazido nas pessoas que passam de carro... talvez porque elas não estão englobadas na ambiência, que é a mesma ambiência de quem tá passando a pé... agora eu vou fechar meu guarda-chuva e vou pro ponto de encontro... é engraçado ver como uma banca de revista é um lugar tão múltiplo... vc passa por ela e chama a atenção: vc tem revistas do dia a dia como Caras ou outras revistas desse gênero - Veja, Época - e tem grandes clássicos de Nietzsche, de Freud, de Kant... tudo vendido um ao lado do outro ... as pessoas tão desmontando aqui a feirinha que fica na frente do parque Trianon... vc ver aqui que o lixo gerado é bem controlado, porque tá todo separado em um lugar só... então, o chão e o lugar que a gente passa não, não tá sujo... engraçado ver pessoas utilizando esse mesmo espaço pra correr... é um espaço bem agradável de andar a paulista, é muito múltiplo no sentido de pessoas, porque vc vê pessoas andando, pessoas utilizando o espaço pra corrida, pessoas simplesmente caminhando, tomando um sorvete, uma cerveja ou trabalhando a exemplo dessas pessoas aqui desmontando o lugar, desmontando a feria, talvez seja o principal dia de trabalho delas., elas dividem esse espaço com todos os outros, cada um usando pra... alguns expressando sua arte, tocando instrumento, vendendo seus quadros, outros simplesmente andando de skate, se reunindo com os amigos ... é um lugar bem interessante e eu gosto bastante (uma música ao fundo)... é isso! Agora eu cheguei aqui no ponto de encontro, vou desligar pra encerrar aqui o experimento... aqui também tem uma pessoa tocando, tocando um violão... é isso! Eu acho que é isso! Não sei se tinha mais alguma coisa a relatar, mas é interessante passar pela cidade e, e ir relatando aquilo que nem sempre você presta atenção... eu não senti muito cheiro característico, talvez na augusta um cheiro um pouco diferente, mas aqui não ... nada que desagradasse... tá um ventinho, talvez um cheiro de comida quando vc passa na frente dos botecos, mas nada muito característico... em resumo eu acho que é bem agradável, um lugar agradável de andar, de aproveitar... vc tá vendo múltiplas coisas numa cidade que é... que você pode sair da sua casa e já andar em lugares super diferentes, dar de cara com pessoas tão diferentes que exercem coisas diferentes das suas, como a arte que eles

expressam nas calçadas através dos quadros ou da música... bom! Eu acho que é isso, eu vou desligar aqui... encerrar!

(gravação 14)

Tradução – ação . elemento:

abrir caminhos . perceber outros . registrar momentos . atravessar relações . absorver ligações . desviar movimentos . contemplar sensações . perder trilha . inventar símbolos . inventar lugares . perseguir rastros . FF fugas . justapõe multiplicidades . (ex) pele o ordinário . ver formas . medir limites . abrir extraordinário . escutar fluxos . assistir cotidiano . escondem-se inspirações . desestabilizam-se geografias . assistir Outro . inventar reciprocidade.

Im-pressões:

A apropriação do espaço em ruas que possuem muitos bares é muito peculiar. Nestes locais a calçada é invadida por mesas e cadeiras, não restando espaço para os pedestres. Há uma atmosfera semelhante nas ruas predominantemente residenciais, havendo mais espaço e tranquilidade para o transeunte.

Sandra de Barros

Duração: 38 minutos

Dia: sábado – 31 de janeiro 2015

Hora de partida: 22h10 | Hora de chegada: 22h48

Você vai ver, vai ser rapidinho hahahaha... Sandra! Estou saindo do barzinho onde nós estávamos tomando uma cerveja, tô pas... descendo a rua... hãa... vários carros enfileirados, congestionamento em São Paulo, hum... muitos faróis, estou de frente pra uma loja chamada Heritage, muito bonita... em frente a ela uma loja de noivas... estou agora descendo a rua Fernando de Albuquerque, estou caminhando agora em direção à Augusta... muitas pessoas na rua... (pessoas rindo e falando alto ao fundo)... a temperatura está bastante agradável, não está frio, não está quente... tem um ventinho bastante gostoso... e eu agora tô caminhando em direção a uma rua... é a rua Augusta... muitas pessoas (barulho muito alto de pessoas falando ao fundo)... em frente a uma padaria, pessoas jovens... eu vou subir a Augusta em direção à Paulista... o trânsito flui por aqui... a sensação é bem agradável, não tem muitos carros, não tem muitos faróis, apenas a iluminação de rua ... muita gente na Augusta, muita gente jovem... é fácil atravessar a rua... (barulho de gente ao fundo)... por enquanto a caminhada está tranquila, não me sinto cansada... continuo subindo a rua Augusta (barulho de ônibus ao fundo)... menos gente do que eu esperava pra essa hora... são 22h15 da noite agora e eu esperava ter muita gente na rua, não tem muita gente... não nesse pedaço por onde eu passo... estou agora em frente ao cinema Itaú... alguns policiais na rua, quatro policiais na minha frente... não tem muitas pessoas em frente ao cinema... (muitas pessoas falando ao fundo)... congestionamentos de carros pra descer a rua Augusta, mas não na subida... a sensação que eu tenho é a de que eu estou na Augusta como se fosse de manhã, muitas pessoas na rua... assim... um movimento normal de dia, esperava mais gente à noite... estou em frente ao restaurante Frevo, continuo subindo a Paulista (ela quis dizer Augusta), as pessoas não percebem que eu estou falando num gravador não percebem que eu estou falando pra um gravador... ...(passa alguém e fala: *esses deputados federais...*)... engraçado isso... é como se o que eu estivesse fazendo fosse normal... estou chegando na Avenida Paulista... vou caminhar em direção à Bela Cintra... não sinto medo, me sinto segura... (meio ofegante) ... não sinto que esta experiência esteja sendo perigosa... acabo de chegar na esquina da Augusta com a Paulista, me deparo agora com vários ambulantes... vendedores de rua, banda de rock (som de guitarra ao fundo – na rua...)... eu vou parar e vou abrir o

guarda-chuva por dois minutos... em frente ao metrô Consolação... estou saindo de frente do metrô Consolação, abri meu guarda-chuva, fiquei com o guarda-chuva aberto por dois minutos no contra-fluxo... ah... ninguém se importou com o fato de eu tá com o guarda-chuva aberto... na realidade as pessoas estavam somente preocupadas em ter passagem... não senti que tenham achado aquilo estranho e agora eu caminho em direção à Bela Cintra... a rua já tá bem mais vazia ... não há trânsito, como disse temperatura agradável e eu me sinto feliz por ter tido a oportunidade de ter ouvido rock e eu adoro rock, então ouvir rock a essa hora em São Paulo é sempre prazeroso... estou em frente à Kalunga... já é uma região bem mais deserta, mas ainda não me sinto com medo ... (tem vozes de pessoa ao fundo e de carros)... vou entrar na rua Bela Cintra e caminhar em direção à rua Frei Caneca... estou em frente à Onofre, drogaria, entrando na Rua Bela Cintra... muito lixo jogado na rua, uma sensação de sujeira... estou caminhando pela rua Bela Cintra que tá bem deserta... sem carro, sem muitos transeuntes... não estou cansada, continuo caminhando na mesma condição física em que eu estava quando eu sai do bar... passo agora em frente ao prédio do curso LFG, é uma região bem familiar pra mim, portanto eu continuo não sentindo medo ... estou entrando na rua Luis Coelho... é uma rua que também tá bem deserta, não está muito escura, tem iluminação... muitos carros estacionados... ao longo de todo o percurso, o barulho, o ruído, foi um ruído dentro do suportável... estou na rua Haddock Lobo... acabei de passar pela padaria Bela Paulista, a rua tá bem tranquila, não tem muitas pessoas... estou voltando a caminhar em direção à Paulista... o trânsito, como eu disse, continua bem tranquilo... a Paulista com a iluminação habitual... estou em frente ao metrô da Consolação novamente, não tem muitas pessoas na rua... o trânsito flui normalmente, volto agora a caminhar em direção à banda de rock... um grupo de meninas compra bebida dos vendedores de rua... estou descendo a Frei Caneca... aqui o trânsito já tá pior, bem mais congestionado ... essa área da cidade é bem mais movimentada, então eu me sinto mais segura do que na Bela Cintra... vejo aqui na minha frente um carro de polícia... continuo a caminhada, passando por barzinhos... muitas mesinhas na calçada, pessoas bebendo, conversando (alguém fala: *tudo bom Sandra?*) - *tudo bom!* (dá um beijinho, cumprimenta) *não posso parar agora tô fazendo um experimento...* acabei de encontrar com uma amiga que tava tomando uma cerveja num bar, não pude parar pra conversar com ela... (anda um pouco mais rápido e ofegante)... não me sinto amedrontada... também não me sinto cansada... estou de frente a um paredão aqui na, na av. Frei Caneca, todo pichado... vendo aqui o banco da China, muito bonito, todo iluminado... nossa! haha de frente ao Ministério Público Federal, lindíssimo! ... deslumbrante... e eu acabo de entrar no prédio que vai dar na Torre Norte da Paulista, onde fica o Spot... também é um lugar bem familiar pra mim, porque eu trabalhei nesse prédio ... hum... tá com o pátio vazio, não tem ninguém aqui em frente ao

jardim de trás... subindo a escadaria vejo um casal de namorados e um policial, me sinto segura... muitos casais homossexuais namorando, muitos... me parece que o número de homossexuais é maior que o de heteros... tô em frente à fonte (barulho desta) e em frente ao restaurante Spot que está lotado, cheio de gente... estou passando pelo meio das mesas do restaurante Spot (muito barulho de conversas) ... a faixa etária aqui acho que é de 30 e poucos anos... estou saindo do spot e tô caminhando em direção à alameda santos agora... tá muito tranquilo aqui, muito bonita a vista... a fonte toda iluminada, tá gostoso, porque respinga o vapor da água, respinga gotas da água na gente na medida em que a gente passa pela fonte... então é uma sensação bem agradável... um grupo de skatistas aqui na frente da caixa econômica federal, sentados, conversando...despreocupados... alguns skatistas andando de skate, alguns ciclistas também, mas a avenida paulista tá bem mais tranquila do que é pela manhã... eu não estou cansada, continuo descansada, e agora aguardando para atravessar a avenida paulista... e aguardando pra poder chegar na alameda santos... tô em frente ao antigo banco de Boston e em frente também à paulista padaria, trânsito muito tranquilo, nem parece são Paulo... durante toda a caminhada não fui abordada por nenhum mendigo, nenhum pedinte... deu pra perceber que a região dos Jardins é bem agradável, à noite... e não tão perigosa quanto eu imaginava... estou acabando de entrar na alameda santos, que também não tem nenhum trânsito e agora vou caminhar em direção ao Trianon... pouquíssimas pessoas na rua, muito diferente da região da augusta, de todos os lugares por onde eu passei, a área mais movimentada realmente foi a rua augusta, mais movimentada do que o ponto da frei caneca, por onde eu passei... eu acho que eu sou a única pessoa andando na alameda santos nesse momento, além dos carros que estão passando por aqui, eu acho que eu sou a única pessoa... estou em frente a um posto da polícia civil, mas não vejo nenhum policial... estou na alameda santos, esquina com a Peixoto golmide, o trânsito continua muito tranquilo, tô aguardando pra atravessar a rua... continuo caminhando em direção ao Trianon... muito deserto, somente iluminação de rua, já quase não se escuta o barulho dos carros... um vento bem gostoso, agradável.... tô passando por um prédio residencial, tudo muito tranquilo, vendo aqui muito linda na minha frente também a torre, a torre da paulista iluminada... estou em frente ao parque Trianon, agora caminhando em direção ao Masp, já no final da caminhada... vejo as obras aqui da ciclovia, mas que por enquanto não estão atrapalhando o trânsito...acabei de ver a temperatura, 22 graus em são Paulo, 22h47 ... não sinto... não me sinto em perigo, cidade tranquila, temperatura agradável, enfim... tá sendo uma caminhada bem gostosa, bem prazerosa... na minha frente agora eu vejo um mendigo gritando, não dá pra saber o que é que está acontecendo, ele parece bem aborrecido... (e ele grita: *pensando na utopia... e se eu morrer, sem deus, sem jesus... ai moça escuta isso!*) e parece que ele não

está falando com ninguém especificamente, ele está falando sozinho... ele percebeu a minha presença, me chamou, eu continuei caminhando como se nada tivesse acontecendo... e agora eu estou em frente ao Starbucks, acredito que seja aqui o fim da experiência... muito cheio, muita gente... batuques... gente de todas as idades... e eu tô aqui esperando encontrar vcs no final dessa caminhada... muita gente bebendo, muita gente falando alto, batuque, som de alguns equipamentos que estão ligados e eu agora termino então a experiência...

(gravação 19)

Tradução – ação . elemento:

A avenida paulista se mostra um pouco diferente à noite. De dia, vê-se pessoas engravatadas, vendedores de rua vendem frutas ao invés de bebidas alcóolicas. À noite a cidade é povoada de pessoas mais jovens e não se vê engravatados.

Im-pressões:

Atravessar territórios . contemplar o ordinário . sentir relações . captar cotidiano . perceber diversidades . desviar percursos . relatar movimentos . escutar sons . ver humano.

Duração: 57 minutos

Dia: sábado – 31 de janeiro 2015

Hora de partida: 22h25 | Hora de chegada: 23h22

Beleza, vejo você já já... bom Elza Lira tem coisas que a gente só faz por amigos né? então vamos lá... ponto de parada – Ibotirama... bom andando aqui, vamo dobrar aqui à direita, pra pegar o barzinho... por enquanto a rua meio escura, alguns carros, o clima um pouco frio, sem vento... hum... lojas fechadas... bom, tô me aproximando do bar, muita gente nas calçadas, também é sábado à noite e fica meio difícil de passar, tem que desviar um pouquinho das pessoas ... muita gente bebendo, fumando, se divertindo... e vestido meio estranho também né!, mas estamos na Augusta, então é esperado isso né? ... bom! Bem pertinho da Augusta é mais difícil de eu andar, porque aumenta o número de pessoas, hum... vamos lá ...bom! ponto de início – Ibotirama... aqui tô tendo que andar pela rua, porque é impossível de andar pela calçada (som de sirene ao fundo)... bom, não dá pra ver, tentar narrar: muita gente, muito barulho, praticamente impossível de andar na calçada e na rua... lotado de gente! lotado, lotado... bom, tô aqui na Augusta, vou começar pelo barzinho e já vou andando aqui na Augusta, andando... começou a ventar um pouquinho mais, calçadas difíceis de andar, porque são estreitas com muita gente, com árvores, desvios, ladeiras... tudo muito complicado, muita, mas muita gente mesmo... oh não sei de onde é que sai tanta gente...ah! tem o Comedians, tá explicado, deve estar tendo peça aqui, do comedians... e pessoas indo pra todos os barzinhos que têm aqui perto... tô na Augusta, seguindo em direção à Bela Cintra... agora ficou um pouquinho mais iluminado, mais barulhento também... e parece que tá ficando um pouquinho mais frio, ventando, até as árvores balançando dá pra ver... e muita cor né? muita luz, muita gente andando, caminhando... subindo a rua Costa agora, em direção à Bela Cintra... acho que aqui é pior até, porque é ladeira, pra subir, calçadas bem irregulares, atrapalha e dificulta, mas bem menos gente... e engraçado, quanto menos gente, mais escuro fica rsrs!... (silêncio ao redor)... chegando agora na Bela Cintra, dá pra ver o movimento também, mas bem menos que na Augusta... não sei se por não ter a quantidade que tem lá de barzinho ou então porque a rua é bem menos estreita e de mão única né?... mas por conta da hora provavelmente isso é mais esperado por aqui, uma rua mais, uma rua mais residencial... e só tem estacionamento aberto, o resto já tá tudo fechado... e aqui um cheirinho de gasolina... o sinal abriu e um

monte de carro passando e ai que a gente consegue ver o quão movimentada que a rua é... parece que não para nunca né! ... aqui mais difícil pra andar, um carro estacionado em cima da calçada e muita gente passando... acho que a hora do experimento foi boa Elzinha, um pouquinho mais tarde é mais fácil de caminhar, imagina pra andar aqui durante o dia rs... só é estranho que as pessoas estão me olhando feito um maluco rs, falando tudo por um telefone rs, não sei se eles entendem que é uma gravação ou uma ligação né? rs... mas os olhares não são, uns olhares, digamos, despercebidos... o caminho que eu tô fazendo, eu prefiro, ficar sempre um pouquinho mais perto da paulista, acho que por, por questão de movimento, de luz, segurança... eu acho também que deve ter coisa mais interessantes pra ver... e pra sentir e pra tudo aqui... agora passando em frente a uma padaria, acho que um dos poucos estabelecimentos, fora os postos, aberto, a Bela Sauípe... não muito lotado, mas um grupinho de pessoas na calçada e um cheirinho agora de lanche, de sanduiche... e aqui mais uma vez, as ruas mais iluminadas, coloridas, ventando bem mais do que lá embaixo na augusta, não sei se por que os prédios são mais baixos aqui...o vento consegue circular melhor, mas tá um clima bem agradável... ainda bem que eu vim com uma camisa com manga comprida... olha! Um restaurante japonês! Legal... aqui as calçadas são bem ruins de andar também, bem estreitas com muitas árvores, tem uma construção agora que atrapalha pra andar... o chão molhado, provavelmente molharam ele...não foi de chuva, muito difícil a caminhada, tem que tá sempre desviando muito... e não é por excesso de pessoa dessa vez... hahaha a galera limpando um bar aqui, jogando água, caindo pela calçada... mais uma vez olhares, tô recebendo olhares de maluco, por estar falando e carregando um guarda-chuva heheheheh...e toda vez que passo, óbvio né! toda vez que passo por alguma coisa aberta, geralmente a comida e vem aquele cheirinho de alguma coisa chapa, o que é bom, porque eu entrei num estabelecimento desse outro e eu não consigo perceber nenhum cheiro específico, a não ser que passe bem perto de alguém que esteja usando perfume ou fedendo até né! mas até agora nada disso... engraçado, preferi voltar andando pela Bela Cintra, pra chegar um pouquinho mais perto da paulista, pra então descer pra pegar lá na frei caneca, pra tentar percorrer os outros pontos que devemos percorrer, não sei... acho que por ser uma rua um pouquinho mais tranquila, mas não tão deserta, eu me sinto mais, mais familiarizado, mais seguro... eu me sinto melhor, sem nenhuma preocupação assim à parte... engraçado, pra fazer essas coisas, essas caminhadas, tô sentindo falta um pouquinho de ir escutando música, acho que escutando música, sei lá... eu consigo me concentrar mais e focar, sei lá, no que eu preciso fazer, sem a, sem escutar música eu me distraio muito com qualquer som, sinal... agora tá um cara limpando a calçada com uma mangueira, em plena crise da água ... aqui em frente à Bela Paulista... putz! Vontade de tomar um ca-fé!... vamo ver se dá tempo e se eu acho um lugar legal...ou então tomo no

Starbucks mesmo que é o destino final né? rsrs... aqui no sentido, de novo Augusta, pra chegar na Frei Caneca, tranquilo... do lado da calçada específico, um pouquinho mais largo, dá pra caminhar bem, loja fechada, um casal andando na frente...mais, mais um grupo de pessoas em frente... (alguém fala ao fundo: Tô aqui até as quatro da manhã irmão! E o outro: mas eu já volto mesmo, a gente só vai ali comprar um cigarro. Na volta eu dou cinco pra vc...) ... bom! Já sabe que tá na Augusta pela muvuca de gente né... oh já tá escutando ai também... bom vou ter que ficar olhando os pontos com muita frequência rs!, apesar de morar aqui há sete anos... eu não consegui montar na minha cabeça um trajeto que seja mais fácil e prático, pra conseguir otimizar tipo assim: o caminho e o tempo e não andar em excessivo né? rs... mas vamos ver se eu consigo dar uma lembrada nas ruas e nas coisas ... um cone no meio do buraco da calçada (som de gente falando ao fundo aumenta e do trânsito também)... muita gente fazendo happy hour hoje, viu? Casais, pessoas com, em grupos, amigos...todo mundo confraternizando... não sei, parece que o tempo fechou um pouquinho mais, mais nuvens e ficou com mais vento agora, um pouco mais frio também...e acho que tô contra o vento então, eu não tô conseguindo... bom! perceber nenhum cheiro, nem nada diferente do habitual... cheirinho de flor agora, passei por um canteirinho...bom! acabou de sair do prédio uma moça com um perfume doce! Entrando num táxi agora pra sair... tô vendo um cara, um casal se pegando aqui no meio da esquina da frei caneca rsrs, só falta levar pra um motel praticamente... hahahahah... engraçado agora, aqui chegando na frei caneca, sei lá... prédios maiores, a rua mais escura e com bem menos movimento de pessoas, carros eu acho que se equivale à Bela Cintra e muita pichação ... um aspecto mais feio, mais sujo, eu acho... acho que o contraste é: são os hotéis e os bancos que tem aqui...são coisas que saltam à vista assim: muito vidro, muito mais alto... oh o dog da Tata... oh implementação das bikes, essa é da onde? Essa é do Bradesco... ãh até que tem poucas bikes, acho que a galera tá aderindo hein?... e muita caçamba aqui também... com coisa, com destroço né!, com entulho...isso é chato né, porque isso já ocupa uma faixa da rua que já é mão dupla e estreitinha... cheguei agora na paulista, nossa! já me perdi pra onde eu tenho que ir rs! deixa eu olhar no guardanapo de novo hahahah... que legal... o Spot, o Spot é um bar bem legal, acho que vou dar uma passada lá agora, no átrio do Spot uhhh... bom! Como deve ser de praxe, essa hora lá deve estar com uma fila de espera... duas horas hahaha... engraçado! Em frente ao banco Itaú, na paulista tem umas duas famílias de sem-teto, até um cachorro em cima... coisas que são Paulo faz por vc né! ... (barulho ao fundo de uma bateria, percussão)... legal! ... agora uma banda! Uh! Bobs, ah! Fechado... bem legal os pontos de ônibus agora da paulista, novos... não sei, acho que coisa espelhada... com muito reflexo, assim, brilho... chamam muita atenção assim no meio... eh! Apesar da calçada aqui na paulista ser bem maior, mas é tanta gente

fazendo diversas coisas né! ... tipo: skate, patins, tudo... oh! Não consegue nem andar o pessoal... tô chegando aqui na rua do Spot... agora eu já entendi mais ou menos o trajeto... mas eu acho que eu vou ter que voltar pra Augusta né!... tenho que ver aquelas quatro esquinas... como é uma mistura de, sei lá, coisa comercial com residencial aqui, vc vê uma área muito calma e o prédio em seguida, se ele for comercial, muito cheio de gente, muito movimentado e assim, não consegui identificar tipo um grupo específico, muita miscigenação, muita gente de, sei lá, toda cor, toda cultura, sexo, se vestindo de qualquer jeito...nossa que linda a fonte que fica em frente ao Spot né! ...esse jardim é bom... bem legal...acabei de me molhar agora, acho que eu devia usar o guarda-chuva nesse momento, por conta da água da fonte hahahahaha... e aqui bem no, no átrio do Spot, é muita gente na fila de espera mesmo...nossa! pô o macarrão é bem ... com presunto de parma aqui é excelente Elzinha, se vc ainda não veio, vc tem que vir viu? Experimentar... bom! Tô voltando aqui eu vou ver, eu vou lá naquelas quatro esquinas da Augusta com a Paulista né? por que os outros pontos... se bem que oh, a Alameda Santos é mais pra frente, independente de qualquer ponto da Paulista eu posso ver, mas eu preciso ir e dar uma passada no Trianon e no Masp né? então acho melhor ir pra lá e depois voltar, porque senão vcs vão ter que me acompanhar, pra ver as quatro esquinas da Augusta, tá?... impressionante como cada pessoa vive no seu mundo né? às vezes não sei se é só São Paulo, mas a ... a impessoalidade como a gente vive, sei lá... a gente tá tão preocupado em fazer, em chegar no nosso objetivo final, do que a gente se propôs naquele momento, que a gente não para pra perceber isso né? ... pô tem coisas aqui que eu nunca tinha percebido que tinha na Paulista, como um coqueiro, tem coqueiro na Paulista! Rs... e isso nunca foi me chamado atenção... aqui é bem mais fácil de andar, é melhor, apesar de eu achar que a Paulista era, era mais iluminada pra andar... nossa! acabei de ver aquele arquiteto que faz as reconstruções da, das casas lá no quadro do Luciano Huck, não lembro o nome dele... só sei que era ele... em direção à Augusta de novo... mais e mais gente, mas acho que é porque eu tô perto do shopping, Mc Donalds e tudo isso... então isso deve explicar que é normal ter muita gente né? centro de compras... uma feirinha, pessoas vendendo umas coisas meio hippies e alternativas...aquelas pulseirinhas, colares, brincos... por incrível que pareça o Elvis Presley não tá aqui cantando, normalmente ele tá rsrs... oh o pau do selfie, vendendo o pau do selfie... acho que aqui deve funcionar como uma balada né? mas mais pra gente bem mais jovem, sei lá, uns 18 / 20 anos... feira, ambulante vendendo bebida... e aqui na saída do metrô consolação, lotado de gente, não dá nem pra andar, tem que se desviar bem... e muito cheiro de cigarro, muito cheiro de cigarro... atravessei o sinal verde, então dei uma carreirinha... (música ao fundo- rock internacional)... cheirinho de incenso agora! Milho verde! ... batata chips, pipoca... nossa! parece outro mundo! Barulho horrível, dá nem pra pensar

direito... bom! Pra atravessar a paulista, normalmente eu não gosto de atravessar por cima, tem que ficar esperando o semáforo né! eu gosto é de pegar o metrô! E utilizar as saídas do metrô pra poder atravessar, então eu tô aqui passando, entrei na estação consolação, também lotado, lotado, não dá pra andar né! ... tem que desviar muito, e tô me dirigindo a outra saída, que sai do outro lado da paulista, sentido Jardins... aqui definitivamente é a região mais, digamos assim, diversificada de São Paulo, onde vc tem gente de tudo que é tipo e convivendo em paz, naturalmente... pronto, cheguei! Tô aqui na terceira estação... engraçado é que tem menos gente desse lado, tem mais gente do outro lado da Augusta sentido centro, provavelmente por conta dos bares né! e da balada... então o cheiro aqui é diferente né? não tem muita gente, não tem gente vendendo nada... não tem... um pouquinho de barulho rs! ... mas não tanto quanto do outro lado e engraçado que daqui não consigo perceber nada do outro lado... não sei se a distância é suficiente, lógico! tá tendo essa, essa construção da ciclovia na paulista que atrapalha um pouco também de ver né! a visualização... mas parece um mundo completamente diferente, parece que eu vim pra outro pedaço de São Paulo... e aqui por último, última esquina da paulista... engraçado a divisão, da paulista né, porque a paulista que divide a Augusta né? a Augusta Jardins, da Augusta centro... até as pessoas são diferentes dos dois lados... não sei o que que elas procuram, o que que elas querem ver, é totalmente diferente... bom! Agora ... tô indo em direção ao Trianon e Masp, que é aqui do lado, relativamente bem pertinho também e a Alameda Santos, acho que dá pra tentar fazer esses três pontinhos de uma vez só... engraçado agora que tá chegando no final, vou me sentindo mais cansado, não sei... o sono tá batendo... essa esquina precisa de um sinal! Urgente! Ia sendo atropelado aqui por um carro... mas o que me impressiona é esse lado da paulista, o interessante seria mudar, voltar pro outro lado, mas eu não tô conseguindo achar um ponto pra atravessar... aqui é bem mais escuro, mas se bem que eu não queria mudar, porque apesar de ser mais escuro, pode dar um pouquinho mais de medo né? sensação de insegurança... mas tem menos gente, vc consegue andar melhor, mais espaço, sem ninguém tá te atropelando, sem muito barulho... vc faz o que te der na telha! ... (meio ofegante) ... desse lado parece outro, outra rua né? de verdade... isso me impressionou muito... sei lá, parece o irmão pobre e o irmão rico essa região da paulista ... é até mais sujo aqui também... se bem que tem um parquinho aqui do lado... é uma sujeira de folha mesmo... e como do outro lado tem poucas árvores, termina, termina sendo um pouco mais limpo... será que é por isso que o pessoal que tá andando do lado de lá, com mais movimento pro lado de lá, por que é mais iluminado? ... aqui atravessando já a rua, ilumina completamente e dá uma vista muito bonita da torre de TV ali... ai já começa mais gente, mais difícil de andar... o táxi estacionado na calçada, as pessoas não tão muito aqui se lixando não... cada um fazendo o seu percurso, só

quando me escutam falar com o telefone é que olham pra mim, mas se não conseguissem me escutar, às vezes nem saberiam da minha existência, que eu passei, que me encontrou, que me viu... acho que deve ser como antes né, esse meio que anonimato... bom! Tô de frente as lojas Marisa, não tem ninguém, ninguém, ninguém... acho que isso é um contra fluxo, chegar e abrir o guarda-chuva, perafá... elza me veja um guarda-chuva melhor da próxima vez, porque esse não tá ajudando em nada.. bom! Nada melhor do que onde não tem ninguém uma pessoa tá parada, com um guarda-chuva aberto quebrado, diga-se de passagem... onde não tem ninguém... e todo mundo que passa olha pra mim rs! ... porque teoricamente eu nem precisaria do guarda-chuva, que eu tô em baixo da entrada da loja que já tem uma coberta né? ... até que foi legal parar um pouco ... tentar perceber um pouquinho mais o movimento, a cidade, tudo... (som de sirene – ambulância – ao fundo)... o que houve? Ah! Ambulância ... pouco movimento de pessoas aqui... mas é uma situação bastante desconfortável, segurar um guarda-chuva sem necessidade... devia ter escolhido o drink mais caro mesmo elza lira... ainda mais um guarda-chuva quebrado, se tivesse chovendo eu ia tá fodido! ... não sei agora que eu parei parece estar mais quente! Não sei se tem menos vento, o que é que tá acontecendo... ou se por que eu tava caminhando e terminei esquentando o corpo um pouquinho mais e deu pra dar uma suadinha kkkkkk... as pessoas me olham com um olhar muito estranho hahahha... teve um que ficou me encarando e fez uma cara tipo: o que é o maluco? Hahaha... mas, mais uma vez um olharzinho estranho e agora um cara passou sorrindo, tipo: oh o maluco da paulista! Mas se bem que eu acho que se for comparar aos outros malucos que tem na paulista, eu acho que eu ainda passo por normal, só porque tô segurando um guarda-chuva aberto... bom! 3 minutos... bom Elzinha não vou fechar o guarda-chuva, porque tá difícil, tá tudo se quebrando... vou tentar fazer aqui o que é possível com uma mão só né! ... bom! Passando em frente ao Trianon, apesar da iluminação dentro do parque, meio escuro... não tô muito a fim de entrar não... se bem que ele tá fechado, não pode nem entrar, mas mesmo que ele tivesse aberto eu não entraria nem a pau ... eu tô passando do lado do Trianon, mas consigo ver o Masp... bom! Será que isso conta ou tenho que atravessar no Masp? Acho que é melhor atravessar né? mas é legal o Trianon, sei lá, dá uma quebrada nesse monte de prédio, de altura, de pessoas, da paulista... é praticamente a quadra inteira, o problema é que eu acho que é mal cuidado, mal conservado... mal iluminado... tão mal iluminado que tipo: tem pessoas dormindo em barraquinhas de camping, no ponto de ônibus... colocaram, tô vendo aqui uma estaçãozinha móvel daquela da polícia, mas mesmo assim, não... não sei se é seguro mesmo... acho que quando acontecer alguma coisa, daqui que eles resolvam, já foi né? engraçado é instintivo, eu já tô andando mais rápido do que eu tava andando antes hahahah... vou tentar atravessar pra ir lá no Masp... mas é engraçado as pessoas não param pra olhar o

Masp e as pessoas não param pra olhar, pra olhar o Trianon também né? ... não sei, tudo meio escuro, as pessoas terminam não prestando atenção né? ... esperar aqui o sinal pra atravessar! ... depois eu volto! ... ui que susto! Achei que o ônibus ia me atropelar rs... passou tão grudado na calçada... (uma buzina alta) oh um maluco, bêbado, atravessando no meio da rua ... poxa tem uma estátua aqui no Trianon, não sabia aqui na frente dele, agora que eu tô vendo... de um homem, a estátua de um homem ... bom atravessando... É! aqui é bem mais ventilado, acho que por conta do tamanho do Masp, do Trianon, pelas folhas, tudo, não tem muito bloqueio do vento... nossa! o masp é tão bonito, mas à noite fica tão feio pela falta de iluminação ... vc nem sabe que aqui é o masp, não tem placa ... aqui tem um restaurante bem bacana, que fica lá embaixo... preciso atravessar de volta... nossa! incrível como essa, essa região não para de ter gente, não para de ter carro, não para de ter movimento... é por isso que é a cidade, é a, é a parte da cidade que é considerada cartão postal... e quando eu falo gente é de qualquer qualidade né! ... (barulho de trânsito)... nossa! olha o trânsito na paulista, muito trânsito! ... com uma faixa a menos pra ciclovia, e todo mundo que me conhece sabe que eu ODEIO as ciclovias e agora tudo bem! Dá pra usar as faixas exclusivas de ônibus, mas normalmente no horário que não dá... nossa! fica um inferno aqui... e hoje é sábado à noite e está um inferno né, mas imagine! Eu vou dar uma volta aqui na quadra pra pegar um pouquinho da alameda, da alameda santos... e aqui menos gente do que lá na augusta né... não posso dizer que não tem gente, mas comparado com a augusta, bem menos... ficando com (boceja!) com sono agora... acho que acalmam-se as pessoas e eu também me acalmo um pouquinho ... vc não fica tão atento com pessoas, luzes, sons, cheiros, movimento, nada disso... estacionamento Trianon – Masp ... calçada larga, dá pra caminhar com tranquilidade... eles fizeram uma pichação bem legal no, naquele portão que fica na frente de um itaú que tem aqui... acho que é a melhor saída pra evitar uma pichação né? vc contratar alguém pra deixar pichado, pq ninguém vai tirar a pichação pra pichar de novo... já saindo um pouquinho da paulista em direção à alameda santos, não sei se foi o ponto que eu escolhi, mas ... parece que as pessoas vão sumindo daqui... na verdade eu tô no contra-fluxo, eu tô sumindo e as pessoas tão surgindo lá na paulista, parece que ali é que se concentra a vida né? onde se concentra o movimento... aqui na região do centro... nossa tô precisando de um café pra acordar, senão vou dormir... hahahah... (silêncio – som dos passos apenas)... cheiro de água sanitária aqui!? ... junto com cheiro agora de comida, num botequim da alameda santos... achei que por ser do ladinho da paulista aqui ia ter mais gente também, não sei se nesse pedaço tem muita coisa comercial que já tá fechada nesse horário... uma loja da claro, restaurantes, que só devem funcionar com almoço e jantar, ou é residencial e as pessoas estão dormindo né? mas é tranquilo até pra estacionar aqui, se soubesse tinha deixado meu carro haha... mas a princípio

é mais parado mesmo... um pouquinho mais escuro... bom! Um movimento um pouco maior aqui na região do hotel... porque as pessoas pra chegar não tem hora né? muito menos pra sair ... bem iluminado... muito verde, sempre local com muito verde me chama a atenção, em são Paulo especificamente, porque a gente é mais acostumado a ver prédio né! ... tranquila a caminhada... ai deu vontade de fazer xixi hahaha... eu já começo a não prestar atenção mais em nada, já vou arrumar algum banheiro...elza não pode rir nessa parte, viu? ... passou um grupinho agora fumando, um cheiro de cigarro que não sou muito fã... não mesmo! ... e elza cumpro com o percurso ... acho que fiz um pouquinho a mais do que eu terminaria fazendo ... pq também não deu muito tempo de planejar muito um percurso mais rápido ... mas acho que a intenção não é o tempo e sim os pontos né? tô voltando agora pra paulista, subindo aquela ladeirinha do lado do Trianon... e uma ou outra pessoa andando, muito carro estacionado ... hum... cheirinho tá ficando bom... engraçado que é tudo bem sinalizado né? esse percurso, não dá pra se perder... tem o nome das ruas, sentido, direção... não sei quando é parar de gravar, se já era pra ter parado, mas vou perguntar pra vc já já que eu tô chegando... (som de samba ao fundo – na rua...) ... aqui gente viu? Pra tentar te achar vai ser difícil até de andar... achei! Parando a gravação agora!

(gravação arquivo email)

Tradução – ação . elemento:

Escutar ouvir conversações, reflexões, passos e movimentos. Durante os deslocamentos, pude reconhecer, conhecer a cidade (cidade território e cidade humano). Perceber as ligações e relações, registrar e absorver singularidades e complexidades do geográfico e não geográfico ... muito foi incorporado e aprendido, mas também desaprendido, para poder enxergar cotidiano (antes não visto) e poder se iluminar e se inspirar pelo (extra)ordinário que acontece em cada um todos os dias. Intenção do experimento foi completa.

Im-pressões:

Há intersecção de ações e comportamento humano em todos os pontos visitados. A região da Av. Paulista e Augusta se sobrepõem em termos de pessoas e movimento. A av. paulista separa / segrega a augusta de maneira incrível. A iluminação “atrai” pessoas e as faz sentir mais seguras. Os microambientes são independentes.

Duração: 34 minutos

Dia: Quinta - feira – 15 de janeiro 2015

Hora de partida: 19h20 | Hora de chegada: 19h54

[ambiências em transição]

(Na saída um samba ao vivo tocando ao fundo – banda no barzinho da saída) ... Bom! Tô saindo aqui, primeiro ponto vai ser teatro municipal... tô andando no Anhangabaú, ouvindo uns passarinhos e um samba meio pagode no fundo, como é muito amplo aqui, eu tô... tô andando mais rápido que o normal... ouvi um sinal de um de um portão de estacionamento abrindo (som de alarme de estacionamento) ... tô indo em sentido ao teatro municipal... o barulho dos passarinhos antes da chuva aí também tá rolando (diminui bastante o som do samba e fica super audível o som dos passarinhos) ... tô sentindo um vento aqui, bastante, bastante forte até, aqui agora (ofegante) e vou começar a subir a praça ramos, sentido municipal ... agora eu tô numa subidinha rigorosa aqui... que não tá muito fácil não... senti um cheiro de cigarro, de um rapaz que tava fumando, fumando aqui, na ladeira... a batata da perna tá queimando no final da, da ladeira ... e aqui já tem bastante... barulho de carro, que no Anhangabaú não tinha... um cheiro de árvore, que eu não sei classificar... barulho de moto pra cacete... um perfume meio esquisito de um cara que passou aqui do lado ... e o ônibus... e o cansaço, né? depois da subidinha rigorosa (pessoas falando ao fundo) ... tô aqui na frente do Municipal, entre o municipal e o “light”... a rota de busão aqui é grande ... eu vou (parada – como se estivesse pensando no que fazer)... vou pegar o viaduto do chá, à esquerda e atravessar (barulho do vento ao fundo)... agora eu tô ouvindo a música de um rapaz aqui, que tá com um fone meio alto... tô indo sentido... eu vou atravessar o... o viaduto do chá e vou pro... oh um vento rolando aqui em cima... ventinho brabo (som de vento forte) ... e agora eu vou sentido pátio do Colégio e Largo São Bento... que vou ter que perguntar também lá, porque não sei direito qual é qual...(barulho de ônibus e carro passando)... aqui em cima tô sentindo um ventinho bom ... e o barulho da 23 que passa aqui embaixo também (som de pessoas conversando e rindo ao fundo)... e do outro lado uma vista agradável do Anhangabaú lá embaixo ... olha a moto aí... tô chegando na praça do patriarca, com um vento forte também ainda ... e vou pegar à esquerda pra descer pro pátio do colégio... (barulho de carro-- - ônibus, estalos, pessoas falando, motor)... tô aqui na Líbero agora mais... espremido pelos prédios altos aqui ... e uma galera tomando cerveja no barzinho ... vou atravessar a rua, fora da

faixa, mas acho que não vou fazer o contrafluxo aqui não ... aí tem mais um pessoal tomando uma cerveja aqui no, no barzinho... tô passando pela casa de máquina de um prédio aqui... xarope esse barulho hein ... (carros – buzina – ônibus elétrico) ... senti um perfume esquisito agora que não sei de onde veio ... (moto passando ao fundo) ... ouvi o jornal da band agora na tv do estacionamento... agora eu tô na São João com a Líbero - sentido páteo do Colégio... (som do samba do bar volta a surgir ao fundo)... quase fui atropelado por um cara que tava num fluxo perpendicular agora ... e tá rolando um pagode ali (som do pagode ao fundo e dos ônibus elétricos)... agora eu já tô suando em bicas já... com essa mochila nas costas...(pessoas conversando)... outra subidinha rigorosa no começo da Líbero... e ônibus pra cacete... vou atravessar fora da faixa de novo para ver no que é que dá ... agora tô aqui no, no colégio São Bento... meio vazio aqui hein... (som de pássaros novamente)... passando em cima do respiro do metrô, aqui agora ... mais um perfume inexplicável aqui de alguém ... vou perguntar pra uma menina aqui onde que é o ... *por favor, sabe dizer onde é o Pateo do Colégio? Pateo do Colégio é aqui?* (menina responde: *não sei te dizer...*) *não? Brigado (de nada...)* ... (som dos sinos da igreja)... (ônibus que passa, pessoas falando) ... *por favor, sabe me dizer onde é que fica o Pateo do Colégio? Pateo do Colégio é esse daqui ou aqui é o mosteiro São Bento?* (a pessoa responde: *não! Reto) - reto? (- até o final) - Pateo do Colégio? (- aí vc vai ver o Pateo do Colégio) - ah tá bom! (- tá? É só... reto até o final) tá bom! Obrigdo (magina!)* ... é reto até o final (irônico) ... passando aqui na frente do Girondino... tem algumas pessoas falando alto aqui ... (vozes) ... passei por um cara agora que deu, deu uma encarada hein... acho que ele não entendeu o que eu tô fazendo... então eu passei pelo Largo São Bento e agora eu tô indo, sentido ... eh... sentido Pateo do Colégio... eu espero... - *amigo deixa eu te perguntar um negócio: pateo do Colégio é mais pra frente?* (uma pessoa responde: *não! Eu vivo na Bahia...* e outro senhor logo emenda: - *tá vendo ali onde tão as árvores?*) *sei... (- praticamente é quase que de frente com elas) - ah tá! E a 25 é pra baixo? (- a 25 é uma embaixo lá) – tá! Valeu! Brigado!* ... agora eu tô sabendo já... 25 e Pateo do Colégio... passei aqui na frente do, do negócio... e a galera... cheiro de cigarro do cacete... e tá começando a chover, tá rolando uns primeiros pingos aqui, parece... vou apertar o passo aqui um pouco, vou um pouco mais rápido... ainda tenho que buscar o CCBB... Tô passando em frente do, do CDHU... e aqui o... a sensação tá meio estável né... um ventinho... os pingos da chuva tão diminuindo... e os carros na minha direita ... à minha esquerda o pessoal fumando cigarro ... já tem um pessoal aqui arranjando um lugar pra dormir... o solzinho já deitando na calçada ... cheiro de lixo, rolu aqui agora... mais um ventinho, muito bom aqui, e tô chegando no, no páteo do colégio... daqui de cima eu tô vendo a 25 embaixo (música típica do comércio da 25 ao fundo) ... (som intenso de carro e moto passando) ... páteo do colégio... bem vazio... só tô vendo gente num

canto da praça e cada um já arrumou o seu spacinho pra dormir também ... e oh tem um, um skatista aqui (som do skate ao fundo)... mas todo mundo já arranhou lugar pra dormir aqui ... tá meio sem fluxo... agora a ideia é... ver se eu... opa! passei num lixo aqui podre e um cheiro de queimado, acho que a galera tá queimando alguma coisa aqui... sei lá... cheiro de plástico queimado... agora eu vou atravessar a primeira rua na faixa... o ônibus passou, agora dá pra atravessar... tô vendo o impostômetro e não posso deixar de comentar isso... eu vou agora pela 15 de novembro... e oh uma baladinha rolando aqui numa loja de roupa... baladinha braba! (som de música eletrônica ao fundo) ... eu... me perdi um pouco nesse caminho ... pessoal tomando cerveja aqui cerveja no bar... me perdi no caminho, eu vou ter que achar a 25, porque é o último ponto, antes de eu ir pra Sé ... aqui sim! vento nenhum... completamente parado... aqui já tem um monte de, de carroceiro, na quinze de novembro e um fluxo meio baixo também... e o suor aqui também já tá rigoroso... eu não sei se eu tô falando perto do captador ou não ... agora eu vou virar aqui pra... no final da quinze de novembro, sentido 25... (som de música ao fundo) ... *oh amigo pra 25 como é que eu faço? Desço aqui?* (a pessoa responde: - *à direita*)... *à direita? Obrigado!* ... eu tô... o pessoal já tá se ajeitando mesmo geral aqui... o centro inteiro... - *a 25 é descendo aqui?* (- *isso!*) *brigado!* ... e eu não sei mesmo onde fica a 25 (buzina ao fundo) ... e tá difícil de arranjar um fluxo bom pra, pra poder parar... cheirinho de esgoto aqui agora, descendo pra 25... nossa! eu vou descer pra subir isso... (som de música funk ao fundo)... completamente vazia... parece fim de festa... só lixo jogado na rua... - *Oi Matheus!* (- *falou! até amanhã*) - *Até!*... acabei de encontrar o Matheus aqui, subindo... e eu descendo pra depois subir... caiu um respingo agora de alguma coisa aqui... (som dos passos) ... e rolou mais um daqueles perfumes pós expedientes... meio inexplicáveis... agora cheguei na 25... com cheiro meio de ... metade de cheiro de... de lixo de um lado, metade pipoca do outro... tem um pessoal fazendo mudança aqui, parece... sei lá qual que é a logística... puta! E agora... aqui tem um cheiro de feira, pós feira... e a ideia agora é subir sentido praça da Sé... barulho do pessoal fechando as lojas aqui e um sonzinho estranho q vem de algum carro aqui... se liga... (barulho da música tipo brega) ... passando na... perto da ala de cosméticos de um supermercado... aquele cheiro de shampoo...(som de pagode ao fundo)... e tem mais uma subidinha rigorosa pela frente aí... (som de comercial: calça jeans masculina...) olha só! calça jeans masculina... nossa! ... eu tô subindo a general carneiro e a poluição sonora é gigantesca... (som muito intenso de música de axé ao fundo: *meu pai é foda e eu sou fodinha...*) ... além da visual... que isso!! ... (*ela é parada dura...* música continua...) que lugar é esse hein bicho?? ... bom essa general carneiro também tem uma subidinha rigorosa aqui, que tá difícil pra nós ... (muito barulho ao fundo – música alta) ... acho que já faz meia hora que eu tô andando... (música vai ficando um pouco menos intensa)

... meu deus!! é perfume e cigarro pra dar com um pau ... (pessoas conversando, risadas, e pessoas andando) agora... tô indo sentido praça da Sé, pra ver se lá ... eu abro o guarda-chuva... (começa novamente um som de funk ao fundo) ... (outra música ao fundo: mais tipo brega) Ixi! tá rolando uma musiquinha braba aqui no bar e eu já tô chegando na, na Praça da Sé... (alguém fala: - *me dá um dinheiro pra condução véi!*) - *cara eu não tenho! desculpa vai...* o rapaz me pediu um real e cinquenta... tô atravessando aqui pra praça e ver se eu faço o contra-fluxo... completamente cansado! ... Aqui tá rolando um pessoal sentado, um monte de cadeira... eu não tô entendendo nada... acho q vai ter algum show aqui... (barulho de trânsito ao fundo)... (pessoa grita ao fundo) ... só tem doido hein, só tem doido ... (pessoa continua gritando)... eu vou me localizar aqui perto da entrada do metrô e vou abrir esse guarda-chuva ... tô do lado da entrada do metrô da Sé com um guarda-chuva aberto e tem um pessoal que tá olhando pra mim... (uma pessoa fala ao fundo: - *pode ir que você tá com pressa e eu num tô não...*) ... completamente louco, o pessoal olhando pra mim... só que aqui tem uns loucos mais loucos que os outros loucos, né ... acho que eles não percebem muito isso...mas tem meia dúzia de sóbrio que percebeu... (muito barulho de gente conversando)... Câmbio! Desligo!

(gravação 04)

Tradução – ação . elemento:

Enxergar limites (perspectivas do caminho – viaduto do chá para o Anhangabaú) . Sentir odores (geral) . observar barreiras (anhangabau para praça ramos) . perceber percursos (ruas do centro) . percorrer cotidiano (pessoas de rua – ambulantes, moradores) . registrar nós (são joao x líbero Badaró) . relatar geografias (subidas e descidas) . (res)pirar contra-fluxo (dispositivo final).

Outras impressões:

Diferença entre o andar cotidiano (deslocamentos) e o andar observando o que acontece a sua volta.

Duração: 58 minutos

Dia: terça-feira – 20 de janeiro 2015

Hora de partida: 20h31 | Hora de chegada: 21h29

Oh oh a vergonha já... na sé né? Vou deixar minha bolsa aqui... to começando meu experimento, saindo aqui do salve Jorge, depois de dois dispositivos, vamo ver no que vai dar (barulho de gente conversando)... ai eu to seguindo aqui pelo largo do café, me sentindo meio estranha de conversar com esse gravador, mas num passo confiante... ainda com folego... e prestando atenção um pouco mais nas coisas nesse horário: nas luzes, nos prédios, nesse calor, na brisa... no cheiro, porque ta mais silencioso, tem menos pessoas nas ruas – esse horário ... nas pessoas que moram nas ruas também... – (barulho do vento e de uma caminhada lenta) – ventinho bom! Cheirinho ruim né!? – (mais caminhada e vento) - é na verdade eu já cheguei na Líbero – primeiro – tá completamente vazia! Acho que é um bom momento para abrir o meu guarda-chuva né? Só pra ver o que o pessoal que mora na São João, nas barracas e aqui no chão, vai pensar, ou se eles vão pelo menos me abordar de alguma forma... (abriu o guarda-chuva)... to aqui com o guarda chuva, tem um pessoal aqui na frente... poxa Elza! Mas o guarda-chuva tá, tá rebelde! Ta quebrado!?! (ajustou o guarda-chuva) Pronto! To aqui na esquina da libero com o vale do anhangabau, bem na faixa de segurança, sentindo a brisa, sem fazer contato visual com quem passa, mesmo porque eu to segurando um gravador e um guarda-chuva, na esquina... oh meu deus! ... bom, daqui o percurso agora é ir mesmo pra o anhangabau e eu vou tentar subir pro viaduto do chá... e ficar com o guarda – chuva até o farol fechar... aii que farol eterno!! – pessoas passam e dão uma risadinha né? Com esse guarda chuva aqui! Meio que... né? To ficando meio com vergonha, mas tudo bem! Vou fechar o guarda-chuva agora e seguir o caminho... engraçado que no guarda-chuva fiquei mais focada em mim do que no que tava acontecendo em volta, né? Por estar desconfortável, sem ele fica mais fácil de reparar na cidade (barulho do ônibus elétrico que passa) – atravessando a rua aqui agora, andando no ritmo de sempre: lerdo!... passando aqui na frente do bovinus do anhangabau... andando devagar... reparando nas pessoas, brisa... cheiro característico do centro (risada)... que incomoda mesmo quando vc quer virar o rosto para o outro lado... lembrando onde vc ta, mas que eu acho bom (barulho de sereno – ao fundo) ... engraçado que dificilmente C repara só no lugar, sem reparar nas pessoas que ocupam o lugar também, né!? Ou na forma como elas se relacionam com naquele espaço (riso)... passando

aqui na frente da academia que será minha tortura, seu eu aguentar, hum! Pelo próximo mês pelo menos (riso!)... a noite ta agradável, ta tranquilo pra andar... nesse horário que ta acabando de ter a ocupação do dia-a-dia e o pessoal que fica aqui à noite ta aparecendo mais... algumas pessoas apertando o passo... uma coisa que eu nunca consigo fazer (riso!)... e ai o plano é passar aqui pelo meio do vale do anhangabau, ver os amigos do skate... e os dispositivos ilegais também (riso) e subir n viaduto do cha, na verdade eu vou mudar, eu não vou subir no viaduto do chá, eu vou subir no teatro municipal aqui pelo lado do paço das artes e ai de lá eu vooouu passar na frente do viaduto do chá e de lá eu vejo para onde vou, não vou definir agora... vamo ver o que vai dar vontade de fazer... é elza só por você mesmo que eu vou fazer isso hein? Acho que é o momento de abrir o segundo dispositivo e ver a reação das pessoas...

e é claro que eu acabei de derrubar... o gravador! Mas ele está funcionando perfeitamente... bom! Saindo do anhangabau, dos meus três minutos de guarda-chuva no meio dos meninos do skate e eu to subindo aqui pro teatro municipal... mas ao invés de subir pela calçada, pelo passeio, eu vou entrar aqui no meio do jardim, na frente do teatro (vozes ao fundo: porra! vc foi criada no meio de sapatão porra! Olha! olha ai cabeça que vc tem! Sapatão é a pior laia que tem ...) ...tinha um casal um brigando, parece que a menina foi criada no meio de sapatões, mas eu vou continuar subindo aqui ... é né? A escadaria aqui deu uma cansadinha no pulmão, saudade dos 25 anos... casal continua batendo boca (som deles ao fundo)... como eu não gosto de discussão (riso!) vou dar uma aceleradinha... bastante gente aqui na frente, da fonte do teatro, (respiração bem ofegante)... pulmão começa a (fica ainda mais ofegante)... ai que subidinha hein!? ... (ofegante) ... na subida a gente tende a aumentar o passo né? Apressar pelo menos, eu pelo menos ... mais skate, mais teatro, mais cidade... agora mais devagar...(ainda bem ofegante)... vou abrir meu guarda-chuva aqui na frente do teatro virando aqui pro anhangabau, vamo ver o que acontece... (abre o guarda-chuva) ... (barulho do vento e do ônibus que passa)... é algumas pessoas aqui em baixo (riso!)... oh meu deus! Apontam pra o guarda-chuva aqui em cima, vou manter a mesma posição... de costas pro teatro, mas olhando lá embaixo pro vale... essa pausa foi boa, pq eu to um pouquinho cansada... e suando... (barulho do ônibus que passa ao fundo) ... os cheiros aqui não são tão fortes que nem eram os da são joao ou os da libero, e até do vale, deve ta mais limpo ou talvez tenham limpado hoje, normalmente o cheiro também não é bom, mas tá... suave... dando uma bisoiada no teatro, pessoal se apropriando das escadarias pra andar de skate... (barulho de skate ao fundo)... e ta quase acabando os dois minutos do guarda-chuva... acho que eles vão acabar agora e daqui eu vou passar no viaduto do chá e ai de lá eu já vejo qual o próximo lugar do percurso... (alguém

fala pra ela: acabou de chover amor! – ela não responde e depois retoma): parou de chover amor! Te mato elza! ... agora eu to continuando andando na frente do teatro... e o próximo ponto vai ser o viaduto do chá ... depois do viaduto do chá é que eu vou determinar o próximo percurso... como não diz aqui se tem ser em cima ou embaixo, eu resolvi passar por cima na frente do shopping light ... e apressar o passo por causa do bando de piadinhas “já parou de chover, gata!” (ironia) ... continuemos, apressando o passo um pouquinho... aqui o cheiro também ta agradável, não ta ruim... uma brisa boa aqui no viaduto do chá... já posso andar mais devagar... eu vou parar aqui também, na frente do shopping e abrir meu guarda-chuva, vamo ver... (interrompe a gravação sem querer/ percebe e retoma)...

passando aqui na são bento que é o lugar que eu passo sempre, pra ir trabalhar, mas escutando o som do vento... que é uma coisa que eu nunca escuto, porque sempre ta passando muiiita gente... sentindo o vento também né? Além de ta escutando... as lojas já estão todas fechadas, tem alguns catadores ... e acho que era um momento bom pra abrir um segundo dispositivo, ficar aguardando uns dois minutos enquanto as últimas pessoas saem do próprio trabalho (barulho do guarda-chuva sendo aberto) ... e também pra eu dar uma descansadinha né? ... por o espaço aqui ser mais estreito, tal, cercado das vagas por todos os lados, eu percebo que as pessoas que tão passando... é... reparam mais mais, assim... que você ta com o guarda-chuva aqui no meio né? Além dos catadores também, e ai a postura do corpo começa a ficar mais na defensiva em alguns momentos, dependendo da aproximação ou não, de quem ta por aqui... mas talvez por que eu já fui assaltada aqui né? Então... vc fica com essa memória ... é o minuto mais eterno, que passa mais devagar... eu estou te vendo aqui com sua câmera, e eu com meu guarda-chuva... você está se aproximando, eu vou fingir que não estou te vendo... você passou (risos!)... acaba de parar um carro aqui na frente, eu vou esperar mais o meio minuto combinado pra ver qual vai ser a reação... boa noite! Tudo bem? ... eu não quero falar pra ninguém que isso é um experimento, só vamos ver a reação das pessoas...acho q é o pessoal que faz a coleta aqui, de lixo... agora já deu o meu minuto, eu vou continuar daqui, vamos ver para onde... (olha o papel e repete os pontos já percorridos) éee... já foi o viaduto do chá, anhangabau, eu vou pro largo são bento, 25, 15, pátio e Sé... pronto! Já deu os dois minutos aqui de experimento... vou continuar o caminho agora... prosseguindo aqui pela são bento pra chegar até o mosteiro, de lá descer pra 25... lojas estão fechando, pessoas tão indo embora... já não dá mais pra ouvir o ventinho quando vc vai se aproximando dos bares... acho que eu to ficando mais cansada também... e suada!... mas acaba sendo um ambiente familiar também, porque eu passo algumas noites aqui, então... é o barulho de sexta-feira... (vozes de pessoas conversando nos bares ao fundo) ... da associação de sexta-feira, até a

postura depois dos dois primeiros dispositivos e o horário ... é que... que pena que não é sexta-feira... minha visão não é muito boa... éee... e ai tipo, certas coisas eu não enxergo por aqui mesmo... é só quando eu chego muito perto, então eu não tenho essa noção tanto de quem ta se aproximando ou de quem ta se afastando... é mais pela sensação mesmo assim, que eu não sei explicar, que é do corpo, não é tanto da visão, porque eu sou míope, to sem óculos há muito tempo... e ai a gente ta familiarizado assim com a imagem da região por trabalhar aqui, agora eu to passando aqui no relógio da praça do café, praticamente de onde eu sai... ai também a gente ta acostumada já com o chão, e o percurso por onde ta passando... o passo, aonde ta quebrado ou não, onde tem problema ou não, mas com sensação mais fluída por que ta vazio... to passando na frente da casa Matilde, da firma, parece que o cheiro de lixo da cidade fica mais forte à noite, quando eles estão carregando os sacos. Durante o dia vc sente vários outros odores, né? Vou nem usar a palavra aroma que é até uma heresia (risos!) ... mas dá pra sentir um gostinho de lixo também né? ... passando aqui na frente do 'bom gosto' (barulho de pessoas conversando) ... quase chegando no mosteiro ... pra descer pra 25... vou atravessar, aproveitar que não tem ninguém, sentido ao mosteiro mesmo e tentar descer por ali pra chegar na 25 que eu acho q talvez seja o trecho que é um pouquinho mais perigoso assim, né? ... e eu acho que vou abrir o guarda-chuva aqui na frente do mosteiro... não tem muita gente pra ter nenhuma reação, mas ... vamos tentar... e até pra eu perceber o mosteiro melhor, sem ninguém me encher o saco... (abre o guarda-chuva) ... to aqui bem na frente do são bento mesmo, o cheiro aqui é melhor, é mais iluminado e eu tenho a sensação que a brisa é menor, dá uma sensação de calor maior, eu vim aqui ler a plaquinha de explicação do que é o mosteiro são bento, só pra eu não ficar ali parada ... pra me sentir mais em movimento, não é que esteja perigoso, nem nada aqui... ta bem tranquilo...to aqui observando a paisagem com meu guarda chuva, enquanto as pessoas passam de um lado pro outro... engraçado como assim você repara muito lixo na cidade, o cheiro, a visão dos sacos, o pessoal trabalhando... e agora eu vou ficando mais cansada e já to... a postura do corpo já é diferente... to apoiando numa perna só...o ombro já ta mais caído, tentando dar uma descansadinha, estufa a pança já, já não ta mais com uma postura tão adequada... vou seguir daqui pra 25 agora... to descendo aqui ... bom! Se é pra fazer a experiência, vamo fazer a experiência até o fim né? ... to descendo aqui a 25, tudo fechado... alguns guardadores de carro, e vendo a parte de trás do mosteiro, bem deserta agora, dá pra escutar bem o vento, as pessoas... as últimas lojas estão fechando, as pessoas estão saindo...vc consegue reparar melhor nesse horário também, porque normalmente essas ruas estão totalmente tomadas... impressão que eu tenho é que as poucas pessoas que estão na rua acham muito estranho eu ta andando sozinha por aqui... e eu vou descer aqui pra pegar... (toca o sino da Igreja) ... tá tocando o sino das nove (21h00) ... e

eu vou descer aqui... é... pra chegar na 25... não sei o nome dessa transversal aqui, eu sei que é a primeira virando ali no mosteiro de são bento, tem algumas pessoas ainda na rua... não sei se é um lugar bom pra eu abrir o guarda-chuva, né? E ficar esperando 3 minutos... a calçada aqui é mais desigual, é mais complicado de andar... muito lixo na rua... bem deserto... algumas pessoas na esquina... muito lixo aqui numa parte da rua, a calçada é complicada de descer, mas o cheiro aqui tá melhor do que o que tava na são bento... não bate vento, mas até que é bem iluminado... na 25 agora, meu deus! Quanto lixo! Na esquina da 25 com a rua da constituição, eu acho que eu vou abrir aqui o meu guarda-chuva nesse bando de lixo... oh meu deus! O guarda-chuva quebrou aqui hein! ... vou tentar ficar aqui o tempo que eu conseguir, muita gente aqui mexendo no lixo, tomara que eu consiga voltar com seu gravador, guarda-chuva e inteira né? Muitas caixas aqui... é engraçado como a gente acaba se perdendo mais na percepção visual... então... é, como foi pedido que também falasse um pouco da percepção com os outros sentidos, é... a rua tá mais silenciosa, você não percebe aquela loucura que é durante o dia, bem silenciosa, você consegue ouvir um barulho ou outro, ou as pessoas que se aproximam, até o que elas estão conversando, a brisa é suave... é... você consegue perceber melhor onde você tá pisando ou não... e da situação, por tá mais assustada da rua que tá mais deserta e da postura corporal, é uma postura mais agressiva e até ... alerta, pra ver quem desce ou não... mas eu vejo pessoas até saindo tranquilamente, devem morar por aqui ou alguma coisa assim pra me fazer sentir ridícula (riso!) de estar tão alerta ... bastante cheiro de papelão ... não tinha reparado, talvez seja o pessoal do lixo que vem pegar aqui o que as lojas da 25 produzem, muitas caixas de papelão (riso) made in china... e eu merecia uma foto aqui do lado dessas caixas com o meu guarda-chuva quebrado, na frente desses sacos de lixo patético, que parece um alface... com estampa de alface... acho que já deu os dois minutos, eu vou subir agora, pela ladeira porto geral, pra continuar o percurso... fechar o guarda-chuva... continuo andando... tá se não tivesse que fazer o experimento eu teria perguntado por que as pessoas estão tirando todo esse bando de papelão daqui, mas como eu não sei se é pra interagir com quem tá na rua ou não, eu continuo o meu percurso... tem algumas pessoas sentadas numas cadeiras de escritório, aqui na esquina da ladeira porto geral com a 25 de março, tomando uma cervejinha ... e eu vou subir agora a ladeira porto geral ... (um senhor fala com ela: você tava fazendo o que, com aquilo ali no meio?)... Oh meu deus! Agora é ... respira! respira e se agarra com deus melina que pra subir isso aqui... foco no topo... (ela canta...) melina do socorro, as canelas torneadas pelas ladeiras do morro... oh inveja de quem tá descendo hein? ... subindo, mais cansada... essa ladeira é um inferno! A declividade de 70% ... subindo, morrendo, as pernas doem, o corpo transpira mais... tá subindo e falando não vai ajudar... passando na frente da saída do são bento... e focando em chegar... (ofegante)... daqui

eu já vou passar na frente... é, se um dia eu conseguir chegar lá em cima né? Se eu não tiver um enfarto antes... meu deus! (muito ofegante) ... daqui eu vou pra frente da bolsa, 15 de novembro, centro cultural banco do brasil... meu deus! Morri! ... aproveitar que eu cheguei aqui no topo da porto geral com a Boa vista e vou fazer a parte do percurso, mas eu vou abrir o guarda-chuva só pra ver a reação... já que o farol ta fechado mesmo e eu vou ter que ficar esperando aqui... é! Meu deus! Eu vou continuar com meu guarda-chuva mesmo sem chuva e vou entrar aqui na 15 de novembro com a bolsa de valores... nunca tinha reparado que tem tanta barraca no centro né?... praticamente um camping a céu aberto... a ideia agora é passar na frente da 15, pegar a 15 de novembro pra passar na frente do CCBB... (barulho de coisa caindo – vidro)... esse ventinho é muito bom... passando aqui pela terceira vez no salve Jorge, entrando na 15 de novembro, passando na frente aqui do Banespa... da bolsa... a caminho do ccbb... vento bom demais da conta, mas cansada... os ombros estão mais curvados... aqui a sensação de segurança aumenta, porque ainda tem pessoas na rua e é mais iluminado... mas não tá tão diferente de estar na 25 não... ventinho batendo nas orelhas... no aeróbico... a cidade tá bem silenciosa, poucas pessoas passando ... já vou andando, me jogando mais, mais cansada, fazendo força pra um pé ir pra frente do outro... risos... mas pisando com mais propriedade... (uma pessoa pede água a ela “pra passar a noite”)... *eu não tenho água... também não tenho nada... to fazendo um, um experimento aqui e aqui eu to sem nada tá? ...* acabei de conversar com uns amigos que tavam aqui na frente do ... *que que é isso aqui? É o ... (aqui é nosso lar – eles respondem)*... é! Rs! *faz sentido! Obrigada!*... e ai eu vou continuar agora pro banco do brasil... gostei disso: aqui é o nosso lar! Achei inspirado... pena que eu não tinha água... e não consigo te falar bem na frente de onde eles estavam... interação sem guarda-chuva hein Elzinha? Rs! ... vou virar aqui pra parar na frente do centro cultural banco do brasil, quase sentando nesse banco que tem aqui na frente, mas eu vou com o experimento até o fim, porque eu prometi ... (respirou fundo)... aqui na esquina mesmo, na frente do banco do brasil eu vou abrir o guarda-chuva... do banco do brasil não! Do centro cultural do banco do brasil...e vou ficar observando, enquanto a policia passa ... então, to aqui de frente pro centro cultural banco do brasil, já cansadinha, hein Elzinha? Passam algumas pessoas sempre muito apressadas, em grupos, poucas pessoas estão sozinhas, com uma postura assim – de pressa e medo... ninguém para direita, ninguém pra esquerda... e eu to apoiando uma perna na outra, segurando o guarda-chuva, pensando que daqui a pouquinho realmente vai chover com esse vento todo... aqui eu já escuto um barulho maior, que eu não sei identificar do que que é ... um barulho mesmo, não é... um ruído ou uma música... passam muito poucas pessoas ... algumas que parecem que estão observando o centro também... outras que devem morar aqui ou trabalhar aqui e não estão prestando atenção em nada... e daqui... acho que deu né?

Os meus dois minutos de solidão... eu vou pro pateo do colégio e de lá encontrar vc na Sé... olha tem, tem imagens lindíssimas aqui... dariam fotos muito bonitas do centro e da cidade ... bom! Daqui eu vou seguir pro pateo do colégio... e oh! Tem festival de carnaval são luis do Paraitinga, oficinas e blocos aqui no ccbb, hein... só um momento cultural by melina! Risos! Haha! Deixa eu continuar... ai eu tô perdendo o foco já por que... é... DDA é fogo! Né? ... bom daqui... bom daqui, vamo ver pra onde eu vou... pateo do colégio e sé... é... agora eu tenho que pensar aqui... aaahh... to pertinho do pateo do colégio... vou virar aqui na esquina do Orange... logo menos... e do pateo encontro vc na Sé... a 15 de novembro agora ta mais deserta ainda... tem um ou outro morador ... nômade ... ah como é bom andar aqui sem ninguém né? Sem esbarrar... podendo prestar atenção... em outro ritmo mesmo... é, sem o barulho e a correria... tô virando na Manuel da nobrega, pra chegar no pateo do colégio... e ai tem essa...passando aqui pela subidinha da general carneiro ... subindo aqui pela escada pra poder passar por essa parte aqui também... que eu nunca tenho chance... e ai cheguei aqui no pateo do colégio, vou abrir meu guarda-chuva ali no meio do pateo, entre o ponto de ônibus e esse monumento fálico horrível! Atravessando a rua na frente do pateo do colégio mesmo, onde algumas pessoas já colocam seus bloquinhos de papelão pra dar aquela cochilada ... aliás é praticamente um albergue aqui né? Vamo lá... ah ta tendo uma manifestação do outro lado da rua ... eu vou ficar aqui dois minutos, passar pela frente do pateo do colégio, e ver o que tá acontecendo ali, porque eu não posso ouvir um batuque... que ai eu saio do corpo... então eu vou esperar os meus dois minutos aqui, de guarda-chuva... população gigante de rua em são Paulo... é gigantesca né? ... eu não tinha notado, reparo, enquanto a gente tá na rua, em grupos fechados né?... (barulho de ônibus passando)... mas tem muita gente andando tranquilamente aqui também... acho que ninguém assalta ninguém em dia de calor... é, por um momento agora eu totalmente perdi o meu foco, comecei a focar o olho longe, longe, longe... e fui pro mundo fantástico da melina, não estava prestando atenção em nada que acontece em volta... nem ta pensando em nada... e eu vou sair daqui agora, dar a volta pro outro lado da frente do pateo do colégio... passando aqui no pateo do colégio mesmo, muita gente deitada, é chegando perto da manifestação ou seja lá o que tá acontecendo aqui... uma manifestação artística, tem um povo cantando... dá pra ouvir uma música de longe, mas eu não vou conseguir identificar direito o que é que é ... (música ao fundo)... será que é um albergue? O que que é isso? ... eu vou lá ver!... se um dia eu conseguir atravessar essa rua (uma buzizada leve)... eu tô achando que é um albergue mesmo, onde o pessoal vem pra dormir e ficar à noite, aqui na rua... entre o pateo do colégio e a anchieta... tem um pessoal filmando alguma coisa aqui... e ai bastante gente aqui na rua... (música ao fundo – tipo de rap evangélico)... é alguma... solidariedade da igreja renascer, que está distribuindo lanche pro

peçoal daqui do centro... Bom! Daqui eu vou partir pra encontrar com vc, no... agora eu entendo por que tem tanta gente reunida no mesmo lugar... e ai daqui eu vou encontrar você na catedral da Sé... engraçado como vc é atraído pra onde tem muita gente né?... curiosidade natural de estar junto de gente ... apesar do cheiro estar infernal... bom! Chegando aqui na praça da Sé... vou atravessar aqui, mais iluminado... tendo uma vista do marquês, do solar da marquesa de santos, passando aqui na frente do prédio art decor... (barulho alto de trânsito e de risadas ao fundo) ... eu nem lembro da onde é, do Unibanco né? ... da caixa econômica, na frente da estação... não... quase chegando ai pra encontrar com vc... ventinho continua bem bom... a praça da Sé tá bem iluminada ... e eu to seguindo bem no sentido do marco zero mesmo ... oh só... passando bem aqui... eu trópico de capricórnio, trópico de capricórnio e eu, pra encontrar com vc e terminar o experimento... e eu vou abrir meu guarda-chuva ali no marco da Sé, os dois minutos e vou encontrar com vc aqui na parte de trás... já tô bem cansada... entendo totalmente esse mendiguinho aqui com essa calça arriada, dormindo de cueca ... uma coisa que eu super faria! ... é... não tenho ideia de quanto tempo se passou ... se eu andei muito ou pouco... ou se é o calor, mas eu fiquei um pouco cansada... e o marco, cadê o marco? ... ai! Eu detesto essa coisa bandeirante de são Paulo, acho um porre! “mai” enfim... continuando... essa coisa de jesuíta, muito chata! Chato, chato!... tô aqui subindo, é uma ladeira suave, essa do lado da catedral... vou parar, porque sua pesquisa merece um guarda-chuvinha ali bem no marco... e daqui eu vou encontrar com vc – morta! ... vou ficar no destino (?) do mato grosso ou do Goiás, Minas, Rio, Santos; um pouquinho de cada um ... observando aqui, meio cansadinha ... problema daqui é o tanto de bêbado que você vai atrair né? Tando com um guarda-chuva no meio do marco central de são Paulo, mas enfim, o experimento continua... já fiquei um pouquinho no mato grosso, vou ficar um pouquinho aqui no Paraná ...é eu nem gosto tanto de paraná assim... santos e também no rio ... rio, rio... rio e minas... dando uma descansadinha aqui de dois minutos, três minutos... olhando pra catedral da Sé ... pras pessoas que passam, tem o vento... meu corpo tá um pouco cansado, meu pé tá doendo um pouquinho... é... essa calça tá meio apertada também... quando C dá uma parada, C começa a transpirar tanto que vc tem uma sensação melhor do seu corpo assim, né? ... o corpo tá mais recolhido agora do que tava antes ... mais compacto, mais contraído... daqui acho que deu, to indo encontrar com vc aí... na parte de trás da Catedral da Sé... quebrei meu guarda-chuva, né? Mas tudo bem ! risos... acho que dá pra arrumar... andando mais solta agora... os policiais me deixaram passar aqui na frente da catedral ... querendo sentir mais ventinho assim... aqui o cheiro ficou um pouco mais forte também, cheiro de urina mais que de lixo... que até irrita um pouco a garganta... mas a brisa tá muito suave, poderia estar mais forte... o contato do pé com o chão tá agradável, mas a coluna já tá pedindo pra ser baixada... cansaço do dia-a-dia

também né, do dia todo assim... acho que deu uma abatida agora... tem um pessoal descendo agora, talvez tenham vindo dar uma olhada na catedral da Sé... provavelmente ... e eu estou chegando... tá mais barulhento... aqui na parte de trás da catedral... uia! Que ver que eu dei a volta no lugar errado... ah não... Tá certo... chegando aqui... correr aqui pra atravessar... nessa pra... ups! Quase morrendo atropelada, porque né... eu tô me distraíndo aqui e não pode! ... chegando aqui na primeira padaria do Brasil, perto do sebo do messias, para encontrar com vc... uma corridinha básica... sensação de dever cumprido ... time jogou bem rs... agora é só te achar por aqui ... na frente é... do sebo do messias ... cheguei... vou te mandar uma mensagem... câmbio! Desligo!

(gravações 06, 07 e 08)

Tradução – ação . elemento:

Revelam-se bordas . reposicionar territórios . justapõe deslocamentos . transpira geografia .
desestabiliza percursos . indaga cotidiano . ilumina o ordinário.

Duração: 41 minutos

Dia: terça-feira – 23 de janeiro 2015

Hora de partida: 13h45 | Hora de chegada: 14h26

(gravação começa com um senhor ao fundo falando: - *eu tô pedindo comida, não tô pedindo dinheiro... um pouco de comida pra dar aqui*) ... Vou começar aqui o grande experimento pra Elza (risos!)... esquecendo o papelzinho com os endereços ... (som de passarinhos ao fundo – Anhangabaú) ... Bom! Começando o rolê aqui, no vale do Anhangabaú, lugar deteriorado, alguma vegetação, geralmente suja e mal cuidada... uma gente meio feia... barulho dos pássaros, dá até um ar bucólico pro Vale do Anhangabaú, embora de bucólico aqui não tenha nada... mendigada insana, nervosa, por todos os lados... praça das artes toda pichada... (barulho do vento ao fundo)... bom! Estou subindo aqui os jardins do ... em frente ao Teatro Municipal, já é um lugar bem mais agradável. Presença maciça da mendigada ainda, mas tudo bem, faz parte da metrópole ...da metrópole subdesenvolvida, cheia de desigualdades sociais... (barulho de ônibus e carro ao fundo) ... estou na lateral do Teatro Municipal, construção belíssima, de características ecléticas, do escritório técnico Ramos de Azevedo... bom! Esse é um dos pontos que eu acho mais bonitos do Centro que é a ... o teatro municipal de um lado, o Shopping Light do outro e quebrando toda essa continuação de bela arquitetura – o horrível prédio da Casas Bahia, que é uma das coisas mais feias que existe no planeta ... (música ao fundo) ... eu tô atravessando a faixa de pedestres que vai dar acesso à fachada frontal do Teatro Municipal, com esses farozinhos com o símbolo do teatro municipal que eu acho incrível... bom! Estou em frente ao Teatro, umas pessoas sentadas na calça...na, na escadaria do teatro, o que é muito bom, porque quer queira quer não é um espaço público e deve ser usado pra qualquer tipo de lazer ... uns *hipsters*, uns mendigos... um pouquinho de tudo ... ah! A sensação aqui é: se você olhar só pro teatro parece até que você tá no centro cuidado de uma cidade antiga conservada, se você olhar o entorno, dá vontade de chorar e sair correndo ... agora eu tô contornando o teatro municipal, vou seguir em direção a o ... Viaduto do Chá ... (muito tempo sem falar nada – 42 segundos)... bom! Pra ter um, um outro ângulo de visão, eu vou atravessar aqui, passando em frente às Casas Bahia, seguindo aqui pro Viaduto do Chá... (som de música tipo brega/forró eletrônico, ao fundo) ... bom! Estou aqui, no viaduto do chá, em frente ao Shopping Light... (buzina) ... é... meio conturbado aqui, o pessoal colocando um som na rua, é... sei lá... meio perturbado agora... (música sertaneja ao fundo)...

a presença da ciclovia no viaduto do chá, é algo, na minha visão, bastante positivo, porque é um marco pra cidade e a presença de uma ciclovia em um marco, faz uma propaganda positiva desse meio de transporte... e a vista também do, do ... a vista na verdade ela é um pouco conflitante, né? Por que como eu tô no sentido indo pra praça do Patriarca, se eu olho pro meu lado esquerdo tem o grande vale do Anhangabaú, que dessa altura, como tá na altura da copa das árvores, parece ser mais verde do que é, então dá uma vista até bonita, com o skyline dos prédios do centro... agora se você olha pro lado esquerdo é completamente outra realidade, não tem nada de verde, algum verde só que muito trânsito, porque a visão é ali o terminal bandeira e a entrada pra, pra bifurcação da 9 de julho com a 23 de maio e tá maior trânsito agora, como sempre, então assim, é no mínimo uma visão conflitante – de um lado um vale, com algum verde que poderia ser explorado pro lazer, a intenção é meio essa, e do outro lado o puro trânsito, mas aí eu acho que é exatamente isso uma das coisas mais conflitantes e perceptíveis de São Paulo, tudo é misturado com muito trânsito (som de bicicleta, moto, ônibus e carro – ao fundo) ... o trânsito é muito presente na vida de todo mundo, seja andando a pé, seja... independentemente do meio de transporte que vc use, inclusive a pé, o trânsito vai fazer parte do seu dia-a-dia, nem que seja visualmente, ele tá sempre presente, como agora aqui no viaduto do chá... embora eu esteja andando a pé aqui em cima, minha visão lá embaixo é o puro trânsito ... bom! Pra melhorar o meu trajeto aqui, como eu saí do Vale do Anhangabaú, passei pelo teatro municipal, viaduto do chá – eu estou, agora eu vou pegar a rua São Bento pra ir pro Largo São Bento, depois pra 25 de março, 15 de novembro, e no ... pátio do Colégio eu passo depois... e no CCBB... passou uma pessoa muito bonita por mim agora (riso) merecia uma foto... (começa novamente um som de música brega eletrônica ao fundo) ... (pessoas conversando e alguém fala: - *ali não! Ali não tem água!*) ... umas pessoas passando pelas ruas e comentando que não tem água em alguns lugares, outra realidade de São Paulo agora, falta d'água... é, tô no calçadão da São Bento, em direção ao Largo São Bento, aquela coisa, né! Todo mundo andando com pressa, quem não tá com pressa – olhando as vitrines ... uma, uma, uma falsa sensação de tranquilidade, assim, enquanto se anda olhando as vitrines, tal, aparentemente as pessoas tão tranquilas, mas se vc olhar mais atentamente tá todo mundo segurando a bolsa firmemente, tá todo mundo esperto ao mesmo tempo que tá olhando uma vitrine ou andando com pressa, percebe-se que as pessoas não deixa, inclusive eu, de estar atenta aos seus pertences, com medo do assalto que é constante no centro de São Paulo... então assim, as pessoas bem agarradas com as mochilas, segurando na frente ou junto ao corpo as bolsas... (som de vendedor anunciando mercadoria na rua – ótica, ótica, ótica...) ... (barulho intenso de gente passando, conversando) ... suando muito ... passando pelo maravilhoso fedor da entrada do Martinelli na São Bento, cheiro

horrível! Sensação de estar nadando num mar de bosta... (passarinho e pessoas ao fundo) ... bom! Cheguei ao Largo São Bento, um fedor grande também, que já atrapalha bastante, tá tendo um showzinho aqui, o lugar é agradável, mas... a falta de limpeza e cuidado dá uma brochada e tira um pouco do brilho do espaço, mas como tem bastante evento aqui e agora mesmo tá tendo um, você percebe que mesmo assim as pessoas usam, o que é um ponto positivo pra cidade, afinal é um espaço público... é um lugar que eu gosto, embora feda ... (som de alguém falando num microfone ao fundo e em seguida palmas) ... bom! Agora eu tô saindo aqui do largo do café, as casinhas dos engraxates dão um, dão um ar mais acolhedor até pro lugar, umas pessoas graças por aqui também... uma fila imensa pra subir aqui no, no mirante do edifício Altino Arantes, vulgo Banespão ... ra (tipo ufa!)! Estou chegando aqui próximo à ladeira porto geral e a visão é: a visão do inferno ... bom! Já estive pior, não está tão movimentada a ladeira, vou dar uma descidinha até esquina com a 25, com muito esforço, porque é um dos lugares que eu mais odeio na cidade ... (barulho de caminhão, motor, carros) ... estou descendo a ladeira, as pessoas, inclusive eu, ocupamos o espaço da rua, né! Não apenas as calçadas, mesmo o fluxo não sendo tão grande, vendo de longe tá aquele formigueiro humano que dá até medo de chegar perto, mas... vamo lá... umas pessoas gostosinhas passam de vez em quando... e os carros que querem descer a ladeira, mas a grande movimentação dos pedestres, faz com que eles tenham o seu fluxo reduzido ... (muito barulho ao fundo de pessoas gritando) ... a saída do metrô São Bento, ele tem uma saída que dá pra ladeira porto geral, muvucada do tipo: quero desaparecer daqui! ... (muita gritaria e barulho) ... bom! Tô aqui na esquina da ladeira porto geral com a rua 25 de março, a sensação é de desconforto, calor, vontade de ir embora, desaparecer... muita gente andando pra lá e pra cá e a sensação, além dessas, é também de insegurança, assim, como é muita gente, pelo menos eu, me sinto um pouco inseguro com esse vai e vem, então as pessoas andam mais ainda agarradas com suas bolsas, mochilas, pertences e afins. Sensação de bagunça, desorganização, cada um por si, se vira e fica esperto... São Paulo perigoso... vou voltar aqui agora, vou voltar a subir a ladeira porto geral... (gritaria de comerciante anunciado mercadoria – tecido, relógio... buzinas ...) ... bom! Tô chegando de novo aqui na Boa Vista, agora eu vou seguir em direção a o... à quinze de novembro e de lá atravessar a rua pra passar no Pateo do Colégio ... suando penas ... (música ao fundo) ... *meu paletóoo* (ele canta)... rolando uma música de gosto duvidoso ... *já estive grudado em nosso suor!* (emenda a cantoria) ... estou na 15 de novembro, o movimento do pessoal que trabalha na bolsa ... é sempre meio a mesma sensação de estar caminhando, mas muito esperto com as bolsas, eu no caso com a minha mochila, embora não tenha nada dentro que interesse tanto, mas ... sempre esperto ... vou parar aqui na 15 de novembro, em frente a um banco, onde tem uma pessoa fazendo um

protesto sozinha, e vou abrir o super guarda-chuva, embora não esteja chovendo (risos), momento – sou ridículo mesmo! – aqui de frente ao banco, perto do cara que tá fazendo o protesto dele ... (som da pessoa falando alto ao fundo – protesto: *e é por isso que esse país está uma porcaria, porcaria mesmo...*) ... porque pimenta no rabo dos outro é frescos! ... umas pessoas olham, olham assim do tipo: será que está chovendo? – porque o tempo tá meio fechado, mas não ... uns olhares de curiosidade, vamos dizer assim... ainda mais falando nesse gravador com esse guarda-chuva (som alto de buzina/apito) ... agora o rapaz do protesto resolveu fazer um buzinaço aqui enquanto ele me olha com o guarda-chuva, não sei se ele acha que vou apoiá-lo ... parou uma outra pessoa aqui do meu lado, meio que vai filmar, tirar foto, sei lá, do cara fazendo o protesto. Pessoas olham com estranheza, elas olham e olham pro céu pra ver se tá chovendo... um cara filmando, eu, eu e o cara do protesto... vou guardar o guarda-chuva... bom! Guardei o guarda-chuva aqui, vou seguir em direção a o ... centro cultural banco do Brasil ... estou chegando aqui na esquina do centro cultural banco do Brasil, lugar mega agradável, temperatura dentro dele mais amena, pouquinho menos calor, eu não vou entrar... bom! Parei aqui na esquina, no café do banco do brasil, é... como esse café é cercado, então, dentro dele a frequência é controlada, é um lugar que vc não vê a presença do público que anda mais no centro, vc vê que é um pessoal um pouco mais elitizado tá aqui tomando seu cafezinho...prédio incrível, super bonito, agradável, um dos prédios que eu mais acho legais do centro também e com uso fantástico – de centro cultural, mas a mesma coisa né! Mas...não... Inclusive aqui nessa rua do centro cultural, olhando no sentido Martinelli, as duas fachadas dos dois lados são clássicas e os prédios são relativamente conservados, então é um... dá um conjunto bonito, inegável... Uma sensação de tranquilidade, menos gente andando nessa rua, muito bom! ... bom! Agora eu vou sair aqui do Centro cultural banco do Brasil, que tá um pouco mais tranquilo, tanto o movimento das pessoas quanto o lugar, e vou partir pro Pateo do Colégio ... suando muito! ... (som da buzina novamente – do cara que está protestando) ... (som em microfone: - *Alô meu amigo, alô minha amiga!* ...) ...tô chegando aqui no Pateo do Colégio, vou esperar o carros pararem no trânsito aqui pra eu poder atravessar a rua... (barulho de carros) ... eh... esse tipo de construção mais colonial, não tanto neoclássica, ou clássica ou eclética, se difere do resto das construções que têm no centro, então, chama consideravelmente atenção também e pra quem chega por onde eu cheguei, que é pela rua Manuel da Nóbrega, se dá de cara, né, bem de frente com esse prédio colonial, que tem aqui no pateo do colégio, cercado por outros prédios com outro tipo de arquitetura, então fica bem clara que tem uma diferença no tempo de construção dessas coisas... gosto muito desse pedaço, tranquilo também, poucas pessoas, essa esplanada que tem aqui no meio com esse monumento dá um ângulo de visão bacana pra todos esses prédios que têm aqui em volta... é

um lugar bem agradável aqui o pátio do Colégio... falta o... na minha visão, aqui nessa esplanada, uns bancos, um lugar pra contemplar sentado, pra ficar tranquilo, mas um lugar assim... um oásis de calma em meio ao, ao à loucura que é o centro de São Paulo... muito góticos aqui, uma presença singela de turistas, pessoal que tá tirando umas fotos, policiais – poucos, mas sensação de, de ... sensação agradável, sensação de estar num lugar com peso histórico, com pouca movimentação nesse momento... agora daqui eu vou seguir pra praça da Sé... então eu já passei no Anhangabaú, depois no teatro municipal, peguei a São Bento, passei no Largo São Bento, desci pra 25 de Março pela Ladeira Porto Geral, depois quando eu subi da 25 de Março, eu passei pela 15 de Novembro, da 15 de Novembro eu fui pro CCBB, do CCBB eu fui pro pátio do Colégio e agora do pátio do Colégio eu estou indo pra Sé... ao sair do pátio do Colégio, que era o lugar que estava mais vazio, e como tem aquela esplanada, aquela praça que te tira um pouco da, da frente da rua, você fica um pouco mais protegido dos carros, a sensação hora que você sai e vai direto pro meio de um monte de carro, um trânsito perturbador, cheio de gente buzinando, é de insegurança né! Você tá assim protegido ali na praça, de repente vc se joga no meio de trânsito, com os faróis, inclusive todos sem funcionar ... e é claro que nenhum carro para na faixa pra pessoa atravessar né! ... consegui atravessar aqui (uma voz de quem correu um pouco), já coloquei minha mochila pra frente do corpo e agora eu vou me jogar na praça da Sé – na praça da Sé! (entonação de rap) ... a presença da ciclovia por todo o centro é uma coisa que me agrada muito, embora tenham poucos usuários. É uma coisa que visualmente, parece que é uma cidade mais justa. Bom, praça da Sé, visão inferno *number two*, depois da 25 de Março, eu gosto de lugares que se misturam vários tipos de pessoas, mas no caso da praça da Sé, embora tenham vários tipos de pessoas misturados, o perigo de ser assaltado a qualquer momento é muito grande e a presença desses evangélicos pregando com a Bíblia me incomoda demais (ao fundo a voz de algum pastor com microfone falando em Deus, pregando...), então é um lugar onde eu me inseguro, incomodado e com vontade de bater em algumas pessoas, embora eu não vá fazer isso, porque eu não sou um ignorante, eu guardo a vontade pra mim... a igreja da Sé, eu acho linda, fantástica, é um espaço grande que poderia ter muito uso, mas o único uso dele é abrigar esses crentes com Bíblia, um monte de mendigo e os trombadinhas que assaltam as pessoas que vacilam quando passam aqui... tentar gravar um pouco da pregação (*- ai a polícia estava chegando e o cara que matou ele se entregou pra polícia... e foi eu que matou o pastor ... o delegado: - e por que você matou o pastor? ...*) ... Bom! Não dá pra ouvir muito do que o cidadão fala aqui... (bufa!) Aiii... mas a sensação é meio que de revolta, de ouvir essas barbaridades... não dá pra gravar né, eu consegui ouvir o que ele falou, embora não tenha conseguido gravar... mas a cidade tem que ser democrática né, as pessoas ocupam os espaços

e fazem variados tipos de uso dela, embora me incomode, o que resta pra mim é superar e continuar a viver (risos!)... tô me aproximando aqui do marco zero, tem uns turistas, uma sensação assim... sempre que eu passo pela praça da sé é uma sensação de tudo que eu já disse: um pouco de medo, ansiedade, um pouco de revolta, mas no fundo acaba tendo um pouco de alegria também, porque mesmo sendo um lugar com tantas dificuldades, com tanto problema, com o público tão destruído, assalto, mendigo, não que mendigo seja uma coisa que mereça ser eliminado, ele faz parte da cidade que tem esses problemas, mas não deixar de causar uma má impressão e que as pessoas pensem duas vezes antes de usar ou visitar algum lugar que tem muito mendigo, embora a praça da sé seja um lugar que tenha tudo isso, ainda assim é um lugar turístico, onde as pessoas vêm, tiram fotos, meio com medo, meio prestando atenção, mas ainda tem, elas conseguem dar esse uso turístico, porque é um ponto turístico, só que todo cagado... mas tem uns turistas aqui, tirando foto, pessoal sentado na escadaria da igreja... bom! Agora eu tô contornando aqui a igreja pela lateral, construção fantástica... *eu persigo são Paulo, eu persigo são Paulo, não não não não não não não não não* ... cantando uma musiquinha... o barulho insuportável dos busões, todos soltando muita fuligem, que não é no caso aquele ônibus elétrico, é o ônibus de gasolina, sei lá qual que é o combustível, diesel né? ... maior poluição, esses veículos não devem passar na inspeção veicular nunca... e já estou me preparando aqui pra atravessar a rua e ir de encontro à imperatriz alagoense – Elza – no local, bat local combinado... é agora eu tô vendo a igreja da Sé por trás, a fachada de trás dela, que é fantástica, um sentimento depois de tudo o rolê pelo centro é ... o resumo geral assim, o maior sentimento é tristeza, por ver o potencial que os lugares têm, que o centro tem, ver que as pessoas têm vontade de usar, mesmo com esse potencial todo cagado, muitas pessoas usam e como urbanista e arquiteto ver que podia ser muito melhor, mas tá tudo como tá e como é, e mesmo assim as pessoa usam... então a conclusão é: se melhorar as pessoas vão usar mais ainda, então por que não melhora? Fica ai a provocação no ar ... aguardando fechar o farol aqui pra atravessar ... então só fazendo um check list: Anhangabaú, teatro municipal, largo são bento, pateo do colégio, 25 de março, 15 de novembro, viaduto do chá, centro cultural do banco do Brasil, Sé... estou finalizando aqui o meu bat passeio... bom! Vou entrar aqui na padaria, encontrar Elza, foi isso! Beijo, abraço, tchau! (gravações 09 e 10)

Tradução – ação . elemento:

Perceber odores . desviar instintos . contemplar diversidades . povoar territórios . penetrar urbano . sentir limites . absorver contrapontos . enxergar humano

Duração: 38 minutos

Dia: segunda - feira – 26 de janeiro 2015

Hora de partida: 13h42 | Hora de chegada: 14h20

- tá eu vou indo então... Eu vou correr algum risco? Rs! Até mais ... Bom! Eu tenho aqui o trajeto que eu tenho que fazer: Anhangabaú, 25 de Março, Pateo do Colégio, Teatro Municipal, Viaduto do Chá, Largo São Bento, CCBB, 15 de novembro e Sé... eu decidi fazer o trajeto começando pela 25 de março, então eu tô passando aqui na frente da BMF, agora, é... não gosto dessa pavimentação que tem aqui no centro, primeira coisa que eu olho são essas agulhas paradas, no meio dos buracos, essas caixa da Eletropaulo, horrível! Agora tem uma galerinha olhando pra mim, porque um louco, falando no gravador andando, mas tudo bem... é... tô chegando aqui na rua Boa Vista, tem um monte de lixo no chão, saco de lixo, papelão, uns cavaletes... eu gosto de passar aqui agora e ver a ciclovia, agora tão passando três bicicletas na ciclovia, uma é um rapaz fazendo uma carga com umas caixas vermelhas e eu vou descer agora a ladeira porto geral, eu gosto dessa região visualmente, é... é, eu gosto das referências que me remetem o lugar, mercado árabe, aquelas Medinas, no Marrocos, na Síria, as tendinhas com os ambulantes vendendo as coisas, movimento, muita gente gritando, falando os preços das coisas, chamando os cliente, chamando atenção, mas eu não gosto de estar aqui, nunca gostei. Nunca venho na 25 fazer compra, eu acho que é por que eu sou meio claustrofóbico, clausto... ai eu não sei falar a palavra agora... é... eu acho legal ver as lojas, as cores, é ... tudo exposto, que tem pra vender, o movimento, o fluxo das pessoas, acho legal que não tem muito carro, mas não é um lugar que eu me sinto muito confortável... é... eu acho também que aqui tem um caos organizado assim, as coisas parecem meio bagunçadas, caóticas, mas todo mundo sabe aonde ir pra achar o que, e todo mundo sabe como sair, como chegar, onde tem as lojas com os produtos que vc quer, é interessante, porque mesmo que vc nunca veio aqui na primeira vez vc já se encontra no meio dessa bagunça toda... eu cheguei na bordinha da 25, agora eu tô pegando uma ruazinha que sobe ali pro Largo de São Bento... quando você vai deixando a 25 pra trás, a primeira coisa que vc nota é o barulho, que vai desaparecendo... é engraçado por que fica até mais confortável andar, sem aquela gritaria ... agora eu tô chegando aqui no Largo de São Bento, eu acho muito legal a maneira como é...o fluxo foi organizado ao redor da, da igreja aqui, a ligação com o viaduto Santa Efigênia e tudo mais... é... é sempre engraçado ver essas rodinhas de pessoas vendo os, as figuras aqui do

Centro fazendo mágica, é, tem um cara ali brincando com uma cobra, os vendedores aqui ó, vendendo helicóptero, tem até um Drone aqui agora, a coisa tá chique! Aqui eu tinha pensado em abrir o guarda-chuva aqui, mas já tem uma senhora ali com o guarda-chuva aberto não ia chocar tanto assim... (sino do mosteiro toca ao fundo)... do Largo de São Bento, oh! O sino tá tocando...(uma música ao fundo...)... duas horas, duas badaladas... agora eu tô voltando, pra pegar aqui a Líbero, porque eu quero ir até ... ai menina, agora que eu vi que eu tinha que ter começado pelo Anhangabaú, mas tudo bem... é... C dá um migué aí... é que só agora eu vou passar pelo Anhangabaú... tô passando agora aqui pela frente da Secretaria do Estado da Administração Penitenciária, que é uma coisa nova que eu nunca tinha reparado que era aqui... tem uma caixa de gelo aqui com umas águas, um monte de moto estacionada aqui no meu lado esquerdo, uma, um grafite na parede perguntando se a polícia pensa... agora eu adoro chegar aqui por esse lado e ver o Martinelli e a avenida São João, que forma essa pracinha aqui na frente do Martinelli, que eu acho muito legal...é muito bonito... ai eu cheguei aqui no Anhangabaú, esse conjunto de prédios aqui que ficam de frente pro, pro Bovinus e pra Caixa, eu acho muito bonitinho, se eu pudesse, eu gostaria de ter um apartamento aqui, mas eu sei que, acho que quase nenhum desses prédios é de apartamento... o vale do Anhangabaú, ele pra mim é meio um conflito assim... eu gosto, eu acho que criou um marco pra cidade, a paisagem ficou muito interessante, as árvores, os caminhos, mas por outro lado, por ter vivido em Berlim, eu (pausa) ... eu sinto falta, eu acho que ficaria mais bonito do que é, se tivesse o rio aqui aberto... igual quando vc tá andando em Berlim e você de repente se depara com o rio cortando a cidade, você pode usar o seu bilhete do ônibus e do metrô pra pegar um dos barcos e andar no rio, é... eu sempre que passo aqui, por que eu sempre cruzo o viaduto do chá, eu fico imaginando como seria se a gente tivesse o rio aberto aqui e por isso que eu fico nesse conflito, por achar, gostar como é hoje, mas achar que eu iria gostar muito mais se tivesse o rio... então eu tô caminhando em direção ao viaduto do chá, é... eu vou subir essa rua aqui por trás do teatro municipal pra poder pegar o viaduto lá em cima e continuar o trajeto (passarinhos ao fundo) ... a praça ramos de Azevedo também é um lugar que eu gosto muito, pela configuração, como ela tá de frente pro vale com essa topografia que deixa ela em destaque, mas eu não frequento por que tá sempre muito suja, abandonada, a fonte sempre desligada, nunca vi funcionando, mas é um lugar que, se tivesse em condições melhores eu gostaria muito de frequentar... aqui nessa rua eu sempre gosto de imaginar que a praça das artes podia ter uma saída pra cá também e que você pudesse entrar na praça das artes por aqui... aqui eu tô andando pela calçada e é a primeira sombra do trajeto inteiro, duas árvores que tem aqui fazendo uma sombrinha... (barulho do ônibus ao fundo)... essa vista aqui de cima do, do belvedere do teatro municipal, olhando pro vale, a cobertura da torre lá da catedral da

Sé, a prefeitura, eu gosto muito... uma coisa que incomoda demais aqui nesse ponto é esse prédio que fica em frente ao teatro municipal e do lado do Shopping Light, que é onde no térreo fica as Casas Bahia, é muito feio, não tem nada a ver com o que tá ao redor e ainda tem um relógio branco horrível marcando a hora (música começa ao fundo) ... aqui nessa esquina sempre tem um cantor, um artista, ali atrás tem um rapaz cantando *I did it my way*... até que ele convence bem... eu vou atravessar que aqui no viaduto do chá tá passando muita gente, eu acho que é um lugar de abrir o guarda-chuva... (vozes de vendedores ambulantes ao fundo vendendo alguma coisa – dois a um real)... agora eu tô bem em cima do viaduto do chá... chip tim e claro, doze reais, já vem com crédito e bônus (repete o que o ambulante acabou de dizer)... (moto passa)... oh tão até vendendo fruta aqui em cima... (*olha a água, água, água* – fala um ambulante) ... eu parei aqui no viaduto do chá, tô com o guarda-chuva aberto, algumas pessoas passam dão uma olhadinha e seguem, ali oh uma senhora passou, olhou, deu até risada... o que ela deve pensar de mim né? ... mas eu tô, tô de boa aqui... agora tá dando um pouco de vergonha já... de ficar aqui parado... ó passou um grupo de engravatado ali ó... ah que fizeram uma piadinha, porque olharam pra trás pra rir, mas eu acho que na minha frente tem um evangélico gritando e batendo na bíblia que tá chamando mais atenção do que eu com o guarda-chuva parado aqui... isso é uma das coisas que mais me incomodam aqui no centro... (o pastor fala: *sabe o que é que tira, sabe o que é que é? Nabucodonosor, ele mandava na Terra inteira... Nabucodonosor, ele mandava... todas as terra, todos os países, quem mandava era o rei, Nabucodonosor... e um dia o Senhor falou: vou levantar um vento destruidor sobre babilônia e chego setenta ano, deus matou Nabucodonosor* – bate na bíblia – *destruiu babilônia* – bate novamente – *mandou o exército acabar com o reino pecador* ... – e bate várias vezes na bíblia)... deus é muito malvado né? Coitado de Nabucodonosor rs! Destruiu a cidade, matou todo mundo... êh uma coisa só!... certeza que ia aparecer no Cidade Alerta, mas ó sabia que agora ouvindo o crente falar ali atrás fiquei pensando no que ele tava falando da babilônia e fiz uma referência relâmpago na minha cabeça entre babilônia e são Paulo, mas isso é uma discussão profunda que a gente pode ter depois... eu tô passando aqui na frente da prefeitura... pra cruzar ali pela praça do patriarca, passar pela 15 de novembro e ir pro Centro Cultural do banco do brasil (pessoas ao fundo falando e rindo alto) ... como esses são lugares que eu passo muito, eu até tentei pensar num caminho alternativo, mas é meio inevitável repetir o que eu faço quase todo dia, mas espero que isso não deixe sua análise menos interessante... não tá no seu roteiro, mas eu tô cruzando aqui a, a praça do patriarca e eu já tive discussões com amigos arquitetos, mas o Paulinho foi só decepção com esse ponto de ônibus gigante que ele fez aqui na praça, é muito desproporcional, não conversa com a escala aqui do lugar, não dá... tô cruzando agora aqui na são bento com a rua da quitanda, eu

gosto de andar aqui nessa parte do centro e o que, acho que o que faz eu gostar daqui é, são as proporções – a rua de pedestre, a altura dos prédios, é... não é uma coisa que faz você sentir é... como que eu posso dizer... oprimido? Não sei se é essa a palavra, mas só o fato de vc conseguir ver o céu, porque os prédios não são tão altos, já dá uma aliviada assim, uma coisa que eu sinto falta são árvores, eu acho que poderia ter um tratamento nessas ruas de pedestre, com bancos, árvores, pra dar uma sombra... eu não consigo passar aqui por essa rua e não entrar por pelo menos três segundos no centro cultural, eles tão montando uma exposição aqui, é... eu gosto muito desse pátio que tem aqui no centro, a iluminação que tem, além de ser muito fresquinho aqui dentro, pra dar uma aliviada nesse calor que tá lá fora... tem um rapaz aqui contando história pras crianças... ele tá contando alguma história sobre um relógio de ouro e uma feiticeira ali, tem duas meninas adorando... agora eu tô voltando aqui, pra rua da quitanda... pra ir pra 15 de novembro ... tem uma coisa que eu gosto aqui na 15 de novembro que é um conjunto de prédios que começa ali desde a Bioritmo, que sempre que eu passo aqui, na verdade é um prédio na frente da Bioritmo, parece Veneza! Dá pra imaginar tipo um canal aqui na 15 de novembro e as gôndolas chegando ali naquele prédio... agora eu tô subindo aqui, em direção à Sé... só que eu vou passar no Pateo do Colégio primeiro... pateo do colégio é um lugar que sempre que eu recebo amigos, brasileiros ou de fora, eu sempre faço questão de trazer e uma tradição que eu sempre faço com eles é falar que é obrigatório vir no pateo do colégio e tocar o sino... aqui no pateo do colégio eu sempre tenho a mesma reflexão que eu tenho lá do vale do Anhangabaú, eu sempre gosto de imaginar, você ter a chance de chegar naquele belvedere que tem, poder olhar pra baixo e ver o rio tamandateí e o parque dom Pedro que dava pra ver daqui de cima, mas que não existe mais... o pateo do colégio tá fechado, senão eu entraria lá, porque eu gosto muito de entrar ali também... tem um grupo de turistas, a guia tá explicando aqui a história, tem uma barraquinha aqui, alguém tá dormindo na calçada, na frente da comissão municipal de direitos humanos... eu acho incrível esse prédio que tem aqui na rua Floriano Peixoto com a praça da sé, que ele tem um elemento na esquina que meio que coroa ele assim, como se fosse uma torre... acho que se fosse restaurado, ficaria muito bonito... agora eu tô subindo em direção à Praça da Sé... desde que eu vim pra são Paulo é... eu acho que eu passei poucas vezes aqui na praça da Sé... eu acho bonita, a praça, eu acho interesse ver que é um polo que atrai muita gente, tem sempre alguém vendendo alguma coisa, alguém comprando alguma coisa, alguém chamando atenção de um grupo, mas a imagem que fica registrada na minha cabeça, não sei se por influência dos outros, pelas histórias que eu ouço, é que é um lugar perigoso, então eu sempre fico meio com receio de passar aqui... por exemplo, agora eu me sinto completamente seguro, eu sei que nada vai me acontecer aqui agora, mas mesmo assim, você fica com aquele

sentimento que você tem que tá alerta, porque alguma coisa pode acontecer... e outra imagem que fica muito forte na cabeça é a dessas pessoas dormindo no chão, sujas... é (com certo pesar) ... é, é triste assim de ver, mas também é um lugar que eu sempre trago pessoas que tão me visitando... o conjunto da catedral com as palmeiras aqui na frente é muito forte assim, uma imagem muito cinematográfica assim, fica na memória de qualquer um que vem pra cá, mas infelizmente assim pra mim, a dos mendigos, os moradores de rua, fica mais forte ainda que isso... agora tem um grupo ali de uns sessenta imigrantes, não sei se são angolanos, haitianos, dá pra ver que eles tão vendendo celular, câmera, sempre com as maletinhas prateadas que eles andam na mão... tem um pessoal agora achando estranho que eu tô andando com o gravador na boca aqui... agora eu tô passando aqui pelo lado da catedral da Sé... não é um prédio que me chama muita atenção, porque eu fiquei muito decepcionado quando eu descobri que a construção da catedral é muito recente, antes de vir pra São Paulo eu tinha aquela ideia de que era um prédio super antigo, só que não! ... nossa! Tô com muito calor! ... andei muito rápido, eu acho... eu já tô vendo ali a, a padaria, tô cruzando aqui pra te encontrar ... tô me sentindo mal, porque eu não comecei certinho pelo Vale do Anhangabaú, acho que não atrapalha sua pesquisa, né? Você acha que foi muito óbvio meu trajeto? Não quero que fique igual ao do Felipe hein? Tem que ser diferente rsrs! ... ah! Uma coisa que eu gosto de fazer muito e andar aqui no centro é olhar pra dentro dos prédios e tentar ver se tem coisa funcionando mesmo, por que tem muitos, muitos andares vazios... ai eu sempre fico tentando descobrir se é um escritório, se é só um depósito, se tá cheio de caixa, se tá abandonado... é uma coisa que eu sempre faço, sempre! ... agora eu tô atravessando aqui, um cheiro de gasolina que acabou de passar um ônibus... essa árvore aqui da esquina eu acho que é a terceira sombrinha que eu tô encontrando no trajeto inteiro ... nossa! Eu vinha muito nesse sebo aqui, quando eu era adolescente, pra tentar comprar cd que eu não achava na minha cidade... eu cheguei aqui na padaria... será que você tá lá dentro? ... peraí... (entra) ... posso parar antes de te encontrar? Parei hein...

(gravação 15)

Tradução – ação . elemento:

Passos . aproximam odores . sons, falas e formas . rastros e caminhos . narram territórios, movimentos, fluxos e sensações. Deslocamentos criam relações, redes, ligações . travessias inventam percursos, costura o cotidiano do urbano. O enxergar, escutar, sentir, cheirar, contemplar, revelam o humano. Emergem cidades.

Duração: 31 minutos

Dia: segunda - feira – 26 de janeiro 2015

Hora de partida: 19h06 | Hora de chegada: 19h37

Até te encontro lá... bom! Tô começando o teste que a Elza pediu pra verificar como que é a minha reação na cidade... vou começar pelo Anhangabaú, tô descendo aqui a rua, achando que vou ser assaltado (risos!) ... (passou um som de rap ao fundo) ... to passando aqui na frente do banco do brasil, você vê que tem bastante morador de rua, fica um cheirinho meio de podre, mas tá tudo limpinho, fico sempre passando perto das áreas verdes, que é o que eu gosto, e vou sempre seguindo o fluxo pra onde tem área verde que onde eu gosto de ficar... to próximo à estação são bento, como sempre tem bastante bar, a rua tá lotada, pomba pra todo lado, tem que desviar das pomba e dos mendigo... (música ao fundo – Charlie brown) ... (pessoas conversando)... (som do ônibus) ... to dando a volta, tá tendo uma intervenção... (muito tempo sem falar nada...) voltei pro largo são bento, tive que dar uma paradinha de falar, porque tá tendo uma intervenção da polícia e todo mundo do bar tá sendo revistado... começou a chover, ai tive que desviar o caminho e ir pelo largo são bento por causa disso... tá um amontoado de gente ai fica ruim de passar, ai tem que ir desviando aos poucos e desviando da polícia também... acho que pela primeira vez na minha vida eu tô vendo o pessoal usando a ciclovía no centro...(bem silencioso- não fala nada e meio ofegante)... largo são bento pelo menos não tá com aquele cheiro de, de lixo, né? Parece que o lixeiro vai passar hoje e então tá tudo na rua, tudo fedendo, ai você tem que ou desviar do lixo ou desviar do povo... (passarinhos ao fundo – sino da igreja badala) ... tô indo perto do viaduto do chá, pra depois descer na 25 de março e subir pelo pateo do colégio... a rua parece bem tranquila aqui, não tem muito movimento... e como sempre fedendo o centro... (som de batidão ao fundo não muito intenso e de um alarme, passos de pessoas ...)... já passei pelo viaduto, também tudo tranquilinho, mas o povo fica te olhando meio torto... ai eu meio que fui acelerando, porque dá aquela sensação ruim de tipo: já era! Vão me levar, vão me assaltar e... sei lá o que mais... vinte e cinco tá praticamente interditada de lixo, tá um ventinho ótimo, porque tá tudo vazio e vc consegue respirar... (não acho que ele estava mesmo na 25!!!) ... (ambulante fala: *duas bonequinhas da frozen é 10!*) ... tô subindo a ladeira porto geral, porque tem mais movimento e como o resto fica muito isolado, eu não passo por medo... finalmente tô vendo os efeitos das minhas corridas matinais... (bem ofegante!) ... (alguém fala: vou bater uma foto

aqui do impostômetro) ... (fica muito ofegante, parece andar muito rápido... quase não fala)... indo pra 15 de novembro ... (barulho de carro)... como sempre tô perdido e dei a volta 3 x no quarteirão (???) ... (continua bem ofegante) ... tô na Boa Vista agora, eu acho que é a Boa vista, sei lá hahaha... tá na placa, pelo menos... e o povo fede muito aqui... como sempre, todos os prédios estão renovando a fachada, mas não tem nenhuma obra acontecendo... resumindo: nada acontece! ... e tem um mendigo com o pinto pra fora me seguindo... socorro! ... (barulho de muito vento ao fundo...) ... uma musica ao fundo... Tô no pateo do colégio e sei que é o pateo do colégio, porque tem uma plaquinha... que a pessoa tá perdida no centro... passando pela ... indo sentido praça da Sé, mas eu acho que vou pegar outra rua, porque começou a chover forte e já tô vendo o povo correndo da chuva... achei a 15 de novembro! (musica ao fundo – romântica...)... tô indo no sentido oposto do Orange, que eu já tô perto do ponto final... eu vou fazer o teste do contra-fluxo... tô abrindo o guarda-chuva no sentido oposto ao que as pessoas são vindo, pra ver a reação delas ao desviar... a maioria tá trombando em mim, porque é lógico! Ninguém olha pra frente quando se anda no centro... estranhamente todo mundo só olha pro chão...vou ficar um tempinho aqui parado só pra ver o que que acontece... tô andando em direção às pessoas voltando, pra ver se elas desviam, se elas reclamam, pra ver qual quer é a reação delas quando eu tô andando de frente meio que seguindo os passos, pra ver se choca ou não choca... povo olha feio, reclama e eu fico rindo hahaha... se eu apanhar a culpa é sua... (mas não escuto ninguém falar nada)... parei com guarda-chuva exatamente na frente da bio ritmo onde o pessoal tem que sair, pessoal fica pedindo licença e eu finjo que não estou escutando... a reação é das melhores! Todo mundo puto comigo (mas não há vozes de ninguém falando nada...)... *(só fala tipo: tchau até amanhã... tchau...)* (ele parece estar andando novamente)... vou em direção ao CCBB, que eu esqueci de passar nele... CCBB tá deserto, deserto... não tem uma alma viva aqui! ... agora vou sentido ao teatro municipal... tô fazendo com certeza o caminho oposto, porque eu sou retardado e não sei onde eu fico... já dei umas três deslizadas no chão e não sei como não cai ainda... parece que eu tô fazendo um monólogo pro Bruxas de Blair (risos!) ... (não fala nada)... (respiração meio forte)... Tô na praça do patriarca, me sentindo voltando pra casa ... e vai por mim essa é uma das melhores sensações que eu tenho durante o dia ... apesar que eu gosto de trabalhar e gosto daqui do centro... como sempre polícia pra todo lado, mas pelo menos hoje não tá tendo manifestação...passando pelo viaduto do chá, quase de frente pro teatro municipal, o guarda-chuva virou, estou aqui tentando desvirar ... bom! Já tô voltando, tô no, saindo do viaduto do chá... me perdi horrores, mas agora tô conseguido ir pro lugar certo... foi meio estranho... todo mundo fica te olhando quando vc tenta comentar alguma coisa no gravador... nossa! A rua tá cheirando a xixi horrores, choveu um pouquinho e parece que subi

o cheiro... me perdi... me achei, dei a volta ...tá tudo em reforma aqui na rua... tentando desviar da obra ou cair num buraco... (barulho de bar ao fundo)... Tô tentando me re-localizar, porque fui parar num lugar que não tenho menor ideia de onde eu tô... vou voltar pra 15 de novembro, vou sentido Orange agora pra encontrar com o pessoal... bom! Cheguei no Orange, vou ver e eu encontro com as meninas agora, porque não estou vendo! ... (caminhão passando)... mandei uma mensagem só pra falar que eu cheguei, mas tô aqui olhando em volta...

(gravações 16, 17 e 18)

Tradução – ação . elemento:

Perceber lacunas . traçar territórios. Interação sensações . aprender percursos . inspira reflexões . narram-se pensamentos . compreende-se barreiras . ressaltar cotidiano . desvendam-se cidades.

Duração: 40 minutos

Dia: quinta - feira – 26 de janeiro 2015

Hora de partida: 20h20 | Hora de chegada: 21h00

Hum... (só anda e ainda não falou nada – começa um samba ao fundo - 3 minutos iniciais)... Anhangabaú... (depois de 5 minutos em silêncio) ... Largo são bento tá vazio, não tem muita gente... café girondino ... tô descendo a ladeira porto geral agora, não tem ninguém, eu nunca fiz isso a essa hora (risos!), nunca fui na 25 nesse horário... (som dos passos – um pouco ligeiro) ... queria fotografar nesse horário, porque eu nunca tinha visto...(bem silencioso o som ao redor... algumas pessoas falando, mas as vozes são meio distantes, carro passa devagar...)... minhas pernas tão doendo, eu já subi 3 vezes hoje isso... 15 de novembro, tô na frente do Banco de São Paulo que é um dos prédios que eu mais gosto aqui no centro... (som ao fundo de algum anúncio, mas bem baixinho...) ... tudo fechado esse horário, são oito e meia... (passa um caminhão , som de motor)... tem um cachorro aqui dentro de um prédio... nunca achei que fosse ver isso (risos)... tô passando agora pelo CCBB ... que é lindo, que tá aberto ainda e que tem um caramelo muito bom e também vende alfajor da havana que é incrível, que eu amo... indo em direção ao largo do café, na esquina tem uma padaria que o café é muito bom! Só penso em comida né? Rs!... ih vou voltar, esqueci o pateo do colégio... não vou ir pro largo do café e ai eu pego ali...acho que eu não vou encontrar nenhum contra-fluxo, porque não tem muita coisa acontecendo...aqui na Líbero não tem muita gente indo ao contrário do que eu estou indo (som dos ônibus ao fundo)... tem uma 'combe' parada na ciclofaixa... passando em frente à prefeitura agora, tem um cara também passando em frente carregando um monte de caixas de papelão numa carroça... ai do viaduto do chá eu consigo ver o Anhangabaú – lindo... o teatro todo iluminado... sempre que eu passo aqui eu vejo o vale e aí eu penso nas festas que eu vim aqui e acho muito legal esse negócio de ter festa no centro, de ocupar o centro... acho muito legal já, já ter participado de vários eventos desse... primeiro farol verde que eu atravesso, que eu sempre atravesso no vermelho... acho que primeira vez que vou conseguir fazer uma foto do teatro de um ângulo que acho que gostei, porque eu sempre passo aqui, fotografo, e nunca fico contente com a foto... vamo ver né rs! ... agora só falta o pateo do colégio... vamo lá... parei pra fazer uma foto, aqui no viaduto... não tá trânsito, coisa rara, porque toda vez que eu passo aqui tá trânsito... (som de uma britadeira ao fundo...)... nossa! Tá uma delícia, tá uma brisa assim, tipo... acabou de chover, tá maior fresquinha... fluem sem

nenhum esforço... (passou alguém ouvindo um som perto dela...)... (barulho dos carros e da britadeira ao fundo) ... olha o farol vermelho de novo...tem um palco montado aqui na praça do patriarca, nossa vai ter dj...todas bancos fechados... o itaú tá aberto...eu nem sabia que tinha essa caixa aqui... olha os americanos ali na ? ... (alguém grita! Poderosa! Arrasa!!!) ... monte de poça d'água na rua... rua direita tá bem escura... (mais uma música ao fundo – não muito alta...)... mc donald's galera aqui fazendo limpeza, tudo nojento mc donald's é muito nojento né? Muita sujeira... tem uma rua ali Anchieta que tem muita gente ... tô indo na rua assim... Poças d'água nas calçadas, horrorosas... os granitos quebrado... pateo do colégio... finalmente rs!... vazio, não tem muita gente, tem uns guardas, alguns moradores de rua... mas tudo iluminado... tem um prédio aqui, muito bonito, só que mal conservado... que dó, todo embolorado, as pessoas com uma barraca, lona... triste ver isso... esse prédio da Caixa, na verdade eu nunca tinha reparado que ele tinha umas colunas escuras assim, negras, não lembrava que ele era assim... ixi! Mô galera aqui na praça da Sé, o que que será? (uma música ao fundo e muito barulho de gente falando...)... 21 graus! ... monte de cadeira de plástico, deve ser um evento da igreja, uns dog... uma fila aqui enorme que deve ser de ônibus... e a catedral, que me lembra os protesto da tarifa, do ano passado (risos)... porque a galera se reunia aqui...precisando de água já... ai eu esqueci de abrir o guarda-chuva ihhh... só vou abrir por que tem que abrir...por que... eu não vi nenhum contra-fluxo... monte de gente ... no metrô... sei lá da onde... e essas grades aqui na catedral? Acho horrível isso! Não tem necessidade disso... e agora? Onde é essa padaria? Rs! ... (música sertaneja ao fundo, alguém que canta...)...

(gravações 20, 21 e 22)

Tradução – ação . elemento:

Atravessar territórios, escutar, vagar, registrar movimentos, cotidiano, diversidades, deslocamentos, caminhos, lacunas. Ouvir lugares, trilhar sons, assistir. Insistem cidades – e PESSOAS.